



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA - PPGSP

Gabriela Pereira Kasper

ENTRE CATADORES E ESPECIALISTAS: DISPUTAS EM TORNO DA RECICLAGEM
DE ELETROELETRÔNICOS EM FLORIANÓPOLIS - SC

Florianópolis

2022

Gabriela Pereira Kasper

Entre catadores e especialistas: Disputas em torno da reciclagem de eletroeletrônicos em
Florianópolis - SC

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Sociologia e Ciência Política, área de concentração em Sociologia.

Linha de pesquisa: Trabalho, Mercado e Sistema Financeiro.

Orientadora: Marcia da Silva Mazon, Dra.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Kasper, Gabriela Pereira

Entre catadores e especialistas : Disputas em torno da
reciclagem de eletroeletrônicos em Florianópolis - SC /
Gabriela Pereira Kasper ; orientador, Marcia da Silva
Mazon, 2022.

219 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política,
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Sociologia e Ciência Política. 2. Resíduos
eletroeletrônicos. 3. Logística Reversa. 4. Mercado. 5.
Sociologia Econômica. I. Mazon, Marcia da Silva . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Sociologia e Ciência Política. III. Título.

Gabriela Pereira Kasper

Título: Entre catadores e especialistas: Disputas em torno da reciclagem de eletroeletrônicos em Florianópolis - SC

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Marina de Souza Sartore, Dr.(a)
Instituição UFS

Prof.(a) Elaine da Silveira Leite, Dr.(a)
Instituição UFPEL

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Sociologia e Ciência Política, área de concentração em Sociologia.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.(a) Márcia da Silva Mazon, Dr.(a)
Orientador(a)

Florianópolis, 2022.

Este trabalho é dedicado aos que não podem mais estar aqui
nestes tempos tão tristes.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço aos que lutam pela ciência neste país, agradeço também pelo apoio da instituição e da minha orientadora Márcia da Silva Mazon, por acreditar em mim e me auxiliar tanto nessa jornada.

Agradeço a minha namorada, por ser minha paz, minha força e meu incentivo em vários momentos, aos meus amigos pela paciência nas ausências e pela distração nas presenças.

Agradeço a minha família, por, embora não entenderem bem o processo, acreditarem em mim neste tempo todo de estudo.

Agradeço as políticas de acesso à universidade, que me auxiliaram na minha graduação e que me mantiveram neste período de mestrado.

Agradeço as Professoras Doutoras Marina Sartore e Elaine Leite pelas observações na banca de avaliação e também por servirem de referência para a presente dissertação. Também a professora Dra Elaine Leite e o professor Dr Amurabi Pereira de Oliveira pela banca de qualificação, onde pudemos organizar e estruturar melhor a pesquisa e as ideias centrais do trabalho.

Agradeço aos meus colegas e amigos do NUSEC por estarem tão presente e me apoiarem especialmente nestes meses de 2022, principalmente ao Varlei e a Flávia Thaís pela companhia diária.

Agradeço também a todos os professores da graduação e do mestrado que foram essenciais nessa jornada de conhecimento.

“O campo econômico se distingue dos outros campos pelo fato de que as sanções são especialmente brutais e que as condutas podem se atribuir publicamente, como fim da busca aberta da maximização do lucro material individual” (BOURDIEU, 2005, p.22)

RESUMO

A relação seres humanos e meio ambiente é assunto e motivo de preocupação mundial e uma das questões que surgem logo que se fala em meio ambiente é a destinação de resíduos, principalmente os sólidos que não possuem reutilização natural. Igualmente a questão ambiental tornou-se uma das ferramentas para que as empresas produzam justificativas para suas ações através dos índices de sustentabilidade ambiental. A pergunta de pesquisa: Quais atores em disputa e como se configura o mercado de reciclagem de resíduos eletroeletrônicos? O objetivo principal desta pesquisa foi compreender os acordos e conflitos entre os atores em disputa na configuração do mercado de reciclagem e gerenciamento de resíduos eletroeletrônicos na cidade de Florianópolis, instituída na Política Nacional de Resíduos Sólidos. A análise partiu do enfoque da Sociologia Econômica que – longe da perspectiva abstrata da visão econômica – compreende os mercados enquanto construções sociais destacando crenças e disputas de sentido a permear a criação do mercado de reciclagem no setor. O foco foi a ação do Estado e dos demais atores e seus arranjos para o descarte de resíduos eletroeletrônicos. O método consistiu em pesquisa bibliográfica de livros, revistas, publicações contábeis e artigos científicos do campo econômico e ambiental tão bem como conteúdos da Lei n. 12305/10. Igualmente foram realizadas entrevistas com atores chave na rede de ação da logística reversa, contemplando trajetórias e formas de engajamento. Analisou-se as estratégias discursivas mobilizadas pelos agentes que participam deste campo. Foi possível constatar a distância de capital cultural e econômico entre diferentes atores da cadeia como parte do dilema de coordenação deste mercado. Igualmente consumidores finais ainda não confiam ou motivam-se para o descarte adequado. Neste sentido o discurso dos atores envolvidos mobiliza o conceito de ‘urgência’ com o intuito de envolver outros atores na construção da coordenação da logística reversa. Estes utilizam ferramentas de engajamento como palestras e *lives* apresentando o futuro do planeta como algo incerto e a responsabilização individual típica do neoliberalismo por esta incerteza.

Palavras chaves: Resíduos eletroeletrônicos. Logística Reversa. Sociologia Econômica. Estado. Mercado

ABSTRACT

The relationship between human beings and the environment is a matter and reason for global concern and one of the issues that arise as soon as we talk about the environment is the waste destination, especially solid waste that does not have natural reuse. Likewise, the environmental issue has become one of the tools for companies to justify their actions through the environmental sustainability index. The research question: Which actors are in dispute and how is the electronic waste recycling market configured? The objective of this research was to analyze the institutional arrangements and challenges that permeate the trajectories of the social agents involved in the application of reverse logistics for electronics in the city of Florianópolis, established in the National Solid Waste Policy and its implications for the creation of the recycling and waste management market. The analysis started from the approach of Economic Sociology that – far from the abstract perspective of the economic vision – understands markets as social constructions highlighting beliefs and disputes of meaning to permeate the creation of the recycling market in the sector. The focus was the action of the State and other actors and their arrangements for the electronic waste disposal. The method consisted of bibliographic research of books, magazines, accounting publications and scientific articles in the economic and environmental field, as well as the contents of Federal Law n. 12305/10. Likewise, interviews were carried out with key actors in the reverse logistics action network, contemplating trajectories and forms of engagement. The discursive strategies mobilized by the agents who participate in this field were analyzed. It was possible to verify the distance of cultural and economic capital between different actors in the chain as part of the dilemma of coordinating this market. Equally, end consumers still do not trust or motivate themselves for proper disposal. In that regard, the discourse of the actors involved mobilizes the concept of 'urgency' in order to involve other actors in the construction of reverse logistics coordination. They use engagement tools such as lectures and live streamings presenting the future of the planet as something uncertain and the individual responsibility typical of neoliberalism for this uncertainty.

Keywords: Electronic waste. Reverse logistic. Economic Sociology. State. Marketplace

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Campanhas virtuais da Weee.do	42
Figura 2 – Campanhas virtuais da Comcap	43
Figura 3 – Rede Social da Associação 1	44
Figura 4 – Etapas de construção do acordo setorial	55
Figura 5 – Composição dos resíduos sólidos gerados em Florianópolis.....	61
Figura 6 - Ecoponto Comcap.....	67
Figura 7 – Ecoponto Comcap	68
Figura 8 - Projetos OSC INFO	72
Figura 9 – Fachada Weee.do	74
Figura 10 – Setor operacional da Weee.do.....	75
Figura 11 - PEV.....	77
Figura 12 – Resíduos Perigosos Weee.do	79
Figura 13 – Fachada Sucateiro 1	91
Figura 14 – Parte interna da Sucateiro 1.....	92
Figura 15 – Parte externa da Sucateiro 1	94
Figura 16 – Fachada Sucateiro 2	99
Figura 17 – Parte interna da Sucateiro 2.....	100
Figura 18 – Lista de preços	102
Figura 19 – Fachada Sucateiro Autônomo	103
Figura 20 – Fachada da Associação 1	105
Figura 21 - Fachada Associação 1	106
Figura 22 – Parte interna da Associação 1	107
Figura 23 – Fachada da Associação 2	108
Figura 24 – Gaiola da Associação 2	110
Figura 25 – Separação dos materiais	111
Figura 26 – Associação 3	112
Figura 27 – Parte interna da Associação 3	114
Figura 28 – Associados da Associação 3	115
Figura 29 – Postagem sobre o trabalho dos imigrantes.....	116
Figura 30 – Fachada da Associação 4	120
Figura 31 – Parte interna da Associação 4	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-Entrevistas	30
Tabela 2: Substâncias nocivas ao meio ambiente e a saúde	49
Tabela 3: Lista das Associações de Catadores	104

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIHPEC - Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos

ABINEE – Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica

ABREE - Associação Brasileira de Reciclagem de Eletroeletrônicos e Eletrodomésticos

ABRELPE - Associação das Empresas de Limpeza Urbana

ACATE - Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia

ACIF - Associação Comercial e Industrial de Florianópolis

ASSOCIAÇÃO 1 - Associação de Coletores de Materiais Reciclados

ANCAT – Associação Nacional de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis

ARESP - Associação de Recicladores Esperança

CEM - Centro de Estudos da Metrópole

CERTEC - Centro de Reciclagem Tecnológica

CETIC - Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação

CDL - Câmara de Dirigente Lojistas

COMCAP – Companhia de Melhoramentos da Capital

COP - Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas

OSC INFO - Comitê para Democratização da Informática

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

EUA – Estados Unidos da América

FIESC - Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina

GIRS - Grupo Interinstitucional para Gestão de Resíduos Sólidos Urbanos para Florianópolis

GREEN ELETRON - Gestora para Resíduos de Equipamentos Eletroeletrônicos Nacional

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IMA - Instituto do Meio Ambiente

ISWA - Associação Internacional de Resíduos Sólidos

ONG – Organizações Não Governamentais

PEV – Pontos de entrega voluntários

PNRS - Política Nacional de Resíduos Sólidos

SISNAMA - Sistema Nacional de Meio Ambiente

SNVS - Sistema Nacional de Vigilância Sanitária

SUASA - Sistema Único de Atenção à Sanidade Agropecuária

SUCESU-SC - Associação de Usuários de Informática e Telecomunicações de Santa Catarina

UIT - União Internacional das Telecomunicações

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

USP – Universidade de São Paulo

UNCED - *United Nations Conference on Environment and Development*

UNU - Universidade das Nações Unidas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 Apelo ambiental global e mercados locais: mapeando o campo	32
1.1 A construção social do mercado de logística reversa de eletroeletrônicos em florianópolis – o novo discurso ambiental.....	32
1.2 Os discursos da Logística Reversa: a construção dos sentidos e a constituição do mercado.....	34
1.3 Empresas verdes, sucateiros e associações: mapeando o mercado e seus atores ..	37
1.3.1 O mercado local e o discurso de apelo ambiental.....	41
2 Sociogênese da logística reversa de eletroeletrônicos e o ambiente legal.....	45
2.1 E- Lixo	47
2.2 O ambiente legal: a lei 12305/10, o decreto 10240/2020 e a construção do mercado de reciclagem	52
3 O mercado de reciclagem de logística reversa de resíduos eletroeletrônicos em Florianópolis.....	60
3.1 Comcap.....	62
3.2 OSC INFO	71
3.3 WEEE.DO	73
3.4 Sucateiros.....	90
3.4.1 Sucateiro 1	90
3.4.2 Sucateiro 2	98
3.4.3 Sucateiro 3	101
3.4.4 Sucateiro Autônomo	102
3.5 Associações de catadores.....	103
3.5.1 Associação 1	104
3.5.2 Associação 2	108
3.5.3 Associação 3	112
3.5.4 Associação 4	119

3.6	Conflitos e acordos institucionais para construção do mercado de logística reversa de eletroeletrônicos em Florianópolis	124
4	Conclusão	130
	REFERÊNCIAS	133
	ANEXO A – Entrevistas	147

INTRODUÇÃO

Nossa proposta nesta dissertação é pensar o mercado de reciclados de resíduos eletroeletrônicos como construção social conforme os autores da Sociologia Econômica (Bourdieu, 2008; 2009). Bourdieu (2007) mobiliza a noção de campo para investigar os mercados. Para este autor o campo é um espaço onde há lutas em torno dos critérios de classificação da realidade. Assim, a estrutura se forma a partir da distribuição desigual de poder, conforme os diferentes volumes de capitais que os agentes possuem. E nesse sentido compreende-se a estrutura com dois polos opostos: o dos dominantes e o dos dominados.

Quando observamos o mercado de reciclados, ele ganha características singulares em Florianópolis¹ – destaque como polo de tecnologia e inovação e cidade turística de prestígio no país - ela coloca em relação atores e discursos de mundos diferentes: de um lado empresas engajadas no discurso da redução de carbono, preocupadas com as metas da COP 25 e a pegada do carbono, assim como a redução da emissão de gases do efeito estufa – temas muito abstratos para – do outro lado – pequenos catadores, que recolhem diferentes objetos, preocupados em satisfazer necessidades básicas do dia seguinte, sem nenhuma ou quase sem nenhuma escolaridade, mas que fazem da reciclagem seu meio de vida, muitas vezes principal.

O discurso da sustentabilidade ambiental tem mobilizado várias nações e este conteúdo aparece em acordos multilaterais e bilaterais. Ao mesmo tempo em que aumenta a desigualdade social e os prejuízos ambientais, cresce a capacidade das empresas poluidoras em justificar suas ações e em criar compromissos em torno da noção e indicadores de sustentabilidade ambiental (SARTORE, 2010, 2012, 2020).

Em novembro de 2021 ocorreu em Glasgow na Escócia a COP 26 (Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas). O debate envolveu duzentos países sobre metas e projetos para limitar o aquecimento global, voltadas ao efeito da queima de combustíveis fósseis, como carvão, gás natural, petróleo ou da emissão de gases como o metano. O relatório final da COP 26 foi visto como importante, mas não suficiente pelo Secretário Geral da ONU, António Guterres. Ele afirma: “o relatório demonstra interesses, contradições e momento da vontade política do mundo hoje” (NAÇÕES UNIDAS, 2021).

¹ ARANHA, Carla. Florianópolis é destaque com polo de inovação e tecnologia. 2020. **Exame**, São Paulo, 06 dezembro 2020. Disponível em: <https://exame.com/brasil/florianopolis-e-destaque-com-polo-de-inovacao-e-tecnologia/>. Acesso em: 15 dez. 2020

Entre as principais conquistas do encontro estão: lideranças de cento e vinte países, que representam aproximadamente 90% das florestas do mundo, prometeram conter e reverter os índices de desmatamento até 2030, Estados Unidos e União Europeia lideraram mais de cem países no comprometimento com a redução do uso do gás metano até 2030 e sobre o carvão, quarenta países se comprometeram a abandonar o minério. Em relação aos investimentos necessários para o atingimento das metas, aproximadamente quinhentas empresas irão financiar cento e trinta trilhões de reais para atingir as metas do Acordo de Paris, tratado mundial que busca reduzir o aquecimento global. Estados Unidos e China também concordaram em reduzir as emissões de metano e carbono, fazendo a transição para a adoção de energia limpa. No que tange aos transportes, governos e empresas se comprometeram a acabar com as vendas de motores de combustão interna².

Percebendo a temática ambiental como necessária nos debates de todas as áreas do conhecimento, um dos maiores desafios é a questão dos resíduos, entre eles o resíduo eletroeletrônico: o volume acumulado cresce a cada dia. Segundo estimativa da Universidade das Nações Unidas³, o mundo produziria, em 2020, cinquenta milhões de toneladas de lixo eletroeletrônico, o equivalente a cinco mil torres Eiffel, sendo que somente 20% são reciclados. Estima-se que o desperdício potencial desses materiais seja equivalente a 55 bilhões de dólares. Televisores, celulares, aparelhos de som, vídeo e outros eletrônicos com placas possuem componentes valiosos como ouro, prata, cobre, platina, paládio (FOLHA, 2017). A maior parte do que é descartado vai parar em lixões a céu aberto, contaminando solo, ar e água. Os dados, citados pela Folha, fazem parte de um relatório internacional, o Global E-waste Monitor 2017, o qual foi elaborado por três entidades: Universidade das Nações Unidas (UNU), União Internacional das Telecomunicações (UIT) e International Solid Waste Association (ISWA - Associação Internacional de Resíduos Sólidos).

De acordo com a Green Eletron (2020), gestora da logística reversa de eletroeletrônicos vinculada a Abinee (Associação Brasileira de Indústria Elétrica e Eletrônica), a extração e refinamento dos metais utilizadas na indústria de eletroeletrônicos representa 75% de toda energia gasta nestas indústrias, além de que estes são responsáveis pela emissão de CO₂, que é um dos principais causadores do efeito estufa e do aquecimento

² ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. “Passo importante, mas não o suficiente”, afirma Guterres sobre acordo da COP26. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/11/1770432> Acesso em: 22 dez. 2021.

³ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **OIT: somente 20% do lixo eletrônico é reciclado formalmente.** Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/04/1668641>. Acesso em 22 dez. 2021.

global. Ou seja, a partir da reciclagem destes materiais, reduz-se a extração e o refinamento, contribuindo assim para diminuir os efeitos no aquecimento global⁴.

De acordo com a CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação) (2019), nos países de alta renda a geração de lixo eletrônico é maior; países europeus produzem média anual de 16,6 kg por habitante, enquanto os países africanos geram menos de 2 kg por habitante. No continente americano, a produção de e-lixo é de 11,6 kg por habitante ao ano, com uma coleta de apenas 17%, comparável à taxa de coleta na Ásia (15%). Todavia, no continente asiático, a geração é bem menor, de 4,2 kg de lixo eletrônico por habitante/ano.

O Brasil é o segundo país que mais gera lixo eletrônico nas Américas, com 1,5 milhão de toneladas por ano. Em primeiro lugar estão os EUA, com 6,3 milhões de toneladas por ano, e em terceiro está o México, com 1 milhão de toneladas por ano. Segundo Carlos Silva Filho (2019), vice-presidente da Iswa e diretor presidente da Abrelpe (Associação das Empresas de Limpeza Urbana), em entrevista a Folha de São Paulo (2019), não existem dados de reciclagem de e-lixo específicos do Brasil, mas, aqui como em quase todo o mundo, o "furo no sistema" está na: "inexistência de estrutura e incentivos para a devolução dos equipamentos usados [...]. Hoje é mais barato descartar no lixo comum ou deixar no fundo da gaveta do que devolver o equipamento eletrônico usado para recuperação dos recursos", diz.

Quando falamos de devolução dos equipamentos, falamos de coordenação dos mercados e este tema nos convida a uma análise a partir da Sociologia Econômica ao pensar os mercados como construções sociais.

No Brasil, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei n.12305/2010, definiu a regulação da forma como se administra resíduos no país, estabelecendo a necessidade de acordos setoriais entre empresas, municípios e organizações para o gerenciamento do descarte. Em relação aos resíduos eletroeletrônicos, o acordo setorial para implantação de um Sistema de Logística Reversa foi assinado em 31 de outubro de 2019 e definiu as ações de todos os integrantes da cadeia produtiva, na implementação do sistema e igualmente medidas educativas junto aos consumidores para o descarte correto, sendo posteriormente base para o Decreto Executivo Federal 10240 de fevereiro de 2020.

⁴GREEN ELETRON. **Tudo que você precisa saber sobre o lixo eletrônico**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://greeneletron.org.br/blog/tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-lixo-eletronico/>. Acesso em 30 ago. 2021

A declaração de Carlos Silva Filho (FOLHA, 2019) mostra como alternativa partir do pressuposto do consumidor como ator maximizador de riquezas e com preferências dadas a constituir o discurso sobre a logística reversa. Segundo este ator a iniciativa deve partir do consumidor:

O consumidor deve buscar marcas que disponibilizam serviço de recuperação dos eletroeletrônicos ou localizar as iniciativas em sua cidade, [...] esses resíduos têm grande potencial para reciclagem e recuperação de recursos. [...] são altamente poluentes se descartados em local inadequado. [...]. Tudo gira em torno da consciência do consumidor. Primeiro precisamos conter o consumo desenfreado. Segundo, pensar em um descarte mais nobre para aquilo que não usamos mais, seja doando –ainda há muita necessidade de produtos usados no Brasil –ou procurar um sistema de coleta e reciclagem efetivo (FOLHA, 2019).

Esta leitura parte da ideia dos mercados como abstração em torno de atores maximizadores de renda e com preferências dadas conforme a definição da economia. Outros estudos envolvendo atores envolvidos neste mercado, como os estudos sobre associações e catadores trazem aspectos relacionados à construção identitária desses agentes, como a dissertação de Adriana Silva Alves de 2016⁵, que aponta para um perfil de catadores no Brasil. Essas pessoas são oriundas do campo e migram para grandes centros em busca de oportunidades. Quando não conseguem inclusão no mercado formal, a catação é alternativa como fonte de renda e subsistência. A autora os enxerga também como atores invisibilizados, vivendo à margem do sistema capitalista e geralmente configurando núcleos familiares de trabalho. Valéria Pereira Bastos⁶ de 2008 traz, em sua tese de doutorado, uma reflexão sobre esta construção identitária dos catadores, percebendo-os como em uma condição de não cidadão, pela não regulamentação da sua profissão, e, mesmo que se entendam como atores ambientais, ou mesmo heróis, conforme citado pela autora, confundem-se com os restos coletados, por não serem vistos como trabalhadores e cidadãos.

⁵ALVES, Adriana S. **Formação “de catador para catador”**: O movimento nacional dos catadores na construção de sua autonomia político pedagógica. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Brasília, Distrito Federal, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/20079>. Acesso em 15 mai. 2021.

⁶BASTOS, Valéria P. **Catador: profissão um estudo do processo de construção identitária, do catador de lixo ao profissional catador. Jardim gramacho, de 1996 aos dias atuais**. 2008. Tese (Doutorado em Serviços Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=13053@1>. Acesso em 22 jun. 2020.

No Brasil, segundo Dagnino e Johansen⁷ (2017), de acordo com um levantamento de “dados do Centro de Estudos da Metrópole (CEM) da Universidade de São Paulo (USP, 2016), elaborado com fundamento na versão de 2016 dos microdados da amostra do Censo de 2010 do IBGE”, em 2010, existiam 398.348 pessoas com ocupações de coletores de lixo, destes 226.795 coletores de lixo e material reciclável, 164.168 classificadores de resíduos e 7.385 varredores e afins. Sendo no norte do país, 22.292, no nordeste, 119.349, no sudeste, 166.161, no sul, 60.241 e no centro-oeste, 30.305. A média de idade dos catadores é de 39 anos, em relação ao sexo, a razão entre o volume de homens e de mulheres é de 219,63, relação dada a partir da razão de sexo (RS), tendo 100 como distribuição equânime dos sexos, o que indica que há mais que o dobro de homens que mulheres. Enquanto no total da população ocupada, há mais homens que mulheres, mas a razão é menor, o RS é de 136,39. Na questão da raça, 66,1% se autodeclararam pretos e pardos, 32,7% brancos, 0,3% indígena e 0,8% amarelos. 20% dos catadores utilizam seu domicílio como seu local de trabalho, 74% trabalham no município em que residem, mas fora do seu local de moradia e 6% trabalham em outro município. No que tange ao analfabetismo, a taxa entre os catadores é de 20%, quando na população ocupada total é de 6%. Em relação à informalidade, esta representa 51% entre os catadores. Referente aos rendimentos, os catadores recebiam em média R\$ 561,93, sendo que o salário-mínimo em 2010 era de R\$ 510,00, ou seja, recebiam em média pouco mais de 10% a mais do que o salário-mínimo.

Florianópolis em 2010 implementou a coleta seletiva e a partir do Plano Municipal de Coleta Seletiva de 2016⁸, conseguindo atingir 100% dos bairros (PMF, 2016). Todo o material reciclável coletado é disponibilizado para sete associações de catadores da cidade. Gomes (2014)⁹, traz em sua tese de doutorado as determinantes de permanência de catadores em Associações de catadores de materiais recicláveis, visto a alta rotatividade de

⁷DAGNINO, Ricardo S.; JOHANSEN, Igor C. Os catadores no Brasil: características demográficas e socioeconômicas dos coletores de material reciclável, classificadores de resíduos e varredores a partir do censo demográfico de 2010. **Repositório Ipea**, São Paulo, abr. 2017. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7819/1/bmt_62_catadores.pdf. Acesso em 15 mar. 2020.

⁸FLORIANÓPOLIS, Prefeitura municipal de. **Plano Municipal de Coleta Seletiva 2016**. Florianópolis, 2016. Disponível em: https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/25_11_2016_14.57.47.8629ead8c3806b459007d7c3cfe54719.pdf. Acesso em 24 abr. 2021.

⁹GOMES, Ana R. W. **Determinantes de permanência de catadores em associações de catadores de materiais recicláveis**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/128615/328225.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 5 set. 2020.

profissionais, a pesquisa foi realizada em uma associação no Sul do Brasil, em um município com cerca de 120 mil habitantes. A autora destaca que a maioria dos entrevistados em sua pesquisa, inicia na atividade por dificuldades financeiras, outros motivos citados foram: chegada recente a cidade, dificuldades de outros empregos formais. Um aspecto relevante destacado pela autora, é que os associados identificam o papel ambiental exercido. A permanência está relacionada a benefícios pessoais, gostar da atividade, pertencimento em relação à associação, amizades e a urgência da renda deste trabalho, presente em praticamente todas as respostas. Compreendendo assim os catadores no polo dominado.

No polo dominante, se destacam os empreendedores, com foco em um mercado verde, sustentável e de longo prazo, com profissionais especializados. Sartore (2010, 2012) compreende uma reconfiguração das práticas sociais dos empresários a partir dos conceitos do desenvolvimento sustentável de 1987 e para compreendermos a criação deste mercado de gerenciamento de resíduos eletroeletrônicos, mobilizamos a Sociologia Econômica e as diferentes conexões de interinfluência entre a economia e a sociedade (em seus inúmeros campos), focando na relação entre agentes envolvidos na aplicação da logística reversa, dentro do gerenciamento de resíduos eletroeletrônicos e de suas diferentes expressões de mercado.

Nesse sentido percebe-se um crescimento dessa análise da relação economia e sociedade dentro dos meios acadêmicos e científicos. Conforme Swedberg (2004) a Sociologia Econômica é a aplicação de ideias, conceitos e métodos sociológicos aos fenômenos econômicos. Buscando na teoria weberiana, Swedberg (2004, p. 7) cita que “a sociologia econômica estuda tanto o setor econômico na sociedade (“fenômenos econômicos”) como a maneira pela qual esses fenômenos influenciam o resto da sociedade (“fenômenos economicamente condicionados”) e o modo pelo qual o restante da sociedade os influencia (“fenômenos economicamente relevantes”) (cf. Weber, 1949)” .

Verifica-se nesta perspectiva, que diferentemente da visão economicista do mercado, baseada no encontro automático entre oferta e demanda por atores maximizadores de oportunidades e intercambiáveis, na Sociologia Econômica a imagem de si, as motivações e os interesses são construídos numa relação de interinfluência entre comportamentos e instituições. Hall e Taylor (2003) trazem na perspectiva do neoinstitucionalismo, do retorno às instituições, sem, todavia, desconsiderar o comportamento, elas estabelecem as regras do jogo, influenciam nas identidades, preferências, escolhas de coalizão, afetam as ações dos governos e recursos administrativos e financeiros. É um terreno de disputa dos interesses dos

atores. Neste sentido, um importante agente é o Estado e mais especificamente a constituição do Estado moderno baseado em uma sociedade de mercado.

Referencial teórico: Teoria dos campos e capitais.

Para compreender esta relação entre as instituições, seus acordos e discursos, que envolvem a logística reversa de resíduos eletroeletrônicos, nos baseamos nos conceitos de campos e capitais de Bourdieu (1996). Numa perspectiva que contempla as relações de poder e de dominação dentro do campo econômico, Bourdieu (2005, p.22) cita que “o campo econômico se distingue dos outros campos pelo fato de que as sanções são especialmente brutais e que as condutas podem se atribuir publicamente, com o fim da busca aberta da maximização do lucro material individual”.

Bourdieu (2002), através de uma síntese entre as três tradições sociológicas e filosóficas, as estruturas estruturantes, de Durkheim, o estruturalismo linguístico de Saussure e o marxismo, que percebe os sistemas simbólicos ligados à dominação ideológica, rompe com o economicismo, o qual tem por base somente a questão econômica na concepção da estrutura social; para Bourdieu (1996), o que define a estrutura social são diferentes formas de poder, diferentes tipos de capital, e dentro disso, a definição de espaço social com um caráter multidimensional.

A noção de *habitus* e de campo em Bourdieu (1996), por sua vez, pode contemplar esta discussão, o autor busca na ideia escolástica de *habitus* a explicação para o *modus operandi*, ou seja, a disposição para uma determinada ação. É a ideia mediadora entre a estrutura e o agente, onde se incorporam todos os graus de liberdade e determinismo presentes na ação dos agentes sociais. A relação entre agente e estrutura social é um dos temas de grande debate dentro das teorias sociais. O *habitus* é estruturado nos meios sociais, e estruturante de ações e representações. E o espaço onde se encontram as posições dos agentes é chamado de campo. Sendo assim é possível verificar uma adequação entre a ação subjetiva e a objetividade da sociedade. Se por um lado o consumo de eletroeletrônicos pode ser percebido como resultado de um *habitus* internalizado nos agentes, por outro a questão de destinação e descarte correto ainda resiste em se tornar uma ação razoável para estes consumidores.

Em relação aos capitais, o autor entende a existência de quatro capitais: social, cultural, econômico e simbólico. Ele demonstra esta relação com dois eixos transversais em

forma de cruz, no eixo vertical simboliza o volume total de capital acumulado pelo indivíduo e o horizontal a estrutura interna deste, o peso de cada capital. Bourdieu (1996) entende que em sociedades mais desenvolvidas, “o espaço social é construído de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em função de sua posição nas distribuições estatísticas, de acordo com os dois princípios de diferenciação (...) o capital econômico e o capital cultural” (p.19), então ele coloca na parte superior do gráfico os detentores de grandes capitais, entre eles, empresários, profissionais liberais, professores universitários e artistas, e na inferior, técnicos, operários, professores primários, artesãos, trabalhadores rurais, entre outros. Que definem as classes dominantes e as dominadas, sendo então subdivididas no eixo horizontal conforme o peso de capital cultural e econômico.

O autor também traz o capital social e o simbólico como influentes nesta relação, o social seria definido pelo conjunto de relações do indivíduo, onde pode haver benefício para o mesmo, dependendo da camada social e do poder simbólico do indivíduo ou grupo em que ele esteja se relacionando. Em relação ao simbólico, se refere ao prestígio ou reputação do indivíduo na sociedade ou no campo específico.

Neste sentido, Bourdieu (1996) propõe como método de análise, observar na posição no espaço social, disposições incorporadas e tomadas de posição a explicação para as decisões, que para ele, não são definidas de forma plenamente consciente e sim pelo *habitus*, de acordo com sua socialização, grupo social e sua posição do espaço social. Mobilizamos estes conceitos para mapear as posições e analisar as trajetórias de diferentes atores que conformam o mercado de reciclados eletroeletrônicos bem como para situar suas posições no campo.

No que se refere aos campos, estes dizem respeito a espaços com autonomia relativa e marcados pelas disputas dos agentes por posições e capitais, eles induzem os participantes a agir de acordo com as práticas mais legítimas, isso ocorre principalmente porque cada campo tende a produzir a sua doxa (conjunto de crenças compartilhadas tomadas como inquestionáveis). Os agentes situados num campo assumem posições conforme a doxa: os dominantes tendem a conservar a ordem vigente, assumindo uma ortodoxia, ao passo que os desafiadores recorrem a adaptações e ataques à doxa, tomando posições heterodoxas. (Nogueira et al., 2013). A oposição entre ortodoxos e heterodoxos refere-se à ideia de distinção social. As noções de espaço e de campo são permeadas pelas ideias de separação, de diferenciação, de distinção, de luta por capitais e posições (BOURDIEU, 2007). Nesse

sentido, o consumo de bens, incluindo os bens eletrônicos que posteriormente necessitam de descarte, participa desta distinção.

Sendo assim, os campos são os espaços de posições sociais nos quais determinado tipo de bem é produzido, consumido e classificado. À medida que as sociedades se desenvolvem, com divisão do trabalho, certos domínios de atividades se tornam relativamente autônomos. O campo econômico é acomodado pela máxima “negócios são negócios”, ou seja, é o lugar onde a disputa aberta pelo lucro está autorizada. Universos como o da alta costura, do campo literário ou do campo científico são constituídos pela concorrência em torno da questão da legitimidade nesses espaços, impera um constante exercício de denegação da lógica do lucro. Denegar impõe envolver esses bens numa aura de encantamento. Encantamento que poderia estar ligado à dominação carismática do curandeiro que a produz, mas que Bourdieu (1996), observa como parte componente da constituição do campo; o princípio de eficácia não se situa nem na força do carisma, nem na estrutura, antes na dinâmica do espaço estruturado de posições ou o que Bourdieu (2006, p.25) nomeia como círculo da crença: “o princípio da eficácia de todos os atos de consagração não é outro senão o próprio campo, lugar da energia social acumulada reproduzido com a ajuda dos agentes e instituições através das lutas pelas quais eles tentam apropriar-se dela [...]”.

Em relação à estrutura, o autor a determina como “um estado de relação de força entre os agentes ou as instituições envolvidas na luta ou, se preferir, da distribuição do capital específico que, acumulado no decorrer das lutas anteriores, orienta as estratégias posteriores” (BOURDIEU, 2003, p. 120). Esta disputa se percebe quando os que têm a posse deste capital específico buscam estratégias para se manter superiores, o que Bourdieu (2003) chama de, no campo dos bens culturais, “defesa da ortodoxia” e os que tentam contestar esta estrutura, criar uma ruptura, chamada de heresia. Os atores possuem em comum, dentro do campo interesses fundamentais. Neste sentido nos interessa compreender as estratégias dos atores dentro do campo de reciclagem de eletroeletrônicos, para manter suas posições.

Bourdieu (2003) salienta também que, embora os campos tenham características específicas, é possível verificar a existência de “mecanismos universais”. Todavia no que tange as especificidades de cada campo, há interesses específicos e para que um indivíduo esteja apto para determinado campo é necessário o *habitus* específico, compreender o sentido

do jogo¹⁰. No entanto, o mercado de reciclagem coloca em interação pessoas de origens sociais e capitais muito distantes. De um lado empresários e técnicos com alto capital cultural e de outro, pessoas em situação de pobreza (às vezes extrema) que recorrem a esta atividade quando não há outra opção, acentua-se essa necessidade de um capital cultural específico para gerir reciclados eletroeletrônicos.

No interior do campo os indivíduos lutam pelo controle de produção e, sobretudo, pelo direito de legitimamente classificarem os bens; disputam espaço e reconhecimento para sua produção. Assim, interessa-nos explorar quem são os agentes que definem o que é ambientalmente correto e como descartar corretamente no campo da logística reversa. O que está em jogo: definições do que é o bom ou mal descarte de lixo reciclável. Mais do que isto, encontra-se em constante disputa quem são os indivíduos e as instituições, organismos do Estado, meios de comunicação etc., legitimamente autorizados a classificar e hierarquizar os produtos. Os dominantes adotam estratégias conservadoras – visam manter a estrutura atual e os critérios de classificação. De outro lado os dominados aceitam a hierarquia e sua inferioridade ou contestam produzindo movimentos heréticos (Nogueira e Nogueira, 2009).

Compreende-se então que, os que estão na luta auxiliam na reprodução dos valores do campo, e para entrar, os novos membros devem aceitar esse valor. O autor complementa que, em função da necessidade de manter seus princípios de funcionamento, as revoluções nos campos são parciais, ou seja, “não põem em questão os fundamentos do próprio jogo, a sua axiomática fundamental” (BOURDIEU, 2003, p. 122). O autor defende fugir do “finalismo ingênuo” e da “explicação de tipo mecanicista”; os atores que mantêm certo *habitus* não compreendem como sacrifício ou busca de máximo ganho, percebem-se somente como agentes dentro de determinados campos (BOURDIEU, 2003).

E quando se fala de resíduos, Le Baron (2018), ao discutir a desigualdade social na Europa a partir da crise mundial e o neoliberalismo, afirma que, atualmente, os critérios de distinção estão mais no que os agentes não consomem do que o contrário. O autor relaciona o maior capital cultural e econômico à redução de consumo, como de eletroeletrônicos, e também a uma maior disposição a práticas de reciclagem. Isso corrobora a visão de Carvalho (2001) e Carvalho e Steil (2009), no que tange a criação de uma moral ambiental.

Neste sentido é possível observar como estão acontecendo transformações na forma como se usam recursos, tecnologias, técnicas, tão bem como no uso dos recursos naturais.

¹⁰O emprego da metáfora do jogo indica uma concepção da vida social como conjunto de atividades reguladas realizadas por agentes que se orientam uns em relação aos outros em determinado espaço social. Essas atividades envolvem uma lógica de competição e de concorrência ou de luta entre os agentes (SEIDL, 2017:241)

Waldman (2010) traz essa reflexão da relação entre o mundo tradicional e o mundo moderno, em relação aos resíduos. O autor cita que detritos que hoje são formados pela sociedade não possuem capacidade de retorno ao meio ambiente, sendo que em tempos anteriores, os detritos formados eram assimilados de forma natural pelo meio ambiente. Sendo estas sociedades tradicionais baseadas na caça, pesca e agropecuária, seu lixo era em geral, orgânico. Outras atividades, como mineração e artesanato, que processavam matérias primas, eram bem menores do que nos tempos atuais, e, portanto, menos prejudiciais ao ambiente natural.

O Estado é um agente importante de intermediação, conforme citado por Weber (1999), principalmente no que tange aos aspectos jurídicos, na dominação legal. Bourdieu (2014), no que se refere ao Estado, se afasta da ideia de analisar a tomada de decisão como coordenação consciente de ações individuais: a escala de análise não é o indivíduo, mas o espaço posicional que lhe confere propriedades. Estudar o campo de poder é estudar este espaço de posições estruturado por uma distribuição de capitais, cujo próprio acúmulo é tema de disputas, portanto tão desafiante quanto é o fato de que este espaço de lutas impõe princípios arbitrários, porém reconhecidos como princípios legítimos de dominação. Nos cursos no Collège de France (1989-92), Bourdieu (2014) traz essa dimensão essencial do Estado na incorporação do poder simbólico. Este está imbuído do poder sobre a organização da vida social, por meio de estruturas cognitivas, sendo o Estado visto como um campo de poder, direcionador e condicionador dos demais campos.

Retornando a Weber (1982), e a racionalidade dentro das transformações do corpo social na modernidade, a burocracia é a manifestação deste novo campo de poder do Estado moderno, pois demonstra a normatização presente na sociedade moderna. Compreende-se desta forma, a criação de leis e normas para a manutenção de um ambiente pacífico, ou seja, percebe-se o Estado como garantidor das regras do jogo e também detentor da dominação no campo de poder, citado por Bourdieu (2014).

Trazemos estas reflexões para pensar os desafios da logística reversa. Verificando a importância da burocracia na administração pública, observamos o ambiente institucional para esta relação. Nesse sentido, interessou-nos abordar a trajetória de agentes sociais, o papel do ambiente legal proporcionado pela União, Estados, Municípios, das Empresas e das Organizações, no sentido de construir um acordo entre o produtor e o consumidor para o descarte nomeado como correto dos objetos e quem são os atores bem-sucedidos na definição do que é correto no âmbito municipal de Florianópolis.

Singularidade da logística reversa de eletroeletrônicos

Quando o assunto é a logística reversa é importante considerar que este não é um produto de mercado como outro qualquer. As trocas mercantis colocam em circulação os bens que são significados como necessários aos consumidores tão bem como se constitui as empresas que produzirão tais bens. A logística reversa propõe que o consumidor apenas devolva o bem que não lhe serve mais e faça o descarte num ponto de coleta disponibilizado pela empresa que fará a destinação correta. Aqui entra a questão da dádiva: o consumidor não ganha nada por isso e deve levar o produto até o ponto de coleta; é necessário construir esta disposição.

Considerando a problemática envolvendo o meio ambiente e políticas de redução de danos ambientais, pesquisas a respeito de alternativas econômicas e sociais para esta questão são de suma importância, tamanha a velocidade das transformações que o desenvolvimento tecnológico globalizado traz ao meio ambiente e a sociedade.

Dentro disto, mencionamos dois estudos voltados ao descarte de resíduos eletroeletrônicos e à logística reversa. A pesquisa de Marina Sartore, que trabalha a questão da sustentabilidade, refletindo inclusive sobre o papel do Estado nesta relação, e propondo questionar uma descrença ou desconhecimento sobre a relação de finanças e sustentabilidade por parte da população. Menciono também uma dissertação de mestrado em Direito da Universidade Federal de Santa Maria: *O Instrumento da Logística Reversa de Resíduos Eletroeletrônicos no Contexto da Obsolescência Programada e Percebida: Um olhar a partir da cidade de Santa Maria* de autoria de Luiza Rosso Mota. A conclusão é de que, embora avanços significativos com o advento da PNRS, a autora os percebe como paliativos dentro de uma sociedade capitalista de mercado, tendo em vista aspectos como obsolescência programada, e uma excessiva geração de resíduos. Para essa autora a única solução é uma mudança de paradigmas da racionalidade econômica.

No Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Ciências Contábeis analisei o processo de gerenciamento de resíduos eletroeletrônicos através dos princípios de contabilidade ambiental analisado á luz dos conceitos de engenharia ambiental, direito ambiental e economia ambiental (KASPER, 2012), onde se concluiu que: no que tange a responsabilidade ambiental e ao desenvolvimento sustentável pode-se verificar uma aplicação prática dos princípios, já que a empresa estudada possui e aplica de fato uma política ambiental baseada em parâmetros ambientais, além de contar com um processo produtivo que

evita desperdícios de materiais. O próprio serviço prestado é de cunho ambiental por gerenciar resíduos e destiná-los à reutilização; isso diminui impactos ambientais que seriam gerados caso o descarte fosse feito diretamente no meio ambiente. Todavia esta foi uma análise considerando aspectos da economia ambiental e não da sociologia econômica, destacado nesta dissertação.

Ao compreender a logística reversa, como a logística do retorno de resíduos que teriam como destinação aterros ou o meio ambiente natural, nos interessa também perceber os dejetos como bens simbólicos diferentes entre si e, portanto, exigindo disposições diferentes. Quando o assunto é o catador de latinhas ou outros reciclados da classe dois (não-perigosos), não importa o capital cultural destes intermediários¹¹; estes materiais podem ser processados não importa o estado em que se encontrem. Porém quando se trata de eletroeletrônicos, a coordenação da cadeia exige conhecimentos básicos dos componentes destes produtos e como separá-los e organizá-los de forma adequada (vamos voltar ao tema e detalhar esse processo no próximo capítulo 2). Em entrevista, atores que operam nas empresas do setor fazem queixas quanto ao papel incerto e perigoso de catadores que podem comprometer a qualidade da separação por não saber manusear os itens. Esta nos parece ser uma característica singular desta cadeia de reciclagem e surge como elemento de embate entre catadores e associações de um lado e empresas de reciclagem estabelecidas no setor de outro.

Ainda outro fato de destaque em Florianópolis é a existência de poucos intermediadores; então tanto no discurso de empresários aparece à figura do catador como um problema, como no discurso dos catadores surge a figura de empresário do setor como indiferente ao cotidiano dos pequenos catadores.

Questões:

Quais atores em disputa e como se configura o mercado de reciclagem de resíduos eletroeletrônicos?

E como desdobramentos: Quais agentes mobilizam uma agenda de procedimentos para conter ou controlar estes problemas e quais suas estratégias discursivas?

Como estes contenciosos conferem características particulares a este mercado de reciclagem, quando o assunto é eletroeletrônico?

¹¹Os intermediários podem ser catadores individuais, associações de catadores ou pequenas empresas informais que recebem estes materiais. Vamos detalhar o que faz cada um no capítulo 1.

Como ações e práticas discursivas constituem as características do mercado de reciclagem dos resíduos eletroeletrônicos?

Assim, o objetivo principal desta pesquisa foi compreender os acordos e conflitos entre os atores em disputa na configuração do mercado de reciclagem e gerenciamento de resíduos eletroeletrônicos na cidade de Florianópolis, instituída na Política Nacional de Resíduos Sólidos. Para atingir este objetivo, analisamos os atores envolvidos no mercado, tão bem como suas trajetórias, como a Weee.do, a Comcap, as associações e os sucateiros. Interessou-nos também observar quais as estratégias discursivas que mobilizam o apelo à questão ambiental como estilo de vida, em relação à logística reversa de resíduos eletroeletrônicos após a Lei n. 12305/10 e compreender e analisar os arranjos institucionais e discursos dos agentes sociais envolvidos na aplicação da logística reversa de eletroeletrônicos na cidade de Florianópolis.

Metodologia

Destacamos aqui a preocupação com a vigilância epistemológica proposta por Bourdieu (2007, p.694). Este autor compreende a relação de pesquisa como uma relação social entre pesquisador e pesquisado e cita que tanto os defensores de métodos quantitativos, quanto os defensores de métodos qualitativos ignoram os “efeitos que as estruturas objetivas exercem não somente nas interações [ordinárias], mas também na sua interação [pesquisadores] com as pessoas submetidas à observação ou a interrupção” O autor traz uma “reflexividade reflexa”, baseada num olhar sociológico com o objetivo de enxergar e ter um controle sobre o campo e as estruturas na pesquisa.

Bourdieu (2004) traz a reflexão de qual o lugar do cientista social no mundo social, qual é o limite do conhecimento sociológico, do engajamento individual, da utilização do conhecimento científico como uma forma de justificação de pontos de vista. Diferentemente do visto até então, da ciência como criadora de procedimentos e categorias, Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2004), no livro *O Ofício do Sociólogo*, buscam a reflexão de que o sociólogo deve utilizar estas categorias como partes da construção da realidade, ou seja, elas não são postas por eles e sim construídas pelo mundo social. E, portanto este processo de criação do conhecimento não é estável, mas sim construído diariamente e desenvolve-se através da imersão no objeto.

Sendo então os fatos sociais objetos de análise científica, estes têm os indivíduos como agentes e espectadores, sendo o papel deste como cientista a criação de hipóteses, o uso de teorias e conceitos. E essa imersão torna-se uma dificuldade epistemológica que necessita de remoção por técnicas de objetivação e construção teórica.

Para saber construir o objeto e conhecer o objeto que é construído, é necessário ter consciência de que todo objeto propriamente científico é consciente e metodicamente construído, e é necessário conhecer tudo isso para nos interrogarmos sobre as técnicas de construção das perguntas formuladas ao objeto (BOURDIEU, CHAMBOREDON e PASSERON, 2004, pg.64).

Neste sentido, esta pesquisa teve como foco a cidade de Florianópolis: é uma cidade turística e que faz um apelo ao meio ambiente preservado como forma de atração de seu público; assim o lixo descartado de maneira incorreta é tema sensível. Com o intuito de atingir os objetivos propostos, o estudo teve como instrumento metodológico, o que Bourdieu chama de autoanálise provocada e acompanhada, uma entrevista através de uma “escuta ativa e metódica” (2007, p. 695) que fica entre a entrevista aberta (não-dirigida) e o questionário fechado (semi-estruturado), com a Weee.do, representantes da Comcap, Associações de Catadores e Empresas Sucateiras. Nos casos onde as entrevistas não foram possíveis, foram utilizadas informações de redes sociais, como LinkedIn, Instagram e Facebook e sites de empresas, associações e entidades.

Interessou-nos compreender a construção do mercado de reciclagem e gerenciamento de resíduos eletroeletrônicos observando elementos da Lei n. 12305/10. A pesquisa documental teve como norte a Lei citada e decretos federais, estaduais e municipais que regulamentem a logística reversa em Florianópolis. Somou-se a isso uma pesquisa bibliográfica dos conceitos de responsabilidade ambiental, desenvolvimento sustentável, logística reversa, sociologia econômica, mercados, capitais, campos e *habitus*, a fim de embasar um debate teórico com os dados empíricos.

Este ambiente jurídico, criado pela Lei n. 12305/10 prevê um acordo setorial: ato de natureza contratual firmado entre o poder público e os fabricantes, importadores, distribuidores ou comerciantes, tendo em vista a implantação da responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida do produto, no período da promulgação da lei até o ano de 2021. Esta lei, além do debate e da regulamentação da atividade, coloca ênfase na ação do gerenciador/reciclador. Neste sentido, associações, sucateiros e empresários ligados ao mercado verde, encontraram nesta atividade um nicho de mercado.

A partir de um mapeamento dos atores envolvidos na rede de gerenciamento de resíduos em Florianópolis, foram realizadas entrevistas com representantes dos seguimentos envolvidos, Associações de catadores, empresas privadas de sucatas, empresa privada de gerenciamento de resíduos eletrônicos, autarquia municipal de coleta de resíduos e organização da sociedade civil, sendo que parte dos nomes das empresas e dos entrevistados são fictícios a fim de preservar as fontes, conforme quadro abaixo:

Tabela 1-Entrevistas

Empresa/Associação/ Entidade	Localização	Data da entrevista	Duração	Tipo de organização
SUCATEIRO 1	Rio Tavares/Florianópolis	01/09/2021	45 min.	Empresa privada/Sucateiro
SUCATEIRO 2	Ingleses/Florianópolis	06/11/2021	26 min.	Empresa privada/Sucateiro
SUCATEIRO AUTONOMO	Pantanal/Florianópolis	13/05/2022	20 min.	Empresa privada/Informal
ASSOCIAÇÃO 2	José Mendes/ Florianópolis	25/10/2021	30 min.	Associação de catadores
ASSOCIAÇÃO 3	Alto da Caiera/Florianópolis	07/12/2021	22 min.	Associação de catadores
ASSOCIAÇÃO 4	Tapera/Florianópolis	16/11/2021	48 min.	Associação de catadores
COMCAP	Itacorubi/Florianópolis	17/11/2021	47 min.	Autarquia municipal
WEEE.DO	Brejaru/Palhoça	08/01/2021 e 07/12/2021	56 min. e 22 min.	Empresa Privada/economia circular/verde
OSC INFO	Centro/Florianópolis	02/12/2021	12 min.	Organização de Utilidade Pública Municipal

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme demonstrado na planilha acima, e posteriormente citado no levantamento dos atores envolvidos, o mercado de reciclagem de resíduos eletroeletrônicos em Florianópolis se divide entre atores públicos e privados, com características diversas de apelo ambiental e de licenciamento. Inicialmente, para nossa investigação, identificamos a empresa Weee.do, ligada ao mercado verde e a empresa estatal Comcap como atores da posição

dominante e cooperativas, sucateiros e catadores como participante da posição como dominados. É importa ressaltar que analisar os discursos e os acordos entre os agentes para a implementação da logística reversa em Florianópolis é fundamental para compreender como se dá a formação do mercado.

A partir do entendimento destas relações econômicas, sociais e ambientais, da obrigação trazida pela PNRS, de acordos setoriais, e da necessidade de um recorte para o problema de investigação, se estabeleceu a cidade de Florianópolis como foco da pesquisa, onde a logística reversa, no que tange aos resíduos eletroeletrônicos, se construiu através de parcerias e acordos entre a autarquia municipal, Comcap, Associações de Catadores, e empresas privadas, Abree e Green Eletron.

Um dos fatores que limitaram a pesquisa empírica foi a pandemia, pelo receio, de ambos os lados, de um contato físico nas entrevistas. Outro limitador é o medo de alguns atores, envolvidos com questões de desvios jurídicos, tanto em relação aos registros e licenças, como também em relação aos funcionários não formais. Como pode ser percebido durante a dissertação, foram muitos contatos via telefone, e-mail e redes sociais e poucos retornos positivos.

1 APELO AMBIENTAL GLOBAL E MERCADOS LOCAIS: MAPEANDO O CAMPO

A partir das últimas décadas diversas empresas dedicam investimentos ao tema do meio ambiente. Desde a crise de 2008 (Sartore, 2012), compreendeu-se que investimentos baseados em retornos econômicos, sociais e ambientais são mais seguros em longo prazo e é possível encontrar diversos profissionais especializados nesta área. Análises propostas por eles referem-se não somente ao um custo ambiental, mas também a uma oportunidade de negócio e até uma possibilidade de ganho de mercado. A necessidade de debate sobre o tema por parte dos empresários ficou clara no último encontro de Davos, onde os principais debates abordaram desigualdades extremas e mudanças climáticas. O encontro foi marcado pelos discursos da jovem ativista Greta Thunberg sobre as questões ambientais. Angela Merkel, ex-chanceler alemã, em seu discurso salientou: “O modo como fazemos negócios, vivemos e nos acostumamos na era industrial terá que ser mudado. Teremos que deixar isso para trás nos próximos 30 anos e teremos que mudar completamente para novas cadeias de valor” (EXAME, 2020).

Conforme Sartore (2012, p.461): “é possível afirmar que, [...] estamos diante de uma reconfiguração no espaço das práticas sociais dos empresários por meio do aparecimento de novos atores e novas formas de expressão que tornam mais claras as disputas no espaço das suas práticas sociais”. Sendo assim, as empresas seriam bem sucedidas ao buscar ações vistas como responsáveis socialmente. Esse apelo traz para a cena o tema da logística reversa: processos de responsabilização dos dejetos para a empresa que o produziu originalmente, que no Brasil é compartilhada com os demais atores da cadeia, como varejistas e distribuidores. Nas últimas décadas surge uma denúncia global no que se refere aos resíduos eletroeletrônicos: a chamada relação norte sul de despejo. Segundo relatório da *Basel Action Network*, 40% dos materiais entregues em centros de reciclagem nos EUA, por exemplo, são exportados, majoritariamente, para países em desenvolvimento. Este tipo de denúncia demonstra que não há uma coordenação nesta cadeia do lixo, e nesse sentido é importante situar o ambiente institucional nesta relação.

1.1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO MERCADO DE LOGÍSTICA REVERSA DE ELETROELETRÔNICOS EM FLORIANÓPOLIS – O NOVO DISCURSO AMBIENTAL

Veremos nesta sessão como o conceito de mercado verde surge como parte das justificativas das empresas (Boltanski e Thevenot, 1991), quando sua imagem é prejudicada ou ameaçada por problemas ambientais (Sartore, 2012). Nestes mercados verdes, relacionados ao apelo por questões ambientais, um conceito o qual mobilizou o olhar social e ambiental mais responsável pelas empresas foi o desenvolvimento sustentável, que pode ser entendido, de acordo com Relatório Brundtland (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1988, p. 49), como:

[...] um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender as necessidades e aspirações humanas.

Marina Sartore (2012, p.451), cita a historicidade da responsabilidade social no Brasil a partir da década de 1990, mas pondera que o reconhecimento do papel social do empresariado é anterior e se transforma dentro do mundo dos negócios: “Essas transformações, dentre as quais situo a Responsabilidade Social Empresarial (RSE), geram oposições às quais definem as posições dos atores sociais atuantes na emergência do espaço social, o qual denomino de Espaço das Práticas Sociais dos Empresários”.

Para Sartore (2010) a sustentabilidade empresarial se desenvolve no Brasil a partir da construção desta ideia de desenvolvimento sustentável, originalmente desenvolvida no relatório *Our Common Future* (de autoria da norueguesa *Gro Harlem Brundtland*, líder da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Organizações das Nações Unidas e citado acima como Relatório de Brundtland), publicado em 1987, e disseminada na *United Nations Conference on Environment and Development* de 1992 (UNCED).

Esta conferência foi realizada no Rio de Janeiro e ficou conhecida como Rio 92. O evento marcou a inauguração de um discurso apoiado na ideia de uma crise no planeta, que tomou amplas dimensões a partir do final do século XX, caracterizando-se principalmente por problemas globais, como o aquecimento, o efeito estufa, as mudanças climáticas, a extinção de ecossistemas e a contaminação do ar (DIAS, 2007). De outro lado, agentes poderosos como as grandes empresas – as quais inclusive geram resíduos prejudiciais ao meio ambiente – mobilizam iniciativas no sentido de justificar suas atividades e igualmente valorizar suas ações no mercado financeiro mobilizando o conceito de Responsabilidade Social (SARTORE, 2012). Boltanski e Thévenot (1991, p.24), apontam para “os modos de justificação ou de

crítica” utilizado por atores sociais na intenção de defender posições. Os autores compreendem que situações de disputa levam os atores a legitimarem suas ações, através de argumentos e práticas ou críticas, com base em princípios incorporados durante a sociabilização.

A partir desta nova concepção empresarial, de uma aparente preocupação com os aspectos sociais e ambientais, surgida deste a Conferência de Estocolmo em 1972, e baseada fortemente nos conceitos de sustentabilidade, surge uma nova ideia de mercado, os mercados verdes, mercados com enfoque principal na sustentabilidade ambiental, formado por atores com olhares para o respeito à natureza, a biodiversidade, aos recursos renováveis, ao combate ao desperdício e ao descarte adequado de resíduos. (AMATO NETO (coord), 2011).

Sartore (2010) no âmbito da sociologia econômica e da sociologia de finanças traz a constituição desse espaço de práticas sociais, desde uma visão filantrópica empresarial a partir do desenvolvimento econômico e da crescente desigualdade social na Europa e visto como um divisor de águas entre a caridade do estado e da igreja e a filantropia das empresas nos Estados Unidos, passando para uma prática de Responsabilidade Social Empresarial. No Brasil se formou uma polarização entre o empresário tradicional, sem preocupações sociais e o empresário socialmente responsável.

1.2 OS DISCURSOS DA LOGÍSTICA REVERSA: A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS E A CONSTITUIÇÃO DO MERCADO

Neste item vamos analisar os diferentes discursos destinados agora às empresas (e não aos consumidores) tentando construir uma lógica da reciclagem como vantagem para a empresa e não como custo. Os atores que elaboram este tipo de discurso são oriundos da engenharia industrial e elétrica, defendem que a logística reversa pode trazer resultados econômicos para as empresas, na questão da redução dos custos de deslocamento das mercadorias, aumento da lucratividade e de vantagens na disputa do mercado, já que através de um gerenciamento logístico adequado, o custo final será menor, além do prazo de entrega em muitos casos ser reduzido. Além do investimento em uma imagem de preservação ecológica como forma de diferenciar-se no mercado. (LEITE, 2008)

A Logística é o processo de planejamento, implementação e controle de fluxo eficiente e economicamente eficaz de matérias-primas, estoque em processo, produtos acabados e informações relativas desde o ponto de origem até o ponto de

consumo, com o propósito de atender às exigências dos clientes (BALLOU, 2005, p.21).

Ballou (2005, p.21) complementa que “a missão da logística é dispor a mercadoria ou o serviço certo, no lugar certo, no tempo certo e nas condições desejadas, ao mesmo tempo em que fornece a maior contribuição à empresa”.

Segundo esses autores a logística reversa, na atualidade é um campo fundamental da logística. A quantidade de resíduos despejados no meio ambiente pelos inúmeros ramos da economia acabou por evidenciar a necessidade de uma ação federal nesse sentido, nesse contexto como citado no item acima, foi sancionada a Lei Federal 12305 de 2 de Agosto de 2010 que trata em suma da destinação dos resíduos sólidos gerados na país.

Rogers e Tibben-Lembke (1998) definem que a logística reversa pode ser vista como um processo de planejamento, implementação e controle eficiente do fluxo de matérias-primas, estoque em processo, produtos acabados e informações correspondentes, do ponto de consumo para o local de origem, com a finalidade de recapturar valor.

Leite (2008) complementa, há um aumento da preocupação com uma imagem corporativa em relação ao meio ambiente:

Uma visão moderna de marketing social, ambiental e principalmente de responsabilidade ética empresarial, se adotada por empresas dos diversos elos da cadeia produtiva de bens em geral, por entidades governamentais e pelos demais envolvidos, de alguma maneira, na geração de problemas ecológicos, mesmo que involuntária, permitirá observar que suas imagens corporativas estarão cada vez mais comprometidas com questão de preservação ambiental. Consequentemente, ações convenientemente dirigidas à preservação ambiental, dentro dessa visão contributiva de marketing social e ambiental, certamente serão recompensadas com salutareos retornos de imagem diferenciada como vantagem competitiva (LEITE 2008, p. 27).

Outros autores que defendem a mesma ideia são de César e Neto (2007, p. 19) sobre a questão da proteção do meio ambiente:

[...] importante lembrar que uma boa estrutura de LR vem proteger o ambiente de possíveis contaminações e propicia à empresa uma melhor eficiência na administração de seus recursos de produção. Desta forma, muitas empresas acabam tendo uma visão da Logística Reversa como um centro de custo, quando na verdade uma LR bem planejada é um centro de minimização de custo para a empresa, além de garantir perante os seus stakholder a sua boa imagem.

Segundo esses autores a logística reversa pode influenciar a fabricação de produtos mais renováveis, ou ao menos que facilite essa “recuperação” após o retorno. Há toda uma mobilização discursiva para habituar os empresários com a ideia do retorno da mercadoria ao processo de produção da empresa.

Como forma de mobilizar este convencimento, Lacerda (2002) argumenta como as iniciativas relacionadas à logística reversa têm trazido consideráveis retornos para as empresas, justificando os investimentos realizados e estimulando novas iniciativas. Lacerda (2002) traz também alguns fatores os quais contribuem positivamente para o desempenho do sistema de logística reversa como: controles de entrada, identificação do estado dos materiais para classificação como recondicionamento, reciclagem ou descarte; processos padronizados e mapeados, regularidade, processos mapeados e formalizados; tempo de ciclo reduzido, tempo entre a identificação da necessidade da reciclagem, disposição ou retorno e seu efetivo processamento; sistemas de informação, que fornecessem a capacidade de rastreamento de retornos e medição dos tempos de ciclos; rede logística planejada, uma rede logística que atue nos fluxos de entradas e saídas; relações colaborativas entre clientes e fornecedores, relação de confiança e colaboração entre varejistas e indústrias.

Estes autores esforçam-se por apresentar a logística reversa como uma série de fatores que precisam ser habituais, ou seja, estar do cotidiano para que haja sucesso na implantação desde a entrada do material até as relações entre clientes e fornecedores. Isto implica num aspecto de coordenação do mercado e num arranjo institucional baseado na confiança entre os atores que dele participam. Outro elemento importante é que identificar estes materiais para seguir o fluxo correto assim como mapear processos exige um capital cultural que nem todos os atores da cadeia possuem. Este é um entrave que foi explorado nas entrevistas, voltamos a ele no capítulo 3.

No que tange a Logística Reversa de resíduos eletroeletrônicos, um mercado que surgiu dentro deste contexto, é o de reciclagem e gerenciamento de resíduos, mercado este que funciona com intermediador entre o consumidor e a destinação final, em suma, são empresas que separam os elementos constitutivos destes resíduos e efetuam a venda ou destinação à locais de despejo regularizados.

Neste sentido, nos interessou fazer um mapeamento do campo da reciclagem de resíduos eletroeletrônicos na cidade, conforme Bourdieu (1989, p.69):

Compreender a gênese social de um campo e aprender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das

coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas (...).

1.3 EMPRESAS VERDES, SUCATEIROS E ASSOCIAÇÕES: MAPEANDO O MERCADO E SEUS ATORES

A cidade de Florianópolis é chamada, por especialistas em tecnologia, de “Vale do Silício brasileiro”, por concentrar uma gama de empresas do setor e de acordo com Aranha (EXAME, 2020) é a melhor cidade para investimentos na área no Brasil. Com mais de quatro mil empreendimentos de tecnologia e inovação este setor representou em 2020, 14% do PIB da capital catarinense.

Destaca-se entre essas iniciativas a atuação na reciclagem e no gerenciamento de resíduos eletroeletrônicos. Nesta sessão apresentamos uma primeira aproximação do contencioso entre empresas e catadores iniciando pelo ponto de vista das empresas. Vamos abordar a empresa Weee.do, empresas de sucata, a Comcap, associações de catadores e entidades. Iniciamos apresentando uma das principais empresas que atuam no setor, a Weee.do. Ela iniciou sua atividade em Florianópolis em 2016. Possui todas as licenças municipais, estaduais, federais, ambientais, de bombeiros e outras exigidas para a atuação¹². Além do trabalho de gerenciamento dos resíduos eletrônicos, um dos seus sócios realiza palestras para outras empresas no estado de Santa Catarina, explicando e incentivando a logística reversa.

A partir de dados da primeira entrevista realizada com o sócio-diretor da empresa Weee.do e somado ao material disponível em sites e jornais da área, foi possível constatar que esta empresa surge como uma das referências no mercado nomeado como ‘verde’: atores bem-sucedidos em associar o seu discurso às causas ambientais e as alternativas razoáveis para enfrentar a questão do descarte de eletroeletrônicos.

Em relação às demais empresas, pode-se destacar que há na cidade inúmeras organizações sucateiras que fazem o serviço de gerenciamento de materiais recicláveis. Em sua maioria, trabalham com vários tipos de materiais, como plástico, papel, vidro, alumínio, papelão, metal, cerâmica, pilha, baterias, lâmpadas, entre outros. Sendo que algumas delas

¹² Alvará de funcionamento, Alvará do corpo de bombeiros, Cadastro Técnico Federal do IBAMA, Registro no MTR online – Instituto IMA, Licença Ambiental de Operação da Estrutura – licença específica para resíduos eletroeletrônicos, laudos de saúde ocupacional, NR 11, NR 12, NR 23, Veículos a diesel – teste da fumaça, MOP, CIP e o CIF, conforme citado na entrevista analisada no capítulo 3.

fazem também o gerenciamento dos resíduos eletrônicos, como nos casos das empresas Sucateiro 1, Sucateiro 2 e Sucateiro Autônomo. Elas foram entrevistadas nesta dissertação e outra empresa, a Sucateiro 3, teve suas informações coletadas em seu site, conforme capítulo 6 e Anexo A. Estas empresas, que são empresas formais em sua maioria (exceto o Sucateiro Autônomo) - têm CNPJ e fazem sua contabilidade mensal - trabalham diretamente com o consumidor ou com outras empresas; o recebimento é feito na sede da empresa ou há coleta no local onde está o resíduo.

Mark Rae, sócio administrador da Weee.do, aponta problemas em relação a estes empreendimentos sucateiros – por, segundo ele, recolherem predominantemente resíduos oriundos dos catadores – e apresentarem problemas ao bom funcionamento desta cadeia, como a falta de licenciamento e o descarte incorreto dos resíduos sem valor de venda. Em relação às licenças, foi possível constatar nas entrevistas que algumas dizem possuir, mas não as apresentam e em relação a compra de materiais de catadores, uma delas confirmou a informação.

Os sucateiros igualmente atuam em parceria com os catadores e associações, atuando como intermediadores, como com a Associação de Coletores de Materiais Reciclados (ACMR), situada no bairro Itacorubi, Associação de Recicladores Esperança (ARESP), localizada no bairro Monte Cristo, Associação de Catadores de Recicláveis do Alto da Caeira e Serrinha – Recicla Floripa, Sul Recicla, no Morro do Peralta, Associação de Recicladores de Materiais Recicláveis DLR, na Vargem Grande e Associação Amigos da Natureza, no José Mendes e Renascer 4R na Vargem Grande, que coletam ou separam os resíduos, e destinam para gerenciamento e posterior reciclagem. Destas cooperativas tivemos a oportunidade de entrevistar e conhecer três delas. Voltamos a sua análise no capítulo três e suas entrevistas no Anexo A. Também nos interessa compreender, nos nomes das associações, o apelo ambiental e sustentável, quando remete aos termos ligados à reciclagem, mas também no caso da Amigos da Natureza, em um discurso de aproximação do homem com a natureza, relacionando sua atividade a uma ética ambiental.

Todavia, embora não se trate de agentes econômicos, diversos outros atores participam desta cadeia, como a Comcap, autarquia de melhoramentos da Capital criada em 1971 e responsável pela coleta de resíduos desde 1976¹³, e que possui seis pontos de coleta voluntária

¹³FLORIANÓPOLIS, Prefeitura Municipal. **Origem ligada à pavimentação pública**. Florianópolis, 2021.

Disponível em:

<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?cms=origem+ligada+a+pavimentacao+publica&menu=1>

de resíduos eletroeletrônicos, os eco-pontos, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com coletores e ações de educação ambiental, a Associação Comercial e Industrial de Florianópolis (ACIF)¹⁴, fundada em 1915 e que atua na representação e integração da classe empresarial da cidade, a Associação de Usuários de Informática e Telecomunicações de Santa Catarina (SUCESU-SC)¹⁵, fundada em 1974, que é uma associação civil que atua através de ações políticas, institucionais e técnicas, e a Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia (ACATE)¹⁶, criada em 1986 por um grupo de empreendedores, com o objetivo de trocar experiências e apoiar o surgimento de novos empreendedores, a OSC INFO, Organização da Sociedade Civil que atua com projetos sociais de inclusão digital e é parceira da Comcap e da Weee.do na coleta e reutilização de eletroeletrônicos.

Através deste mapeamento e após algumas entrevistas foi possível verificar a existência de uma disputa de sentidos sobre a destinação do lixo eletrônico. De um lado, no polo dominante, estão os empreendedores, com formação no ensino superior (em sua maioria) e mais alto capital cultural que enxergam na reciclagem um negócio e estão interessados em construir uma imagem de relação positiva entre empresa e meio ambiente, como já constatado no trabalho de Sartore (2012, 2013). De outro lado estão os dominados - com baixo índice de escolarização e com menor ou nenhum capital cultural - que são os catadores clamando pela reciclagem como estratégia de sobrevivência, por estarem em situação de vulnerabilidade social. Conforme mencionado na introdução (ALVES, 2016): a profissão de catador é assumida por pessoas recém-chegadas as capitais e em geral vindo do interior de diferentes estados sem nenhum recurso que não seja seu próprio trabalho.

No polo dominante destaca-se a Weee.do, empresa a qual trabalha com gerenciamento de resíduos eletroeletrônicos, e é a maior empresa do estado neste segmento. Ela atua sempre em parceria com entidades, como a CDL, ACIF, COMCAP, UFSC, SUCESU-SC, entre outras instituições e que entrevistamos em janeiro e em dezembro de 2021. A Weee.do tem seu maior faturamento em negócios *business to business* (empresa para empresa), e trabalha

&submnuuid=sobre#:~:text=A%20origem%20da%20Comcap%20est%C3%A1,desde%20a%20d%C3%A9cada%20de%2040. Acesso em set. 2021.

¹⁴ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE FLORIANÓPOLIS. **Histórico**. Florianópolis, 2021.

Disponível em: <https://www.acif.org.br/a-acif/historico/>. Acesso em 5 mai. 2021.

¹⁵ ASSOCIAÇÃO DE USUÁRIOS DE INFORMÁTICA E TELECOMUNICAÇÕES DE SANTA CATARINA. **Sobre Nós**. Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://br.linkedin.com/company/sucesu-sc>. Acesso em: 3 dez. 2021.

¹⁶ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE TECNOLOGIA. **Sobre a Acate**. Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://www.acate.com.br/institucional/>. Acesso em: 3 dez. 2021

com inúmeras empresas em todo estado de Santa Catarina, principalmente através das parcerias citadas acima. Neste polo também encontra-se a Comcap que é responsável pelo recolhimento e disposição dos pontos de coleta.

É importante observar que os dois atores entrevistados oriundos da Weee.do e da Comcap (Mark Rae¹⁷ e Wilson Lopes¹⁸) são atores com ensino superior em Engenharia em uma universidade pública federal (UFSC), e são de famílias de classe média, com formação superior. Eles encontram-se frequentemente em palestras realizadas pelas associações comerciais, ou pela prefeitura e governo do estado. O que corrobora Bourdieu (1996), em relação às posições, visto que se encontram em posições próximas no campo pelo seu habitus, capital cultural e capital econômico.

De outro lado estão empresas menores, os dominados (sucateiros) e as Associações de Catadores. Conforme o levantamento sobre sucateiros (Dagnino e Johansen, 2017) apontado na introdução são pessoas de baixo capital cultural e econômico. Este segundo grupo é acusado pelo primeiro de não realizar a coleta adequadamente, como constatamos em entrevista prévia com a Weee.do.

Como em outras regiões do Brasil, o perfil das pessoas que fazem parte deste segundo grupo é de pessoas sem a escolaridade básica. Todavia diferente das informações nacionais de Dagnino e Johansen (2017), os valores recebidos por mês, pelos catadores vinculados a associações, com a coleta de reciclados é maior do que o salário mínimo; em algumas associações os valores chegam a dois salários. No quesito moradia - confirmando o que Dagnino e Johansen (2017) constataram – suas casas são provisórias no próprio local onde se realiza a reciclagem, no caso dos sucateiros de parte do catadores. No que tange a condições de vida, verificou-se junto aos sucateiros que houve uma melhora significativa, visto o caso do entrevistado Oliveira da Sucateiro 1. Oliveira é apenas alfabetizado e conseguiu auxiliar um dos filhos a cursar uma graduação em Direito e os demais cursarem o Ensino Médio, além da ascensão social econômica adquirida com a atividade: foi possível constatar a ampliação das instalações da empresa, tão bem como a aquisição de bens materiais, como veículos.

Ainda sobre as associações de catadores citadas mais acima, a PNRS as definiu como fundamentais na cadeia de reciclagem e destaca as parcerias entre empresas privadas e catadores para a implementação da logística reversa. O principal obstáculo para a atividade é

¹⁷ RAE, Mark J. **Página do LinkedIn**. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/mark-j-rae-23357885>. Acesso em 12 dez. 2019.

¹⁸ LOPES, Wilson C. **Página do LinkedIn**. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/wilson-cancian-lobes-845a2784>

a estrutura necessária para que os catadores, principalmente através de associações, possam separar e vender esses materiais coletados diretamente para a indústria. Esse processo gera um ganho inferior para os catadores, fomentando uma cadeia de atores econômicos, que participam desta rede, entre eles, os sucateiros pequenos, médios e grandes e os recicladores. Mesmo que haja uma expansão de programas governamentais de apoio às cooperativas, os acordos e parcerias entre catadores e as empresas de reciclagem ainda são essenciais para a viabilidade econômica da atividade (EIGENHEER, FERREIRA, e ADLER, 2005).

Importante destacar a posição como atores dominados e explorados na cadeia: os catadores sofrem com a precarização do trabalho e a baixa remuneração. Sua origem é a de situações anteriores de desemprego e vulnerabilidade social, conforme já mencionado e essencialmente em posição inferior em relação a capital econômico, cultural, social e simbólico nesta disputa com os empreendedores e sucateiros (EIGENHEER, FERREIRA, e ADLER, 2005). Em Florianópolis, foi possível constatar nas associações – em que pese os baixos rendimentos – há um processo de inclusão social, a exemplo de imigrantes haitianos da Associação 3 (voltamos ao tema no capítulo 3). Esses catadores haitianos conseguiram pagar por moradia e alimentação em Florianópolis, assim como trazer a família para Florianópolis.

1.3.1 O mercado local e o discurso de apelo ambiental

Ao compreender os recursos discursivos como instrumentos de legitimação, nos interessa compreendê-los dentro da logística reversa de eletroeletrônicos em Florianópolis, enquanto cadeia complexa eivada de acordos, discursos e conflitos diversos, a construção destes discursos, do que é ambientalmente correto, principalmente na imagem dos executivos modernos e quais as hierarquias presentes.

Importante destacar que para algumas empresas de reciclagem, como a Weee.do, o empreendimento mescla-se com o perfil e envolvimento social destes empreendedores, a partir do entendimento de um discurso de engajamento e conscientização dos consumidores para a coleta dos resíduos. Observamos este fenômeno através das análises das redes sociais, Instagram e Youtube da Weee.do, com palestras em vários locais do estado, junto às associações comerciais e industriais de cidades, com participações em eventos sobre E-lixo,

fóruns, como o Fórum de Logística Reversa, na semana do Lixo Zero em Joinville¹⁹. Igualmente postagens com temas voltados ao meio ambiente e sustentabilidade no Instagram e Facebook, como o exemplo abaixo:



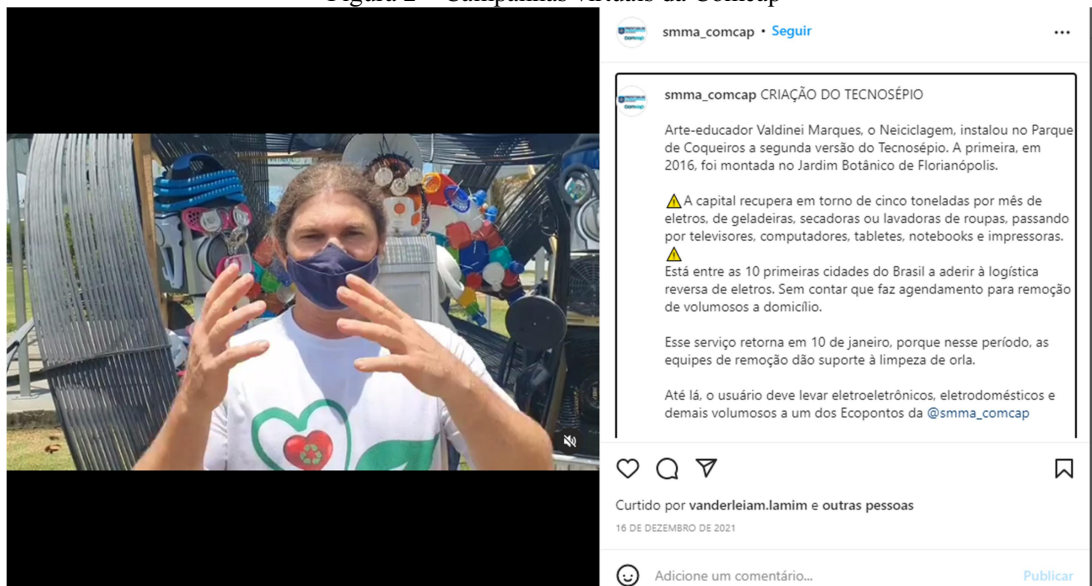
Fonte: Página do Instagram da Weee.do, 2021²⁰

Outro ator com maior capital cultural, a Comcap, realiza através de parcerias com empresas, como a Weee.do e com associações comerciais e organizações da sociedade civil, ações virtuais e presenciais de conscientização ambiental, com forte apelo a práticas sustentáveis, como reciclagem e separação de lixo. Como no exemplo abaixo:

¹⁹NSC TOTAL. **Semana Lixo Zero começa nesta sexta feira em Joinville; confira a programação completa.** Joinville, 2021. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/semana-lixo-zero-comeca-nesta-sexta-feira-em-joinville-confira-a-programacao-completa><https://www.nsctotal.com.br/noticias/semana-lixo-zero-comeca-nesta-sexta-feira-em-joinville-confira-a-programacao-completa>. Acesso em: 22 out. 2021.

²⁰WEEE.DO. **Medalhas das Olimpíadas de Tóquio foram feitas com parte de celulares e computadores reciclados.** Florianópolis. 23 jul. 2021. Instagram Weee.do. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRRlO6-hqPW/>. Acesso em: 23 jul. 2021.

Figura 2 – Campanhas virtuais da Comcap



Fonte: Página do Instagram da Comcap, 2021²¹

As associações de catadores e os sucateiros, conforme observado no Capítulo 3 e no Anexo A, embora compreendam a importância de um discurso ambiental, participam mais ativamente em atividades conjuntas a organizações e instituições, como a Comcap. Todavia, todos os entrevistados possuem redes sociais e sites com publicações de cunho ambiental, o que corrobora a sua compreensão da necessidade de um discurso que legitime suas ações no campo da reciclagem.

²¹ FLORIANÓPOLIS, Prefeitura de. Secretaria do Meio Ambiente. **Criação do Tecnosépio**. Florianópolis, 16 dez. 2021. Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CXjYwtxsJkD/>. Acesso em 16 dez. 2021.

Figura 3 – Rede Social da Associação 1



Fonte: Página do Instagram da Associação 1, 2021²²

Dentro deste discurso ambiental comum, se destacam palavras como sustentabilidade, reciclagem, desenvolvimento sustentável, lixo, preservação ambiental, práticas sustentáveis, baseados num discurso de crise ambiental global, mudanças climáticas, aquecimento global, poluição, conforme já comentado nesta dissertação, que servem como meio de justificação de diversas ações empresariais.

²² Página do Instagram da Associação 1, postagem de 25 abril 2021. Acesso em 25 abr. 2021

2 SOCIOGÊNESE DA LOGÍSTICA REVERSA DE ELETROELETRÔNICOS E O AMBIENTE LEGAL

No Brasil, a promulgação da Constituição Federal de 1988 significou o coroamento no trato das questões ambientais. No texto constitucional, o meio ambiente aparece pela primeira vez como um direito fundamental da pessoa humana, assegurando constitucionalmente a participação da população nos assuntos ambientais que lhe dizem respeito, e essa relação passaram a ser reconhecida institucionalmente, como fator importante para a sustentabilidade do desenvolvimento. (DIAS, 2007)

No que diz respeito, ao cumprimento do que determina a Constituição Federal, segue um maior detalhamento do artigo 225, Capítulo VI, do meio ambiente, § 3º:

Art. 225 - Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. [...]

§3º As condutas e atividades consideradas lesivas ao meio ambiente sujeitarão aos infratores, pessoas físicas ou jurídicas, a sanções penais e administrativas, independentemente da obrigação de reparar os danos causados.

Em âmbito mundial, no ano de 1972 foi realizada a Conferência de Estocolmo²³, marco das discussões referentes ao meio ambiente, onde foram estipuladas ações para que os países estabelecessem planos que compreendessem desenvolvimento e preservação ambiental: os recursos naturais devem ser preservados; a capacidade da Terra de produzir recursos renováveis deve ser mantida; os recursos não-renováveis devem ser compartilhados, não esgotados; a poluição não deve exceder a capacidade do meio ambiente de neutralizá-la; o desenvolvimento é necessário à melhoria do meio ambiente; as políticas ambientais não devem comprometer o desenvolvimento; um planejamento racional deve resolver conflitos entre meio ambiente e desenvolvimento; a ciência e a tecnologia devem ser usadas para melhorar o meio ambiente; a educação ambiental é essencial; deve-se promover pesquisas ambientais, principalmente em países em desenvolvimento.

Em 1978 foi criado na Alemanha o “selo ecológico”, que intitula os produtos ecologicamente corretos (DEUS et. al., 2010). Na década de 80, surgiu o conceito de

²³UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP. **Declaração de Estocolmo sobre ambiente humano – 1972**. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Meio-Ambiente/declaracao-de-estocolmo-sobre-o-ambiente-humano.html>. Acesso em 05 abr. 2019

desenvolvimento sustentável, nessa perspectiva de aliar preservação ambiental com desenvolvimento e que pressupõe o uso sustentável dos recursos naturais (Sartore, 2010 e 2012).

No Brasil, a partir da redemocratização, na década de 1980, houve um aumento de participação política e também de movimentos sociais, assim, segundo Candido, Soulé e Sacomano Neto (2018, p.10):

Os processos macro que ocorreram ao longo desta década permitiram a afluência de dois movimentos que são fundamentais para a compreensão do processo estudado. O primeiro é o movimento ambiental. Como argumentado por Alonso, Costa e Maciel (2007), a ascensão do ambientalismo no Brasil está relacionada a essa conjuntura nacional e também à consolidação de uma agenda ambiental internacional. Estes permitiram a mobilização de grupos enquadrando questões ambientais de acordo com mais conservacionista (protecionismo) ou pontos de vista socioambientais. Seu estudo mostra que um campo ambiental surgiu quando estes dois grupos formaram uma coligação para desenvolver os seus interesses que influenciam a nova Constituição, promulgada no início da década de 1990, e através da participação brasileira na Rio-92. Esta aliança e a formação de quadros comuns possibilitou a formação de um campo ambiental nacional, prevalecendo a visão socioambiental.

A Lei Federal n. 6938 de 31 de Agosto de 1981 dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Segundo Rios e Irigaray (2005, p.149) o “principal objetivo é a instituição de regras que tornem possível o desenvolvimento sustentável por meio de mecanismos e instrumentos capazes de conferir ao meio ambiente maior proteção”.

De acordo com a Lei, no seu Artigo 2º, o objetivo da Política Nacional do Meio Ambiente é “a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental”. Para isso devem ser atendidos alguns princípios, dentre eles, destacam-se:

- Ação governamental na manutenção do equilíbrio ecológico, considerando o meio ambiente como um patrimônio público a ser necessariamente assegurado e protegido, tendo em vista o uso coletivo;
- Planejamento e fiscalização do uso dos recursos ambientais;
- Incentivo ao estudo e à pesquisa de tecnologias orientadas para o uso racional e a proteção dos recursos ambientais;
- Acompanhamento do estado da qualidade ambiental;
- Educação ambiental a todos os níveis de ensino, inclusive a educação da comunidade, objetivando capacitá-la para participação ativa na defesa do meio ambiente.

É interessante perceber que em 1981 a Lei Federal nº 6938 já englobava diversos dos princípios utilizados hoje como base para o desenvolvimento sustentável, como a ideia de sustentabilidade criada em 1987, que determina o uso sustentável dos recursos naturais. É perceptível a importância dessa e de outras leis que passaram a regulamentar as questões ambientais desde a Conferência de Estocolmo em 1972.

Em 1992 aconteceu no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento, a RIO-92, já mencionada, na qual foram assinados os mais importantes acordos ambientais globais da história da humanidade: as Convenções do Clima e da Biodiversidade, a Agenda 21, a Declaração do Rio para Meio Ambiente e Desenvolvimento, e a Declaração de Princípios para Florestas. (CORDANI; MARCOVITCH; SALATI, 1997).

Após essa conferência a conservação ambiental passou a fazer parte das discussões políticas, sociais e econômicas. A partir da Rio+10 foram criadas também as COPS²⁴ e no ano de 2021 aconteceu a COP 26 que teve como intuito traçar metas para frear o aquecimento global. E dentro desta preocupação, a problemática envolvendo os resíduos despejados no meio ambiente ganha destaque e surge à necessidade de uma ação federal, a criação da Política Nacional de Resíduos Sólidos de 2010.

Todavia, é importante ressaltar, que atualmente vivemos retrocessos no que tange a políticas ambientais, principalmente no tratar de áreas de preservação ambiental. Mesmo diante de pressão internacional sobre o país, haja vista a importância da floresta amazônica num âmbito global, o desmatamento cresce de maneira alarmante. Há o desmantelamento dos órgãos responsáveis por fiscalizar e fazer cumprir as legislações vigentes.

Conforme já citado nesta dissertação, uma das preocupações atuais, em níveis globais, no que tange aos aspectos ambientais, é o E-lixo (lixo eletrônico) e antes de adentrar na Política Nacional de Resíduos Sólidos (no que tange aos resíduos eletroeletrônicos) e ao Decreto 10240/2020, nos interessa compreender as especificidades deste tipo de resíduo.

2.1 E- LIXO

²⁴BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Conferência das Partes**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2021. Disponível em: [https://antigo.mma.gov.br/clima/convencao-das-nacoes-unidas/conferencia-das-partes.html#:~:text=A%20Confer%C3%Aancia%20das%20Partes%20\(COP,pa%C3%ADses%20Parte%20em%20confer%C3%Aancias%20mundiais](https://antigo.mma.gov.br/clima/convencao-das-nacoes-unidas/conferencia-das-partes.html#:~:text=A%20Confer%C3%Aancia%20das%20Partes%20(COP,pa%C3%ADses%20Parte%20em%20confer%C3%Aancias%20mundiais). Acesso em 7 abr. 2021.

Como mencionado, especialistas da área ambiental tratam a questão dos dejetos como urgência para o desenvolvimento sustentável. No contexto econômico, eles podem ser vistos como um indicador de poder, ou seja, quanto mais um país gera resíduo mais a sociedade está consumindo, gerando com isso um “aquecimento econômico”. Todavia, do ponto de vista ambiental, o resíduo é considerado uma ameaça, já que a quantidade e a complexidade dos resíduos crescem e transformam-se a todo instante, aumentando cada vez mais a degradação ambiental.

Apoiada pela Sociologia Econômica, argumento como fundamental analisar a questão do lixo para além da perspectiva econômica e compreender os elementos extra-econômicos que explicam esta ação. Aspectos como historicidade, civilização, cultura, ecologia, estilo de vida e poder impulsionam uma reflexão ampla do tema. Waldman, 2010, retomando Polanyi, afirma que:

(...) a tendência em abstrair os fenômenos da vida humana da sua contextualização geográfica, histórica, cultural e social é uma tendência permanentemente notada nos discursos que versam sobre o lixo. Porém, dado que atuar no mundo e gerar resíduos são atitudes mutuamente consorciadas, não haveria como deixar de se notar o enlace que une o lixo com todas as expressões da vida social. (WALDMAN, 2010, p.44)

Dados da Organização das Nações Unidas (ONU) (2019) apontam: "o nível de produção de lixo eletrônico global deverá alcançar 120 milhões de toneladas ao ano em 2050 se as tendências atuais permanecerem". E apontam ainda que em 2017 foram geradas cerca de quarenta e quatro milhões de toneladas de lixo e que somente cerca de 20% deste lixo foi reciclado posteriormente.

Segundo a ABINEE (2017, p.19), os produtos eletroeletrônicos se subdividem em quatro linhas: verde, composta por desktops, notebooks, impressoras e aparelhos celulares, marrom, composta por televisores, monitores, DVD/VHS e produtos de áudio, branca, composta de geladeiras, refrigeradores e congeladores, fogões, lava-roupas e ar-condicionado e azul, bateadeiras, liquidificadores, ferros elétricos e furadeiras.

O lixo eletrônico se caracteriza pela sua periculosidade e origem. De acordo com o Relatório de Estudos de apresentação das propostas das Diretivas 2002/96/CE e 2002/95/CE feitas pela comissão das Comunidades Europeias ao Parlamento Europeu (IPEN, 2004), os produtos eletroeletrônicos possuem diversas substâncias nocivas à saúde e ao meio ambiente, conforme tabela abaixo, e isso corrobora a importância da destinação correta destes resíduos:

Tabela 2: Substâncias nocivas ao meio ambiente e a saúde

Substância	Onde é utilizada	Prejuízos aos seres vivos
Chumbo	Soldagem de placas de circuitos impressos, o vidro dos tubos de raios catódicos, a solda e o vidro das lâmpadas elétricas e fluorescentes.	Danos nos sistemas nervoso central e periférico dos seres humanos. Foram também observados efeitos no sistema endócrino. Além disso, o chumbo pode ter efeitos negativos no sistema circulatório e nos rins.
Mercúrio	Termostatos, sensores, relés e interruptores, equipamentos médicos, transmissão de dados, telecomunicações e telefones celulares	O mercúrio inorgânico disperso na água é transformado em metilmercúrio nos sedimentos depositados no fundo. O metilmercúrio acumula-se facilmente nos organismos vivos e concentra-se através da cadeia alimentar pela via dos peixes. O metilmercúrio provoca efeitos crônicos e causa danos no cérebro.
Cádmio	Em placas de circuitos impressos, resistências de chips SMD, semicondutores e detectores de infravermelhos. Os tubos de raios catódicos mais antigos contêm cádmio. Além disso, o cádmio tem sido utilizado como estabilizador em PVC.	Os compostos de cádmio são classificados como tóxicos e com risco de efeitos irreversíveis à saúde humana. O cádmio e os compostos decádmio acumulam-se no corpo humano, especialmente nos rins, podendo vir a deteriorá-los, com o tempo. O cádmio é absorvido por meio da respiração, mas também pode ser ingerido nos alimentos. Em caso de exposição prolongada, o cloreto de cádmio pode causar câncer e apresenta um risco de efeitos cumulativos

		no ambiente devido à sua toxicidade aguda e crônica.
PBB e PBDE retardadores de chama bromados - PBB e os éteres difenílicos polibromados - PBDE	Constam em produtos eletrônicos, como forma de assegurar uma proteção contra a inflamabilidade, o que constitui a principal utilização destas substâncias. Em quatro aplicações: placas de circuitos impressos, componentes como conectores, coberturas de plástico e cabos. Os 5-BDE, 8-BDE e 10-BDE são principalmente usados nas placas de circuitos impressos, nas coberturas de plástico dos televisores, componentes (como os conectores) e nos eletrodomésticos de cozinha.	São desreguladores endócrinos. Uma vez libertados no ambiente, os PBB podem atingir a cadeia alimentar, onde se concentram. Foram detectados PBB em peixes de várias regiões. A ingestão de peixe é um meio de transferência de PBB para os mamíferos e as aves. Não foi registrada qualquer assimilação nem degradação dos PBB pelas plantas.

Fonte: Adaptado do Relatório de Estudos de apresentação das propostas das Diretivas 2002/96/CE e 2002/95/CE²⁵

Verificando a tabela 2, observa-se que além dos riscos ambientais gerados pelo descarte incorreto desses materiais, ainda há riscos à saúde, o que confirma a importância da posse de um capital cultural pelo ator, para manuseio correto destes materiais.

Compreendendo a periculosidade deste resíduo e analisando a possibilidade de um destino ambientalmente correto a partir da reciclagem, Waldman (2010) menciona o avanço da consciência ambiental e a criação da Agenda 21, que inclui o conceito dos 3R's: Redução, reutilização e reciclagem. E posteriormente a criação de um quarto item, na Rio 92, que é o repensar. O autor, todavia, problematiza ao criticar o fato de a reciclagem estar a frente dos demais R's dentro das ações de cunho ambiental, pois segundo ele, os demais evitariam o descarte, e conseqüentemente a necessidade de uma reciclagem. No entanto, ainda segundo Waldman, a reciclagem pode ter caráter pedagógico dentro de programas de educação ambiental. "Ao buscar uma finalidade ambientalmente correta em cada atitude que estiver

²⁵ INSTITUTO DE PESQUISAS ENERGÉTICAS E NUCLEARES. **Resíduos de equipamentos elétricos e eletrônicos**. São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.ipen.br/biblioteca/cd/ict/2004/ARQUIVOS%20PDF/12/12-011.pdf>. Acesso em 01 mar. 2020

colocando em prática em seu cotidiano, o cidadão comum pode tomar consciência de questões muito mais complexas e desta forma, posicionar-se de modo crítico, construtivo e participante” (2010, p. 175).

Dentro deste panorama, verifica-se então o potencial de transformação que a reciclagem pode trazer tanto no quesito ambiental como no econômico. Na perspectiva de Bourdieu (2007), referente ao estilo de vida e às interconexões entre os campos, Candido, Soulé e Sacomano Neto (2018) corroboram que o surgimento do ambientalismo trouxe uma mudança de cultura, inclusive no que tange aos recicladores, antes estigmatizados como sujos, e agora definidos como agentes ambientais – o que não conseguimos confirmar na totalidade de forma empírica, visto que há uma hierarquia entre os catadores da rua e os vinculados a associações.

Neste quesito, não há quem negue que a popularidade granjeada pela reciclagem tem resultado, em boa parte, da intensa pregação ambientalista em favor da CSL (coleta seletiva de lixo). Claro que isto é uma verdade. Não por menos, em vista da reciclagem estimular menor ônus ambiental via conservação da energia, economia de água e conservação dos recursos naturais. Além disso, o reaproveitamento dos materiais diminui a quantidade de refugos destinada aos aterros, dilatando sua vida útil e evitando a requisição de novas áreas para tal finalidade (aliás, cada vez mais escassas em todas as áreas urbanizadas). (Waldman, 2010, p.176)

No que se refere aos conceitos de sustentabilidade, a reciclagem tem papel importante. Através dela os insumos utilizados na fabricação deixam de ser retirados do meio ambiente e passam a ser fornecidos pelos próprios bens produzidos quando estes bens retornam para a cadeia produtiva através da logística reversa.

Leite (2008, p.113) afirma que:

As economias nos canais reversos de reciclagem provêm da substituição das matérias-primas virgens por matérias-primas secundárias ou recicladas, que normalmente apresentam preços menores e exigem menores quantidades de insumos energéticos para sua fabricação.

De acordo com a Lei n. 12350 de 2010, que definiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos, reciclagem é o processo de transformação dos resíduos sólidos que envolve a alteração de suas propriedades físicas, físico-químicas ou biológicas, com vistas à transformação em insumos ou novos produtos, observadas as condições e os padrões estabelecidos pelos órgãos competentes do Sistema Nacional de Meio Ambiente (Sisnama) e,

se couber, do Sistema Nacional de Vigilância Sanitária(SNVS) e do Sistema Único de Atenção à Sanidade Agropecuária (Suasa).

Manzini e Vezzoli (2008, p.100) observam que “durante o desenvolvimento de um projeto que contemple o baixo impacto ambiental e que considere o fim de vida dos materiais contidos nos produtos, a reciclagem é relevante”. Nos casos específicos de resíduos tecnológicos, como os computadores, o processo de reciclagem nem sempre é utilizado para a geração do produto originalmente fabricado. Ou seja, nesse caso, muitas peças são utilizadas para a fabricação de outros bens.

A partir desta mudança de ótica, percebe-se que o que era visto como descartável e inútil, pode se tornar matéria prima dentro de um novo processo de produção, além de possibilitar a criação de postos de trabalho, e conquista de cidadania dos agentes envolvidos. Havendo assim, segundo Dias (2002), uma desconstrução semântica do lixo, trazendo novos sentidos cognitivos ao que era consideração “lixo”.

Por esta via, o que antes era entendido como inútil, torna-se útil; o que era desprezado transforma-se em matéria detentora de valor; o que era temido, passa a ser aceito; o que era descartado, hoje é poupado. Pontos de vista que atendem necessidades e demandas de uma realidade em mutação constante. (Waldman, 2010, p.30)

Neste sentido, trazendo para o objeto deste trabalho, o lixo eletrônico pode ser percebido como uma ameaça ambiental, mas também como um objeto a ser significado, dentro desta relação humano/natureza e na percepção deste como objeto de mercado. Considerando Weber (1999), o que torna um objeto algo valioso no mercado, não é uma característica intrínseca a ele, mas, a forma como o nosso interesse se dirige a ele. Ou ainda, considerando Bourdieu (2000), bens de mercado como quaisquer bens simbólicos são arbitrários culturais construídos e datados historicamente, a exemplo do mercado de casas próprias na França. Compreendendo o papel do Estado nestas relações, nos interessa compreender o ambiente burocrático/legal que sistematiza o gerenciamento de resíduos eletroeletrônicos no Brasil.

2.2 O AMBIENTE LEGAL: A LEI 12305/10, O DECRETO 10240/2020 E A CONSTRUÇÃO DO MERCADO DE RECICLAGEM

A primeira iniciativa para implementação de um sistema de gerenciamento de resíduos sólidos e que data de 1989, foi o Projeto de Lei do Senado Federal Nº 354/89, na câmara o projeto, com algumas modificações passou a ser o Nº 203/91. Já em 2006, a Comissão Especial da Política Nacional de Resíduos aprovou um substitutivo, que em 2017 serviu como base para uma discussão final para a criação da Política Nacional de Resíduos Sólidos, Lei 12305.

Durante este período longo de tramitação, houveram algumas resistências, principalmente do setor industrial, no que se refere à Logística Reversa e a responsabilidade pós-consumo. O consenso se deu a partir de acordos entre este setor e os catadores, além da possibilidade de passar uma imagem de sustentabilidade empresarial, ambiental e social. Reveilleau (2011).

Foram estes os aspectos possibilitaram a aprovação da Lei em 02 de agosto de 2010, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), que segundo seu Artigo 4º,

Reúne o conjunto de princípios, objetivos, instrumentos, diretrizes, metas e ações adotados pelo Governo Federal, isoladamente ou em regime de cooperação com Estados, Distrito Federal, Municípios ou particulares, com vistas à gestão integrada e ao gerenciamento ambientalmente adequado dos resíduos sólidos.

Como instrumento de sua implantação é apresentada a alternativa da logística reversa, que conforme o Capítulo II, Artigo 3º, Inciso XII da Lei n. 12305 de 2010, entende-se como:

Instrumento de desenvolvimento econômico e social caracterizado por um conjunto de ações, procedimentos e meios destinados a viabilizar a coleta e a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para reaproveitamento, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, ou outra destinação final ambientalmente adequada.

A Lei 12305/10 foi um marco regulatório dos resíduos sólidos e surgiu como uma resposta a compreensão de que o descarte de resíduos, de forma incorreta, produz impactos ambientais deletérios. O Art. 33, Seção II Capítulo III, Inciso VI, define que os produtos eletroeletrônicos e seus componentes estão obrigados a implementação da logística reversa.

Ainda de acordo com n. Lei n. 12305/2010, Art. 33, Seção II Capítulo III, são obrigados a estruturar e implementar sistemas de logística reversa, mediante retorno dos produtos após o uso pelo consumidor, de forma independente do serviço público de limpeza urbana e de manejo dos resíduos sólidos, os fabricantes, importadores, distribuidores e comerciantes de:

- I - agrotóxicos, seus resíduos e embalagens, assim como outros produtos cuja embalagem, após o uso, constitua resíduo perigoso, observadas as regras de gerenciamento de resíduos perigosos previstas em lei ou regulamento, em normas estabelecidas pelos órgãos do Sisnama, do SNVS e do Suasa, ou em normas técnicas;
- II - pilhas e baterias;
- III - pneus;
- IV - óleos lubrificantes, seus resíduos e embalagens;
- V - lâmpadas fluorescentes, de vapor de sódio e mercúrio e de luz mista;
- VI - produtos eletroeletrônicos e seus componentes.

Analisando a Lei acima, constata-se que fabricantes de elementos nocivos ao meio ambiente possuem obrigatoriedade de implantar a logística reversa; nesse contexto de acordo com o inciso VI ela abrange os resíduos eletroeletrônicos, que foram objeto de análise deste trabalho.

Conforme observado acima, quando o Estado define a criação de um sistema independente do próprio serviço público de limpeza, ele cria um novo item de mercado. Conforme Bourdieu (2005) e Fligstein (2001; 2001^a) o Estado ao se construir constrói diferentes mercados. Seja através de apoio e subsídio, ou neste caso através da retirada do Estado da obrigação de recolher e destinar estes materiais - já que se segundo o Decreto 10240/2020, é independente do serviço público de limpeza.

Em 2010 também foi publicado o Decreto 7404 que regulamentou a Lei 12305 e cria o Comitê Interministerial da Política Nacional de Resíduos Sólidos e o Comitê Orientador para a Implantação dos Sistemas de Logística Reversa. Todavia a implementação do Sistema de Logística Reversa para Eletroeletrônicos foi definida, de forma específica, somente em 2020, pelo Decreto n. 10240 de 12 de fevereiro, onde se estabeleceu as normas e obrigações de cada agente dentro dessa cadeia: consumidores, empresas, entidades gestoras, pessoas físicas e um Grupo de Acompanhamento de Performance.

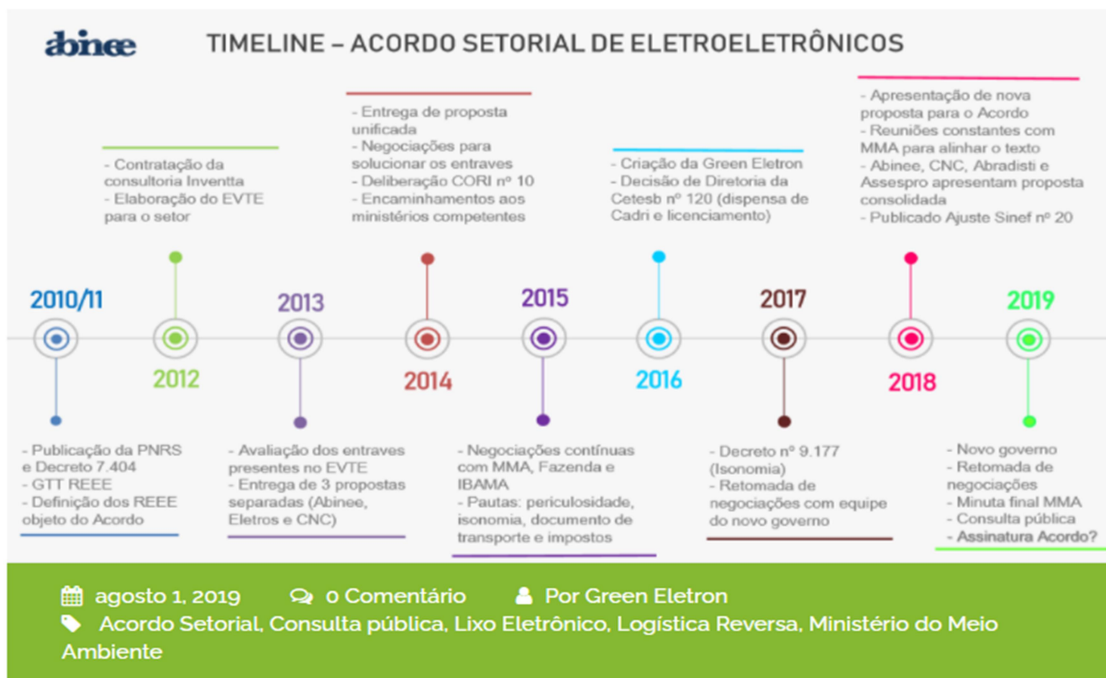
Esta implementação, conforme o Artigo 8º do citado Decreto, está se dando em duas fases. A primeira fase, a partir da publicação, abrangeu: a criação do Grupo de Acompanhamento de Performance; a adesão de fabricantes e importadores às entidades gestoras, a adesão de comerciantes e distribuidores às entidades gestoras; a instituição de mecanismo financeiro para assegurar a sustentabilidade econômica da estruturação, da implementação e da operacionalização; a estruturação - por meio do Grupo de Acompanhamento de Performance - de mecanismo que permita a coleta dos dados, a manifestação favorável e não vinculante do Ministério do Meio Ambiente em apoio às medidas fiscais de simplificação da operacionalização de transporte e remessa entre Estados para destinação final ambientalmente adequada de produtos eletroeletrônicos (isso inclui isenção de impostos nas saídas dos pontos de recebimento ou de consolidação); a

regulamentação pelo Ibama e o apoio do Ministério do Meio Ambiente junto aos órgãos ambientais competentes para a adoção de medidas simplificadoras que possibilitem a instalação de pontos de recebimento e pontos de consolidação nos Estados.

A fase dois, que conforme o Decreto compreende a fase atual que é: a habilitação de prestadores de serviços que podem atuar no sistema de logística reversa de produtos eletroeletrônicos; a elaboração de planos de comunicação e de educação ambiental não formal com o objetivo de divulgar a implantação do sistema de logística reversa e qualificar formadores de opinião, lideranças de entidades, associações e gestores municipais para apoiar a implementação do sistema; e a instalação de pontos de recebimento ou de consolidação e em Florianópolis começou a partir da assinatura, em novembro de 2021, da parceria entre a ABREE (Associação Brasileira de Reciclagem de Eletrônicos e Eletrodomésticos) e a Prefeitura de Florianópolis e também da adesão de empresas varejistas, como a Vivo, Casas Bahia e Magazine Luiza.

O decreto teve como base o acordo setorial de 2019, assinado em 31 de outubro, para implementação de um Sistema de Logística Reversa de Produtos Eletroeletrônicos e seus Componentes e publicado no Diário Oficial da União.

Figura 4 – Etapas de construção do acordo setorial



Fonte: Site da Green Eletron, 2019²⁶

²⁶GREEN ELETRON. **O que é o Acordo Setorial para a Logística Reversa de Eletroeletrônicos?** São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://greeneletron.org.br/blog/o-que-e-o-acordo-setorial-para-a-logistica-reversa-de-eletronicos/>> Acesso em 30 ago. 2021.

No acordo constam as ações necessárias para atendimento da Política Nacional de Resíduos Sólidos, e estabelece como entidades gestoras a Associação Brasileira de Reciclagem de Eletroeletrônicos e Eletrodomésticos (Abree) e a Gestora para Resíduos de Equipamentos Eletroeletrônicos Nacionais (Green Eletron). Em Florianópolis, as ações que eram coordenadas entre empresas privadas, recicladoras, gerenciadoras e consultorias, associações, grupos de planejamentos e parcerias com organizações públicas, como universidades e autarquia de melhoramento passa a ter as duas gestoras como intermediadoras da rede, como no caso dos convênios entre Abree, Comcap e Weee.do.

A Abree, de acordo com seu site, foi fundada em 2011 e tem o: “objetivo de organizar a gestão de resíduos sólidos, com a missão de trabalhar na destinação de eletroeletrônicos e eletrodomésticos no Brasil”. Ela é uma Associação Privada e segundo a Receita Federal, tem como atividade: organização associativa patronal e empresarial. Seus propósitos são: a gestão de resíduos sólidos dos associados, contratação, fiscalização e auditoria dos serviços de terceiros, eficiência nas informações geradas, promoção e administração de um sistema de informações.

A associação trabalha com estratégias de comunicação, como a utilização de diferentes meios de comunicação, campanhas para educação ambiental, busca manter seus associados informados sobre as iniciativas da associação, oferece suporte para alinhamento de mensagens de comunicação para os associados, incentiva o compartilhamento de informações, faz campanhas itinerantes de coletas pelo país, participa de eventos voltados ao varejo, divulga iniciativas para imprensa e nas redes sociais, tem um sistema de newsletter bimestral, busca mapear e capacitar recicladores, cooperativas e pontos de recebimentos. A Associação trabalha com os pontos de coleta e disponibiliza em seu site as informações de localização destes pontos. A dinâmica operacional se dá através dos associados, que são fabricantes e importadores e dos parceiros, que são os varejistas, associações comerciais, prefeituras, onde os pontos de coletas são dispostos. Entre os parceiros está a Prefeitura de Florianópolis via Comcap (ABREE, 2020).

Os demais parceiros são: Abimed, Prefeitura de Caraguatatuba, Carrefour, Codivar, Colecta, Ecoassist, Eletros, EuropeanRecycling Platform, Fecomercio SP, GPA, Magalu, Molécula, Prefeitura de Campinas, Prefeitura de Bragança Paulista, Prefeitura de Campo Grande, Prefeitura de Florianópolis, Prefeitura de Guaratinguetá, Prefeitura de Salto, Prefeitura de Santos, Prefeitura de Vitória, Prefeitura de Mogi das Cruzes, Prefeitura de São Caetano do Sul e Prefeitura de Presidente Prudente. (ABREE, 2020).

Os parceiros são: AccumedGlicomed, Ventisol, Agratto, AOC, Atlas, Britania, Philco, Canon, Culligan, Daikin, Electrolux, Elgin, Esmaltec, Europa, Everest, Eversoft, Fujitsu, Nest, Gama, Gree, Hikvision, Hitachi, Imbera, LG, Logitech, Lorenzetti, Mallory, Mary Kay, Metalfrio, Midia, Carrier, Mondial, Mueller, Newel, Newmaq, NHS, Grupo OVD, Panasonic, Philips, Ragtech, Roche, Samsung, GroupeSeb, Semp TCL, Singer, Sony, Stanley Black & Decker, Stihl, Tramontina, Trane, Ulfer, Wanke, Wap e Whirlpool. Em destaque é a que a associação firmou com a empresa do varejo Magazine Luiza, que objetiva a instalação de quinhentos pontos de recebimento no Brasil. Sendo que em 2021 começou a instalação de trinta e três pontos na grande São Paulo. (ABREE, 2020).

A parceria com a prefeitura de Florianópolis foi firmada em julho de 2021 através do termo de cooperação para o desenvolvimento da logística reversa dos produtos eletroeletrônicos e eletrodomésticos na fase final de vida útil. “O compromisso firmado prevê o recolhimento de quaisquer eletroeletrônicos e eletrodomésticos, independente do peso e tamanho, para efetivar a destinação ambientalmente correta, o que gera uma cadeia sustentável e maior preservação ao meio ambiente da região” (ABREE, 2021).

A segunda gestora da implementação da logística reversa de eletroeletrônicos, Green Eletron²⁷, da mesma forma que a ABREE, atende a Lei 12305/2010, PNRS, e surgiu, segundo seu site, a fim de “criar um sistema coletivo para operacionalizar a Logística Reversa de suas associadas de forma mais eficiente e econômica”. É uma Associação Privada ativa desde 18 de abril de 2018 e segundo a Receita Federal, tem como atividade a organização associativa patronal e empresarial. Atua com parceiros associados e de acordo com seu site, seu quadro de sócios não está delimitado pelos associados da Abinee, abrangendo qualquer empresa que atue na produção, importação ou comercialização de equipamentos elétricos e eletrônicos. “Com isso, a proposta da Green é contribuir para a integração da logística reversa nas ações de política industrial do setor eletroeletrônico, além de promover a economia circular, visando a geração de valor e a redução de custos”. A proposta de utilização de pontos de coleta também é utilizada pela Green Eletron e os pontos são disponibilizados em seu site. (GREEN ELETRON, 2021)

Em relação aos associados, são: Acer, Apple, Amazon, Anker, Arris, Asus, Bosch, Brother, Casio, Compal, Compaq, Dazz, Dell, DL, Eaton, Xiaomi, Duracell, Epson, Estrela,

²⁷GREEN ELETRON. **Quem somos**. São Paulo, 2020 Disponível em: <https://www.greeneletron.org.br/>. Acesso em 02 jan. 2021

Fame, Flez, Foxconn, Foroni, Fujifilm, Hayamax, Hayonik, HP, HDL, Intelbras, Jabil, Jacto, JFL, Karcher, Klatter, Legrand, Lenovo, Leroy Merlin, MG, Maxprint, Microsoft, Motorola, Multilaser, Positivo, Quantum, Samsung, Sodimac, Schneider, Steck, Tilibra, Vaio, Yamaha. Distribuidores: Bluevix, Cogra, Dicomp, Data, Ingram, Inpower, Mazer, Nagem, Oderço, SND, Velans e WDC. Os parceiros são: Assaí, Carrefour, Casas Bahia, Coop, Comprebem, Droga Raia, Drogasil, Extra, Facens, Fecomercio SP, GPA, Graacc, Greenk, Grupo Big, Kalunga, Leroy Merlin, Makro, Multicoisas, Prefeitura de Barueri, Ponto, Senac, Sesc, Cantareira Norte Shopping, Super Shopping Osasco, Tenda, Nin e Marche. A Green Eletron disponibiliza também em seu site os recicladores homologados: GM&C, Weee.do, Reverse, Programando o futuro, Sinctronics e Brasil Reverso. (GREEN ELETRON, 2021)

As gestoras atuam na integração entre os atores envolvidos na rede de logística reversa de eletroeletrônicos. Em conversa via WhatsApp, Rae (2021), sócio da Weee.do, citou que as entidades se mantêm financeiramente através de um rateio entre os associados, que varia de acordo com a quantidade, em peso, de mercadorias colocadas no mercado através desta integração.

Referente aos capitais culturais verificados no campo, o presidente da Abree, Sérgio Carvalho Maurício²⁸ é graduado em Engenharia Mecânica, na USP, pós graduado em Administração Industrial pela Fundação Vanzolini, possui curso de extensão em Logística pela Fundação Getúlio Vargas, MBA em Administração pela Universitat Sr. Gallen, Liderança e Administração pela International Institute for Management Development e Vendas e Marketing pela HEC Paris, o presidente da Green Eletron, Humberto Barbato Neto²⁹, é também presidente da Abinee, é graduado em Administração de Empresas, com Especialização em Comércio Exterior pela Organização dos Estados Americanos (OEA) e MBA em Administração de Pequenas e Médias Empresas no Ministério da Indústria e Energia do Governo da Espanha.

O financiamento do sistema de logística reversa de produtos eletroeletrônicos, segundo o Decreto:

- I - serão repassados pelas empresas por meio de pagamento direto às entidades gestoras ou por sistemas individuais, na proporção correspondente à sua participação no mercado de uso doméstico; e
- II - contemplarão todas as fases da operação do sistema de logística reversa, incluída a execução dos planos de comunicação e de educação ambiental não formal; e

²⁸ MAURÍCIO, Sérgio de C. **Página do LinkedIn**. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/sergiomauricio001/pt>. Acesso em 15 jan. 2022.

²⁹ BARBATO, Humberto. **Página do LinkedIn Humberto Barbato**. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/humberto-barbato-86b23481>. Acesso em 04 fev. 2022.

III - serão fixados de forma diferenciada para cada tipo de produto eletroeletrônico, definidos de acordo com critérios técnicos e econômicos e as particularidades do produto e observados os índices oficiais de reajuste.

O decreto também define a participação das associações de catadores:

Art. 37. As cooperativas e as associações de catadores de materiais recicláveis poderão integrar o sistema de logística reversa de que trata este Decreto:

I - desde que sejam legalmente constituídas e habilitadas; e

II - por meio de instrumento legal firmado entre a cooperativa ou a associação e as empresas ou entidades gestoras, para prestação dos serviços, na forma da legislação.

A partir do avanço das fases de implementação, é possível observar um alto capital cultural e econômico entre os atores envolvidos, todavia por ainda estar na fase de cadastro e chamadas públicas para atores, não foi possível o contato com as entidades para possíveis entrevistas. No entanto, nos interessa perceber dois universos distintos, um da logística reversa de eletroeletrônicos através de sistemas coletivos, no caso das associadas e parceiras da Green Eletron e da Abree, onde há uma divisão de ações, e outro do dia-a-dia dos pequenos sucateiros, das cooperativas e dos catadores. O quanto esses universos estão em disputa ou convivem, fica como pista de pesquisa para trabalhos futuros.

3 O MERCADO DE RECICLAGEM DE LOGÍSTICA REVERSA DE RESÍDUOS ELETROELETRÔNICOS EM FLORIANÓPOLIS

Florianópolis, segundo site da Prefeitura Municipal³⁰, foi a primeira cidade a implementar a coleta seletiva porta a porta no Brasil. Sua gestão de resíduos recicláveis é exemplo para outras cidades no país. Ainda segundo a prefeitura, a coleta seletiva abrange 100% dos bairros do município, com um alto índice de inclusão de catadores, sendo que 7,5% de todo resíduo (total de resíduos gerados no município) é enviado para reciclagem, via associações de catadores.

Em 2018, via Decreto Municipal, criou-se o Programa Lixo Zero, segundo a PMF:

O Programa Florianópolis Capital Lixo Zero abrange projetos, ações, atividades e técnicas, métodos e inovações para incentivar a sociedade civil, a iniciativa privada e o poder público a não produzir e reduzir a geração de lixo e a valorizar os resíduos sólidos urbanos (RSU) e sua reinserção aos ciclos naturais ou econômicos (PMF, 2020)

De acordo com o presidente da Comcap, Lucas Arruda (2020)³¹, Florianópolis é a capital que mais recicla no país, mas a meta é ir de 7,5% de resíduos reciclados para 60% até 2030. “Com os indicadores de reciclagem em crescimento, entre 2017 e 2020, a Comcap desviou do aterro sanitário 54 mil toneladas de recicláveis secos e orgânicos o que permitiu uma redução de emissão de 132 mil toneladas de carbono equivalente” (PMF, 2020).

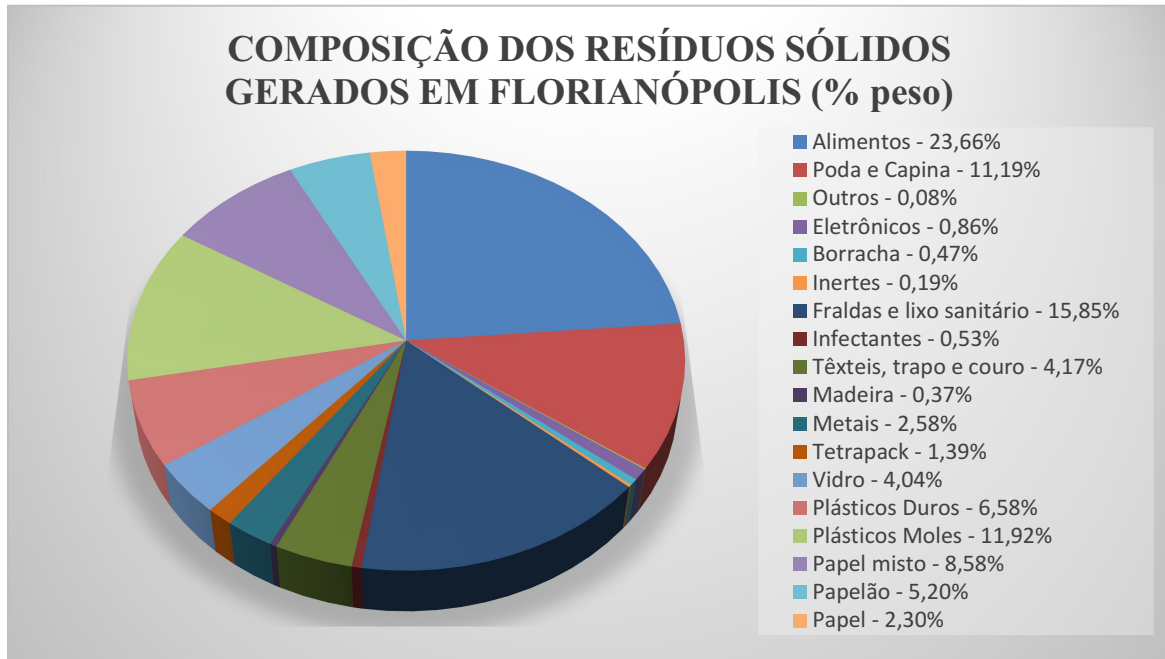
³⁰ FLORIANÓPOLIS, Prefeitura Municipal de. **Evolução da Limpeza Pública na Capital**. Florianópolis, 2020. Disponível em:

<https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?cms=evolucao+da+limpeza+publica+na+capital&menu=1&submenuid=sobre>> Acesso em 15 abr. 2022

³¹ FLORIANÓPOLIS, Prefeitura Municipal de. **PMF investiu R\$ 10 milhões em coleta seletiva para acelerar metas lixo zero**. Florianópolis, 2020. Disponível em:

<<http://www.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=notpagina¬i=22693>> Acesso em 17 nov. 2020.

Figura 5 – Composição dos resíduos sólidos gerados em Florianópolis



Fonte: Adaptado de Painel I: Gestão dos Resíduos Urbanos – Eliminação e Recuperação dos Lixões – ABRAMPA, 2018³²

Embora representem um percentual baixo do total de resíduos, os eletroeletrônicos fazem parte do projeto para tornar Florianópolis uma cidade com a máxima destinação ambientalmente correta de resíduos. Todavia, seguem um fluxo diferente dos resíduos comuns (plástico, papel, vidro e metal), visto que não são coletados na coleta seletiva porta a porta, exceto em casos onde os cidadãos fazem o descarte indevido junto aos demais materiais. A coleta desses resíduos, conforme mencionado no presente trabalho, é feita via PEVs, que são coletados pela Weee.do, processo que foi desenhado a partir de entrevista realizada junto à empresa e abordada no capítulo 3 e no Anexo A.

A partir da PNRS, do Decreto 10.240/2020 e dos Acordos Setoriais, foi determinado que a Abree e a Green Eletron que farão a gestão, conforme já apresentado no capítulo 2, dessa cadeia de logística reversa de resíduos eletroeletrônicos, ou seja, para que a empresa esteja de acordo com a legislação, ela deve estar vinculada a estas duas entidades ou montar um sistema de logística reverso próprio que atenda todas as regulamentações dadas pelo Decreto 10240/2020.

³² ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS MEMBROS DO MINISTÉRIO DE MEIO AMBIENTE. **Painel I: Gestão dos Resíduos Urbanos – Eliminação e Recuperação dos Lixões.** Florianópolis, mar. 2018. Disponível em: https://seminario.abrampa.org.br/doc/florianopolis/flavia_vieira_guimaraes_orofino.pdf. Acesso em 05 mai. 2020.

Em Florianópolis, até maio de 2022 a única empresa autorizada a fazer o gerenciamento deste resíduo era a Weee.do. No entanto, no mercado, há também empresas de sucatas que fazem a compra e coleta destes materiais, e as associações, que recebem recicláveis na coleta seletiva (destinados indevidamente conforme já citado), e de cidadãos que entregam diretamente no local. Então, a fim de compreendermos como se forma o mercado de logística reversa de eletroeletrônicos em Florianópolis é importante fazer uma sociogênese dos principais atores econômicos envolvidos, percebendo suas trajetórias, os discursos e a hierarquia dentro deste mercado.

3.1 COMCAP

A Comcap é a autarquia ligada a Secretaria do Meio Ambiente e é responsável pela coleta convencional de resíduos, pela coleta seletiva, capina e roçagem, manutenção de praças, limpeza de valas, coleta em áreas críticas, limpeza da orla das praias, PEVs, varrição, caixa Brooks, abastecimento de toda frota municipal, controle de pragas, pequenas manutenções de prédios públicos, pinturas de meio fio, lavação e higienização de ruas e abordagem social (PMF, 2020). Analisar a autarquia nos permite compreender os elos entre as associações e a coleta seletiva e a Weee.do e a coleta de resíduos eletroeletrônicos e nesse sentido o papel da instituição pública nesta intermediação.

A coleta seletiva de recicláveis, classe II, como: papel, papelão, plástico, metais, isopor, abastece todas as associações de catadores de forma proporcional ao número de cooperados e conforme a capacidade de processamento. Além destes resíduos, há outras coletas operadas pela autarquia, como de podas, de orgânicos, de resíduos oriundos da construção civil, móveis, eletrodomésticos e eletroeletrônicos. Sendo que os dois últimos são coletados em parceria com a Weee.do e a Abree, conforme citado na entrevista, realizada em 17 de novembro de 2021, com duração de quarenta e sete minutos e de uma visita ao local, realizadas em 03 de dezembro de 2021, com o engenheiro da Comcap, Wilson Cancian Lopes, que estão descritas abaixo.

No que tange ao mercado de reciclagem como um todo no município, Lopes (2021) cita que como os valores de resíduos aumentaram em função da falta de matéria prima no mercado, houve um valor agregado alto, aumentou o número de catadores na cidade e diminuiu a quantidade de resíduos para a coleta e para as associações. Segundo ele, reflexo igualmente da crise econômica e do aumento da vulnerabilidade social, o que nos reforça a

ideia da atividade de catação e reciclagem de resíduos, como uma urgência do dia a dia, sem perspectivas de longo prazo.

Lopes cita que empresas e pessoas físicas de outras cidades vêm a Florianópolis com caminhões a fim de coletar os materiais junto aos catadores, deixando no município somente o que não possui valor comercial agregado, como latas e vidros. Ele cita que no período de um ano o volume de coleta seletiva que era de mil toneladas “foi de quatrocentas, trezentas, quinhentas, seiscentas toneladas, não conseguimos subir mais que isso mensal” Esta redução gerou impacto nas associações e fez com que os cooperados retornassem a coleta nas ruas. Informação confirmada em entrevistas com as associações.

Neste sentido, há na câmara dos vereadores um projeto de lei que regulamenta a atividade de catação no município, baseado justamente nessa baixa na captação destes resíduos para as associações:

(...) os galpões ficaram vazios, pela concorrência desleal de clandestinos. A renda nos sete galpões licenciados que sustentam 370 pessoas e 200 famílias despencou em até 70%. Além de diminuir a quantidade, a coleta pirata reduz a qualidade dos resíduos que chegam aos galpões licenciados, aumentando o rejeito de 20% para até 40% do total. (PMF,2021)³³

O projeto enviado pela prefeitura prevê a exclusividade de coleta seletiva pela prefeitura e por entidades autorizadas, e segundo Lopes (2021) possui apoio das associações de catadores³⁴:

Eliane Feyh Brum, presidente da Associação 3, informa que a cooperativa atua há quatro anos e “*tudo que tem são pessoas unidas para trabalhar, separar material reciclável, vender e colocar comida nas mesas de 30 famílias*”. Entre os associados há pessoas idosas, imigrantes, pessoas sem qualificação para o mercado. Quando há material disponível na coleta pública, essas pessoas conseguem fazer salário digno, em torno de R\$ 2 mil.

Batalhamos tanto para ter essa lei, então peço de coração que seja apoiada. Queremos a legislação não para prejudicar alguém, mas para que cooperativas consigam trabalhar. Cada catador que sai da rua e vem para a cooperativa passar a ter uniforme, equipamento de proteção individual (EPI), vacinas. O trabalhador passa a ter segurança, pagamos INSS, se ficar doente levamos ao médico. É uma parceria séria, aqui as pessoas estão amparadas. Não podemos deixar pessoas na rua em situação humilhante, empurrando carrinho de mão ou gaiolas.

³³FLORIANÓPOLIS, Prefeitura Municipal. **Projeto de lei que regula a coleta seletiva tem apoio dos catadores.** Florianópolis, 2021. Disponível em:

<<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?pagina=notpagina&menu=0¬i=23938>> Acesso em 10 nov. 2021

Todavia, vale reforçar o interesse específico da presidente da associação, visto que essa lei reduz a concorrência no mercado, além de limitar o trabalho dos catadores ao vínculo junto às associações, além de percebermos a dominação burocrática/legal por parte de atores do Estado neste processo.

Lopes (2021) ainda afirma que 20% do que é coletado vira rejeito, e que não é possível identificar onde estes são descartados pelos catadores informais. De acordo com Lopes (2021), houve um investimento alto em caminhões, em 2020 os caminhões passaram a voltar vazios. E a Comcap passou a entregar pouco às associações. Para ele, *“todas as profissões devem ser regulamentadas, principalmente por serem materiais que podem gerar passivos ambientais”*. Aqui aparece o apelo ambiental do estado, mas que pode gerar um efeito de exclusão social, contraponto o citado por Soulé e Sacomano Neto (2018). Estes autores argumentam que há inclusão destes atores como agentes ambientais, a partir do surgimento do ambientalismo. Isto nos permite refletir sobre quais atores são considerados agentes ambientais e quais não, a partir da ótica do ente público, visto que para a Comcap e Secretaria do Meio Ambiente, só seriam considerados catadores, num sentido formal, se vinculados a associações.

A organização dos catadores em associações começou em 2009, sendo que a Associação 1 foi a primeira a ser estabelecida, segundo Lopes (2021), eles tinham um local de separação junto à ponte Colombo Salles, e depois em outra área de preservação ambiental próxima. Com o início da coleta seletiva na cidade, foi feito um acordo com o Ministério Público, onde foi disponibilizado aos catadores, um galpão junto a Comcap no bairro Itacorubi.

No início houve resistência por parte dos catadores, pessoas em situação de exclusão possuem um receio do poder público, percebendo essas iniciativas como ameaças. Os catadores também acreditavam que haveria uma redução nas receitas, no entanto, segundo o entrevistado, em dois anos foi possível constatar o contrário: a criação de uma relação de confiança com a prefeitura e também uma percepção de maior rentabilidade. Ainda conforme o entrevistado, o tempo de coleta que era responsabilidade dos catadores, passou a ser feito pela Comcap e eles passaram a utilizar este tempo na separação e processamento dos resíduos, aumentando assim a capacidade produtiva.

Lopes (2021) afirma que todo material enviado as associações é monitorado e toda parte de licenças ambientais, tanto do Ibama, como do IMA (Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina), exigências legais para essa atividade, assim como a licença para operações do

corpo de bombeiros, é feita com auxílio da Comcap. As vendas feitas pelas associações são realizadas com notas fiscais.

Parcerias feitas pelas associações, como a Abihpec (Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos) também obrigam as associações a uma prestação de contas do material coletado e do destino final. Estas parcerias geram investimentos nas associações, conforme será demonstrado nas entrevistas analisadas no próximo capítulo (LOPES, 2021).

No que tange especificamente aos resíduos eletroeletrônicos, Lopes (2021) explica que a logística funciona de maneira diferente, o que é coletado pelas associações na coleta seletiva representa a menor parte dos resíduos. A coleta formal é feita através dos Ecopontos e dos PEVs disponibilizados tanto pela Comcap, quanto pela Weee.do.

A fim de compreendermos a construção do mercado, nos interessou fazer uma sociogênese deste, e na entrevista Lopes cita o OSC INFO, como a primeira parceria da Comcap, em 2010, para coleta de resíduos eletrônicos, mais especificamente, computadores. Conforme citado nesta dissertação, o OSC INFO promove inclusão social através da tecnologia, sendo assim os computadores e demais equipamentos de informática eram enviados para a utilização nos projetos da organização. Segundo Lopes (2021), não havia na Comcap um local para alocação destes materiais, e, portanto, a parceria viabilizou uma destinação ambiental e socialmente correta destes equipamentos, sem a geração de um passivo ambiental para a prefeitura. No que se refere a construção da parceria com a Weee.do via OSC INFO, o entrevistado cita que o sócio da Weee.do foi estagiário da autarquia e após sua saída, tornou-se um parceiro.

Conforme será mencionado quando abordada a OSC Info, a relação da Comcap com a organização é anterior a Weee.do, e era através de uma parceria com outra empresa de reciclagem, de propriedade do pai de um dos sócios da Weee.do, nesse sentido nos interessa observar a formação dessas relações a partir do capital social, constituído através da rede de relações do ator e que permite o acesso aos recursos desta rede³⁵.

³⁵ BOURDIEU, Pierre. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.) Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 65-69 (3. ed., 2001).

Em novembro de 2021, Florianópolis ganhou o selo Abree³⁶ pela implementação da logística reversa de eletroeletrônicos e eletrodomésticos, sendo a segunda capital do país a conseguir o selo:

O secretário de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável, Luciano Buligon, destacou que Florianópolis deve ser o ponto de partida para a coleta e logística reversa de eletroeletrônicos e eletrodomésticos em Santa Catarina. Ele destacou que Florianópolis por ser a primeira cidade do país a fazer a coleta seletiva de porta em porta, no final dos anos 80, e a primeira capital a assumir as metas lixo zero.

A partir desse convênio firmado entre a Abree e a Comcap, começa também a coleta de eletrodomésticos, que segundo Lopes eram enviados para as associações, todavia algumas delas não tinham licença para operá-los, e passam a serem enviados para a Weee.do, assim como os eletroeletrônicos.

Lopes explica que a Abree contatou a prefeitura para alinhar um sistema de logística reversa de eletroeletrônicos e eletrodomésticos, sendo que em um primeiro momento o material seria armazenado junto a Comcap e a Abree seria responsável pela coleta, todavia, em função da dificuldade de disponibilizar um espaço físico para armazenamento, a Comcap indicou a Weee.do, e esta fechou uma parceria com a Abree, como ente local. Segundo Lopes: *“com isso, conseguimos ampliar o volume de coleta de eletrodomésticos, as pessoas descartavam muito como sucata, e acredito que há uma grande quantidade deste material represado em empresas que fazem manutenções”*.

Assim, a remoção é feita na cidade via agendamento, e anúncios convidam a população a levar recicláveis até os ecopontos. A prefeitura disponibiliza cinco ecopontos: um no sul da ilha, um no norte da ilha, um na parte continental e um junto a Comcap. A Weee.do é a empresa autorizada a fazer a coleta diretamente nestes locais (LOPES, 2021).

³⁶ FLORIANÓPOLIS, Prefeitura Municipal. **Florianópolis ganha o selo Abree pela logística reversa de eletros**. Florianópolis, 2021. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?pagina=notpagina&menu=0¬i=23875>. Acesso em 27 out. 2021

Figura 6 - Ecoponto Comcap



Fonte: Fotografia tirada pela autora³⁷

O entrevistado cita que o processo de logística dos eletrodomésticos é semelhante com os PEVs de eletrônicos. Igualmente a Weee.do realiza a coleta diretamente nestes pontos de entrega voluntários. No entanto, diferentemente dos eletroeletrônicos, não há um reaproveitamento destes materiais, somente a separação e posterior venda das peças pela Weee.do.

Sobre esta questão do reaproveitamento, Lopes (2021) afirma que no caso dos eletrodomésticos não há a possibilidade de reaproveitamento, diferente dos eletroeletrônicos, que, podem ser reaproveitados para projetos sociais, mas no entanto, ele afirma que somente 20% dos materiais eletroeletrônicos coletados são passíveis de reutilização pela Weee.do, e que este material recuperado é enviado para o OSC INFO, conforme próximo tópico, ou para outras entidades, e que os demais 80% são desmontados e as peças comercializadas pela empresa gerenciadora de resíduos.

³⁷ Fotografia feita em visita realizada a Comcap em 03 de dezembro de 2021 com o Engenheiro Lopes.

Figura 7 – Eco ponto Comcap



Fonte: Página do Instagram da Weee.do, 2021³⁸

Isso acontece, de acordo com o entrevistado, porque os descartes, majoritariamente, são de materiais obsoletos, e afirma que na atualidade isso acontece rapidamente, em função das atualizações tecnológicas. Todavia Lopes (2021) compreende o valor comercial destes materiais:

No caso da Weee.do ali tem valor comercial né, para o tipo de material que eles separam. Não sei como ele acertou com Abree em relação ao retorno destes materiais. Cria-se todo um processo local que facilita pra todo mundo, pra nós não gera um passivo, recebemos todas as certificações que ele tem, e fechamos um ciclo, ninguém descarta na rua, tem agendamento, a pessoa liga e marca.

Em relação ao que consta na PNRS, no Decreto 10240/2020 e no Acordo Setorial, como uma possibilidade de trabalho junto às associações de catadores, na implementação da

³⁸ WEEE.DO. Florianópolis ganha selo Abree pela logística reversa de eletros. Florianópolis. 04 nov. 2021. Instagram Weee.do. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CV3dBD9P4tm/>. Acesso em: 23 jul. 2021.

logística reversa dos materiais eletroeletrônicos, o entrevistado comenta que há uma vontade por parte delas de trabalharem com estes resíduos, no entanto essas associações não possuem licença ambiental específica para este tipo de material.

Lopes (2021) salienta ainda que a Comcap participa ativamente da elaboração das licenças das associações em relação aos resíduos secos. Todavia estas licenças não permitem a entrada destes materiais. Na prática, conforme constatado em entrevista com as associações, há o recebimento destes resíduos junto à coleta seletiva, oriundos do descarte incorreto dos moradores e em alguns casos são vendidos mesmo sem licença específica para tal fim. Lopes (2021) reafirma que a Weee.do possui todas as licenças para a atividade:

O que eles fazem, eles fazem o desmonte, porque só armazenar o material, a gente pode, tipo aqui na Comcap, a gente armazena o material, mas não podemos desmontar o material, para desmonte o Mark lá, tem uma licença especial pra ele fazer isso, então ele tem todo um processo, ele entra com uma licença ambiental,³⁹ então para o Mark é permitido ele fazer o desmonte porque ele tem todas as comprovações de encaminhamento dos materiais, toda segurança do galpão dele em desmontar os materiais que são tóxicos. Já nós aqui na Comcap, nosso galpão de armazenamento, e as próprias associações não tem esse tipo de licença.

Ou seja, para as associações começarem a fazer o processamento deste material, desmonte e venda das peças, há a necessidade de uma licença especial, assim como um conhecimento técnico do processo de desmontagem e armazenamento que o sócio da Weee.do - como engenheiro ambiental - tem e os catadores e associações não possuem. O que destaca a necessidade de um capital cultural para atuação junto a esses resíduos. Igualmente há necessidade de uma área diferente da que são processados os demais materiais, para a triagem e desmonte, o que incorre em custos altos para associações, que, conforme percebido nas entrevistas, enfrentam dificuldades econômicas.

Eu sei que ali tem materiais que tem um bom valor de mercado, mas eles não podem fazer, porque no eles destruírem esse material, fazer a desconstrução deste material, eles vão gerar passivo ambiental que eles não vão conseguir vender e podem começar a colocar no descarte do rejeito e aí gera um problema, então a gente aconselha a população a colocar todo esse material para nossa coleta porque nesse sentido a gente tem todo um caminho correto para encaminhar. Para as associações a gente entrega o material da coleta seletiva propriamente dita. (LOPES, 2021)

³⁹ Licença ambiental de operação da estrutura do IMA e Cadastro técnico do IBAMA – específicos para armazenamento de resíduos perigosos eletrônicos

Lopes (2021) reforça que não percebe como vantajosa a atividade para as associações, visto que, segundo ele, os resíduos que são oriundos da coleta seletiva são poucos, e que os ecopontos são todos encaminhados para a Weee.do, que tem controle sobre todas as entradas e saídas. Se de um lado não é possível perceber uma vontade da autarquia na ampliação do serviço junto às associações, de outro parece difícil ultrapassar a falta de conhecimento técnico por parte das associações, sem o apoio de especialistas. *“Para as associações fazerem esse trabalho eles teriam que se capacitar, não vejo como eles conseguiriam ter todo o aparato que o Mark tem. Não digo que no futuro não possam ter, mas eles terão que se preparar pra isso”* (LOPES, 2021).

Sobre a logística reversa direta para as indústrias ou comércios, Lopes (2021) diz que: *“a logística reversa é uma responsabilidade das indústrias, mas como há lentidão a Comcap está rápida e vai atropelando-os, mas sei que há campanhas para descarte nas lojas e nas indústrias”*. Todavia a orientação no município é para o descarte nos PEVs e Ecopontos, onde todos os equipamentos recebidos terão como destino a Weee.do.

A partir dos acordos setoriais e da definição da Abree e da GreenEletron, começaram a acontecer parcerias entre grandes lojistas e indústrias a fim de formar uma rede de cooperação entre os atores envolvidos na logística reversa de resíduos eletroeletrônicos, como exemplo da Magazine Luiza⁴⁰, que em São Paulo já coletava resíduos desde 2021 e passou a coletar em Florianópolis em 2022, e os repassar para outro ator associado da Abree de São Paulo, que faz o gerenciamento, atuando de forma similar a Prefeitura de Florianópolis junto a Weee.do (RAE, 2022).

No que se refere à prática de *Dumpsterdiving*, comum em países europeus e nos Estados Unidos, Lopes (2021) acredita que no Brasil os materiais eletroeletrônicos e eletrodomésticos são usados *“até o osso”* e por isso o reuso é mais complexo, ou mesmo há a venda em aplicativos como OLX. Ou seja, esta circulação que acontece pela dádiva e de maneira informal nos EUA, no Brasil passa por canais formais e envolve trocas mercantis. Não é o foco desta dissertação, porém fica como pista para pesquisas futuras, comparar dois ambientes institucionais diversos de coordenação de eletroeletrônicos.

Lopes (2021) cita igualmente um projeto municipal de *lishop*, que seria um local de reuso, mas que *“ainda não nasceu porque é necessário um galpão. Onde o que fosse possível reaproveitar ficaria lá, e o que não (fosse possível) iria para a coleta”*. Esse entrevistado

⁴⁰ MAGALU VAI COLETAR E RECICLAR LIXO ELETRÔNICO. Disponível em: <https://www.reciclasampa.com.br/artigo/magalu-vai-coletar-e-reciclar-lixo-eletronico>

comenta também sobre experiências europeias, como Gotemburgo, “*onde há um local grande que as pessoas levam objetos e muitas vezes tem só um preço simbólico*”. Em Torino, “*começaram com bicicletas, arrumaram e revendiam, criaram um ecoponto, criaram até uma marcenaria*”.

Questionado também sobre uma rede de cooperação entre os municípios metropolitanos, Lopes (2021) afirma que houve uma tentativa de um consórcio na área de tratamento de resíduos entre os municípios da região metropolitana, mas que, todavia não há uma cooperação entre os municípios e o projeto não saiu do papel. Ele observa que um consórcio aumentaria a capacidade de destinação de resíduos em maior volume; este movimento poderia trazer empresas para a região. Segundo o entrevistado, isto facilitaria a logística gerando empregos locais. “*Mas politicamente não aconteceu, é só uma vontade política, não tem custo nenhum*” (LOPES, 2021).

Para finalizar, Lopes (2021) também trouxe outras iniciativas da Comcap, como a coleta de vidros, com um aumento de 20% com os coletores específicos para tais resíduos espalhados pela cidade. E também a coleta de EPS (isopor), recebidos na Associação 1 em uma parceria com a Plastvida e a Santa Luzia rodapés. Neste setor, houve um investimento em maquinário destinado a redução de tamanho do resíduo. Outro processo são as cápsulas de café, que iam para aterro e agora vai para Nexpresso; os contêineres serão colocados em condomínios.

É importante salientar também que há no município um conflito entre a autarquia e o governo municipal, visto a tentativa do governo municipal de terceirizar alguns serviços, como a coleta de resíduos, causando manifestações e greve por parte dos servidores da Comcap⁴¹.

3.2 OSC INFO

O OSC INFO foi fundado em 2011, sendo uma Organização de Utilidade Pública Estadual, através da Lei 15.565 de 21 de Setembro de 2011. Segundo o site da instituição, a proposta pedagógica é baseada nos conceitos do educador Paulo Freire, “*uma pedagogia*

⁴¹ NSC TOTAL. **Greve da Comcap em Florianópolis completa uma semana.** Saiba como está o serviço. Florianópolis, 2022. Disponível em: <<https://www.nscotal.com.br/noticias/trabalhadores-da-comcap-entram-em-greve-em-florianopolis-0>> Acesso em 09 fev. 2022.

construída a partir da percepção da realidade local, que pode ser transformada a partir da ação cidadã”. A missão do OSC INFO é transformar vidas através da tecnologia.

Figura 8 - Projetos OSC INFO



Fonte: Site do OSC INFO, 2021⁴²

Por se tratar de um elo entre a Comcap e a Weee.do, foi realizada uma entrevista com o diretor executivo Marcio Santos, a fim de compreendermos como se formou esta parceria. A entrevista foi realizada em 02 de dezembro de 2021 e teve duração de doze minutos.

Segundo Santos (2021), o OSC INFO começou atendendo Santa Catarina e agora atende também os estados do Paraná e do Rio Grande do Sul. E como os projetos são feitos dentro das comunidades em parceria com organizações sociais, havia uma demanda por computadores, então foi criado o programa Reciclatec, onde foram estabelecidos postos de coleta e feitas campanhas de divulgação, além do contato direto com empresas para coleta de computadores. A partir da coleta, o CERTEC (Centro de Reciclagem Tecnológica), que fica dentro da Weee.do, faz a manutenção e o conserto desses equipamentos, deixando os aptos para utilização nos projetos.

O programa Reciclatec é anterior a Weee.do, começou através da parceria com a Circular, empresa de propriedade do pai de um dos sócios da Weee.do, Mark Rae, sendo depois transferido para a Weee.do, a partir da criação desta. *“Nós encontramos como trabalhar com um parceiro que entenda do assunto e tem responsabilidade socioambiental, então reunimos todo o material que é reaproveitado ou conduzido de uma forma que não venha afetar o meio-ambiental”* (SANTOS, 2021).

Segundo o entrevistado, é feita uma tabela com as necessidades da entidade, e a partir desta é fornecido o material pela Weee.do. Sendo que mais de mil computadores foram

⁴² Florianópolis, 2021. Disponível em seu site. Acesso em 15 nov. 2021.

recebido e resultaram em laboratórios. A entidade participou também da doação de computadores para organizações sociais, como a OAB Cidadão, com cerca de quinhentas organizações sociais, sendo que em cada evento foram sorteados de dois a três computadores.

Em relação à divulgação, Santos (2021) comenta que foram realizadas grandes campanhas na mídia televisiva local em 2012 e que:

Nessa parceria com a Comcap está estabelecida a divulgação, mas efetivamente não tem acontecido, gostaria que tivesse mais empenho, nesse aspecto, até porque hoje em dia, pra nós essa questão de reuso desses equipamentos para os programas sociais, já não é um problema, então hoje são raras as solicitações que nós temos para esses equipamentos, de fornecimento. (SANTOS, 2021).

Santos (2021) relata que com a Pandemia os trabalhos se voltaram ao ensino remoto, onde há casos de empréstimos de computadores, mas não é a maioria. Sendo que há programas com mais de cem crianças participando de forma online e na inscrição o pré-requisito é terem computadores e internet, então a partir deste novo cenário, não está ocorrendo a necessidade de computadores advindos da Weee.do.

3.3 WEEE.DO

A Weee.do é a maior empresa de gerenciamento de resíduos eletroeletrônicos de Santa Catarina e mantém parceria com os atores citados acima. Como já destacado, ela pauta sua forma de atuação por diálogos e acordos. Conforme entrevista realizada em 08 de janeiro de 2021, com duração de 56 minutos, com um dos sócios, Mark Jacobowitz Rae, a empresa é uma sociedade entre ele e Fábio Zavala Pauletto, ambos com formação em Engenharia Sanitária e Ambiental na UFSC. A experiência com o mercado do gerenciamento de resíduos é anterior à abertura de empresa, sendo Rae atuante em consultoria e Pauletto em uma empresa de consultoria ambiental e também é uma atividade que já estava na família de Rae, visto que seu pai era proprietário de uma empresa que atuava no mesmo campo.

Figura 9 – Fachada Weee.do



Fonte: Google Maps, 2021⁴³

Em relação à operacionalidade da empresa, segundo Rae (2021), a Weee.do processa em torno de 40 toneladas de resíduos por mês, sendo que oriundos da Comcap são cerca de 4 à 4,5 toneladas mês. Recebido, o material é armazenado temporariamente, sendo feita a separação e triagem. O que é passível de reuso é destinado ao setor de remanufatura e o restante é armazenado por linha. Por exemplo: linhas com placa separam-se o plástico, o ferro, o alumínio, a placa eletrônica, e os demais componentes; após a separação do volume necessário, é feita a venda ou a destinação dos resíduos. *“Recebeu, armazenou, triou, armazenou pra desmanche, desmanchou, armazenou pra saída, saiu”* (RAE, 2021). Segundo o entrevistado, há uma rastreabilidade de todos os materiais que passam pela empresa, através de um controle de estoque rígido, com os pontos de coletas e a destinação final, além do cumprimento de todas as licenças municipais, estaduais e federais, conforme será citado no decorrer.

⁴³ GOOGLE MAPS. **Weee.do**. Disponível em:

https://www.google.com.br/maps/place/Weee.do+Log%C3%ADstica+Reversa+de+Eletroeletr%C3%B4nicos/@-27.6171456,-48.6606405,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipM4ZedsQMeRvA71IjMbSnRi6WQGqp6w_fY7zSdc!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipM4ZedsQMeRvA71IjMbSnRi6WQGqp6w_fY7zSdc%3Dw203-h114-k-no!7i4128!8i2322!4m5!3m4!1s0x0:0x135665929dc1c959!8m2!3d-27.6171083!4d-48.6608514?hl=pt-BR. Acesso em 15 ago. 2021.

Figura 10 – Setor operacional da Weee.do



Fonte: Weee.do – enviada pelo entrevistado⁴⁴

O entrevistado cita que seus clientes, em sua maioria, são empresas nacionais, mas em relação às placas, uma parte é exportada e outra é vendida para empresas exportadoras. Todo material é destinado à refinadora. Os resíduos funcionam como *commodities*, e a Weee.do negocia o melhor valor. Resíduos não reciclados tornam-se passivo e são enviados para aterros industriais localizados em Santa Catarina. A venda é feita em reais, no caso de venda interna e em Euros no caso das exportações, embora o preço tenha influência direta do dólar e das multinacionais, como Gerdau e o preço do ferro. Conforme nos explica Rae, o preço tem uma flutuação como *commodities* e no caso das exportações também há a flutuação cambial.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos foi percebida como uma ferramenta de trabalho pelos sócios, visto que ambos já se encontravam dentro do mercado, com experiência na parte de consultoria e conhecimento técnico, advindo das suas formações. Entre 2014 e 2015 surgiu a ideia de uma empresa que efetuasse o gerenciamento dos resíduos eletroeletrônicos, e fosse além da consultoria, mercado que ambos atuavam. Em 2016 a mesma foi registrada na Receita Federal (RAE, 2021).

⁴⁴ Fotografia recebida por e-mail, do sócio da Weee.do, Mark Rae em 15 de Dezembro de 2021.

Rae (2021) cita que a empresa tem sua base de negócios no sistema B2B (Business to Business), conceito que se refere a uma relação de empresa para com empresa, atingindo grandes empresas de Santa Catarina, e gerando a maior parte do faturamento da empresa. Todavia, algumas coisas mudaram com a publicação do Acordo Setorial, assinado em 2019. Analisando o mercado e acompanhando as mudanças no Brasil e em outros países, ele relata que percebeu a necessidade de se adequar também a coleta de resíduos oriundos de pessoas físicas, através dos PEVs. A empresa está presentes em cerca de quarenta e um municípios em Santa Catarina e em Florianópolis possui cerca de 20 PEVs, além dos Ecopontos em parceria com a COMCAP:

A gente entendia que o acordo setorial ia sair em algum momento, que a logística reversa ia ter que pegar, não era ainda determinado qual era o modelo que ia ser aplicado, mas a gente tinha uma perspectiva de que os pontos de entrega voluntários seriam uma das melhores ferramentas porque estava escrito na lei que poderia ser assim já, a gente estudou Brasil e fora, como era nos EUA, como era na Europa, como era no Japão, regiões com a logística reversa mais avançadas e meio que não tem como fugir disso, a Dell vai fazer um sistema de Take Back com voucher (tipo de desconto na aquisição de um novo equipamento de acordo com o equipamento entregue), por exemplo, mas é a Dell, e nem todo mundo vai querer fazer um esquema com voucher, mais fácil ter um shopping do lado e ele ter um PEV lá, talvez é mais fácil ele deixar lá. (RAE, 2021)

O entrevistado cita que os PEVs facilitam o descarte para os consumidores, pela colocação em locais estratégicos e de grande circulação, como mercados, universidades, shoppings, entre outros, e que, são à maneira de retorno social da atividade, inclusive citado como obrigatório pela PNRS.

Os PEVs foram uma estratégia do B2C (Business to crowd), que é o lado social de fato, eu entendo, no meu entendimento de lixo, dentro do saneamento como um todo, que é água, esgoto, água da chuva e lixo, o lixo é mais social de todos, porque ele depende de uma pró atividade. (RAE, 2021)

A fala de Rae denota para a necessidade de internalização deste *habitus* reciclador por parte dos consumidores, os PEVs bem localizados, auxiliam na criação de uma cultura de reciclagem de eletroeletrônicos. O entrevistado cita também a dificuldade dos consumidores do descarte de produtos maiores como Televisores com tubo, ou monitores grandes, e que ainda é possível encontrar estes itens descartados em terrenos baldios, ou locais semelhantes, e também nesse sentido, os PEVs facilitam o descarte. “As pessoas, a

população precisava de um lugar pra destinar com tranquilidade, evitando jogar na esquina ou na calçada” (RAE, 2021).

Figura 11 - PEV



Fonte: Google Imagens, 2021⁴⁵

Em relação às cooperativas, o entrevistado questiona sua forma de funcionamento, ao mesmo tempo em que mostra uma imagem negativa dos recicladores. Ele cita que: as pessoas tendem a vitimizá-los e acharem que eles são coitados, “*entendo sim que eles são marginalizados, que tem uma deficiência de estado, de não fornecer educação e um monte de coisa, mas geralmente esse pessoal aí é bem trambiqueiro*” (RAE, 2021). Ele corrobora uma visão negativa dos catadores, ainda que compreenda como uma falha do estado e um problema social, ao se referir a eles como trambiqueiros, os categoriza como inferiores dentro do campo da reciclagem.

É possível compreender pelos dados das entrevistas que entre as associações de catadores há a venda de materiais eletroeletrônicos para sucateiros, sem uma preocupação com licenças. Todavia, pelo relatado pelos entrevistados, isso se dá por uma questão de sobrevivência econômica das associações.

⁴⁵ CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFEBE. **Centro Universitário é ponto de coleta de lixo eletrônico**. 2021. Disponível em: <https://www.unifebe.edu.br/site/clipping/28-de-janeiro-de-2020-radio-araguaia-centro-universitario-e-ponto-de-coleta-de-lixo-eletronico/>. Acesso em 15 dez. 2021.

O entrevistado lembra que as organizações de recicladores só possuem autorização para coleta de materiais classe dois, os resíduos não perigosos. De acordo com a NBR 10004, esses objetos são popularmente chamados de recicláveis secos, plástico, papel, metal e vidro. Rae (2021) tece críticas à forma de trabalho das cooperativas e o quanto elas rejeitam materiais que são recicláveis, como isopor. *“Se eles focassem em fazer direito o cerne da atividade deles, estaria tudo certo”*, cita que a Associação 1, fatura mais de 15 milhões de reais no ano. Essas informações não foram passíveis de confirmação em função da negativa em conceder entrevista da Associação 1, todavia foi reforçado pelo entrevistado Engenheiro Wilson Lopes da Comcap que o repasse aos associados é feito de acordo com o processado semanalmente, ou seja, recebem por produção e não de acordo com o faturado na Associação.

Rae (2021) salienta que a maioria das cooperativas não tem licença ambiental para operar, e em relação a resíduos eletrônicos nem mesmo autorização. Segundo ele, as partes não vendáveis são descartadas de forma indevida pelas cooperativas, diretamente no lixo comum, recolhido pela Comcap, sendo que estes podem conter materiais tóxicos e nocivos para os solos e para a saúde humana. Essa informação não foi confirmada nas entrevistas, as associações que vendem resíduos eletroeletrônicos, os vendem inteiros, sem separação de peças, e, portanto, sem descarte. Referente às licenças, conforme entrevista com a Comcap e com as Associações e Cooperativas pode-se constatar que as cooperativas, com auxílio da Comcap, possuem licenças ambientais, municipais e estaduais, além dos registros federais, todavia elas são apenas para operar com resíduos não eletrônicos, como plástico, papelão, metal, papel, isopor, óleo de cozinha, entre outros.

A Weee.do, segundo Rae (2021), tem uma central de resíduos perigosos e estes são destinados de forma ambientalmente correta, tendo um custo alto para tal, mas segundo ele, é o ônus do processo. Cita também que ao trabalharem com grandes indústrias, são auditados, e devem fornecer constantemente relatórios ambientais.

Figura 12 – Resíduos Perigosos Weee.do



Fonte: Weee.do – enviada pelo entrevistado⁴⁶

Diferente do que foi observado por Le Baron (2018) na Europa, no que se refere a um *habitus* reciclador, Rae (2021), observa que a reciclagem no Brasil ainda não engloba todos os setores. Mesmo materiais que a população já está acostumada a descartar corretamente, como materiais recicláveis comuns (papel, plástico e vidro) ainda carecem de uma maior conscientização e logística. Ele cita o exemplo de resíduos da construção civil, que mesmo quando utilizados os papas entulho, o descarte por vezes se dá em locais inadequados.

Sobre os resíduos eletroeletrônicos, Rae (2021) cita o desafio da educação e formação individual como ameaças a coordenação da cadeia: o entrevistado complementa que “*se as pessoas não sabem o que fazer direito com um papel de bala, imagina com um resíduo eletrônico*” (RAE, 2021). Segundo o entrevistado, o PEV também é uma tentativa de educar a população na importância da destinação correta destes resíduos.

Rae (2021) destaca outra questão importante dos PEVs, o alto número de furtos nos ecopontos. Seja por funcionários do estabelecimento, ou por outras pessoas que tem

⁴⁶ Fotografia recebida por e-mail, do sócio da Weee.do, Mark Rae em 15 de Dezembro de 2021.

contato com eles. Ele cita o exemplo da UFSC, onde a empresa já tentou retirar os PEVs da Universidade em função dos furtos e do perigo do mal uso desses equipamentos, sendo que computadores e celulares podem conter informações importantes dos consumidores, como fotos e documentos. O entrevistado cita que a empresa, ao receber os resíduos, como telefones, computadores, notebook, reseta todos os arquivos, para evitar qualquer tipo de vazamento de arquivos.

É possível observar o capital social de um agente socializado na classe média e que finalizou o ensino superior em universidade pública (no Brasil, ainda privilegio da elite). Rae possui graduação em Engenharia Sanitária e Ambiental pela Universidade Federal de Santa Catarina, fez também cursos de especialização em gerenciamento de resíduos sólidos e possui experiência nas áreas de planejamento, implementação, operação e controle de sistemas de gestão e gerenciamento de resíduos.

Em relação às parcerias da Weee.do com o poder público, Rae (2021) cita a parceria com a Comcap e com a UFSC, ambas intermediadas pela OSC INFO, ele cita que essas relações foram facilitadas através da parceira com a organização social, devido a complexidade de se trabalhar diretamente com os órgãos, ou instituições públicas. *“Quando um governo doa, faz uma doação, é para o OSC INFO, nosso convênio com o OSC INFO prevê que a gente opere tudo isso, então a operação é nossa, mas o material é do OSC INFO”* (RAE, 2021).

A Weee.do atua também na instalação dos computadores e no conserto destes para uso nos projetos sociais da OSC INFO e só se torna estoque da Weee.do o que é descartado pela organização. Ou seja, não há um pagamento monetário pelo serviço da Weee.do, este é feito com os rejeitos dos materiais da OSC INFO. Rae (2021) complementa que por ano fornece em torno de cem a duzentos computadores para projetos do OSC INFO.

Em entrevista realizada com o executivo do OSC INFO, Marcio Santos, verificou-se que a parceria com a Comcap começou com a empresa Circular (empresa de propriedade do pai de Mark Rae), e em 2016 passou para a Weee.do através da Reciclatec, programa que tem como objetivo reciclar, recondicionar e dar um destino ambientalmente correto para os equipamentos de informática que são descartados por empresas e pela população em geral e do Certec, Centro de Reciclagem Tecnológica que fica dentro da Weee.do. Outras parcerias com entes públicos são, com o Tribunal de

Justiça e com a Alesc, na indicação da empresa para o descarte dos resíduos eletroeletrônicos.

Com relação à legislação ambiental e atuação dos atores envolvidos na logística reversa de resíduos eletroeletrônicos, o entrevistado declara que diversos atores não possuem licença ambiental. Rae (2021) cita ainda que, se há uma fiscalização da FATMA (Fundação do Meio Ambiente) e não há licença ambiental de operação da estrutura e Cadastro Técnico do IBAMA, há muitas altas, que poderiam até mesmo gerar a falência da empresa. Apesar disso, segundo ele: *“dá pra contar em três dedos quem tem licença no estado”* (Rae, 2021)

Rae (2021) cita esta questão das licenças como um dos pontos de disputa de mercado, que podemos considerar aqui como parte dos contenciosos visto que a Weee.do por mantê-las em dia, possui mais custos do que os sucateiros que disputam o mercado.

Muitas vezes um próprio órgão ambiental me liga, pô Mark, mas vem buscar aqui, mas pô tenho que cobrar pra levar esses tonners de cartucho de vocês, porque não dá, ah mas o sucateirinho aqui do lado falou que leva de graça, tá mas eu tenho toda a documentação, como é que eu vou competir com um sucateiro, eu não tenho, porque todos os meus funcionários são CLTs, (...).(RAE, 2021)

O entrevistado cita que por ter todos os custos para manter a empresa dentro das normas e legislações, tanto trabalhistas, quanto ambientais e tributárias, não enxerga como uma disputa justa com os sucateiros, visto que estes não priorizam estas questões, e têm menores custos. Aqui vemos uma disputa entre o mercado formal e informal, empresas dentro da racionalidade capitalista – conforme Weber - e de outro lado empreendimentos informais numa lógica tradicional, tentando sobreviver. E mesmo com consumidores finais, ao citar os custos para retirada de materiais em residências ou empresas, estes entram em conflito, por não entenderem o processo. Rae (2021) cita o caso de uma pessoa que respondeu: *“ah, então eu vou jogar na esquina, já que você não quer vim aqui buscar”*.

Referente às licenças, segundo Rae em uma segunda entrevista em dezembro de 2021 e citada no decorrer da dissertação, são elas: Alvará de funcionamento, Alvará do corpo de bombeiros, Cadastro Técnico Federal do IBAMA, Registro no MTR online – Instituto IMA, Licença Ambiental de Operação da Estrutura – Existe uma licença específica para resíduos eletroeletrônicos. Laudos de saúde ocupacional em dia, NR 11,

NR 12, NR 23, Veículos a diesel – teste da fumaça. O motorista tem que ter o MOP, os veículos o CIP e o CIF, tacógrafo. De acordo com o entrevistado: “*Só aí tu já gasta cinco mil reais em cada veículo*”. E que por questões estratégicas também possui Licença de transporte e mantém todas as CNDs (Certidões Negativas de Débitos) atualizadas.

Dão umas três páginas de itens assim, se eu, por exemplo, passo por uma auditoria pelos clientes, elas vêm com uma necessidade que eu responda, geralmente questionários com cinquenta perguntas e aí eles te dão uma nota, que tu tens que tirar acima de X.

Percebe-se com o relatado por Rae, a necessidade de um investimento técnico e financeiro para a manutenção do aparato burocrático de acordo com as legislações. O que corrobora o que foi mencionado por Lopes (2021), no que se refere aos custos e necessidade de adaptação às legislações por parte das associações.

Embora o relatado por Rae (2021) como uma disputa injusta, ele não considera os sucateiros seus concorrentes de mercado. Segundo o entrevistado “*concorrentes são os que estão melhores que eu*”. Mas cita que em Florianópolis são inúmeras as empresas que se enquadram como sucateiros, informação confirmada com pesquisas em buscadores online e ao transitar pela cidade.

E a partir desta questão envolvendo custos, Rae (2021) traz novamente o conflito com as associações/cooperativas: “*Eu brigo muito com cooperativa, essas coisas, porque eu acho injusta a forma como funciona. As pessoas querem ajudar eles, mas não sabem que eles estão fazendo coisa errada no final das contas (...), a mania de vitimismo que o povo tem*”. Rae (2021) cita também a divisão do dinheiro dentro das cooperativas, “*vai ver se o presidente da cooperativa não tá levando cinco vezes mais*”, o entrevistado complementa dizendo que alguns cooperados não recebem nem um salário-mínimo. Embora não tenha sido possível confirmar com as entrevistas se há um ganho maior do presidente, pode haver uma distribuição desigual destes recursos, visto que somente em uma das associações visitadas há uma divisão igualitária entre os cooperados, sendo assim, é possível nas demais perceber uma cadeia assimétrica, visto que os cooperados recebem por produção, sem uma transparência em relação aos ganhos reais das associações.

Rae (2021) cita o exemplo da Associação 1, que recebe em torno de novecentas toneladas de resíduos recicláveis por mês, sem comprovação da destinação destes resíduos.

Tem coronealismo dentro dessas porra toda, no Brasil a fora, essas paradas aí, alguém com um pouco mais de inteligência, que amarrou os coitadinho lá, e você vai perguntar pra eles, qual é, é muita flutuação aqui dentro, os caras não param aqui, mas não param porquê? Porque não é justo o trabalho que acontece ali dentro. (RAE, 2021)

Aqui o entrevistado destaca os problemas relacionados a informalidade destes processos, e como a estrutura das cooperativas são hierarquizadas, mas pouco racionalizadas, funcionam fora da lógica de uma empresa. O entrevistado destaca aspectos de dominação dentro das cooperativas, o que foi possível confirmar em algumas das associações, que através desta dominação retém maior capital econômico, e abaixo os cooperativados que atuam com a mão de obra, sendo que, segundo o entrevistado, explorados e dominados dentro desta cadeia produtiva.

No que se refere às relações do entrevistado, vistas também dentro do seu capital social e cultural, é importante destacar aspectos da sua trajetória que o aproximaram de outros atores chave do campo: a Comcap tem um papel importante, Rae (2021) afirma que esta construção se deu a partir da sua atuação dentro da autarquia, como estagiário, enquanto estudante de Engenharia Sanitária e Ambiental na UFSC, por cerca de dois anos:

Tenho um bom relacionamento lá, e a gente foi amarrando, juntei o OSC INFO, e falei, vamos fazer um bem bolado aqui pra ficar bom pra todo mundo, aí não tinha porque não, eles têm a instituição mais renomada do estado do lado deles, na cidade deles, não tem porque não, a gente faz a mesma coisa em Jaraguá, com a SAMAE de lá. (RAE, 2021)

Rae (2021) comenta também que os resíduos que a Weee.do recebe via COMCAP são somente os dos ECOPONTOS e da parceria com o OSC INFO, os advindos da coleta seletiva são destinados às cooperativas e posteriormente aos sucateiros. É possível observar aqui que existe uma disputa de mercado entre empresas formalmente constituídas e empreendimentos sem licenciamento, que abarcam parte importante do mercado. As associações não vendem para a Weee.do e sim para outras empresas sucateiras, que segundo o entrevistado não possuem licença ambiental, mas que são escolhidas pelas cooperativas em função das vantagens econômicas, já citadas acima. “Porque eles não me vendem? Porque eu vou pagar menos que o cara, e porque eu vou pagar menos? Porque eu tenho custos que o cara não tem” (RAE, 2021).

O entrevistado cita que já negou trabalhar com cooperativas, mesmo quando estas o procuram, por entender os problemas que viriam desta relação, tanto na questão econômica, quanto em relação aos tipos de materiais coletados, que segundo Rae (2021), são de qualidade ruim e de difícil destinação. Essa informação foi contestada em entrevista junto a Associação 3, com Fernandes, que comentou em entrevista citada nos próximos tópicos, que a Weee.do tentou comprar resíduos eletrônicos da associação.

Importante mencionar novamente o capital social deste ator. No que se refere à relação com a UFSC, Rae (2021) cita sua formação em Engenharia Sanitária e Ambiental na universidade, e sua boa relação com os responsáveis pelas ações ambientais dentro dela. Estas relações foram fundamentais para a colocação dos PEVs, e também a parceria com a OSC INFO, e volta a citar o número de furtos e conversas para uma maior vigilância por parte da UFSC.

No que se refere a parcerias com associações empresariais tão bem como a conexão com as prefeituras, Rae (2021) aponta para a construção de uma parceria como ACIF, ACAFE e Abinee, e declara:

Nas cidades a gente entendeu que seria muito difícil termos que ficar sendo os donos dos programas nas cidades, fazendo todo comercial pra arranjar parceiros, então pensamos em facilitar isso, aí pegamos as associações das cidades, e oferecemos:

Você quer ter um programa de reciclagem de lixo eletrônico aqui na sua cidade?

Queremos, como que faz?

Assina esse contrato com a gente, à gente vai entregar tudo de graça pra você, operar tudo de graça pra você, montar os PEVs pra você, você só tem que articular, você só tem que arranjar parceiro novo, pegar a demanda dos seus parceiros e mandar pra gente, ficar fazendo mais um lobby, vamos dizer assim, entre a gente e o parceiro, e aí o ponto é seu, a cada x pontos a gente dá um computador pra instituição poder fazer uma entrega numa creche municipal, o que eles quiserem fazer, daí é ideia deles, geralmente vai para algum órgão carente assim. (RAE, 2021)

Percebe-se aqui a visão da importância novamente de um capital social, uma rede de contatos, de encontro à definição de Bourdieu, como um conjunto de relações que podem trazer benefícios, além do capital e poder simbólico deste grupo dentro do mercado de eletroeletrônicos. Igualmente importante a capacidade de articulação de um ator que consegue estabelecer parcerias e estabelecer redes de confiança.

Sobre as ONGs, Rae (2021) menciona que a Weee.do trabalha em parceria somente com o OSC INFO, embora existam contatos de outras ONGs na busca por computadores, estes contatos são encaminhados para que a OSC INFO faça a

intermediação. Outra forma de atuação é via associações comerciais, que ao receberem os computadores podem doar a ONGs e Instituições.

No que diz respeito aos ambientalistas, o entrevistado aponta que:

Os ambientalistas, quando você me fala ambientalistas, me remete a pessoas extremas, eu sou de certa forma um ambientalista, porque o meu trabalho é proteger o meio ambiente, mas eu tenho um raciocínio meio claro sobre os limites das coisas, eu como fiz o Plano Municipal de Floripa⁴⁷, eu sou uma pessoa que planeja macroprojetos, uma cidade inteira e não tenho a audácia de dizer que eu vou resolver o problema de Florianópolis em um ou dois anos, numa gestão de quatro anos, que sejam duas de oito, cara, a gente está falando de uma cidade, está falando de coisas que demandam educação, que lixo é muito educação, então poxa, estamos falando de vinte anos, de dez, vinte anos, quicá trinta anos pra mudar essa dinâmica, então, Mark, poxa, mas aí fica p. com o governo que não resolve o pepino(do lixo), beleza, eu não estou falando que o governo também não ...faz um monte de coisa errada, mas não dá pra esperar que coisas irão ser resolvidas, coisas grandes deste tipo, vão ser resolvidas em pouco tempo. (RAE, 2021)

Sobre a PNRS, Rae (2021) cita que ela “já resolveu bastante coisa”, mas que é necessária uma mudança de cultura. O entrevistado cita ainda que, “uma cultura não muda do dia para o outro”. Sua crítica em relação aos ambientalistas é o imediatismo de seus discursos e críticas.

Florianópolis é uma cidade que possui muitas ações voltadas ao meio ambiente, sendo que o vereador mais votado na cidade é atuante nas causas ambientais, Marquito (Marcos José de Abreu)⁴⁸, Engenheiro Agrônomo e Mestre em Agroecossistemas pela UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. A cidade se destaca por suas características naturais, como praias, dunas, mangues e diversas áreas de proteção ambiental. Entre as entidades ambientalistas, destacam-se a Associação do Movimento Ecológico Livre – MEL⁴⁹; a Associação Catarinense de Proteção dos Animais – ACAPRA⁵⁰ e a APREMA⁵¹.

⁴⁷ FLORIANÓPOLIS, Prefeitura Municipal de. Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos – PMGIRS. Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/sistemas/pmgirs/>. Acesso em 20 jul. 2021.

⁴⁸ STROISH, Bruna. **Marquito**: Conheça o vereador mais votado de Florianópolis nas eleições 2020. Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://ndmais.com.br/politica/marquito-conheca-o-vereador-mais-votado-de-florianopolis-nas-eleicoes-2020/>. Acesso em 17 nov. 2020.

⁴⁹ **MOVIMENTO ECOLÓGICO LIVRE (MEL)**: história da defesa ambiente em Santa Catarina. Publicado pelo canal EcoAgência de Notícias Ambientais, 30 nov. 2021. (82 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-IK5R0G5WEY>. Acesso em nov. 2021

⁵⁰ DIÁRIO DA CIDADE. **Acapra em Florianópolis**. Disponível em: <https://www.diariocidade.com/sc/florianopolis/guia/acapra-79655338000131/>. Acesso em 05 ago. 2021.

⁵¹ ASSOCIAÇÃO DE PRESERVAÇÃO E EQUILÍBRIO DO MEIO AMBIENTE DE SANTA CATARINA. **Aprema Serviços Ambientais**. Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/1503APREMA1977SC/>. Acesso em: 3 nov. 2021

Rae (2021) cita que mesmo com todo investimento em educação ambiental e das estruturas disponíveis para descarte de resíduos classe dois, hoje no Brasil, de acordo com o CEMPRE, está entre 15 e 20%. O entrevistado complementa dizendo que Florianópolis foi a primeira cidade a oficializar a coleta seletiva no Brasil em 1985, e mesmo diante deste cenário os números da reciclagem estão longe do ideal, de cerca de 7% somente.

Em relação à educação do consumidor, o entrevistado observa que as associações comerciais parceiras recebem constantemente informações, há também um blog da Weee.do e são feitas palestras em escolas municipais e estaduais, com a história do lixo até a situação atual dos resíduos no país. Rae (2021) percebe a importância dessa mudança de *habitus*, e cita que: “*A Weee.do, para gente se dar bem, é preciso que as pessoas destinem corretamente, e para elas destinarem, a gente tem que educar*” (RAE, 2021).

Rae (2021) também cita que em relação a coordenação dos atores envolvidos na cadeia da logística reversa o que falta é a educação por parte do Estado. Sobre o lixo, ele observa que “*não é um item politicamente visível*” e por isso não há de fato uma preocupação maior com esse tipo de educação.

No que tange ao Decreto 10.240/2020, que regulamenta a implementação de sistema de logística reversa de produtos eletroeletrônicos e seus componentes de uso doméstico, Rae (2021) declara que o decreto corrigiu alguns erros do Decreto 7.440 de 2010, mas segundo o entrevistado, embora ele seja importante, em se tratando de eletroeletrônicos, é necessário um olhar para o Acordo Setorial, mencionado no capítulo 1, específico do setor.

As dificuldades de mercado, para o entrevistado, estão ligadas as questões comerciais, e de divulgação da atividade da empresa, ele cita que muitos não conhecem a Weee.do e, portanto, não sabem da possibilidade do descarte. Ele comenta que sabe da necessidade de investimento em Marketing para alavancagem dos negócios. E, mesmo com um trabalho de educação e Marketing, por vezes o consumidor vai escolher o sucateiro pela questão do preço.

Rae (2021) traz na entrevista também sua preocupação com a situação atual do país e da pandemia e dos riscos de não conseguir manter sua operação, e principalmente da responsabilidade em manter o salário dos funcionários no prazo legal, e manter o maior número possível deles, mas se mostra cético em relação ao futuro, embora perceba

a empresa com um potencial de crescimento em função da sua atividade, não percebe no país um ambiente propício a isto, principalmente em função da crise econômica, mas também da larga carga tributária. Cita também as ações do governo durante a pandemia, que para ele foram insuficientes, mesmo o empréstimo do PRONAMPE (Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte) com taxas reduzidas não compensou os altos impostos durante o período pandêmico. Neste sentido, percebe-se que para um dos atores, com maior capital cultural dentro do campo, há a compreensão de que deve haver ações estatais que auxiliem o setor, principalmente em períodos de crises, assim como ressalta os altos custos dos impostos sobre a atividade.

A partir da cooperação entre a Prefeitura de Florianópolis e a Abree para gerenciamento dos resíduos eletrônicos, a Weee.do se tornou o ente local dessa relação e a partir da construção desta parceria buscamos novamente o entrevistado para compreender como se construíram esses acordos. Para complementar e compreender esse novo acordo, foi realizada uma segunda entrevista em 07 de dezembro de 2021 com duração de 22 minutos.

Rae (2021) comenta novamente a questão dos sucateiros e das associações, e a dificuldade de conseguirem licenças e estrutura para atuação junto a resíduos eletroeletrônicos, para o entrevistado é uma questão de *“regras do jogo”*, conforme já citado acima em relação às licenças obrigatórias para operação, *“eles teriam que regularizar muita coisa lá ainda, pra mim ainda continua sendo um problema social a situação deles lá e um pouco ambiental no caso”*.

No que se refere à parceria com a Abree em Florianópolis, Rae (2021) comenta que a Weee.do foi homologada pelas duas gestoras para atuação no gerenciamento de resíduos, a Abree e a Green Eletron, em SC.

Pra gente sempre foi o que a gente buscou, a gente criou essa empresa pra esse momento né. Quando a logística reversa de fato chegasse como ela foi prevista para acontecer. Até então a gente tava plantando, a gente colocou 85 PEVs no estado do nosso bolso né. A Weee.do em si, como a gente sempre disse, não tem obrigação de fazer a logística reversa, a gente entende que é uma oportunidade de negócio e vimos isso lá atrás e a gente foi, pegou a PNRS de baixo e beleza, vamos executar tudo que ela pede e um dia esse fruto vai ser colhido. (RAE, 2021)

Para Rae (2021), essa construção do mercado tornou a empresa referência, e com essas parcerias construídas entre prefeituras e gestoras, a empresa sempre é lembrada

para participar dos acordos, o que denota novamente todo o capital social do ator. No entanto, a partir desta construção, o modelo de negócio dentro de Florianópolis foi modificado, o que anteriormente ocorria via OSC INFO, no recebimento destes resíduos, passou a ser via Abree. Sendo assim, foram formatados dois contratos, um da Abree com a Prefeitura de Florianópolis para coleta desses resíduos, e outro com a Weee.do para gerenciamento.

“Certa forma, pra mim ficou bom claro, mas ficou uma coisa mais insegura do que era antes também, porque agora o contrato é direto na mão da Abree e eles podem negociar isso” (Rae, 2021). Ou seja, a partir de uma concorrência no mercado, a Weee.do pode perder espaço, o que antes não ocorreria devido ao capital social adquirido por Rae (2021) durante a trajetória da empresa.

Pra mim, vai chegar uma hora que eu vou ter que disputar por este resíduo, que até então eu não fazia, mas ok, a minha tendência como empresa antiga no mercado é tentar sempre atender da melhor forma. Então esse de fato é o mercado que está surgindo, não só para os equipamentos eletrônicos, mas todas as outras, vai surgir uma oportunidade de negócios de serviços, porque o que eu presto pra Abree é um serviço, o que eu presto para a Green Eletron é um serviço, serviço de gerenciamento para a logística reversa deles, os Ecopontos da Comcap são Ecopontos da Abree, com a operação prevista pela Weee.do. Meu contrato não é mais direto com a prefeitura, não tenho mais nenhum vínculo oficial com eles, quem tem agora é a Abree, só que eu sou o indicado pela Abree pra fazer a coleta lá. (RAE, 2021).

Rae (2021) demonstra preocupação com a concorrência no mercado, o que se compreende como uma disputa pela dominação do campo, onde atores dominantes buscam estratégias de se manter nesta posição e no caso da Weee.do, Rae (2021) compreende que fatores como tempo de mercado e a exigência burocrática/legal podem ser facilitadores da manutenção desta posição.

Rae (2021) comenta também que: *“É um trabalhinho de pano de fundo assim também, mas vai dar tudo certo... vai ser bom pra todo mundo”*. Essa informação de Rae, pode ser confirmada através da publicação da Chamada Pública para seleção de projetos e soluções relacionadas ao sistema de logística reversa de produtos eletroeletrônicos de uso doméstico da Abree, registrada em março de 2022, com o objetivo de:

(...) identificar e selecionar potenciais entidades, organizações ou parceiros que executam e/ou tenham interesse em participar de ações, procedimentos e meios destinados à implementação do sistema de logística reversa de produtos eletroeletrônicos de uso doméstico através da instalação, do desenvolvimento, da

inovação ou do aprimoramento de canais e/ou cadeias de recebimento desses produtos descartados em território nacional (ABREE, 2021)⁵².

Em relação às vendas destes materiais: na época da entrevista a Weee.do não havia sido homologada ainda para processamento dos materiais, somente para alocação, todavia essa homologação saiu em janeiro de 2022. A partir daí a empresa está autorizada a vender o produto do desmanche, mas essa venda deve ser somente para as empresas homologadas e autorizadas para receber esse material. *“Tem que ter todo um gerenciamento, uma gestão de informações também adequada para que eu garanta que eu estou dando o destino certo para as coisas que eles querem deles, conforme eles me autorizaram a fazer. Todo um controle de estoque”* (RAE, 2021).

Assim, a operação da Weee.do divide-se em parte do material recebido diretamente de parceiros da empresa, que pode ser destinado conforme opção da empresa, parte coletado pelas parcerias com a Green Eletro e parte da parceria com a Abree. Há necessidade de prestação de contas para estas gestoras. Rae (2021) salienta, todavia, que se houver vantagem econômica, há possibilidade de venda de materiais para um cliente que seja autorizada por ambas as gestoras, no entanto há necessidade de controles separados para ambas.

Em relação a Green Eletro, Rae (2021) cita que estão construindo a parceria para instalação de PEVs no estado, e que por enquanto só foram realizadas algumas campanhas em cidades do interior. *“Mais ou menos como aconteceu com a Comcap, com a Abree, eu vou fazer com o Angeloni com a Green Eletro, eu estou conectando o Angeloni com a Green Eletro, para que os PEVs do Angeloni passem a pontuar, vamos dizer assim, para o sistema da Green Eletron”*. Essa informação corrobora o sistema utilizado por grandes varejistas, como a Magazine Luiza, que recebe os resíduos em seus PEVs e repassa para uma empresa gerenciadora homologada pela Abree.

Referente às obrigações legais e requisitos para participar dessas ações, Rae (2021) cita que além das licenças citadas mais acima:

A Green Eletro, por exemplo, me pede a ISO 14000, mas me deram um prazo pra eu poder tirar, é um nível mais complexo. Tudo é burocrático, enxergo muita coisa boa assim, mas às vezes menos é mais, as vezes a gente burocratiza tanto, aí uma empresa que nem a minha, a Weee.do, a gente tenta fazer tudo

⁵²ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RECICLAGEM DE RESÍDUOS ELETROELETRÔNICOS. **ABREE convida para a Chamada Pública**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://abree.org.br/abree-convida-para-a-chamada-publica>. Acesso em 5 mar. 2022.

certo, e ainda tendo que competir com sucateiro que faz quase nada certo, pra mim, o que acontece, quem é penalizado é quem faz direito. Pagar CLT, tem que ter todos os FGTS em dia, mas pra mim, como eu já atendo grandes empresas, eu vou ter que ter igual. Essa burocracia é complexa porque ela custa caro. É por isso que faço questão de falar mal dos outros que não tem essas coisas aí.

Rae (2021) comenta que um sucateiro usou sua licença ambiental para coletar resíduos de grandes empresas, sem que estas percebessem que não era ele quem fazia. O que corrobora suas falas anteriores em relação a falta de documentação e licenças por parte de sucateiros e associações. O ator denota novamente para a questão burocrática/legal e o contencioso no que se refere ao custo disso em relação aos custos dos sucateiros.

3.4 SUCATEIROS

Em Florianópolis há um grande número de empresas de sucatas, para a pesquisa selecionamos cerca de vinte empresas em buscadores virtuais, sendo que sete disseram não trabalhar com resíduos eletrônicos, dez não conseguimos completar o contato por erros nos telefones, cinco se negaram a conceder entrevistas, duas concederam entrevistas via WhatsApp e uma em que foi possível realizar a visita e a entrevista. Abaixo apresento as empresas onde foi possível realizarmos as entrevistas e uma quarta que trabalha com eletroeletrônicos, mas não foi possível o contato.

3.4.1 Sucateiro 1

A Sucateiro 1 é uma empresa situada no bairro Rio Tavares, em Florianópolis e a visita e entrevista foram realizadas em 01 de setembro de 2021, com o proprietário Antônio Oliveira e teve duração de 45 minutos. A empresa existe há mais de vinte anos, todavia o registro em nome de Oliveira foi feito em 09 de Julho de 2021, pois segundo ele, anteriormente estava no nome da esposa, que veio a óbito. Tem em suas atividades econômicas: Comércio atacadista de resíduos e sucatas metálicas e Comércio atacadista de resíduos e sucatas não-metálicos, exceto de papel e papelão.

Figura 13 – Fachada Sucateiro 1



Fonte: Fotografia tirada pela autora⁵³

Segundo Oliveira (2021) a empresa começou no terreno da família e com o crescimento do negócio mudou-se para um terreno próximo ao local atual, sendo que atualmente localiza-se no Rio Tavares, em terreno próprio onde funciona tanto a administração, quanto o sistema de separação e armazenagem dos resíduos.

⁵³ Fotografia feita pela autora em visita ao local em 01 de Setembro de 2021.

Figura 14 – Parte interna da Sucateiro 1



Fonte: Fotografia tirada pela autora⁵⁴

A sucata estava presente na vida da família desde antes da abertura da empresa, visto que Oliveira trabalhava como catador. O entrevistado tem o Ensino Fundamental Incompleto, tendo cursado duas séries, ele não soube informar se seus pais frequentaram a escola, mas sabe que os mesmos eram alfabetizados. Ele tem quatro filhos, sendo que um deles tem formação superior em Direito e os demais o Ensino Médio. Em relação aos funcionários envolvidos na atividade, são três filhos de Oliveira e mais um colaborador sem vínculo familiar. A composição do grupo de trabalho denota para pouca exigência de capital intelectual para a atividade, todavia conforme a atividade da empresa cunhou novas possibilidades, como a participação em leilões, conforme veremos no decorrer deste item, a formação de um dos atores, filho do proprietário, em direito, auxiliou nessa tomada de posição dentro do campo.

A gente começou catando material na rua, comprando nas casas e foi crescendo assim, aí a gente alugou um cantinho aqui do lado, passamos dois anos ali apertado, aí a gente foi crescendo assim, anunciando em jornal, internet, internet ajuda muito, google né. Fizemos em bairros, e anúncios com som né, com som nas casas, passa nas casas dizendo que compramos latinhas e tal, aí o pessoal chama a gente. (OLIVEIRA, 2021)

⁵⁴ Fotografia feita pela autora em visita ao local em 01 de Setembro de 2021.

O processo de coleta e recebimento de resíduos pela empresa é feito diretamente nos consumidores, em suas residências, assim como recebido diretamente na sede da empresa. A Sucateiro 1 trabalha também com empresas, principalmente no recebimento de latinhas de alumínio. A comunicação é feita via carro de sons, postagens em redes sociais, e contato direto com produtores de resíduos, como restaurantes e similares, o que contempla a já citada, necessidade de incorporação do *habitus* reciclador.

Outra fonte de materiais são os leilões, como da Infraero, exemplo citado pelo entrevistado, no descarte, principalmente de cabos, desde 2002. De acordo com o entrevistado, todo material dispensado pela Infraero é comprado pela Sucateiro 1. Oliveira (2021) cita que a partir do aumento de recebimentos desta origem, reduziu a busca por materiais diretos de pessoas físicas, em função do espaço físico da empresa. “*É muita coisa em leilão, carro, caminhonete, caminhão. De um leiloeiro passando para outros, contatos diretos*” (OLIVEIRA, 2021). O que denota para esta rede de relações construída pelo ator através do seu capital social construído.

Recebidos na empresa, os materiais são separados por tipo: metais comuns, cabos, eletroeletrônicos, eletrodomésticos, sucatas de veículos, latas, baterias, perfil e ferro. Após são separadas as peças e componentes para posterior venda ou descarte, nos casos dos não vendáveis.

Figura 15 – Parte externa da Sucateiro 1



Fonte: Fotografia tirada pela autora⁵⁵

Oliveira (2021) ressaltou em entrevista que a maioria dos materiais são enviados para o exterior, mas essa exportação é feita por empresas que compram da Sucateiro 1. Cita o exemplo da empresa japonesa Hamaya do Brasil, com sede no Paraná, que compra os materiais eletrônicos, como placas de computadores e celulares e a Ale Metais, empresa de São José, Santa Catarina, que compra os materiais ferrosos.

No que se refere aos resíduos eletrônicos, o entrevistado cita que não possui muitos na empresa atualmente, mas que, todavia, é uma atividade economicamente viável, mesmo que em alguns casos o retorno seja pequeno, segundo ele: *“um pelo outro vale a pena”* (OLIVEIRA, 2021). Ele cita que as peças de computadores e celulares são as mais rentáveis, e que faz toda a separação dos elementos destes materiais, mesmo sem ter como atividade econômica de recuperação e coleta de resíduos perigosos, no CNPJ. Todavia também recebe materiais já separados, vindos de empresas e autônomos que trabalham com consertos e manutenções de eletroeletrônicos.

De resíduo eletrônico, de 2009 pra cá que ele expandiu no Brasil, então lixo eletrônico tá meio sumido, chegou época no passado, a gente recebia 2 toneladas

⁵⁵ Fotografia feita pela autora em visita ao local em 01 de Setembro de 2021.

mês, hoje 50 kgs mês, 50 à 100Kgs mês. Hoje eles já trazem desmontados, tem muita mídia, mostrando que isso, vendendo, tem um valor monetário bom. (OLIVEIRA, 2021)

Oliveira (2021) afirma também que na pandemia os preços subiram muito, impulsionado pelo valor do dólar, cita como exemplo que um 1 kg de cobre se vende a cerca de R\$400,00. O faturamento aumentou 250% durante a pandemia. Cita também o preço de uma placa de computador queimada, na faixa de R\$ 12,00.

Em relação ao que não é passível de reciclagem, o entrevistado cita que é destinado a coleta seletiva via Comcap ou ainda, em caso de volumes maiores, é realizada a entrega diretamente na Comcap. Sendo que cerca de 2% dos materiais coletados e separados não têm como destinação final a venda. Oliveira (2021) cita o caso dos vidros, que são dispensados nos coletores da COMCAP no Bairro Rio Tavares.

No que tange a PNRS, o entrevistado diz desconhecer a lei, e que para ele não houveram mudanças significativas desde sua criação em 2010. Em relação às licenças e demais documentações no âmbito municipal, o entrevistado destaca que há uma regulamentação diferente para sucateiros e para recicladores, pois ele não faz a reciclagem em si, somente a separação dos componentes. Oliveira (2021) comenta que não trabalha com plástico e papelão, pois seria exigido alvará de bombeiros, o que dificultaria, pois há, entre as exigências para viabilidade, a necessidade de uma distância de trezentos metros da via para a empresa, o que não seria possível. Nos casos de somente armazenamento e venda, não há obrigatoriedade de alvará de bombeiros, assim como de licenças obrigatórias para recicladores, como cadastros técnicos do IBAMA ou licença ambiental específica.

Atualmente a Sucateiro 1, por estar em processo de criação da empresa, está sem a liberação do Alvará permanente, no entanto, segundo o entrevistado, o processo já está em trâmite na prefeitura. “*Está com o contador, finalizando a parte municipal e liberando bloco de notas*” (OLIVEIRA, 2021). Em relação aos resíduos perigosos, Oliveira (2021) ressalta que, por fazer somente a separação, não há necessidade de licenças específicas, sendo que o tratamento adequado é dado pelas empresas que adquirem esses materiais, todavia nos casos de resíduos eletroeletrônicos há a necessidade de licenças específicas⁵⁶ não citadas pelo entrevistado e mencionadas acima no item sobre a Weee.do. Vemos também que ele delimita o material reciclado conforme as condições de seu galpão, e as delimitações de alvarás e

⁵⁶ FLORIANÓPOLIS, Prefeitura Municipal de. **Referente ao licenciamento ambiental para atividade de Armazenamento temporário de eletroeletrônicos e eletrodomésticos pós-consumo** (código 71.60.08). Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/servicos/index.php?pagina=servpagina&id=4889>. Acesso em 30 ago. 2021.

licenças exigidos, como estratégia de sobrevivência, assim como há na empresa questões de desvios jurídicos, confirmando o mencionado pelo ator entrevistado da Weee.do.

Quando questionado sobre parcerias e mercado de reciclagem, o entrevistado relata que “*é cada um por si*” (OLIVEIRA, 2021) entre os sucateiros. E que suas parcerias são com clientes e com empresas que fornecem os materiais, como restaurantes e similares. Ele ressalta a parceria com a Ale Metais, empresa que adquire os metais da Sucateiro 1 e que, já os financiou em alguns momentos.

Oliveira (2021) é crítico em relação aos catadores: “*Não, não pego nada dos catadores, quero distância, trazem muitos problemas, assim, até a polícia esteve aqui esses dias, fazendo uma revisão aqui dentro, foi até bom isso, não acharam nada*”. O entrevistado cita o caso de uma empresa localizada nas proximidades, que, segundo ele, se transferiu da Palhoça por ter problemas policiais, e que tem trazido catadores ao bairro, o que aumentou o número de furtos. “*Pode até perguntar na comunidade, isso aqui desapareceu, porque eu nunca comprei. E agora eles estão comprando tudo ali e começou a aparecer um monte de gente de fora que aí é aquele pessoal que rouba, começam a vim pra poder ficar por ali onde conseguem vender*”.

Aqui o entrevistado mostra como questões sociais misturam-se a questão da reciclagem devido ao perfil das pessoas que se envolvem na coleta de materiais reciclados: conforme o perfil demográfico de catadores (Dagnino e Johansen, 2017), eles são pessoas que fazem parte dos excluídos, recolher material reciclado não é uma atividade laboral, apenas uma atividade eleita quando todas as outras oportunidades se esgotaram, sendo inclusive a atividade inicial do entrevistado, o que traz uma divisão entre nós e eles, um discurso de regularidade jurídica da atividade do sucateiro, enquanto uma questão de incerteza jurídica no caso do catador.

O entrevistado cita mais uma vez que, nos casos de compra de pessoas físicas, a fim de evitar problemas policiais, solicita uma série de documentações e o contato pessoal, e que quando houve atuação da polícia junto à empresa, apresentou toda essa documentação.

Oliveira (2021) cita problemas também com a Comcap:

Parece que eles têm não sei o que, porque não levam o meu lixo, aí eu dou uma ligada, dou uma “xingada” (sic) neles, porque oitocentos e poucos reais por ano eles cobram de taxa, agora vim aqui, deixar limpinho. Esses dias eu falei que ia ligar lá para a TV pra denunciar. Veio um caminhão rapidinho. Isso aí nem deveria ter que pagar, já pagamos tanto imposto.

Em relação à cooperação entre os agentes, no que se refere a coleta seletiva e a disposição desses resíduos para associações, Oliveira (2021) cita que: *“Não atrapalha nada, não ajuda nada. Na minha parte da empresa aqui não faz diferença, vou na casa de quem me ligar pra buscar e se eu achar na rua a gente recolhe”*.

Quanto a apoio da prefeitura, Oliveira (2021) cita que: *“do poder público mesmo, eles deixam bem a desejar. Se tu quer descartar alguma coisa, se bobear eles cobram. Então assim, eu acho que eles deixam bem a desejar nisso ai, na limpeza da cidade, a gente ta colaborando na limpeza da cidade”*.

O entrevistado cita que ao chegar a Florianópolis na década de 90 a cidade era tomada por entulhos, e quem fez uma limpa foram os sucateiros. *“Eu lembro quando eu comecei, a gente tirava geladeira do meio do mato enterrada, nos terrenos dos outros. Hoje não tem mais isso, os sucateiros recolhem esses materiais”* (OLIVEIRA, 2021). Ele destaca um papel social dos sucateiros muitas vezes pouco reconhecido pela sociedade, que os vê, como aparece no discurso de atores empresários, como um problema.

Oliveira (2021) questiona também a fiscalização nos pequenos e nos grandes negócios, que para ele é mais intensa nos pequenos e mais flexível com os grandes. O entrevistado trás à tona o caso dos resíduos que acumulam água, segundo ele *“uma empresa grande na frente com lixos atrás do prédio com lugares com água acumuladas”*. O que é perigoso em relação à dengue, e que isso só foi visto por que ele próprio denunciou.

Sendo que no caso dos meus materiais que ficam ao ar livre por pouco tempo, há um questionamento, mesmo em dias de chuvas, em relação ao acúmulo de água. Há uma limpeza sempre posterior à chuva, mas após conversas com a fiscalização, não é mais feita a fiscalização em dias de chuva. (OLIVEIRA, 2021)

No que se refere a reciclagem no Brasil, o entrevistado compreende a distância para outros países: *“Uma vergonha pra nós no Brasil né, reciclamos 0,25%, na China e no Japão, 95% é reciclado”* (OLIVEIRA, 2021). Todavia essa informação é inverídica, visto que segundo IPEA (2017)⁵⁷, 13% dos resíduos sólidos gerados no país são enviados para a reciclagem, e se considerados os resíduos com maior valor comercial esses índices são

⁵⁷SILVA, Sandro P. A organização coletiva de catadores de material reciclável no brasil: dilemas e potencialidades sob a ótica da economia solidária. **Repositório Ipea**, São Paulo, jan. 2017. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2268.pdf. Acesso em 14 ago. 2021.

maiores, de acordo com o CEMPRE (2021)⁵⁸, em 2021, 23,1% dos plásticos, 47,1% das latas de aço, 98,7% das latas de alumínio, 42,7% de embalagens longa vida, 66,9% dos papéis, 25,8% dos vidros foram reciclados. Em relação ao mundo, segundo Nima Puc (2020), os maiores recicladores são Alemanha, 56,1% dos resíduos, a Áustria, 53,8% e a Coreia do Sul, 53,7%.

Oliveira (2021) cita também os maquinários tecnológicos e modernos disponíveis para reciclagem, e que “*é só o político roubar um pouquinho menos e investir na coisa certa*”. A fim de explicar a cultura de descarte do lixo no Japão e no Brasil, ele cita uma visita na Hamaya do Brasil, onde pode compreender a cultura e organização da empresa, além de segundo ele, a educação exemplar dos funcionários e diretores. “*Eu nunca vi uma coisa tão educada e as coisas tão organizadinhas, aquilo serviu muito pra mim. Agora na pandemia, eles pararam no começo da pandemia e voltaram agora*”. O relato do entrevistado aponta para uma visão dos excluídos do universo do trabalho formal, visto o avanço tecnológico global e a não garantia de postos de trabalho, surgindo assim a flexibilização e a informalidade, aliados a precarização e os subempregos, sendo que nos países periféricos os governos, baseando-se na austeridade financeira e estabilidade, não fornecem subsídios suficientes para garantia de sobrevivência dos novos excluídos (DUPAS, 2005).

3.4.2 Sucateiro 2

A Sucateiro 2 é uma empresa de pequeno porte localizada no bairro Ingleses em Florianópolis, em suas atividades econômicas estão: Recuperação de sucatas de alumínio, Recuperação de materiais metálicos, exceto alumínio, Comércio atacadista de resíduos e sucatas metálicos, Locação de automóveis sem condutor e Aluguel de outras máquinas e equipamentos comerciais e industriais não especificados anteriormente, sem operador. Seu CNPJ foi registrado em 2015. Foi realizada uma entrevista estruturada em 05 de dezembro de 2021 pelo WhatsApp, visto a negativa em efetuar uma entrevista e uma visita a sede da empresa.

⁵⁸ COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM. **Taxas de reciclagem**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://cempre.org.br/taxas-de-reciclagem/>. Acesso em 15 dez. 2021.

Figura 16 – Fachada Sucateiro 2



Fonte: Google Maps, 2021⁵⁹

A entrevista foi realizada junto ao gerente da empresa, Pedro Almeida, que confirmou os sócios registrados no CNPJ, Mari e João, sendo os dois casados e o gerente sem grau de parentesco com ambos. Ambos os sócios possuem curso superior, ele em Turismo e ela em “ambiente” (não especificado qual curso na entrevista) e o gerente possui ensino médio. Em relação aos funcionários, são cinco colaboradores e sem ligação familiar. A formação dos sócios denota para a necessidade de um conhecimento técnico para a atividade da empresa, que é focada em sucatas metálicas e eletrônicas.

A empresa abriu em São Paulo e posteriormente se transferiu para Florianópolis. O atendimento é feito diretamente na empresa, ou coletam também em domicílio e em empresas. São processadas mensalmente entre 10 e 15 toneladas de resíduos, sendo que os eletroeletrônicos representam 10% do volume total e *“são especialmente processadas para reutilização de componentes para acondicionamento do produto para poder reusar”* (ALMEIDA, 2021).

Em relação a PNRS, o entrevistado cita que: *“politicamente falando tem vários diferentes interesses envolvidos nessa lei...mas vem ajudar bastante a não ficar encalhado os materiais pesados e ferrosos que as empresas de lixo desprezam, pois dá muito trabalho, e assim o mercado é livre”* (ALMEIDA, 2021).

No que tange a parceria com outras empresas e associações, Almeida (2021) cita que existem parcerias, pois há necessidade de auxílio entre as empresas, e que como o foco da

⁵⁹ Fotografia disponível no Google Maps – Captura de Imagem em Dezembro de 2021

Sucateiro 2 é metálico, “plástico vira uma forma de contatar outras empresas, como cooperativas, para processar o plástico que eu por exemplo não consigo”.

Em relação ao recebimento de materiais de catadores e a atuação da polícia na fiscalização da origem desses materiais, Almeida (2021) afirma que:

Sim, acontece de forma desleal em vários momentos. O único controle é o bom senso e a noção de saber filtrar o quanto aquele catador consegue acessar um certo tipo de material. Mas nós nos empenhamos cem por cento no envolvimento com o bairro e seus moradores para que seja filtrado da melhor maneira.

No que se refere à operação da empresa, o entrevistado comenta que há uma triagem após o recebimento, que após passar por uma limpeza das impurezas e um “embalamento”, os materiais não desejáveis ou não recicláveis são encaminhados para outros recicladores.

Figura 17 – Parte interna da Sucateiro 2



Fonte: Facebook da empresa, 2021⁶⁰

⁶⁰ Fotografia disponível no Facebook da empresa – Data da postagem: 15 de Março de 2021

Sobre o destino final das mercadorias, o entrevistado cita que há necessidade de intermediadores em função dos volumes mínimos adquiridos pelas indústrias e que as remessas são enviadas via terrestre.

No que se refere à relação com a Comcap, Almeida (2021) denota para um valor alto pago por kg descartada e uma taxa anual de lixo de R\$ 4000,00. Almeida (2021) comenta também que o seu trabalho é interpretado de forma discriminatória, *“É péssima a interpretação do nosso trabalho além de ambiental o social, somos totalmente discriminados e pisoteados”*, o que corrobora a visão de Dagnino e Johansen (2017), na visão dos excluídos.

Segundo o entrevistado a empresa busca manter-se dentro da lei, mas percebe a legislação como injusta, complexa e de difícil acesso, além do excesso de burocracia. Destaca ainda que a manutenção das licenças é algo extremamente caro; afirma que a empresa tem essas licenças, mas não tem informação de quais são. Aqui vemos novamente uma visão de excesso do Estado através das exigências burocráticas.

3.4.3 Sucateiro 3

Trouxemos a Sucateiro 3 por se tratar de uma empresa com destaque no bairro de atuação, que trabalha com resíduos eletrônicos e que mantém em seu site os valores pagos pelos resíduos, todavia não foi possível realizar uma visita e nenhum tipo de entrevista com os proprietários ou funcionários, visto a sua negativa em participar.

De acordo com seu site a empresa atua há cerca de 20 anos, com sucata eletrônica, especificamente com sucatas de processadores, memórias e celulares, processador plástico, sucata de memórias, processadores e sucatas de celulares. Nos interessa analisar neste ator os valores dos materiais adquiridos, muito superiores aos recebidos pelas associações através da coleta seletiva.

Abaixo a tabela de preços que a empresa paga pelos componentes:

Figura 18 – Lista de preços

Lista de preços: Processadores, Memórias e Celulares.

	Acima de R\$ 1.500,00		Abaixo de R\$ 1.500,00	
Processador Cerâmico (núcleo dourado)	R\$	1.056,00	R\$	844,80
Processador Plástico MMX (plástico preto)	R\$	484,00	R\$	435,60
Processador Cerâmico B (núcleo preto)	R\$	572,00	R\$	514,80
Processador Cerâmico C sem chapa metálica	R\$	440,00	R\$	396,00
Processador Cerâmico D com chapa metálica	R\$	264,00	R\$	237,60
Processador Plástico	R\$	167,20	R\$	150,48
Processador Slot	R\$	158,40	R\$	142,56
Pinos e conectores dourados	R\$	75,00	R\$	67,50
Processador de Ferro (metálico)	R\$	83,60	R\$	75,24
Memoria Dourada	R\$	176,00	R\$	158,40
Memoria Prateada	R\$	79,20	R\$	71,28
Placa de Celular Limpa	R\$	158,40	R\$	142,56
Placa de HD	R\$	96,80	R\$	87,12
Celular antigo com flip sem bateria	R\$	48,40	R\$	43,56
Smart fone ou black berry	R\$	48,40	R\$	43,56
Celular mix sem bateria	R\$	48,40	R\$	43,56
Celular chinês sem bateria	R\$	48,40	R\$	43,56

Fonte: Site da empresa Sucateiro 3, 2021⁶¹

3.4.4 Sucateiro Autônomo

A empresa situada no bairro Pantanal em Florianópolis atua na informalidade e conta somente com o proprietário em suas atividades. Foi solicitada uma visita ao local e uma entrevista, todavia não foi possível concluirmos esta etapa, em uma segunda tentativa enviamos um questionário via WhatsApp, mas também não obtivemos retorno, em um terceiro contato, o proprietário aceitou responder algumas questões de forma anônima.

Santos (2021) cita que atua na empresa há cerca de um ano de forma informal e individual, e quando há necessidade de documentação para a destinação dos resíduos coletados, solicita as empresas intermediárias, para quem vende este material (sucateiros). Santos possui Ensino Médio completo e sua mãe Ensino Médio também, seu pai, por ser falecido, o entrevistado não soube informar. Não soube informar quantos quilos de materiais processa mensalmente, visto que segundo ele, tem meses que não recebe nada e também mantém a atividade de eletricitista em paralelo a de reciclador.

⁶¹ Site da Empresa Sucateiro 3. Acesso em 15 de Novembro de 2021.

Figura 19 – Fachada Sucateiro Autônomo



Fonte: Google Maps, 2022⁶²

O recebimento dos materiais se dá na sede da empresa, mas também há coletas em residências e empresas. Silva (2021) corrobora o dito pelos demais entrevistados no que tange aos custos para manter a atividade legalmente licenciada e aponta para uma incapacidade de a empresa conseguir mantê-los como motivo para a informalidade. Este ator corrobora o discurso de informalidade e baixo grau de instrução, pouco capital intelectual, econômico e social em um ambiente de incerteza jurídica, condição padrão para uma empresa regular.

3.5 ASSOCIAÇÕES DE CATADORES

Dentro da PNRS, conforme já citado, os catadores têm papel fundamental dentro do fluxo da logística reversa, e em Florianópolis há associações de catadores em várias zonas da cidade: na presente dissertação citamos todas elas e conseguimos entrevistar três, além de realizarmos pesquisas em sites e redes informações sobre elas.

⁶² Fotografia disponível no Google Maps – Captura de Imagem em Dezembro de 2021

Tabela 3: Lista das Associações de Catadores

Associações	Bairro	Licenças Ambientais	Regularização sanitária
Associação de catadores de materiais recicláveis - ACMR	Itacorubi	LAO N° 7304/2006 - FATMA	Habite-se Sanitário e Ambiental
Associação de recicladores esperança - Aresp	Monte Cristo	LAP N° 5713/2011 E LAI N° 6580/2011 - FATMA LAO PROTOCOLADA EM 04/02/2016	Protocolado
Associação de catadores de recicláveis do Alto da Caeira e Serrinha - Recicla Floripa	Alto da Caeira	Protocolo LAO - Processo FATMA RSU/10227/CRF	Protocolado
Associação Beneficente SulRecicla	Tapera	Protocolado	Protocolado
Associação de recicladores de materiais recicláveis - DLR	Vargem Grande	Em elaboração	Em elaboração
Associação de catadores Amigos da Natureza	José Mendes	Em elaboração	Em elaboração
Renascer 4R	Vargem Grande	Em elaboração	Em elaboração

Fonte: Baseado em site Comcap, 2021⁶³

3.5.1 Associação 1

A Associação funciona junto a COMCAP, no bairro Itacorubi, é a maior associação de catadores de Florianópolis, e está registrada na Receita Federal, possui Licença Ambiental de Operações (LAO) n° 7304/2016. Está em atividade há cerca de 20 anos, todavia formalmente está ativa desde 1999, é uma entidade sem fins lucrativos e de acordo com a Receita Federal, suas atividades são: atividades de defesa de direitos sociais (as atividades de associações que são criadas para atuar em causas de caráter social, tais como a defesa dos direitos humanos, defesa do meio ambiente, defesa das minorias étnicas), coleta de resíduos não perigosos, recuperação de sucatas de alumínio, recuperação de materiais metálicos,

⁶³ FLORIANÓPOLIS, Prefeitura Municipal. **Associações/cooperativas de catadores de resíduos recicláveis secos**. Florianópolis, 2021. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/sistemas/comcap/pdf/associacoes.pdf>. Acesso em set. 2021.

exceto alumínios, recuperação de materiais plásticos e recuperação de materiais não especificados anteriormente.

Figura 20 – Fachada da Associação 1



Fonte: Fotografia tirada pela autora⁶⁴

Em contato com a associação via telefone, a presidente afirmou não haver processamento de resíduos eletroeletrônicos, e nos casos de recebimento via coleta seletiva, estes são enviados para a Comcap. A associação não autorizou uma visita e nem uma entrevista no local ou via virtual, as fotos tiradas da associação foram feitas junto a visita a Comcap com o Engenheiro Wilson Lopes, no dia 02 de dezembro de 2021.

⁶⁴ Fotografia feita em visita realizada a Associação em 03 de dezembro de 2021 com o Engenheiro Lopes da Comcap.

Figura 21 - Fachada Associação 1



Fonte: Fotografia tirada pela autora⁶⁵

Segundo o site da associação:

A Associação 1 com suas atividades contribui para a preservação do Meio Ambiente de forma econômica e social, evitando que milhares de árvores deixem de ser cortadas, ainda milhares de toneladas de petróleo são poupados da natureza, ainda vários outros recursos naturais são evitados de ser extraídos de nosso Meio Ambiente.

A gestão da associação é realizada pelos associados e a parceria com a COMCAP se dá por um contrato de permissão de uso gratuito do espaço, essa parceria também funciona através do abastecimento com os materiais coletados pela coleta seletiva da autarquia no município. De acordo com o site da associação, ela atua de acordo com a legislação fiscal e jurídica e possui todas as licenças legais para atuação (LOPES, 2021).

De acordo com o seu site, tem como missão: *atender as reivindicações dos Associados, com a geração de Emprego e Renda, lutar pelo bem estar, e atender as demandas do município, com a preservação e a destinação ambientalmente correto.* Como

⁶⁵ Fotografia feita em visita realizada a Associação em 03 de dezembro de 2021 com o Engenheiro Lopes da Comcap.

visão: *Alcançar os objetivos, planejados com os resultados desejados, dando mais qualidade de vida e renda para os cooperados, com a qualidade competitiva.*

Figura 22 – Parte interna da Associação 1



Fonte: Fotografia tirada pela autora⁶⁶

Ainda de acordo com seu site, em relação aos materiais coletados, são: Papéis (papelão ondulado, papel branco, papel misto, jornal e tetra park), Plásticos (sacos, sacolas, lonas, saco de ração, embalagens, canos de pvc, forro pvc, mangueira preto sem náilon, balde, tampas, brinquedos de plástico, caixas de mercado, isopor, copinhos, Vidros inteiros ou quebrados, garrafas de bebidas, vidros de janela, vidros laminados sem película, Metais ferrosos, latas de alumínio, tintas vazias, fogão, bicicleta, sucatas de automóvel, latão, tubos, gabinetes, entre outros similares. Metais não-ferrosos, Latinhas de Cerveja, Refrigerante,

⁶⁶ Fotografia feita em visita realizada a Associação em 03 de dezembro de 2021 com o Engenheiro Lopes da Comcap.

Panelas, Copos, Janelas, Fio de Cobre, Canos, Metais, Registros, Torneiras, Rodas de Alumínio, Persiana, Chumbo, Baterias, Entre Outros Similares.

3.5.2 Associação 2

A Associação 2 – Associação de catadores localizada no bairro Carvoeira em Florianópolis, aberta em 2011 conforme registro da Receita Federal, e tem como presidente Carla Nunes, entrevistada em visita na associação no dia sete de dezembro de 2021, com duração de vinte e dois minutos.

Figura 23 – Fachada da Associação 2



Fonte: Fotografia tirada pela autora⁶⁷

A Associação começou com aproximadamente trinta pessoas, mas em função do retorno financeiro insuficiente o número de associados foi diminuindo e hoje possui sete associados, cinco mulheres e dois homens, sendo que a maioria pertence à família da presidente e da ex-presidente Maria. A maioria tem ensino fundamental, sendo que três ainda estão cursando o ensino médio. Nunes cursou o ensino fundamental e seus pais cursaram até a terceira série do Ensino Fundamental. Ela comenta que há uma fiscalização do Ministério do

⁶⁷ Fotografia feita em visita realizada a Associação em 07 de Dezembro de 2021.

Trabalho referente às condições de trabalho e também no que se refere a menores de idade participando das atividades, o que é proibido por se tratar de atividades pesadas.

No que se refere à quantidade de material recebido da Comcap, Nunes (2021) observa que não há um controle de entradas e saídas, e que passarão a fazer este controle por exigência da Comcap. Em relação à redução do volume recebido, Nunes comenta que na Associação 2 não houve impacto por se tratar de uma associação pequena, e que a quantidade não reduziu. *“Não, pra gente não prejudicou porque nossa associação é pequena, daí a gente não consegue colocar mais gente pra trabalhar aqui, então uma carga pra gente por dia estava bom”*. Todo material recebido é oriundo da Comcap ou de moradores locais, a associação não tem nenhum vínculo com catadores independentes.

Sobre o auxílio da Comcap na parte burocrática, Nunes (2021) cita que: *“tudo eles ajudam a gente”*. No que se refere a apoio da prefeitura e de órgãos públicos:

“Aqui esse galpão na real é da prefeitura, então ela só fez e tipo largou, se precisar fazer uma reforma igual nossos banheiros, que não está bem funcionando, tudo assim, igual o muro que a Comcap derrubou, que daí a gente não tem como fechar os portões, então, daí tipo a gente não tem apoio da prefeitura nisso, pra falar a verdade não temos apoio nenhum da prefeitura” (NUNES, 2021).

Sobre a divulgação, *“falta bastante, porque o pessoal não sabem ainda, parece que eles não tem sentido de separar tudo, eles misturam, papel higiênico, comida, materiais contaminados, e aí a maioria do material vai fora quando vem compactado”* (NUNES, 2021). Nesta fala aparece novamente a necessidade da internalização de um habitus reciclador.

Figura 24 – Gaiola da Associação 2



Fonte: Fotografia tirada pela autora⁶⁸

No que se refere a relação com as outras Associações, Nunes (2021) cita que materiais que a Associação 2 ainda não tem comprador, como vidro, ela vende para a Associação 1, que no caso do vidro, paga 4 centavos por kg. Sobre parcerias com instituições, Nunes (2021) cita que a Associação 2 não consegue participar de muitos projetos em função da baixa quantidade de resíduos processadas, mas conseguiu junto a FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) a sessão das prensas e das mesas.

O processo interno funciona da seguinte forma: recebimento via gaiola onde a COMCAP despeja os resíduos, separação por tipo de materiais, colocação nos bags, prensa e saída para um intermediador, sucateiro localizado na Palhoça, “*são chamados de atravessadores, pagam pouco pra gente e lucram mais depois*” (NUNES, 2021). O transporte é feito direto pelo comprador. A entrevistada cita que em função da quantidade limitada de resíduos processados e por não possuir caminhão, não é possível fazer a venda para o cliente final. Em relação aos valores recebidos por materiais, Nunes (2021) comenta que: “*no papel é em média cinquenta centavos, os pets são em média três reais, a latinha em média seis reais*”.

⁶⁸ Fotografia feita em visita realizada a Associação em 07 de Dezembro de 2021.

Figura 25 – Separação dos materiais



Fonte: Fotografia tirada pela autora⁶⁹

No que se refere aos resíduos eletrônicos que vem na coleta seletiva, Nunes (2021) denota que “*é difícil vim, as vezes vem, e é separado e enviado para a Comcap*”. Quanto às licenças ela cita que a Comcap auxilia e que no caso da associação é a LAU. Ela comenta também não haver parceria entre as cooperativas, observa igualmente para o projeto de lei que proíbe a catação na rua, citado anteriormente na entrevista com a Comcap:

A gente não sabia o que significava isso, tudo que vem de projeto vem lá da Associação 1, daí a gente foi lá, assinou, nem lemos o que era. Daí dia 26 a gente esteve num encontro lá em Rio do Sul, daí o Dorival (liderança do MNRC-Movimento Nacional de Catadores) falando disso, porque tipo assim, pra lá muitos catadores que são da rua são da Associação, com o carrinho né. Então ele estava explicando que se continuasse esse projeto não vai ser aprovado por causa daí ia prejudicar muito eles. Ele estava comentando com a gente lá. Ai falei pra ele, não sabia o que era isso aí. Tudo que acontece ele sempre está ali vendo. (NUNES, 2021)

Em relação ao projeto de lei, percebeu-se que dentro do eixo das associações, há uma dominação simbólica da Associação 1, sendo os representantes desta associação que atuam

⁶⁹ Fotografia feita em visita realizada a Associação em 07 de Dezembro de 2021.

mais diretamente com as entidades, em função do tamanho da associação, em função da proximidade com a Comcap e em função do tempo de atuação dentro do mercado.

A Associação 2 funciona diferente das demais no que se refere a distribuição dos rendimentos entre os associados, segundo a entrevistada, todo o valor recebido pelas vendas dos materiais é dividido igualmente entre todos, gerando em média R\$ 2.000,00 (dois mil reais mensais) para cada participante.

3.5.3 Associação 3

A Associação 3 é uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis localizada no bairro Tapera, na parte sul de Florianópolis, a cooperativa surgiu em 2018 e tem como presidente Silvia Fernandes, entrevistada no dia dezesseis de novembro, as onze horas, com uma duração de quarenta e oito minutos.

Figura 26 – Associação 3



Fonte: Adaptado do Instagram da Associação 3, 2021⁷⁰

Fernandes (2021) afirma que a cooperativa surgiu a partir de uma ideia sua:

⁷⁰ Fotografia feita em visita realizada a Associação em 16 de Novembro de 2021.

Nós começamos em 2018, a ideia surgiu lavando uma caixinha de leite, eu era cozinheira e sempre separava o material reciclável, no restaurante e na minha casa. Um dia eu brincando lá, aí a gente vende muito, se fosse vender lixo da nossa casa dava pra sustentar várias famílias, aí minha filha, olha mãe, na faculdade saiu um tema assim, sobre o meio ambiente, sobre milhões de dinheiro que vai para o aterro sanitário todo ano, de material, e ela virou e falou, porque vocês não monta uma reciclagem? Imagina? Tu vai me ajudar?

A entrevistada nasceu no Paraná, mas é moradora da comunidade há cerca de vinte anos, e com auxílio da filha, estudante de Administração de empresas, buscou, no bairro, catadores que poderiam se juntar a cooperativa, dando início assim as atividades com dezessete catadores. Fernandes (2021) destaca as dificuldades encontradas no início da atividade, tanto nos aspectos econômicos, quanto na falta de conhecimento da parte burocrática de abertura, registros e licenças.

Fernandes (2021) cita que a cooperativa começou em um galpão alugado, com pouca estrutura:

Encontramos um galpão com três paredes, Senhor Sérgio nos atendeu muito bem e já fechamos negócio com ele ali, falando que era pra reciclar, nisso já fomos atrás da Comcap, onde foi indicada a engenharia Rita, ela veio e olhou o galpão e disse que haveria possibilidade de trazer, mas vocês têm que construir, cobertura e chão. Então passamos bastante dificuldade, não tínhamos banheiro.

A entrevistada cita que também tiveram dificuldades com o Ministério Público do Trabalho, que impossibilitou a cooperativa de trabalhar por cerca de sessenta dias, até conseguirem atender todas as exigências, como por exemplo, a falta de azulejo nos banheiros. Outra dificuldade foi por agentes naturais, um vendaval derrubou o galpão e então alugaram um novo espaço ao lado do derrubado.

Figura 27 – Parte interna da Associação 3



Fonte: Fotografia tirada pela autora⁷¹

Em relação às licenças, Fernandes (2021) cita que a Comcap os auxiliou nesse processo, confirmando a informação do entrevistado Lopes (2021): *“eles foram muito importantes na nossa caminhada até aqui”* (FERNANDES, 2021). A presidente da cooperativa complementa que gostariam de trabalhar junto à comunidade com pontos de coleta de óleo, panfletagem sobre a cooperativa e a reciclagem, sacos de lixo, entre outras ações, todavia por dificuldades financeiras, isto ainda não foi possível. Segundo ela, o primeiro pagamento foi decepcionante: *“foi uma choradeira só, 600 pila, um mês inteiro de trabalho 600 reais”*.

Fernandes (2021) cita que através de uma parceria com a Ancat (Associação Nacional de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis) e do Programa Reciclando pelo Brasil, há uma prestação de contas de todo o material processado na cooperativa e no fechamento anual a Ancat repassa um valor para ser investido na mesma, em estrutura, uniformes, etc. Segundo ela, já receberam um caminhão e um computador.

Os materiais processados pela cooperativa são: vidro, plástico, metal, papel, papelão, material eletrônico, as embalagens, BOPP (Plástico Seco), Fernandes (2021) cita que atualmente a cooperativa consegue reciclar todo material recebido pela coleta seletiva.

⁷¹ Fotografia feita em visita realizada a Associação em 16 de Novembro de 2021.

Figura 28 – Associados da Associação 3



Fonte: Página do Instagram da Associação 3, 2021⁷²

A cooperativa hoje conta com trinta cooperados, sendo treze mulheres e dezessete homens, Fernandes (2021) cita que normalmente haviam mais mulheres, todavia com a chegada de imigrantes cubanos, essa relação se inverteu.

Aqui são trinta famílias que se beneficiam disso aqui, do material reciclado, trinta vezes cinco, são cento e cinquenta pessoas que comem desse material aqui, cada família é quatro, cinco pessoa, cada pessoa que está aqui tem quatro ou cinco, pra mais, eles conseguem pagar o aluguel, eles conseguem pagar as continhas deles, eles tem INSS, tem conta no banco, que a gente conseguiu abrir, tudo pela cooperativa. Eles conseguem receber o cartãozinho lá, tem PIX. (FERNANDES, 2021)

Aqui vemos mais uma vez que não se trata apenas de um empreendimento nos moldes burocrático-legais, existe também uma ação racional a valor. Além de atender a necessidade de gerar renda para a proprietária, é uma forma de dar apoio e assistência social a comunidade. A realidade de ter mais mulheres até antes dessa chegada dos imigrantes, segundo a entrevistada, reflete a realidade social da comunidade, com muitas mães que criam

⁷² Fotografia feita em visita realizada a Associação em 16 de Novembro de 2021.

seus filhos sozinhas. Fernandes (2021) também cita o desejo de fazer uma creche, visto que muitas mulheres não conseguem manter-se na cooperativa pela dificuldade de encontrar creches ou locais onde deixar seus filhos.

Figura 29 – Postagem sobre o trabalho dos imigrantes



Fonte: Página do Instagram da Associação 3, 2021⁷³

A média de idade entre os cooperados é de trinta e cinco a quarenta anos, sendo todos maiores de idade, corroborando os dados de Dagnino e Joahnsen (2017). A maioria não possui ensino fundamental, mas são alfabetizadas. A presidente possui ensino fundamental incompleto, e há na cooperativa também uma funcionária na área administrativa, com formação em gestão e administração.

No que tange a organização da cooperativa, ela recebe o resíduo e faz a triagem; há uma pessoa responsável por esta etapa. Posteriormente há uma separação por qualidade. Fernandes (2021) cita o exemplo dos plásticos, que podem ser de vários tipos, e após a separação, são prensados e vendidos. A venda é feita para intermediários, normalmente sucateiros, pois segundo a entrevistada, a cooperativa não consegue vender para o cliente final, em função da necessidade de giro de caixa contínuo, sendo que desta forma não conseguem a quantidade necessária para a venda para o cliente final. A empresa que compra os resíduos é situada na cidade de Tijucas.

⁷³ Página do Instagram da Associação 3, postagem de 20 de Julho de 2021.

Fernandes (2021) compreende que dentro da cadeia da reciclagem o menor valor fica com os catadores, ela cita inclusive o exemplo do preço da caixa de leite, que na venda fica a R\$ 0,25 por kg. E que por se tratar de um valor baixo, há pouco interesse entre os cooperados de trabalhar com esse material. Fernandes cita que a Tetra Pak, responsável pela produção das caixas, deveria implementar um sistema de logística reversa e fazer um repasse maior. Ela complementa que a Tetra Pak usa as caixas recicladas para fabricação de telhas, e que poderia auxiliar a cooperativa com esse tipo de material, visto sua necessidade de melhorar a estrutura do galpão. *“Há quatro anos eles nunca deram uma satisfação pra nós. Eles não fazem nada pra perder, tudo é para ganhar”* (FERNANDES, 2021).

Fernandes (2021) também traz as dificuldades dos catadores e a falta de apoio dos entes públicos, mais especificamente da UFSC:

Uma Universidade que uma das melhores do país, e nós temos catadores trabalhando e não tem um planejamento, para levar essas cooperativas para um tratamento de dentista, tratamento de médico, isso deveria ser obrigada, mas não fazem nada, a gente tem que correr atrás de tudo e tudo é cobrado.

A entrevistada, corroborando a fala do Engenheiro Melo, da COMCAP, comenta que no último ano o volume de resíduos reduziu drasticamente, passando de cerca de quatrocentas toneladas recebidas, para em torno de duzentas, no máximo duzentos e cinquenta ao mês. E que isso se deu pelo aumento da catação na rua, sem a participação das associações e cooperativas.

No que se refere aos eletrônicos, Fernandes (2021) cita que: *“em relação a eletrônicos não é muita coisa não, antigamente vinha mais coisas. A Comcap colocou os PEVs, e o resíduo que poderia vir para nós, que poderíamos fazer um dinheiro vai para uma pessoa específica”*. Fernandes (2021) comenta que a cooperativa se mostrou interessada em tirar as licenças ambientais para trabalhar com esse tipo de resíduo, todavia o custo cobrado foi de R\$ 11.000,00. Ela relata que em reunião com a autarquia, onde houve a demonstração do interesse, disseram a ela que a associação deveria continuar com os resíduos atuais. *“Se você vim aqui, você vai ver que todo tipo de material a gente recicla, não é que a gente pegava papelão, plástico e joga fora o resto, não o material todo é reciclado”* (FERNANDES, 2021).

Então assim, agora é uma oportunidade de dividir um pouco isso aí. Eu acho assim, se a cooperativa tem a licença ambiental, eu acredito que a Comcap, seria mais do que direito a gente dividir esse material.

Ai, eu não tenho condições, eu não tenho licença ambiental, não, beleza, mas se eu tenho, então eu vou querer um pedaço disso aí. O reciclado é mixaria, o material nobre é o que dá valor mesmo, mais valores melhores é dividido entre os cooperados, tu não acha que isso melhora a vida de todo mundo? Disse, nossa de oito pra oitenta, se hoje eles ganham mil e quinhentos na quinzena, dois mil por mês, dois mil e quinhentos, é a média deles aqui. Agora imagina tendo um material que a gente pudesse trabalhar. (FERNANDES, 2021)

Fernandes (2021) comenta que a Comcap orientou-a a efetuar a venda dos resíduos eletroeletrônicos para a Weee.do, por conta das licenças para a atividade e por fazer a destinação correta destes resíduos, todavia segundo a entrevistada, o valor é muito abaixo e ela tem que pensar na saúde financeira da Associação. A entrevistada citou os gastos da associação como contra-argumento, como o aluguel, administração, divisão, entre outros.

Em relação ao fato de todos os resíduos coletados nos PEVs irem para a Weee.do, Fernandes (2021) comenta que:

Não tenho nada contra, nada contra, mas aí eu acho que é privilégio. E eu não tenho nada aqui, não tô contaminando rio, se eu tô fazendo as coisas erradas, beleza, mas não tô, e a gente quer, quer fazer as coisas acontecer, que nem um negócio pra pagar melhor, pra dar mais dinheiro para os catadores. Os cidadãos, pensam estar fazendo o ambientalmente correto, destinam seus resíduos diretamente nos PEVs e nada vai para as cooperativas. Aí o próprio cidadão tá consciente, de eletrônicos, as pessoas não tão errada, elas estão fazendo o correto. Eu sou a chata.

Ela acredita que, tendo as licenças, seria justo as associações terem acesso a estes resíduos e complementa que poderia haver uma mobilização entre as associações para que os resíduos eletroeletrônicos fossem divididos entre todos. *“Nesse ano, será que a Associação 3, a gente não sabe se vai poder comprar uma caixa de Bombom para dar para o pessoal. Enquanto isso o dinheiro dos resíduos eletroeletrônicos está correndo solto”.* (FERNANDES, 2021)

Quando a gente fala em tirar uma licença ambiental para resíduos eletrônicos eles falam: Ah, não dá, pra vocês conseguirem uma licença ambiental vocês têm que mandar os rejeitos do eletrônico para o exterior, mas aí o rapaz que tava na reunião falou: não, perai, existem outras formas de se trabalhar, não é bem assim, não é radicalizando, não é assim que a banda toca, existem outras formas, entendeu. (FERNANDES, 2021)

A entrevistada acrescenta que algumas cooperativas têm terrenos cedidos pela prefeitura, como a Associação 1, Associação 2, Aresp, assim como as despesas de luz e água. No que tange a um estímulo a reciclagem na cidade, a entrevistada concorda que falta um

estímulo maior, comenta sobre um projeto chamado de Gestor Ambiental Urbano⁷⁴, que seria uma forma de educação ambiental na comunidade, mas que não houve andamento até o momento.

Em relação a uma rede de cooperação entre as cooperativas, Fernandes (2021) comenta que *“é cada um por si. O ajudar é assim, se tem o telefone de uma balança, daí a pessoa te passa, aquela política da boa vizinhança”*.

Sobre o recebimento de materiais de origem duvidosa, a entrevistada cita que como a cooperativa não compra materiais, trabalha somente com doações e com a coleta seletiva, não há esse tipo de problema. Segundo ela, a cooperativa não faz coleta, somente em casos esporádicos, como na greve da Comcap, e sobre a situação envolvendo a privatização da coleta de resíduos, Fernandes 2021 comenta que: *“gurira, isso é bem complicado, porque isso aí é só peixe grande, não dá pra pensar que a gente vai ganhar, porque não ganha não. O problema é quando não tem coleta falta material na cooperativa”*.

3.5.4 Associação 4

A Associação 4 é localizada no bairro José Mendes, região central de Florianópolis, funciona desde agosto de 2018 em forma de cooperativa e é presidida por Mário Dias, entrevistado no dia vinte e cinco de outubro de 2021, às quinze horas, com duração de trinta minutos. Silva possui Ensino fundamental completo e não soube informar o nível de escolaridade dos pais, todavia sabe que foram alfabetizados, mas não sabe se foi em uma escola regular.

A Associação começou e continua sendo familiar, sendo que todos moram na comunidade:

A gente as vezes vai procurar um serviço e não consegue, ou é muito novo ou muito velho, essa aqui por exemplo, trabalhou 30 anos em pizzaria, e não consegue serviço, a gente não entende né, meu cunhado também trabalhou 25 anos, 30 anos, de garçom e agora não consegue mais serviço, aí faz o que, tem que trabalhar com nós e agora que começou a trabalhar na reciclagem acho que não sai mais. Mas todo mundo tenta trabalhar de carteira assinada, mas não consegue fazer o que (DIAS, 2021).

⁷⁴ O projeto começou a ser implementado em Junho de 2022, com o nome de Agente do Meio Ambiente – AMA, com a zeladoria e limpeza de áreas por agentes zeladores que atuam também na educação ambiental.

Corroborando Dagnino e Joahansen (2017), o trabalho na coleta de resíduos passou a ser uma atividade considerada a partir da ausência de oportunidades de trabalho formal, por pessoas com baixa qualificação, embora com vasta experiência, e que ainda necessitam da geração de renda para sobrevivência. Mais de que falar de coleta e coordenação da cadeia, a dinâmica do mercado de reciclados diz muito sobre a situação de exclusão social agravada pela pandemia no Brasil.

As atividades são realizadas em um galpão, e segundo Dias (2021), havia a intenção de construir um segundo, todavia por se tratar de um espaço alugado, não houve autorização do proprietário, além da questão ambiental, por se tratar de uma área protegida. O entrevistado comenta ainda, que por o espaço estar situado nos fundos de um terreno, pessoas da própria comunidade não o conhecem.

Figura 30 – Fachada da Associação 4



Fonte: Fotografia tirada pela autora⁷⁵

Confirmando o que foi citado por Lopes e por Fernandes, Dias (2021) comenta que a associação já processou em torno de cem toneladas mês de resíduos, mas hoje processa em torno de sessenta a setenta, sendo que quarenta a cinquenta são oriundas da coleta seletiva. *“Agora na pandemia saíamos 10h e voltávamos 14h e 15h, aí não estava valendo a pena, agora começamos às 8h até às 18h, deu uma melhorada”* (DIAS, 2021).

⁷⁵ Fotografia feita em visita realizada a Associação em 25 de Outubro de 2021.

São dezoito associados, sendo dez homens e oito mulheres, todos com níveis de escolaridade entre ensino fundamental incompleto e médio. Em relação à organização: “o material chega pela Comcap ou fazemos uma carguinha (SIC), temos caminhão também, e nós distribuimos no meio e cada um pega na sua mesa o material de que é responsável, para no final do dia pesar, e final da semana ou do mês fazer o acerto” (DIAS, 2021).

No que se refere à divisão do material coletado pela Comcap para as associações, Dias (2021) comenta que: “Eles fizeram uma divisão lá né, aí como a Associação 1 é maior, mais antiga, tem uma percentagem a mais né, mas geralmente fica com 5 a 10% do reciclável que eles catam. Daí essa divisão quem fazem é eles mesmos”.

Figura 31 – Parte interna da Associação 4



Fonte: Fotografia tirada pela autora⁷⁶

A Associação compra materiais de catadores, todavia a maior parte do que é processado vem da coleta seletiva. Com relação parcerias com a prefeitura ou órgãos públicos: “Agora nós vamos ter com o MP, nós fomos sorteados pra coletar material do MP,

⁷⁶ Fotografia feita em visita realizada a Associação em 25 de Outubro de 2021.

mas a parceria é com a COMCAP que é da prefeitura, então basicamente temos a parceria com eles” (DIAS, 2021).

Dias (2021) comenta também sobre a cultura de reciclagem, e se há incentivos:

Eu acho que a reciclagem existe, a gente sabe que existe, mas é pouco divulgada, porque a gente vê a quantidade que vai para o lixão. Basicamente de 6% a 10% falam que coletam de reciclado, então se fosse mais bem divulgado, mais bem estruturada a reciclagem, então ela ia bem mais para as associações e não para o aterro. Pela quantidade de lixo que tem é pouco que é reciclado. Se fosse mais divulgado, tivesse mais coleta do que vai para o lixo.

No que se refere a PNRS, Dias comenta que por ter sido cooperado junto a Associação 1 no ano da publicação da Lei, conhece a Política, todavia comenta que na prática ele não percebe efeito positivo.

Porque não aumenta a reciclagem, o lixo reciclado, então essa lei aí, o prefeito acho que passa a mão por cima. Eles deveriam apoiar também as associações, dar mais verba ou incentivo, a gente basicamente, abre a associação, tem que pagar os negócios, “coisarada” (sic), pra abrir a associação, mas depois a gente não tem nenhum incentivo, nenhuma ajuda de custo, nada, assim então eles deixam a desejar né, porque eles têm da onde tirar essas verbas, pois é fora um serviço público, o meio ambiente agradece tendo as associações. (DIAS, 2021)

Em relação à parte das vendas, Dias (2021) comenta que elas são feitas a intermediadores, sucateiros, e que isso se dá pelo volume insuficiente para a venda ao cliente final.

No que tange aos resíduos eletrônicos, Silva cita que entre os resíduos:

Ficam em quase 0,000% porque quase não vem né, é um telefone aqui, não vem muita coisa não, agora televisão também quase não vem. Quanto à licença específica para resíduos eletrônicos: tem sim, não temos, pois teria que ter espaço próprio para ela né, então a gente não foi muito atrás de pegar eletrônicos, também não divulga que pega eletrônico, se eles vierem aqui a gente separa algum daí já da o destino. Já vendo até para o cara aqui que vende para Curitiba. Ele já tem os contatos há tempo né, ele mexe mais com eletrônico. (DIAS, 2021)

O entrevistado complementa que os eletrônicos não são o forte da associação, e que no caso desses resíduos, não há nenhuma separação de peças na associação, a venda é feita do resíduo inteiro. Dias (2021) evita falar o nome do comprador, pois segundo ele, talvez o comprador não tenha licença para operar.

Em relação ao gerenciamento de resíduos eletroeletrônicos ser lucrativo, Dias (2021) afirma que sim, mas que todavia, por não haver recebimento considerável e por não terem um

espaço disponível para a atividade, só seria possível realizá-la através de uma parceria de investimento.

No que tange a uma rede de colaboração entre as associações, Dias (2021) salienta que:

Já foi mais fraca, antes era cada um por si, agora até que estamos tendo reunião, não mensalmente porque agora por causa da pandemia, mas agora temos contato com todos, temos o grupo nosso da rede de catadores, tem associações novas, estão iniciando, eu como conhecia desde a outra, então agora tenho mais parcerias.

Em relação às licenças ambientais e da prefeitura, Dias (2021) reforça o apoio da Comcap nessa parte, mas salienta que todos os custos são pagos pela associação. Segundo ele, para iniciar uma associação, há a necessidade de investimento, são custos anuais, e alguns pra obter a licença. *“Eles deveriam ajudar mais nessa parte, eles travam um pouco. Tem umas que conseguem e outras que demoram um pouco mais, temos uma que ainda não conseguimos, mas estamos correndo atrás”* DIAS (2021).

Sobre as dificuldades de manter a associação, Dias reforça a necessidade de parcerias: *“A dificuldade existe porque o trabalho é árduo e duro, mas a parceria, a gente deveria ter mais parceria com o poder público né, como a gente tá numa capital que tem tantos órgãos públicos que poderiam ajudar”* (DIAS, 2021).

Ele complementa dizendo:

Abriu a associação, já tinha que ser mais bem divulgada, a reciclagem na cidade né, para as associações, colaborar com as associações, porque é um meio difícil de lidar, porque tanto material que eles pegam já vai para outras empresas, não associação, daí é complicado de nós lidar com essas empresas, se tivesse maior colaboração da prefeitura e dos órgãos públicos a gente conseguia andar com as pernas nossas mesmo, nós temos indo, eu trabalho com isso há vinte anos. Nós ficamos faceiros, além de ganharmos o sustento nosso, a gente tá fazendo uma ação para o meio ambiente, pra todos né. Se tu ver o tanto de material que nós tira aqui, meu Deus do céu. Não só nós, mas todas as associações. (DIAS, 2021)

Todavia Dias (2021) compreende o pioneirismo de Florianópolis na reciclagem, afirma que em outras cidades não há nem a coleta seletiva ainda:

Florianópolis foi uma das primeiras, até pouco tempo era a primeira entre as capitais, não sei por que deixou de ser, mas é negócio de política, e a gente não entende muito né. Incentivo na mídia, ninguém fala nada no jornal, TV. Ninguém fala, quanto material deixaria de ir para o aterro e a prefeitura não teria que pagar. Para nós eles não pagam nada. Desde 2010 a gente pede para ser pago por

tonelada, mas eles acham que largando os materiais para as associações já é um favor.

Para eles é isso, mas pra nós não, a política sabemos que é difícil lidar, ainda bem que as associações conseguem com o governo federal. (DIAS, 2021)

A Associação tem também a parceria com a Ancat (Associação Nacional de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis), e nesse ano recebeu um caminhão para coleta, Dias (2021) comenta que no final do ano receberam cinquenta mil reais para investimentos. Ele salienta que a associação consegue reciclar grande parte dos rejeitos e que só o que não tem valor de venda é enviado como rejeito para a Comcap, “*A maioria é centavos, então tudo que entrar é lucro. Tudo que entrar é lucro pra todo mundo*” (DIAS, 2021).

O entrevistado comenta ainda que o nome da Associação surgiu da compreensão do valor ambiental da atividade desenvolvida, e que da mesma forma que todo o resíduo que não vai para aterros reduz os impactos ambientais, gera o sustento de toda a família envolvida na Associação. E que é possível perceber que a comunidade está se engajando e trazendo os recicláveis direto na Associação, também porque a Comcap passa pouco pela comunidade.

3.6 CONFLITOS E ACORDOS INSTITUCIONAIS PARA CONSTRUÇÃO DO MERCADO DE LOGÍSTICA REVERSA DE ELETROELETRONICOS EM FLORIANÓPOLIS

Para compreender o campo da reciclagem de eletroeletrônicos dentro do que se compreende como mercados verdes, mapear o campo através das entrevistas e visitas foi fundamental para uma análise dos discursos e apelos dos atores dentro do campo de reciclagem de eletroeletrônicos em Florianópolis. Ao findar as visitas e entrevistas foi possível mapear, parcialmente, os polos dominantes e dominados dentro do campo. Igualmente foi possível identificar que a conformação do campo em Florianópolis se deu em dois momentos distintos: o primeiro, a entrada da Weee.do na continuidade da Empresa Circular e o segundo, a assinatura do acordo entre Comcap, Abree e Weee.do. Esse segundo momento desloca a rede de relações baseadas em um forte capital social que envolvia os entes Weee.do, Comcap e OSC INFO, para uma relação racional legal, a partir do acordo setorial, todavia ainda baseada nas relações (capital social) do sócio da Weee.do com a Comcap, haja vista sua indicação pela Comcap para a Abree. No entanto esta nova construção abriu a possibilidade de uma concorrência no mercado a partir de chamadas públicas, como já citado

neste trabalho. Nesse sentido nos interessou estudar esses dois momentos, além do papel dos demais atores dentro deste campo econômico: sucateiros, catadores e associações.

O primeiro ponto a se observar é a relação lixo/economia, e como os diversos atores entendem esse bem simbólico dentro do capitalismo moderno, a partir do que Swedberg (2005) cita sobre a construção deste capitalismo da visão de Weber, como advindo da construção do Estado moderno. Este autor explora a formação de instituições econômicas e de uma nova mentalidade econômica, além dos aspectos que envolvem avanço tecnológico e inovações, assim como a relação do Estado-nação e a noção de cidadania, compreendendo como grupos com diferentes condições de cidadania, educação, condições de vida interagem. Podemos mobilizar este raciocínio para pensar quais os conflitos gerados a partir daí no mercado de reciclados.

Nesse sentido, percebeu-se diferenças no tratamento do resíduo classe 2, processado por catadores e o resíduo eletroeletrônico, processado por empresas. O resíduo classe 2, enquanto bem simbólico, está atrelado a sujeira, repulsa, abjeção, assim como o profissional que trabalha com ele; já os resíduos eletroeletrônicos são percebidos em outra categoria, como um bem econômico, com valor de mercado e cujo profissionais que operam nesse setor, se não são, deveriam ser especialistas.

Compreendendo o campo como um espaço com autonomia relativa e de disputas entre os agentes por posições e capitais, Florianópolis é a capital que mais recicla no Brasil e tem como projeto também alcançar altos índices na logística reversa de eletroeletrônicos. Todavia, mesmo contemplando catadores e cooperativas, esse objeto demanda um capital cultural específico, que limita a atuação destes agentes, visto a necessidade de conhecimentos técnicos específicos para atuação dentro do campo e nesse sentido, compreende-se um destaque para os atores dominantes, com maior capital cultural, mas também para o ator Sucateiro 2, tema explorado no capítulo 3. Conforme citado nas entrevistas, seus sócios possuem formação superior, o que confirma a complexidade da atuação dentro deste campo, visto que o foco da empresa são materiais metálicos e eletrônicos.

A partir das entrevistas, visitas, pesquisas em sites, redes sociais, bibliografias e documentos legais, percebeu-se que há dois tipos de apelos dentro do mercado estudado, um apelo burocrático legal, que compreende uma concepção de futuro do mundo, numa perspectiva do desenvolvimento sustentável, e com forte capital cultural, formados pela Weee.do, Comcap, OSC INFO, Abree e Green Eletron e um outro apelo social e de solidariedade, formado por sucateiros e associações, que baseiam sua atuação dentro de uma

perspectiva de subsistência, renda, mas também no existir e ser auxiliado pelos demais atores. Sendo assim, o setor da reciclagem no Brasil implica dois elementos cruciais, a questão ambiental e a desigualdade social.

Há uma forma de coordenação da cadeia em relação a perdas ambientais, no sentido de uma racionalidade formal, no que se refere ao aparelho burocrático/legal: licenças, leis, decretos e acordos setoriais. De outro lado há um apelo de racionalidade substantiva, no que se refere às causas sociais como apelo ético do setor.

Foi possível compreender três pares de opostos: Uma dominação legal, através das leis, como a PNRS, licenças e o poder exercido pelas instituições, como a Comcap, em que os atores do polo dominante possuem mais acesso, em função dos seus capitais e também pedem por maior fiscalização do estado e o polo dominado percebe como um excesso e um entrave para os seus negócios.

O capital cultural, necessário para o manejo dos resíduos eletroeletrônicos é maior entre os dominantes, pelo seu acesso a uma formação de nível superior, enquanto os dominados possuem formação de ensino fundamental e médio e sem conhecimentos técnicos específicos de eletroeletrônicos.

O capital econômico é maior também entre os dominantes dentro do campo, que embora empreendam ações de estabilidade econômica, estão em situação mais estável do que os dominados. Estes últimos se enquadram, em sua maioria, em situações de vulnerabilidade social. Considerando o levantamento de Dagnino e Johansen que comenta os dados de 2010 do IBGE, de que os catadores recebiam em média 10% a mais do que o salário mínimo, na pesquisa empírica foi possível constatar que, nas associações visitadas, com o aumento dos valores dos resíduos durante a pandemia, esse valor é 65% superior ao que o salário mínimo atual. Todavia o ganho real deve ser mensurado pelo poder de compra do salário mínimo, que segundo o DIEESE, foi reduzido de forma considerável nos últimos anos⁷⁷.

Na perspectiva do papel do estado junto aos atores, há duas formas distintas, percebe-se que entre os dominantes, embora concordem com os altos custos e excesso de burocracia, há uma crítica a pouca fiscalização e regulação dos dominados, enquanto os dominados entendem que há muita regulação e que deve ser reduzida, eles entendem que deveria haver menos intervenção do Estado. Mesmo que, pela sua posição dentro social, são os que mais precisam do auxílio estatal. Os atores do universo patronal, de uma visão de mundo racional e

⁷⁷DIEESE – ANÁLISE DA CESTA BÁSICA. Disponível em:
<https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>

burocrática, veem fiscalização de menos, o Estado é muito bondoso com os pequenos. Do lado dos catadores e sucateiros, há uma compreensão de uma fiscalização excessiva do Estado, a partir de uma visão de mundo a partir da lógica da emergência do dia de amanhã, que conforme Weber e Bourdieu é característica da classe trabalhadora.

A questão burocrática/legal é um dificultador substancial para os sucateiros e as associações, sendo que as associações, em sua maioria, compreendem a dificuldade legal e econômica de manter todas as licenças e regulamentações para a atividade de reciclagem de eletroeletrônicos. Mesmo os sucateiros, embora citem possuir as licenças necessárias, não foi possível confirmar essa informação. Compreendendo a burocracia dentro da administração pública e a importância do ambiente institucional nesta relação, foi possível perceber o papel da autarquia municipal Comcap como intermediadora do processo de reciclagem em Florianópolis, considerando os resíduos coletados via coleta seletiva, nos ecopontos e PEVs, formando a partir daí os acordos entre o consumidor e as empresas/associações.

Ao compreender o estado com um papel simbólico fundamental na organização da vida social (Bourdieu, 2007), entende-se que a PNRS e o Decreto 10240/2020 com um caráter estruturante dentro do campo e embora uma implicação da legislação para a possibilidade de atuação no gerenciamento de resíduos, para associações e catadores, na prática, com os eletroeletrônicos, a burocracia, a necessidade de conhecimentos técnicos específicos e os altos custos da atividade e das licenças, dificultam esta atuação. Realidade do momento estudado nesta pesquisa, visto que a partir da entrada da Abree, da Green Eletron e das chamadas públicas, os processos podem sofrer transformações.

Num primeiro momento da construção e disputa dentro do mercado, o agente Rae, através de suas relações, ou seja, de seu capital cultural, econômico e social, tendo em vista suas origens familiares, acadêmicas e relacionais, montou uma rede junto a Comcap para recolhimento dos resíduos eletroeletrônicos coletados pela autarquia municipal, recebendo mensalmente cerca de 4 a 4,5 toneladas, sendo toda a destinação formal da autarquia. Num segundo momento e a partir dos acordos setoriais, há uma mudança significativa no mercado, com a entrada de grandes varejistas com maior capital cultural e econômico, ou seja, o mercado está em constituição, visto que em Florianópolis estas empresas começaram a atuar somente em 2022.

Há também uma necessidade de atuação nos âmbitos social e ambiental como exigência, para as grandes empresas, dentro da bolsa de valores ou ainda, conforme Barreiros (2021, p.173), ao analisar as grandes empresas no campo da sustentabilidade empresarial, “os

novos modos de pensar e de agir dos adeptos da SE (sustentabilidade empresarial) fornecem, principalmente às grandes empresas, os caminhos para se esquivarem de ataques dos críticos mais fervorosos do capitalismo”. No que tange a esta entrada destes varejistas, em Florianópolis a Magazine Luiza e a Vivo em parceria com a Abree e a Casas Bahia em parceria com a Green Eletron passaram a coletar resíduos eletroeletrônicos em 2022 e enviar para sua central em São Paulo que posteriormente envia para um ente local reciclador. O banco Santander também possui uma atuação do recolhimento deste tipo de resíduo, mas de acordo com seu site, o recebimento é feito somente dos materiais de uso internos que são posteriormente enviados a estes gerenciadores.

Entende-se que a partir da entrada destas grandes empresas, haverá uma deformação no mercado. Percebemos neste sentido uma atuação do ente com maior capital cultural (Weee.do) na busca de formalizar as relações informais através desta rede de relações em construção, no entanto, somente com pesquisas posteriores será possível compreender esta nova formação do mercado, visto a possibilidade de novos gerenciadores se vincularem a Abree e a Green Eletron para receber estes materiais. Conforme constatado em entrevista com Mark Rae, há uma movimentação junto a rede de supermercado Angeloni, para que a Weee.do seja o ente local de destinação destes resíduos.

Até o presente momento, que o campo da reciclagem e gerenciamento de resíduos eletroeletrônicos em Florianópolis é formado por sucateiros e cooperativas com baixo capital cultural, com exceção da Sucateiro 2, que vivem no limite da exclusão social e onde não há uma racionalização dos negócios, são empreendimentos instáveis, que utilizam o apelo social e ambiental para se manter. No outro polo, empreendedores com maior capital cultural e social, que utilizam o apelo ambiental e um apelo burocrático legal para ampliar e manter sua posição dentro do campo. Neste sentido, pode-se verificar discursos comuns entre todos os atores, que é a contribuição social a cidade, a limpeza, um apelo a ideia de racionalidade substantiva – de contribuição ao bem-estar da sociedade em Florianópolis.

Embora tenhamos identificado uma disputa entre catadores e empreendedores, foi possível compreender a situação dos catadores como um problema social, com uma necessidade de renda básica mínima, assistência social, uma pobreza multidimensional, percebido na fala dos atores em relação à falta de estrutura mínima para a atividade, ou mesmo quando na visão da atividade como uma estratégia de sobrevivência, sendo que em sua maioria, são pessoas com pouco capital econômico e cultural.

No que tange ao discurso dos atores, há uma diferença de *habitus*, os atores com maior capital cultural e econômico tem um texto firme, voz pontuada e segura, um vocabulário elaborado e os atores com menor capital cultural e econômico possuem um português menos rebuscado, difícil de transcrever, a fala mais baixa, vários não ditos – não respostas – que demonstra o temor de falar, é possível perceber a entrevista e a presença desta entrevistadora como uma forma de invasão do seu espaço. Conforme Bourdieu (1997) nossa presença causa constrangimento nos mais vulneráveis, mas também percebeu-se neles uma possibilidade de apelo desses atores, em relação as suas necessidades e urgências.

Os atores dominantes também possuem mais tempo para palestras e ações com apelo ambiental com foco no futuro do planeta, das gerações, esse *habitus* da elite corrobora para uma visão a longo prazo, diferente do *habitus* dos vulneráveis que possui uma urgência diária, não existe longo prazo, não é possível criar estoques para vendas diretas a clientes maiores, há questões de desvio jurídico, por questões econômicas e intelectuais.

Entre as associações foi possível constatar um certo grau de poder simbólico da Associação 1 em relação as demais, principalmente no contato direto com a Comcap. Ainda entre os catadores, há uma hierarquia entre os catadores associados e os catadores de rua, sendo que o projeto de lei de proibição da atuação deste segundo grupo é um processo de exclusão social que gerou conflito entre os discursos das associações. Entre os sucateiros, há em alguns a formalidade, embora não tenha sido possível verificar a questão das licenças, e também a informalidade e assim como os catadores, atuam através de estratégias de sobrevivência, ambos não são percebidos como atores ambientais, mas sim como perigosos ou ilegais.

A partir da aplicação do Decreto 10240/2020 em Florianópolis, com o cadastro e associação dos grandes players a rede de logística reversa, pode-se cogitar que, embora haja prerrogativa legal para atuação das associações e dos sucateiros, as grandes empresas passarão a coletar esses resíduos e enviar para grandes centros de distribuição através de coordenação nacional e com grande aparato tecnológico, de um sistema de informações, de controles digitais, de ferramentas de gestão, para cumprir o que delimite o decreto e o acordo setorial.

4 CONCLUSÃO

A proposta dessa dissertação foi pensar os mercados de reciclados eletroeletrônicos como construção social conforme os autores da Sociologia Econômica (Bourdieu, 2008; 2009). Observamos o município de Florianópolis que se autodeclara precursor de reciclagem de eletroeletrônicos no Brasil e é a segunda capital do Brasil a conquistar o selo Abree pela implementação da logística reversa de eletroeletrônicos e eletrodomésticos. Nesse município a logística reversa, no que tange aos resíduos eletroeletrônicos, se constrói através de parcerias e acordos entre a autarquia municipal, Comcap, Associações de Catadores e empresas privadas.

A singularidade da coleta de eletroeletrônicos está no fato de que ela demanda conhecimento técnico dos componentes para a separação adequada. Essa singularidade dispara uma disputa entre dois polos de dominados e dominantes: de um lado catadores e associações e de outro, empresas e executivos que, com mais capital cultural, acusam os demais atores de ‘ameaça’ ao setor.

Analisou-se as estratégias discursivas mobilizadas pelos agentes que participam deste campo. Foi possível constatar a distância de capital cultural e econômico entre diferentes atores da cadeia como parte do dilema de coordenação deste mercado. Igualmente consumidores finais ainda não confiam ou motivam-se para o descarte adequado: o discurso dirigido a eles – conforme a análise que fizemos da Lei Federal 12305/2010- parte da noção canônica de atores maximizadores de riqueza, o que pode ser um limite para a organização deste mercado.

O discurso dos atores envolvidos mobiliza o conceito de ‘urgência’ com o intuito de mobilizar outros atores na construção da coordenação da logística reversa; eles utilizam ferramentas de engajamento como palestras e *lives* apresentando o futuro do planeta como algo incerto e a responsabilização individual típica do neoliberalismo por esta incerteza.

Conforme Bourdieu (2005) e Fligstein (2001; 2001^a) o Estado ao se construir constrói diferentes mercados. Foi possível observar como a promulgação da PNRS Lei 12305/2010 inaugura o ambiente legal para a atividade dos catadores e intermediários da logística reversa de eletroeletrônicos. Igualmente foi possível constatar como o aumento da formalização da atividade do setor é capitaneado pela COMCAP, autarquia municipal de Florianópolis da área de dejetos. Igualmente há um esforço pela regulamentação da profissão. Esta regulamentação que de um lado protege essa população vulnerável pode excluir novos entrantes. Conforme

pondera Guimarães (2009) sobre o mercado de empresas de intermediação de emprego, é preciso alta taxa de desemprego para que estes intermediadores operem com sucesso. De maneira semelhante é a falta de alternativa laboral que impulsiona o mercado de catadores disponíveis. Este é antes um problema social do que um problema de coordenação da cadeia. Mais pesquisas sobre o tema são bem vindas. Conforme observado nessa dissertação, questões sociais misturam-se a questão da reciclagem devido ao perfil das pessoas que se envolvem na coleta de materiais reciclados: conforme o perfil demográfico de catadores (Dagnino e Johansen (2017), são pessoas que fazem parte dos excluídos; recolher material reciclado não é uma atividade laboral, apenas uma atividade eleita quando todas as outras oportunidades se esgotaram.

A coordenação do mercado de resíduos eletroeletrônicos constitui uma complexa rede entre empresas privadas e poder público que aos poucos vai estabelecendo os nexos da cadeia. O foco das empresas que trabalham com reciclados de eletroeletrônicos em Santa Catarina são negócios no sistema B2B (Business to Business), conceito que se refere a uma relação de empresa para com empresa. Todavia, a partir do Acordo Setorial de 2019 há também a coleta de resíduos oriundos de pessoas físicas, através dos PEVs. O que é possível observar através das entrevistas é que a presença de catadores neste setor é pequena e tende a desaparecer devido ao alto custo de treinar pessoas com baixo nível de instrução para este tipo de reciclagem.

Ao compreender o papel do acordo setorial na construção do Decreto 10240/2020 e analisar que sua construção se deu pela parceria de entidades representativas da indústria elétrica e eletrônica, da indústria de tecnologia da informação, do setor distribuição de produtos e serviços de tecnologia e das gestoras para resíduos, nos permite concluir que os agentes que definem, na perspectiva da logística reversa de eletroeletrônicos, a forma correta do descarte, são os grandes *players* com o suporte do Estado. Os sistemas, as instituições autorizadas a participar, as metas e os meios de comunicação foram articulados e definidos na forma de decreto a partir destes acordos setoriais.

Fica como pista para novas pesquisas esta construção do mercado a partir da entrada dos grandes players: como se darão os arranjos institucionais a partir de então, quais os discursos, os apelos e como se conformará esta cadeia. Outros aspectos importantes nesta nova configuração são os custos tributários vinculados a circulação destes resíduos, visto que, já há a previsão de não incidência de impostos em alguns estados, o que pode potencializar uma disputa de mercado. Compreender também as

diferenças entre ambientes institucionais do Brasil e dos EUA e Europa no que se refere à circulação destes materiais também se configura em uma possível pesquisa futura.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Adriana S. **Formação “de catador para catador”**: O movimento nacional dos catadores na construção de sua autonomia político pedagógica. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Brasília, Distrito Federal, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/20079>. Acesso em 15 mai. 2021
- AMATO NETO, João. **Sustentabilidade & Produção**. São Paulo: Editora Atlas, 2011
- ARANHA, Carla. Florianópolis é destaque com polo de inovação e tecnologia. 2020. **Exame**, São Paulo, 06 dezembro 2020. Disponível em: <https://exame.com/brasil/florianopolis-e-destaque-com-polo-de-inovacao-e-tecnologia/>. Acesso em: 15 dez. 2020
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA ELÉTRICA E ELETRÔNICA. **A indústria elétrica e eletrônica impulsionando a economia verde e a sustentabilidade**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.abinee.org.br/informac/arquivos/fasci17.pdf>> Acesso em 15 mai. 2021
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RECICLAGEM DE RESÍDUOS ELETROELETRÔNICOS. **Conheça a Abree**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://abree.org.br/conheca-a-abree>. Acesso em 5 mar. 2020
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RECICLAGEM DE RESÍDUOS ELETROELETRÔNICOS. **Pontos de Recebimento**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://abree.org.br/pontos-de-recebimento>. Acesso em 05 abr. 2022
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RECICLAGEM DE RESÍDUOS ELETROELETRÔNICOS. **ABREE convida para a Chamada Pública**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://abree.org.br/abree-convida-para-a-chamada-publica>. Acesso em 5 mar. 2022
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS MEMBROS DO MINISTÉRIO DE MEIO AMBIENTE. **Painel I: Gestão dos Resíduos Urbanos – Eliminação e Recuperação dos Lixões**. Florianópolis, mar. 2018. Disponível em: https://seminario.abrampa.org.br/doc/florianopolis/flavia_vieira_guimaraes_orofino.pdf. Acesso em 05 mai. 2020.
- ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE TECNOLOGIA. **Sobre a Acate**. Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://www.acate.com.br/institucional/>. Acesso em: 3 dez. 2021

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE FLORIANÓPOLIS. **Histórico**. Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://www.acif.org.br/a-acif/historico/>. Acesso em 5 mai. 2021.

ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS. Sabia que somos uma cooperativa parceira do programa de reciclagem 3 corações. Florianópolis, 25 abril 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ccxsp8UOcoy/>. Acesso em 25 abr. 2021

ASSOCIAÇÃO DE PRESERVAÇÃO E EQUILÍBRIO DO MEIO AMBIENTE DE SANTA CATARINA. **Aprema Serviços Ambientais**. Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/1503APREMA1977SC/>. Acesso em: 3 nov. 2021

ASSOCIAÇÃO DE USUÁRIOS DE INFORMÁTICA E TELECOMUNICAÇÕES DE SANTA CATARINA. **Sobre Nós**. Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://br.linkedin.com/company/sucesu-sc>. Acesso em: 3 dez. 2021.

BALLOU, Ronald. H. **Gerenciamento da cadeia de Suprimentos**: Planejamento, Organização e Logística Empresarial. São Paulo: Bookman, 2005.

BARBATO, Humberto. **Página do LinkedIn Humberto Barbato**. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/humberto-barbato-86b23481>. Acesso em 04 fev. 2022.

BARREIROS, Bruno C. A apropriação da sustentabilidade no espaço empresarial brasileiro: disputas, heterodoxias e sentidos. **Revista Novos Rumos Sociológicos**. v. 9 n.16 Ago/Dez 2021. Disponível em: A apropriação da sustentabilidade no espaço empresarial brasileiro: disputas, heterodoxias e sentidos | Barreiros | Novos Rumos Sociológicos (ufpel.edu.br). Acesso em 21 mai. 2022

BARREIROS, Bruno C. **A institucionalização da “sustentabilidade” no espaço empresarial brasileiro: a emergência de uma elite de top managers e a conformação dos neófitos. 2009**. Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/214751/PSOP0651-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em 21 mai. 2022

BASEL ACTION NETWORK. **ScamRecycling e-Dumping on Asiaby US Recyclers**. Disponível em: <http://wiki.ban.org/images/1/12/ScamRecyclingReport-web.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020

BASTOS, Valéria P. **Catador: profissão um estudo do processo de construção identitária, do catador de lixo ao profissional catador. Jardim gramacho, de 1996 aos dias atuais.** 2008. Tese (Doutorado em Serviços Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=13053@1>. Acesso em 22 jun. 2020

BOLTANSKI, L. THÉVENOT, L. *De la justification: Les économies de l'agrandeur.* Paris: Éditions Gallimard, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação.** 9. ed. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. **As estruturas sociais da economia.** Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

_____. **Esboço de Uma Teoria da Prática.** Oeiras: Celta Editora, 2002.

_____. **Questões de sociologia.** Lisboa: Fim de Século, 2003

_____. **O campo econômico.** Revista Política & Sociedade, Florianópolis, v. 6 p. 15-58, 2005 (tradução de "Le champéconomique". Actes de la Recherche en Sciences Sociales, v.119, p. 48-66, 1997).

_____. "A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos". In **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos.** Porto Alegre: Zouk, 2006.

_____. **A miséria do mundo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

_____. **A distinção: crítica social do julgamento.** Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Sobre o Estado.** São Paulo: Companhia das Letras, 2014

BOURDIEU, Pierre. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.) Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 65-69 (3. ed., 2001).

BOURDIEU, P. ; CHAMBOREDON, J. C. ; PASSERON, J. C. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. **[Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 1 out. 2020.

_____. **Lei n. 12.305, de 02 de agosto de 2010**. Dispõe sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm. Acesso em: 08 out. 2019.

_____. **Lei 6.938 de 31 de agosto de 1981**. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente. Lei Federal 6938/1981. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%206.938%2C%20DE%2031%20DE%20AGOSTO%20DE%201981&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20Pol%C3%ADtica%20Nacional,Lei%2C%20com%20fundamento%20no%20art. Acesso em 30 abr. 2020

_____. **Decreto-lei nº 10.240 de 12 de fevereiro de 2020**. Regulamenta o inciso VI do **caput** do art. 33 e o art. 56 da Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, e complementa o Decreto nº 9.177, de 23 de outubro de 2017, quanto à implementação de sistema de logística reversa de produtos eletroeletrônicos e seus componentes de uso doméstico. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2020/decreto-10240-12-fevereiro-2020-789763-publicacaooriginal-160002-pe.html>. Acesso em 18 dez. 2020

_____. **Extrato de Acordo de 19 de novembro de 2019**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://sinir.gov.br/images/sinir/Acordos_Setoriais/Eletroeletr%C3%B4nicos/EXTRATO_DE_ACORDO_-_EXTRATO_DE_ACORDO_-_DOU_-_Imprensa_Nacional.pdf. Acesso em 11 jan. 2021.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **Conferência das Partes**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2021. Disponível em: [https://antigo.mma.gov.br/clima/convencao-das-nacoes-unidas/conferencia-das-partes.html#:~:text=A%20Confer%C3%Aancia%20das%20Partes%20\(COP,pa%C3%ADses%20Parte%20em%20confer%C3%Aancias%20mundiais](https://antigo.mma.gov.br/clima/convencao-das-nacoes-unidas/conferencia-das-partes.html#:~:text=A%20Confer%C3%Aancia%20das%20Partes%20(COP,pa%C3%ADses%20Parte%20em%20confer%C3%Aancias%20mundiais). Acesso em 7 abr. 2021

CANDIDO, S. E. A; SOULÉ, F. V. e SACOMANO NETO, M. **The Emergence of “Solidarity Recycling” in Brazil: Structural Convergences and Strategic Actions in Interconnected Fields.** *Organization & Environment*, v. 32(3), p. 363–385, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Silvio_eduardo_Alvarez_candido/publication/323556261_The_Emergence_of_Solidarity_Recycling_in_Brazil_Structural_Convergences_and_Strategic_Actions_in_Interconnected_Fields/links/5d418d8a92851cd04695c11d/The-Emergence-of-Solidarity-Recycling-in-Brazil-Structural-Convergences-and-Strategic-Actions-in-Interconnected-Fields.pdf. Acesso em: 05 out. 2020

CARVALHO, I. C. de M. **Qual educação ambiental?** Elementos para um debate sobre educação ambiental popular e extensão rural. *Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*. Porto Alegre, v.2, n.2, abr./jun., 2001.

CARVALHO, I. C. de M.; STEIL, C. A. **O habitus ecológico e a educação da percepção:** fundamentos antropológicos para a educação ambiental. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 34. Set./dez., 2009.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. **O crescimento do lixo eletrônico e suas implicações globais.** Disponível em: <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/6/20191217174403/panorama-setorial-xi-4-lixo-eletronico-atualizado.pdf>. Acesso em 08 out. 2019

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFEBE. **Centro Universitário é ponto de coleta de lixo eletrônico.** 2021. Disponível em: <https://www.unifebe.edu.br/site/clipping/28-de-janeiro-de-2020-radio-araguaia-centro-universitario-e-ponto-de-coleta-de-lixo-eletronico/>. Acesso em 15 dez. 2021.

CÉSAR, Francisco Ignácio Giocondo; NETO, Mário Sacomano. **Logística Reversa Integrada.** In. XXVII Encontro Nacional de Engenharia de Produção – XI International Conference on Ind. Engineering and Operations Management. – ABPRO – Abr/2007.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CMMAD). *Nosso futuro comum* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

COMITÊ PARA DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMÁTICA. **Sobre o CPDI.** Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://cpdi.org.br/sobre-cpdi/>. Acesso em 15 nov. 2021.

COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM. **Taxas de reciclagem**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://cempre.org.br/taxas-de-reciclagem/>. Acesso em 15 dez. 2021

COMITÊ PARA DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMÁTICA. **Projetos**. Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://cpdi.org.br/projetos/>. Acesso em 15 nov. 2021.

CORDANI, U. G.; MARCOVITCH, J.; SALATI, E. **Avaliação das ações brasileiras em direção ao desenvolvimento sustentável após a Rio 92**. In: Rio 92 cinco anos depois: avaliação das ações brasileiras em direção ao desenvolvimento sustentável após a Rio 92 [S.l: s.n.], p. 9-19, 1997.

DAGNINO, Ricardo S.; JOHANSEN, Igor C. Os catadores no Brasil: características demográficas e socioeconômicas dos coletores de material reciclável, classificadores de resíduos e varredores a partir do censo demográfico de 2010. **Repositório Ipea**, São Paulo, abr. 2017. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7819/1/bmt_62_catadores.pdf Acesso em 15 mar. 2020.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICO. **Pesquisa nacional da Cesta Básica de Alimentos**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>. Acesso em 05 fev. 2022.

DEUS, N. S. et al. O consumidor socioambiental e seu comportamento frente aos selos de produtos responsáveis. **Revista Brasileira de Administração Científica**, v. 1, n. 1, pp. 32-54.

DIAS, S. M. **Lixo e cidadania**: os impactos da política de resíduos sólidos de Belo Horizonte no mundo do trabalho do catador da Asmare. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, Ouro Preto, 2002.

DIAS, Reinaldo. **Marketing ambiental**: ética, responsabilidade social e competitividade nos negócios. São Paulo: Atlas, 2007.

DIÁRIO DA CIDADE. **Acupra em Florianópolis**. Disponível em: <https://www.diariocidade.com/sc/florianopolis/guia/acupra-79655338000131/>. Acesso em 05 ago. 2021

DUPAS, Gilberto. **Atores e poderes na nova ordem global: assimetrias, instabilidades e imperativos de legitimação**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GOOGLE MAPS. **WEEE.DO**. Disponível em:

https://www.google.com.br/maps/place/Weee.do+Log%C3%ADstica+Reversa+de+Eletroeletr%C3%B4nicos/@-27.6171456,-48.6606405,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipM4ZedsQMeRvA71IjMbSnRi6WQGqp6w_fY7zSdc!2e10!3e12!6shhttps:%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipM4ZedsQMeRvA71IjMbSnRi6WQGqp6w_fY7zSdc%3Dw203-h114-k-no!7i4128!8i2322!4m5!3m4!1s0x0:0x135665929dc1c959!8m2!3d-27.6171083!4d-48.6608514?hl=pt-BR. Acesso em 15 ago. 2021.

MOVIMENTO ECOLÓGICO LIVRE (MEL): história da defesa ambiente em Santa Catarina. Publicado pelo canal EcoAgência de Notícias Ambientais, 30 nov. 2021. (82 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-IK5R0G5WEY>. Acesso em nov. 2021

EIGENHEER, E. M.; FERREIRA, J. A. e ADLER, R. R. **Reciclagem: mito e realidade**. Rio de Janeiro: In-Folia, 2005.

FLIGSTEIN, N. **Le mythe du marché**, Actes de la Recherche, n.139: 3- 12, 2001.

_____. **Mercado como política: uma abordagem político-cultural das instituições de mercado**. Contemporaneidade e Educação, ano 6(9): 26 -55, 2001^a

FLORIANÓPOLIS, Prefeitura municipal de. **Plano Municipal de Coleta Seletiva 2016**. Florianópolis, 2016. Disponível em:

https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/25_11_2016_14.57.47.8629ead8c3806b459007d7c3cfe54719.pdf. Acesso em 24 abr. 2021

_____. **Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos – PMGIRS**.

Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/sistemas/pmgirs/>. Acesso em 20 jul. 2021.

_____. **Indicadores da Geração de Resíduos**. Florianópolis, 2020. Disponível em:

<<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?cms=indicadores+da+geracao+de+residuos&menu=5&submenuid=1414>> Acesso em 2 abr. 2020.

_____. **Gestão de Resíduos (SMMA Comcap)**. Florianópolis, 2020. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?cm>

s=origem+ligada+a+pavimentacao+publica&menu=1&submenuid=sobre#:~:text=A%20origem%20da%20Comcap%20est%C3%A1,desde%20a%20d%C3%A9cada%20de%2040>
Acesso em 10 abr. 2020

_____. **Evolução da Limpeza Pública na Capital.** Florianópolis, 2020. Disponível em:
<https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?cms=evolucao+da+limpeza+publica+na+capital&menu=1&submenuid=sobre>> Acesso em 15 abr. 2022

_____. **PMF investiu R\$ 10 milhões em coleta seletiva para acelerar metas lixo zero.** Florianópolis, 2020. Disponível em:
 <<http://www.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=notpagina¬i=22693>> Acesso em 17 nov. 2020.

_____. **Eletroeletrônicos e eletrodomésticos.** Florianópolis, 2020. Disponível em:
<https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?cms=eletroeletronicos+e+eletrodomesticos&menu=4&submenuid=150>. Acesso em: 20 nov. 2020

_____. **Projeto de lei que regula a coleta seletiva tem apoio dos catadores.** Florianópolis, 2021. Disponível em:
 <<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?pagina=notpagina&menu=0¬i=23938>> Acesso em 10 nov. 2021

_____. **Referente ao licenciamento ambiental para atividade de Armazenamento temporário de eletroeletrônicos e eletrodomésticos pós-consumo (código 71.60.08).** Florianópolis, 2021. Disponível em:
<https://www.pmf.sc.gov.br/servicos/index.php?pagina=servpagina&id=4889>. Acesso em 30 ago. 2021

_____. **Origem ligada à pavimentação pública.** Florianópolis, 2021. Disponível em:
<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?cms=origem+ligada+a+pavimentacao+publica&menu=1&submenuid=sobre#:~:text=A%20origem%20da%20Comcap%20est%C3%A1,desde%20a%20d%C3%A9cada%20de%2040>. Acesso em set. 2021.

_____. **Florianópolis ganha o selo Abree pela logística reversa de eletros.** Florianópolis, 2021. Disponível em:
<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?pagina=notpagina&menu=0¬i=23875>. Acesso em 27 out. 2021

_____. Secretaria do Meio Ambiente. **Criação do Tecnosépio.** Florianópolis, 16 dez. 2021. Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CXjYwtxsJkD/>. Acesso em 16 dez. 2021.

_____. **Associações/cooperativas de catadores de resíduos recicláveis secos.** Florianópolis, 2021. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/sistemas/comcap/pdf/associacoes.pdf>. Acesso em set. 2021.

GAMA, Mara. Dia internacional da reciclagem. **Folha de São Paulo.** São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/maragama/2019/05/dia-internacional-da-reciclagem.shtml>. Acesso em 11 dez 2019

GOMES, Ana R. W. **Determinantes de permanência de catadores em associações de catadores de materiais recicláveis.** 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/128615/328225.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 5 set. 2020

GUIMARÃES, Nadya A. **À procura de trabalho: instituições do mercado e redes.** Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

GREEN ELETRON. **10 Razões para reciclar o lixo eletrônico.** São Paulo, 2020. Disponível em: <https://greeneletron.org.br/blog/tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-lixo-eletronico/>. Acesso em 12 ago. 2020

_____. **O que é o Acordo Setorial para a Logística Reversa de Eletroeletrônicos?** São Paulo, 2020. Disponível em: <https://greeneletron.org.br/blog/o-que-e-o-acordo-setorial-para-a-logistica-reversa-de-eletronicos/> Acesso em 30 ago. 2021.

_____. **Quem somos.** São Paulo, 2020 Disponível em: <https://www.greeneletron.org.br/>. Acesso em 02 jan. 2021

_____. **Associados.** São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.greeneletron.org.br/associados>. Acesso em 30 ago. 2021.

_____. **Parceiros.** São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.greeneletron.org.br/parceiros>. Acesso em 30 ago. 2021.

_____. **Tudo que você precisa saber sobre o lixo eletrônico.** São Paulo, 2020. Disponível em: <https://greeneletron.org.br/blog/tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-lixo-eletronico/>. Acesso em 30 ago. 2021

HALL, P. A.; TAYLOR, R. C. R. **As três versões do neo-institucionalismo**. São Paulo: Revista Lua Nova, n. 58, Ano 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/Vpr4gJNNdjPfnMPr4fj75gb/?format=pdf>. Acesso em 4 jan. 2021

INSTITUTO DE PESQUISAS ENERGÉTICAS E NUCLEARES. **Resíduos de equipamentos elétricos e eletrônicos**. São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.ipen.br/biblioteca/cd/ictr/2004/ARQUIVOS%20PDF/12/12-011.pdf>. Acesso em 01 mar. 2020

KASPER, Gabriela P. **Análise ambiental do processo de gerenciamento de resíduos eletroeletrônicos através dos princípios de contabilidade ambiental**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) - Feevale. Novo Hamburgo: 2012.

LACERDA, Leonardo. **Logística Reversa: Uma visão sobre os conceitos básicos e as práticas operacionais**. Centro de Estudos em Logística-COPPEAD: Rio de Janeiro, 2002.

LEBARON, Frédéric. **Conferência “A metodologia de Pierre Bourdieu em ação”**. Publicado pelo canal PPGSP UFSC. 15 mai. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8D1EpY8epUc>. Acesso em 03 nov. 2020.

LEITE, Paulo. R. **Logística Reversa: meio ambiente e competitividade**. 2 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008.

LOPES, Wilson C. **Página do LinkedIn**. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/wilson-cancian-lopes-845a2784>

MANZINI, E; VEZZOLI, C. **O Desenvolvimento de Produtos Sustentáveis**. São Paulo: Edusp, 2008.

MAURÍCIO, Sérgio de C. **Página do LinkedIn**. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/sergiomauricio001/pt>. Acesso em 15 jan. 2022.

MOTA, Luiza. **O Instrumento da Logística Reversa de Resíduos Eletroeletrônicos no Contexto da Obsolescência Programada e Percebida: Um olhar à partir da cidade de Santa Maria**. 2014. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/6380>. Acesso em: 08 out. 2019

NOGUEIRA, C. M. M. e NOGUEIRA, M. A. **Bourdieu e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora Ltda, 2009

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Mundo produzirá 120 milhões de toneladas de lixo eletrônico por ano até 2050, diz relatório**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mundo-produzira-120-milhoes-de-toneladas-de-lixo-eletronico-por-ano-ate-2050-diz-relatorio/>. Acesso em: 08 out. 2019.

_____. **“Passo importante, mas não o suficiente”**, afirma Guterres sobre acordo da COP26. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/11/1770432> Acesso em: 22 dez. 2021.

_____. **OIT: somente 20% do lixo eletrônico é reciclado formalmente**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/04/1668641>. Acesso em 22 dez. 2021.

STROISH, Bruna. **Marquito: Conheça o vereador mais votado de Florianópolis nas eleições 2020**. Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://ndmais.com.br/politica/marquito-conheca-o-vereador-mais-votado-de-florianopolis-nas-eleicoes-2020/>. Acesso em 17 nov. 2020.

NSC TOTAL. **Greve da Comcap em Florianópolis completa uma semana**. Saiba como está o serviço. Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/trabalhadores-da-comcap-entram-em-greve-em-florianopolis-0> Acesso em 09 fev. 2022.

NSC TOTAL. **Semana Lixo Zero começa nesta sexta feira em Joinville; confira a programação completa**. Joinville, 2021. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/semana-lixo-zero-comeca-nesta-sexta-feira-em-joinville-confira-a-programacao-completa><https://www.nsctotal.com.br/noticias/semana-lixo-zero-comeca-nesta-sexta-feira-em-joinville-confira-a-programacao-completa>. Acesso em: 22 out. 2021.

RAE, Mark J. **Página do LinkedIn**. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/mark-j-rae-23357885>. Acesso em 12 dez. 2019.

RECICLA SAMPA. **Magalu vai coletar e reciclar lixo eletrônico**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.reciclasampa.com.br/artigo/magalu-vai-coletar-e-reciclar-lixo-eletronico>. Acesso em 25 jun. 2021.

REVEILLEAU, Ana C. de A. **As catadoras e os catadores na Política Nacional de Resíduos Sólidos**. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade de São Paulo, 2018. São

Paulo, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2140/tde-06112020-192827/publico/7813462_Tese_Parcial.pdf. Acesso em 05 mai. 2021

RIOS, A. V. V. e IRIGARAY, C. T. H. **O direito e o desenvolvimento sustentável.** **Brasília:** Instituto Internacional de Educação do Brasil, 2005.

ROGERS, D. S. e TIBBEN-LEMKBKE, R. S. ***Going backwards: reverse logistics trend sand practices.*** *The University of Nevada, Reno, Center for Logistics Management, Reverse Logistics Council, 1998.*

SARTORE, Marina S. **Convergência de elites:** A sustentabilidade no mercado financeiro. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Carlos, 2010. São Carlos, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1417?show=full>. Acesso em: 25 abr. 2020

_____. **O mercado socialmente responsável.** Araraquara: REED – Revista Espaço Diálogo e Desconexão, v.4, n.2, jan/jul. 2012. Disponível em: <https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/verProducao?idProducao=574365&key=bde67db9775092904e62159cd4e5a330>. Acesso em 05 mar. 2020.

_____. **A Sociologia dos índices de sustentabilidade.** São Paulo: Revista Tempo Social, vol. 24, n. 2, p.169-187. nov. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/53137/57199>. Acesso em: 08 out. 2019.

_____. **Estado, mercado e índices de sustentabilidade.** Brasília: Revista Sociedade e Estado, v. 27, p. 631-662, set/dez 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5686/5174>. Acesso em 05 mar. 2020

SEIDL, Ernesto. **Sentido do Jogo.** In: CATANI, A. M. et. al. Vocabulário Bourdieu. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p 241-242.

SILVA, Sandro P. A organização coletiva de catadores de material reciclável no brasil: dilemas e potencialidades sob a ótica da economia solidária. **Repositório Ipea** , São Paulo, jan. 2017. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2268.pdf. Aceso em 14 ago. 2021

SWEDBERG, Richard. **Sociologia Econômica:** Hoje e amanhã. São Paulo: Tempo Social. Vol. 16, n. 2. São Paulo, Nov. 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ts/a/dvSxLM8hKX5dKCCQzK6xtQbq/?lang=pt>. Acesso em: 08 out. 2019.

TUON, Lígia. 10 temas e momentos que definiram o encontro da elite global em DAVOS. **Exame**, São Paulo, janeiro 2020. Disponível em: <https://exame.com/economia/10-temas-e-momentos-que-definiram-o-encontro-da-elite-global-em-davos/>. Acesso em 10 out. 2020.

UNITED NATIONS ORGANIZATION (ONU). **Report of the United Nations Conference on The Human Environment**. 1972. Disponível em: <http://www.un-documents.net/aconf48-14r1.pdf>. Acesso em: 08 out. 2019.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP. **Declaração de Estocolmo sobre ambiente humano – 1972**. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Meio-Ambiente/declaracao-de-estocolmo-sobre-o-ambiente-humano.html>. Acesso em 05 abr. 2019

VATSYAYANA, M. **Mundo produzirá 50 milhões de toneladas de lixo eletrônico em 2017**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2017/04/1879303-mundo-produzira-50-milhoes-de-toneladas-de-lixo-eletronico-em-2017.shtml>. Acesso em 08 out. 2019

WALDMAN, Maurício. **Lixo: Cenários e desafios**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

Weber, Max. **Ensaio de Sociologia**. Tradução. Waltensir Dutra. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1982.

_____. **Objectivity in social science**. In: *The methodology of the social sciences*. Nova York: The Free Press, 1994

_____. **Economia e Sociedade**. vol. 2. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora UnB, 1999.

_____. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEEE.DO. **Florianópolis ganha selo Abree pela logística reversa de eletros**. Florianópolis. 04 nov. 2021. Instagram Weee.do. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CV3dBD9P4tm/>. Acesso em: 23 jul. 2021.

WEEE.DO. **Medalhas das Olimpíadas de Tóquio foram feitas com parte de celulares e computadores reciclados.** Florianópolis. 23 jul. 2021. Instagram. Weee.do. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRrlO6-hqPW/>. Acesso em: 23 jul. 2021.

*WORLD COMMISSION FOR ECONOMIC DEVELOPMENT (WCED). **Report of the World Commission on Environment and Development: Our common future, 1987.** Disponível em: <<http://www.un-documents.net/wced-ocf.htm>. Acesso em: 08 out. 2019*

ANEXO A – Entrevistas

Entrevista 1 – Comcap (duração de 47 minutos, feita em 17 de novembro de 2021 com o Engenheiro responsável pela Coleta Seletiva Wilson Lopes Cancian)

Gabriela: Boa tarde, vou questionar de novo se eu posso fazer a gravação, pra deixar registrado, porque eu preciso registrar pra pesquisa mesmo, na UFSC temos que ter a autorização da entrevista gravada.

Entrevistado: Tá certo

Gabriela: Então eu te peço autorização para fazer a gravação, que está começando agora.

Entrevistado: pode gravar

Gabriela: Está bem, obrigada, então, meu nome é Gabriela, eu faço Mestrado em Sociologia na UFSC, e a minha formação inicial é Ciências Contábeis, mas eu faço graduação em Ciências Sociais na UFSC, e faço mestrado também, os dois concomitantemente.

Entrevistado: Tu já é formada em ciências contábeis?

Gabriela: Isso e daí por isso eu consigo fazer o mestrado e a graduação e vou tocando os dois.

Entrevistado: Puxado hein.

Gabriela: Isso é, muito, bastante, mas o mestrado está acabando agora em março, se tudo der certo, a gente já finaliza essa parte.

Entrevistado: Então tá bom, vamos ver o que eu posso te ajudar.

Gabriela: Então o meu interesse por resíduos eletrônicos, ele começou lá no Rio Grande do Sul, porque o meu TCC em Contabilidade, foi na área de Contabilidade Ambiental, numa empresa de gerenciamento de resíduos, parecida com o que é Weee.do aqui hoje, aqui na Palhoça, só que no Rio Grande do Sul. Então já é um interesse que vem há mais tempo, só que daí ao entrar para o Mestrado aqui e para a graduação, me interessou mais esse viés sociológico também, além da questão só capital e só ambiental, que é a questão de estudar todos os atores que participam dessa cadeia, então a minha pesquisa, ela entrevistou desde sucateiros, entrevistei também Mark Rae, da Weee.do e estou procurando o pessoal das associações, pra fazer um levantamento de toda essa cadeia e daí surgiu também a ideia de entrevistar vocês aí, que são um dos principais atores.

Entrevistado: Sim, sim, a gente faz parte desse elo.

Gabriela: Com certeza, então surgiu a possibilidade de conversar com vocês, então eu defini uma série de perguntas, mas é bem aberto, eu quero mesmo saber como é que funciona essa parte, especificamente, a gente pode abrir um pouco mais dos resíduos em geral, mas no meu trabalho foco é nos resíduos eletroeletrônicos.

Entrevistado: Certo.

Gabriela: Vou começar te perguntando e daí a gente vai conversando, fica bem aberto para falar o que tu achares melhor.

Entrevistado: Posso começar falando um histórico de quando a gente começou a trabalhar aqui.

Gabriela: Isso, perfeito.

Entrevistado: Olha só, aqui tem é OSC INFO né, a gente fez um primeiro convênio com eles lá no ano, lá por 2010, na área dos eletrônicos, principalmente na questão de computadores né, porque ele fazia todo o programa social na recuperação desses equipamentos, para inserção em comunidades, em projetos, então nesse viés que a gente começou a participar dessas questões dos eletroeletrônicos. Até porque a gente não tinha, na época, nenhum lugar pra direcionar esses materiais, então não adiantava a gente começar a receber e a gente ia criar um passivo aqui, não saberia o que fazer com isso, então a gente começou só na área dos computadores, desses materiais, porque o OSC INFO conseguia encaminhar todos eles, que a gente dava destino, ele tinha toda uma comprovação ambiental, pra fazer a inserção desses equipamentos e depois o descarte correto também.

E nesse ínterim, o que acontecia com alguns também, é principalmente, a gente fala eletroeletrônico, mas tem um grande bum, que é o que nós solucionamos agora, que é os eletrodomésticos, que era o nosso grande problema, porque eles, eletroeletrônicos geralmente são equipamentos pequenos e os eletrodomésticos são geralmente equipamentos maiores, principalmente a linha branca, geladeiras, fogões, máquinas de lavar, secadoras, micro-ondas, toda essa parte, então em todos esses anos que a gente trabalhou, muito desses materiais eram descartados nas associações, que vendem, desmontam, mas não tem uma licença ambiental própria para esse para esse fim e depois deste ano o Mark, que era a nosso até estagiário aqui na Comcap, depois que ele saiu ele montou a Weee.do e começou a ser um, de estagiário, passou a ser um parceiro, mas ele também junto com o OSC INFO, ele atuava sempre na questão dos eletroeletrônicos, computadores, equipamentos desse fim.

Neste ano agora em 2021, a gente recebeu uma associação que é Abree, Associação Brasileira dos Resíduos Eletroeletrônicos e Eletrodoméstico, então eles fizeram contato

conosco, para fazer uma parceria para destinação desses materiais, nesse sentido também a gente indicou ao Weee.do né, porque eles no início, eles queriam que a gente armazenasse todo esse material e eles viriam com um caminhão de São Paulo buscar esse material.

Então a gente falou que isso tá meio complicado, porque a gente já tem uma logística igual a essa dos pneus, mas pneu é um material menor, que a gente já trabalha com a logística de pneus já desde 2008, a gente armazena os pneus e tem uma empresa de São Paulo que recolhe todos e leva para o tratamento, aí a gente conseguiu indicar o Mark, e eles fecharam uma parceria com o Mark pra ele ser o ente local, porque como ele também já passavam nos nossos ecopontos recolhendo material, tudo facilitava e se realmente eles conseguiram fechar um acordo comercial, da Weee.do com Abree e nós então fechamos essa parceria, esse convênio de participação, no sentido de que, a nossa remoção, que a gente já tem toda a cidade, fizesse a remoção e a gente agora anunciando mesmo né, para as pessoas separarem e aí quando fizer o agendamento para coleta, até já colocasse o que que eles tem para a gente coletar, geladeira, fogão, porque a gente já vai preparado para colocar no caminhão esse material separado e aqui já dá o destino, a gente já tem um local apropriado aqui, no nosso ecoponto e nos demais ecopontos que nós temos, no norte da ilha, sul da ilha, do continente também, já ficaram preparados para receber esse material, junto com os eletroeletrônicos que são pequenos, os eletrodomésticos também.

Então com isso a gente começou a ampliar esse volume, como a parceria só tem três meses, ainda está um pouco incipiente essa parte, as pessoas descartavam muito como sucata e eu acredito que há uma grande quantidade desse material represado nas empresas que fazem manutenção, porque muitas vezes a pessoa ia lá buscava, para dar uma manutenção e aí não tinha peça ou o custo da mão de obra saía muito cara e a pessoa já deixava ali, ficava ali no descarte e essa pessoa usava muito para tirar peças, para aproveitar pra outra coisa, então de repente daqui um pouco vai começar bastante descarte desse material, porque muita coisa já estava estragada, não vai dar. Então dentro dessa logística, segundo a Abree, nenhum desses materiais vão ser reaproveitados, então não vai ser nunca feito o reaproveitamento desses materiais, eles não vão ser reinseridos no mercado. A Weee.do vai coletar, fazer uma seleção e vai mandar para as indústrias que vão fazer o desmonte de todos esses materiais e depois reinserir o material por material, matéria prima por matéria prima no mercado da reciclagem, é porque com eletrodoméstico é bastante tipo de materiais assim né.

Gabriela: Então o processo da Weee.do com eletrodomésticos é diferente do que é com os eletrônicos, com estes ela estava separando as peças né?

Entrevistado: É, no eletroeletrônico eles separavam algumas e já mandavam separado, faziam o desmonte. No eletrodoméstico, ele pode até fazer essa parte para facilitar até o transporte, isso não impede de fazer, eu só digo que nenhum material vai ser reaproveitado, aproveitar no sentido de arrumar e vender, como também nessa parte do eletrônico, ele também não faz, algumas coisas até ele conserta, vez que quando a gente precisa aqui de um notebook, ele recebe lá ou a gente pede, faz um ofício pedindo, ele arruma algum, se tem condições de uso, manda para a gente aproveitar. Nos eletrônicos também eles têm essa parceria classe OSC INFO, e também arrumam e inserem nas questões sociais, mas eu acredito 20% do que chega tem condição de ser recuperado e colocado para o uso, até porque a tecnologia hoje, os programas, precisa de equipamentos mais velozes e os que as pessoas estão descartando hoje são coisas um pouco antigas, obsoleta, já não estão mais em condições de inserir de novo, nessas questões sociais, então tudo é desmontado e já encaminhado. A Weee.do já facilita essa logística, porque, num desktop você tem uma grande parte ali que é uma carcaça, que é metal, então já vai para um lado e o eletrônico mesmo são pequenas coisas que aí vai para outro, ele já faz esse desmanche ali né, essa desconstrução dos equipamentos que facilita a logística depois, de encaminhar para a indústria A, B ou C, cada uma recebendo um tipo de material

Gabriela: Eu conheci lá, eu fui à Weee.do e conheci o galpão, o processo e toda essa parte da separação.

Entrevistado: Ele já separa e no caso da Weee.do, tem valor comercial, cada tipo de material que eles separam, então já vai separado. Eu não sei hoje como é que, comercialmente, ele acertou com a Abree, que é a Associação Brasileira nesses materiais no retorno né, porque conosco diretamente, a gente ia mandar uma geladeira inteira, para eles, pra São Paulo, lá que eles iam encaminhar, agora com a Weee.do facilita também, o Mark aqui fazer o desmonte, que já consegue mandar motor para um lado, a carcaça para o outro, revestimento interno de uma geladeira já é um outro tipo de indústria que vai receber. Ele tem que também tirar o gás, eles tem a questão do gás ali dentro, que é um gás que polui o ambiente, então ele já tira, talvez já deve encaminhar. Isso que cria todo um processo local aqui, que já facilita todo o mundo, para nós como a companhia responsável pela coleta, nós só coletamos material do contribuinte na casa, também para nós não gera um passivo aqui, recebemos todas as certificações que ele tem, e fechamos um circuito nesse caso.

Ninguém descarta na rua, a gente já tem um agendamento, então a pessoa liga, a gente marca, na quarta, quinta, sexta, semana que vem vamos passar aí, você coloca de manhã que a

gente passa ao longo do dia e coleta. Então, tudo isso cria um sistema bem proativo, de nada ir para o meio ambiente né.

Gabriela: Eu vi no site da Comcap a parceria com a Abree, Floripa está sendo uma das pioneiras nesse processo?

Entrevistado: A única coisa assim que a gente não recomenda, as associações também querem fazer isso.

Gabriela: Essa é uma das minhas questões.

Entrevistado: Infelizmente eles não têm a licença ambiental que eles têm, que nós participamos da elaboração da licença ambiental dos galpões deles, não permite a entrada desses materiais e o que eles fazem, eles fazem um desmonte, porque só armazenar o material a gente pode, tipo aqui na Comcap, a gente armazena uma TV, outros eletrônicos, quer dizer armazenamos, isso a gente pode fazer, mas nós não podemos desmontar o material, para desmonte o Mark lá tem uma licença especial para fazer isso, então ele tem todo um processo, ele entra com a licença ambiental, então para o Mark é permitido ele fazer o desmonte, porque ele tem todas as comprovações de encaminhamento depois dos materiais, têm toda a segurança do galpão dele de estocar o material de São Paulo. Já nós aqui na Comcap, no nosso galpão de armazenamento e as próprias associações não têm esse tipo de licença. A deles é para trabalhar com resíduos sólidos, mas os recicláveis, papel, papelão, plásticos e etc, os eletroeletrônicos são uma outra categoria, que tem uma licença diferente, para eles poderem mexer com esse material, eles teriam que criar uma licença especial e uma área especial para triagem e desmonte, para poder vender os materiais.

Eu sei que ali tem materiais, que tem um bom valor de mercado, mas eles não podem fazer, porque no eles destruir esse material, fazer a desconstrução desses materiais, eles vão gerar passivos, que eles não vão conseguir vender e pode começar a colocar no descarte do rejeito e aí gera um problema, então a gente aconselha a população a colocar todo esse material para a nossa coleta, porque nesse sentido, a gente tem todo um caminho correto pra encaminhar.

Para as associações a gente entrega o material da coleta seletiva propriamente dita, e da coleta especial, hoje a gente tem uma coleta especial de vidro, que é um dos nossos grandes avanços da cidade, a gente esse ano, eu estava, estou vendo outro relatório aqui, a gente fechou já, agora, hoje é dia 17, hoje nós já estamos com quase 20% a mais que o ano passado, estamos com em torno de duas mil e duzentas toneladas de vidro coletados separadamente, naqueles PEVs que a gente tem distribuído na cidade e agora nós compramos

alguns caminhões, que nós estamos fazendo a coleta em condomínios e nas rotas gastronômicas, só de vidro, a pessoa só coloca para coleta vidro e também uma outra coleta especial, que a gente lançou também, é do PPS que é conhecido como isopor, a gente tem alguns contêineres separado da cidade, poucos, são dez, mas é mais para mostrar para as pessoas que o isopor também é reciclável, aí isso tudo a gente entrega aqui na associação, aqui no Itacurubi.

Gabriela: Na Associação 1?

Entrevistado: Isso! E a gente fechou uma parceria com a Plastivida, que é nacional, e uma indústria aqui de Santa Catarina, em Braço do Norte que é a Santa Luzia, a Santa Luzia fabrica rodapés e todos esses rodapés são feitos de EPS recicláveis. Então, só que o isopor tem um grande problema, que é o transporte, é volumoso e não pesa nada, então aqui eles trouxeram uma máquina, aqui para associação, que ela, praticamente o que ela faz, ela aquece e tira todo o ar do isopor e então, digamos assim, o metro cúbico de isopor se transforma em trezentas gramas de material, então aí facilita o transporte, então todo um volume de um caminhão, fica um bagzinho de um metro cúbico, também é mais uma fonte de renda para a associação, vai fechar no mercado, tem um valor agregado, a gente coleta e entrega para eles, fazem serviço de fazer, o que eles chamam de fazer um pãozinho, porque sai uma coisa meio enrolado e vende pra Santa Luzia.

Outro processo que nós estamos lançando, certo, fugindo um pouco do Eletro, o outro processo que nós estamos fechando agora é as cápsulas de café, aí também era um problema, porque ia pro aterro, então nós estamos fechando um acordo agora, com a Nexpresso, eles vão propiciar contêineres e a gente vai dispor eles nos condomínios, bares e restaurantes, para separação também dessa cápsula, essas cápsulas vão ser coletadas, a gente incluiu no convênio uma das associações, agora é outra associação, é lá dos Ingleses, os catadores de lá, que hoje nós estamos com sete parceiros nessa área, sete associações, então essa lá do norte da ilha vai fazer, eles tinham uma vanzinha, então eles vão fazer a coleta. A Egrégora, que é a parceira socioambiental da Nexpresso, contratou eles, eles fazem a coleta e nós vamos distribuir os contêineres para o pessoal de separar. Então é mais uma linha também de um material que a gente evita ir para o aterro e gerar renda aqui, eles vão ganhar para fazer a coleta e vão ganhar também por quilo de cápsula, que eles vão entregar também. É mais uma vertente. Mas vamos lá, tens mais alguma pergunta, falei bastante.

Gabriela: Estava nas minhas questões a questão das associações, em relação aos materiais eletroeletrônicos, mas já comentaste que hoje não é possível pela necessidade de um local a parte e licenças específicas

Entrevistado: Se eles fossem trabalhar com isso, na linha que eles separam o que veio na coleta seletiva, como papel, papelão, plástico, vidro dentro também, eles teriam que ter uma outra linha separada, um ambiente totalmente separado e com uma licença ambiental totalmente específica, pra poder fazer essa separação, acredito que não vale a pena, porque não chega na coleta própria seletiva, o descarte desses materiais está sendo muito pouco, a gente tá sempre pedindo para as pessoas não descartar, mas entregarem para nós pra nossa remoção ou entregar diretamente nos nossos ecopontos, onde no ecoponto esse material já é separado e encaminhado tudo. A própria Weee.do passa em todos ecopontos coletando, ele tem uma balança embarcada na Van dele, então ele já pesa, já nos manda os relatórios, a gente consegue ter todo o controle de tudo que está acontecendo, tudo rastreado, principalmente por ter componentes tóxicos, que não podem estar em qualquer ambiente.

Gabriela: Sim, na visita que eu fiz ele me mostrou os controles.

Entrevistado: Por isso das associações, para elas ficar capacitadas, para elas poderem fazer esses trabalhos, vão ter que se capacitar, e eu não vejo assim, como eles conseguiriam ter todo o aparato que o Mark tem, os cuidados que ele tem lá hoje, não digo que no futuro eles não possam ter, mas eles vão ter que se preparar para isso, seria essa parte.

Gabriela: E como funciona o estímulo a reciclagem aqui em Florianópolis?

Entrevistado: Hoje nós estamos com um grande problema nosso é que assim, com a pandemia, o ano passado a gente teve que ficar um mês também sem coletar, mas já voltamos, mas o que aconteceu, com tudo isso, com todo o mercado econômico do Brasil, os valores dessas matérias-primas, dos reciclados subiu muito o valor, até pela falta de matéria-prima virgem, no mercado, de algumas indústrias, principalmente na área de plástico, faltava muito polímero no mercado, então as indústrias não estão conseguindo fabricar o que eles precisam, a demanda está grande e eles não tem matéria prima, então o que aconteceu com os reciclados, tiveram um valor agregado muito alto e com isso trouxe muita gente a coletar material dentro da cidade, de forma, vamos dizer assim, a gente considera como clandestina, porque a gente tem uma coleta formal na cidade, que tem um custo e esses materiais são encaminhados para essas cooperativas, que a gente participou junto da licença ambiental deles, a gente tem um controle, a gente faz visitas, a gente pede relatórios para eles, principalmente das pessoas que trabalham, a gente quer que eles tem um ambiente seguro,

salubre e que todos que tenham mão de obra sejam associados e são remunerados, mas para que eles se sustentem precisa de um volume mínimo para o galpão se manter, se não consegue nem pagar a conta de luz.

O que aconteceu, principalmente de junho do ano passado para cá, nosso coleta seletiva caiu muito, porque existe n caminhões que vem de Governador Celso Ramos, vem de Alfredo Wagner, vem de São José, vem da Palhoça, vem de Biguaçu, tem algumas até aqui de Florianópolis também, na nossa frente coletar esse material, então o que acontece, quando a gente chega num bairro para coletar já não tem mais material e muitas vezes o material que tem, eles também peneiram e deixam só o que não tem valor comercial agregado. Então, o que aconteceu, nesse um ano para cá foi isso, a gente teve uma redução drástica no volume de coleta, a gente estava aí num volume de coleta, no ano passado da pandemia, em torno de mil toneladas mês e teve mês aí que foi de quatrocentas, trezentas, quinhentas, seiscentas toneladas, não conseguimos subir mais que isso mensal, então isso deu um impacto grande dentro das associações, então antes a gente tinha um material para eles e tudo mais, acabou que eles mesmo, acabou de ir para a rua coletar, numa concorrência com os outros, então criou um problema sério na cidade e agora a gente está com um projeto de lei na Câmara para regulamentar isso, infelizmente né, a gente sabe que todo mundo quer pegar, coletar, todo mundo tem o direito a trabalhar, mas a gente tem que regulamentar, se não vira bagunça, até porque todo esse pessoal que está pegando material na rua, a gente não sabe onde que ele descarta os rejeitos, e a gente sabe que tem rejeito, a gente controla em todas as associações, o volume, de tudo que a gente entrega, 20% retorna, que é rejeito, que são materiais contaminados e as pessoas também não separa muitas vezes direito, tem material muita vez que não tem mercado, eles descartam e isso vai para aterro sanitário.

Todo esse pessoal que está coletando na rua essas quinhentas, seiscentas toneladas, que a gente imagina que está saindo fora da nossa rota, a gente não sabe esses 20% de rejeito, para onde está indo, nem quem são essas pessoas, então pode estar criando passivos ambientais em outras cidades, de outros locais, que ninguém sabe o que pode acontecer, então gera um problema, então essa lei realmente vai proibir e realmente vai ter punição infelizmente para essas pessoas, porque a gente montou na cidade uma, a gente já no ano de 2009, a gente tirou todos os catadores da rua, a própria Associação 1 tinha um local que eles separavam o lixo, era embaixo da ponte Colombo Salles, depois eles mudaram para a Beira Mar sul, que invadiram uma área de meio ambiente lá, então a gente fez um acordo com o Ministério Público, que trouxemos eles todos aqui para o Itacorubi, num galpão que a gente

tinha, a gente preparou o galpão, e trouxemos todos eles para cá. No início tiveram muita resistência, porque eles achavam que iam perder dinheiro, iam perder um monte de coisa, mas em dois anos eles começaram a ver que não era bem assim, que o tempo que eles ficavam na rua catando, eles catavam à noite e durante o dia separavam, então eles trabalhavam o dobro do tempo, sem falar no perigo de estar puxando um carrinho na rua, então quando eles vieram para cá, o que aconteceu, nós fomos fazer, como nós somos uma empresa de coleta, nós temos todo um profissionalismo que trabalhamos, motoristas treinados, gari treinados, gari concursado, todos com carteira assinada certo, isso tudo dentro de um processo e toda uma segurança, nós temos engenheiro de segurança, técnico de segurança, que instituiu no trabalho na rua e dentro de um horário também, que a gente não atrapalha o trânsito, não causa nenhum problema.

Então a gente passou, desde 2009, nós passamos a fazer a coleta seletiva na rua e entregamos para eles nos galpões, então na época a gente criou a Associação 1, a Aresp, que era aqui no Itacurubi também, agora foi lá para o Chico Mendes e depois a Associação 2, então a gente coletava, entregava para eles e aí eles viram que eles puderam ter mais tempo para separar os materiais, de forma correta, trabalhar com empresas e angariar melhor o dinheiro, separando melhor, eles conseguiram vender melhor e ter melhor resultado financeiro, isso em quatro anos, eles viram que isso realmente era o caminho, então nós da Comcap passamos a fazer mais vezes coleta, ampliamos a frequência de coleta em todos os bairros, atingimos a cidade inteira e o ano passado teve esse reverso, então nós investimos em caminhões, compramos caminhões e o nosso caminhão sai e volta vazio e entregamos pouco para eles, então isso que gerou, gera um problema social nas associações, sabemos que os outros também, eles estão trabalhando, mas não dá, as coisas tem que ser regulamentada, como todos os trabalhos, como toda profissão, em todos os sistemas são regulamentados, porque tudo isso, principalmente esse material pode gerar passivos ambientais, aí gera um problema, não adianta eles pegar o material para separar e criar um outro problema ambiental na natureza, uma coisa não vai, o balanço vai ficar negativo no final.

Gabriela: Eu vi o depoimento de uma presidente de Associação no Instagram da Comcap falando sobre o projeto de lei, da Associação 3, apoiando o projeto.

Entrevistado: São umas associações que têm x pessoas trabalhando, eles podem ampliar, essas pessoas que estão na rua podem trabalhar com eles e aí a gente consegue dar uma segurança maior para o processo, porque daí fica em ambientes confinados às associações, a gente controla, a gente entrega, tira o rejeito, a gente faz visita, faz inspeções e a gente

consegue manter todo um equilíbrio entre todos, a gente inclusive coordena bem a entrega de materiais, conforme o porte de cada uma, para que sejam sustentável, quem tem um porte maior, tipo aqui a Associação 1 recebe mais, tem outras menores, com uma quantidade menor de pessoas, então a gente vai assim equilibrando.

Gabriela: É feita uma proporcionalidade por cooperados?

Entrevistado: Justamente, até porque a gente não pode colocar o material lá, se ele não está tendo um fluxo de triagem, que aí acaba atrapalhando também, a gente consegue ter esse controle, então tudo é monitorado, desde a licença ambiental. A gente tenta conseguir a licença de bombeiros, a licença da própria prefeitura, para eles trabalharem dentro de todas as normas, que são exigidos por todos os demais órgãos, então a lei vem nesse sentido, a gente não quer prejudicar os demais, mas agora também esse pessoal é de outro município, outros municípios também podem criar a cooperativas e incentivar, São José é um município grande, a Palhoça é outro município grande, eles têm, guardadas as proporções, Florianópolis tem metade dos habitantes dos outros municípios, eles juntos dá muito mais do que Florianópolis, então tem muita matéria-prima desperdiçada em São José e Palhoça, só que a gente é um pouco mais organizado que os outros municípios, então eles tem que fazer pressão para que São José se organize, divulgue e criar os galpões apropriado para receber esses materiais, tá então é isso, infelizmente a gente não dá pra agradar gregos e troianos, a gente vai ficar com o nosso público aqui, que a gente os criou, fortaleceu as associações, agora a gente precisa entregar o material, e ele não estava ficando mais disponível.

Gabriela: Nas associações tem a questão da seguridade social também.

Entrevistado: Sim, inclusive eles têm alguns incentivos da logística reversa, da Abihpec, que é a Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, que para fornecer recursos também exige certas contrapartidas deles nessa área, eles investem, a Abihpec investe muito aqui na Associação 1, em construção de galpão, melhoras do galpão, mas existe todo também, todo um controle, inclusive a própria venda dos materiais é tudo com nota fiscal, então a gente controla aqui, principalmente, o mercado paralelo de falsificação, principalmente de bebida, a gente tenta aqui um controle, muitas vezes eles nos escapam, mas a gente tenta fiscalizar, para que nada saia sem nota fiscal, inclusive as associações só investe mediante comprovação de venda para indústria com nota fiscal, então tudo o que sai das associações, sai com nota fiscal, para a indústria X, para indústria Y, para poder ter até a rastreabilidade desses materiais e a gente controla para essas questões de falsificação também, porque isso gera um problema de saúde pública inclusive, empresas piratas.

Gabriela: E essa questão do recebimento de materiais oriundos de furtos, isso acontece com frequência por associações ou sucateiros? Em algumas entrevistas com associações me disseram que não, pois não compram materiais, mas como você percebe essa questão? Teve uma operação da polícia recentemente inclusive.

Entrevistado: Nós não enfrentamos isso porque as associações, a gente fiscaliza, já esses sucateiros, são pessoas que compram sucata, são outras empresas, mas dentro das associações esse é um item, por isso que eu falei anteriormente, da gente controlar a venda de certos materiais, principalmente de vidros de bebidas, para empresas paralelas, justamente para evitar essa questão de falsificação.

E também, a gente sempre alerta bem eles para não receber nada de terceiros, que eles notam que são oriundos de alguma coisa de furto, fio de cobre, hoje é só na rede pública, o máximo que a gente tem é um fiozinho de cobre do eletrodoméstico, é 1 metrozinho, é uma mixaria, mas já na rede pública elétrica, as quantidades são muito grandes, o fio também é robusto, então a gente aconselha a ninguém receber esses materiais, que provavelmente a origem não é lícita.

A gente aconselha sempre eles, porque muitas vezes condomínios ou empresas muitas vezes levam, porque a nossa coleta é duas vezes, alguns lugares, uma vez por semana, então muitas vezes quando a pessoa junta muito, ela leva direto na associação ou traz nos nossos ecopontos, que a gente também tem vários ecopontos, cinco ecopontos na cidade, que as pessoas podem levar diariamente os resíduos lá, então geralmente são materiais reciclados, papel, papelão, material plástico, latas, então a gente sempre aconselha a todos para tomar muito cuidado com esse tipo e não receber nenhum material diferente, porque as pessoas também têm uma tendência de descartar aquilo que muitas vezes ela tem que pagar para dar o destino e as associações é um meio.

A gente já pegou aqui, um tempo atrás, um monte de embalagem de cápsulas de café, sem uso ainda, acho que passou o prazo de validade, veio alguém aqui, veio num sábado, a nossa guarita também não fiscalizou direito, quando a gente viu estava aqui na Associação 1, uma quantidade razoável de cápsula de café e era tudo importado, a gente não conseguiu identificar o importador, tentamos fazer contato e não conseguimos, mas é o tipo de coisa que acontece também, da indústria ou empresa descartar o material, aí não pagam o destino, porque um material desse teria que ser para o aterro sanitário, teria que passar aqui, pesar e pagar, aí eles arranjam uma forma de descarte indevido desse material.

Gabriela: Certo, para finalizar, duas questões sobre a logística reversa direta para as empresas varejistas ou industriais. Um exemplo: eu tenho um celular Samsung, na teoria eu poderia destinar numa loja que eu comprei. Há algum tipo de iniciativa ou incentivo a isso aqui em Florianópolis, as lojas ou indústrias tem feito esse retorno direto?

Entrevistado: A logística reversa é uma responsabilidade das indústrias, mas como muitas delas são meio lenta, a gente está muito rápido nesse processo, a gente aqui, a Comcap já trabalha nisso há mais de 30 anos, com coleta seletiva, então a gente vai atropelando eles, mas a gente sabe que muitos deles já fazem propaganda de devolução nas lojas, eles têm até os recipientes para receber esses celulares, tudo mais ou também agora na nossa coleta, se descartar, se trazer ele aqui a gente também já tem um destino, hoje a gente, com esse acordo que a gente fez de cooperação com Abree, tudo que chega de eletroeletrônico, eletrodoméstico a gente já sabe que vai ser encaminhado corretamente, então a gente recebe.

A estrutura está montada, nossos ecopontos já recebem, então qualquer equipamento, menor que for ou maior que for, que chegar aqui vai ter um destino correto. Então para nós agora a segurança é máxima.

Gabriela: A minha pesquisa é local, mas a gente acaba encontrando muitas coisas de fora e nos Estados Unidos acontece uma prática que chama *dumpster driving*, as pessoas colocam seus itens, que não usam mais, nas calçadas para outros coletarem, é uma cultura que eles criaram e que já é regulamentada, já tem dias da semana para fazer isso e me chama atenção essa questão mais ampla de como no Brasil essa cultura da forma que vemos o lixo, como algo sujo, nos livramos do lixo, que é o que acontece muitas vezes.

Entrevistado: Eu conheço uma estrutura muito grande em Gotemburgo na Suécia, eles têm lá um local grande, um galpão grande, onde as pessoas levam o material e alguém passa lá e muitas vezes tem um preço simbólico, mais para a manutenção do galpão, mas fica disponível, separam até por tipo de material. Eu fiz um estágio na Itália em 2010, em Torino e eles tinham lá também, chamava bit bit, de bicicleta, eles começaram só com bicicleta, as pessoas levavam bicicletas antigas, velhas, eles arrumavam e vendiam, aí a coisa começou a crescer e as pessoas começaram a levar outros produtos, do lado tem um ecoponto, eles iam lá, muitas vezes garimpar no ecoponto, madeiras para recuperar.

Criaram até uma marcenaria e hoje eles falam que eles nem buscam lá, porque as pessoas pegaram o hábito de quando tem uma cadeira antiga, um móvel, levam, aí eles fazem um peneiramento e vê o que dá para recuperar. Mas é que lá quando eles levam as coisas, ainda tem um bom reuso, aqui no Brasil as pessoas usam, como se diz até o osso, então

quando ela descarta, infelizmente, a gente recorre muitas vezes estofados na rua, muitas coisas do que a gente recolhe, pouquíssimo teria uma condição de reuso. A gente até estava tentando montar um projeto, até tinha um primeiro nome de Lishop, que seria justamente um galpão de reuso, porque tem muitas matérias-primas que sobram em obras, você vê, sobrou um saco de cimento, azulejo, pedra de mármore, vidros, que você poderia levar nesse galpão e as pessoas ir lá usar, porque eu mesmo, em casa tem um monte de vidro que não sei o que eu faço, jogar fora não dá, então você vai guardando, se tivesse um local que eu pudesse descartar, que alguém fosse usar, seria até bem interessante, então a gente tem esse projeto que ainda não nasceu, porque a gente precisava de um galpão grande, para justamente ter esse descarte. Claro, a pessoa pode levar um estofado, alguma coisa e a gente avalia, se ele tem condição de reuso, deixaria ali para outro buscar, deixaria um determinado tempo e aqueles que não dá, infelizmente iria para o descarte.

Então dá para montar, mas nos Estados Unidos e na Europa, o que eles descartam, realmente, muitas vezes tem só 30% de vida útil, ainda tem muito que pode ser usado, as pessoas tem uma rotatividade grande, aqui a gente só descarta quando já está curado, já deu o que tinha que dar, muitas vezes as pessoas doam para alguém que ele conhece e tal, um eletrodoméstico, uma geladeira, mas não tem esse hábito, justamente por causa da qualidade desse material, que acaba não sendo assim, não dá para um certo reuso, a gente vê pelo que a gente coleta na nossa coleta de volumosos, que é por agendamento, todos os materiais que nós coletamos, muito pouco daria para reuso, mas daria para incentivar as pessoas a fazerem isso.

Gabriela: Aqui acontece muito essa troca no meio familiar ou fraternal, antes do descarte final.

Entrevistado: Vê ali com um conhecido, um descarte ali.

Gabriela: Tem a questão das vendas em sites e app de usados também.

Entrevistado: Também tem essa, as pessoas estão aproveitando para ganhar um dinheirinho, por isso que eu digo assim, muitos desses materiais tem valor comercial, então vale a pena a pessoa botar na OLX, que é um reuso e ela ainda ganha algum, consegue retornar algum dinheiro que ela investiu e o outro ainda vai dar um uso, vai comprar uma coisa barata e vai utilizar também, então isso é interessante, a OLX nessa questão do reuso.

Gabriela: Para fechar, em Santa Catarina, agora com essa parceria com Abree, Florianópolis acaba sendo a primeira cidade em Santa Catarina com esse convênio e pode abrir o caminho para outras cidades, é possível enxergar alguma rede de colaboração entre os municípios aqui? Não só nos eletrônicos, mas no sentido geral de logística reversa?

Entrevistado: Infelizmente essa cooperação não existe, eu vou voltar lá em 2010, a gente tentou fazer um consórcio intermunicipal aqui na região metropolitana, tivemos, porque antigamente os consórcios não tinha uma regulamentação, em 2007 foi feita uma lei que permite realmente os consórcios intermunicipais para a área de resíduos, já existe em saúde, em outras áreas já existe, mas de resíduos não existe. Então a gente elaborou todo um processo, fizemos reuniões, aqui em Florianópolis, com os municípios vizinhos, porque existe um trâmite para fazer o consórcio, a gente elaborou um termo e cada município tem que mandar para a Câmara de vereadores aprovar e aí ele entra no consórcio. A gente tentou um consórcio para a área de tratamento dos resíduos, para a gente juntar, mas infelizmente nenhum município mandou para as câmaras, o único município que mandou para a Câmara de Vereadores foi o de Governador Celso Ramos, que mandou projeto para a Câmara, a Câmara aprovou, mas como não foi criado o consórcio, ele acabou ficando sozinho.

Isso é uma boa coisa, porque tem certos tipos de resíduos, que só trabalhando em conjunto para ter uma geração que incentive empresas, que a gente precisa incentivar também empresas a estar no entorno aqui da cidade, para que o material não comece a viajar muitos e muitos quilômetros, tornando-se inviável o transporte. Então se tiver indústrias aqui perto, que aí já vão gerar empregos, já vai receber esse material, mas ela precisa ter volume para se instalar na região, se fossem todos os municípios junto aqui, só do aglomerado urbano aqui, Biguaçu, São José e Palhoça, já conseguia gerar uma quantidade de resíduos que valeria a pena um empresário abrir uma empresa de reciclagem, na área de plástico, já compraria o material aqui, então já para ele sairia barato, que não tem o frete e geraria emprego local também. Então incentivar isso é importante, mas politicamente não rolou isso, porque é só uma vontade política, não tem custo nenhum fazer o consórcio,

Gabriela: Eu queria visitar a Comcap e a Associação 1, teria como agendarmos?

Entrevistado: Tem sim, sim, sim, você pode um dia, passa um e-mail ou faz um contato com a Daiana, a gente agenda um horário, aí a gente pode fazer uma volta aqui, se possível ser sempre no início da manhã, que eu chego, eu chego aqui as sete por exemplo, se tu vier nesse horário sete, oito horas, a gente pode dar uma volta contigo aqui, você fala pra ela que o Wilson falou que pode te acompanhar, a gente agenda e a gente faz toda uma volta aqui, que aqui a gente tem várias coisas que acontece aqui, todos os resíduos de Florianópolis passam aqui pelo Itacorubi, a balança é única, todos os resíduos são pesados aqui, tanto o que vai para o aterro, como o reciclado, são pesados aqui, aqui a gente tem um ecoponto, que recebe todo tipo de materiais, aqui a gente tem um tratamento das podas de árvores da cidade, todos os

picadores estão aqui, toda a madeira também vem para cá, daqui algumas empresas levam a madeira para tratamento, a gente tem uma coleta de orgânico, que é compostado aqui também, então toda a compostagem é feita aqui, o transbordo do rejeito é feita aqui também, que vai para aterro sanitário e tem a Associação 1, que faz a questão dos reciclados, então aqui acontece todos os processos. Aqui você consegue ter uma visão geral, então tem uma associação de catadores, de recicladores, tem compostagem, tem a trituração das podas, tem a madeira, tem a pesagem, nossa parte de planejamento também atualmente, que era lá no Estreito, agora está aqui também, todos trabalham aqui.

Gabriela: Então perfeito, eu vou conversar com a Daiana.

Entrevistado: Isso, ela é a nossa gerente e a gente agenda um dia e eu posso te acompanhar aqui sem problemas,

Gabriela: Certo, obrigado, muito obrigado pela conversa.

Entrevistado: Que isso, tudo que tu precisar.

Gabriela: Parabéns pelo ótimo trabalho de vocês e ótimo trabalho.

Entrevistado: E bom resultado no mestrado.

Gabriela: Obrigada

Entrevistado: Tchau, tchau, querida, boa tarde.

Entrevista 2 – OSC INFO (duração de 12 minutos, feita em 02 de Dezembro de 2021 com o Diretor Presidente)

Gabriela: Gostaria de saber um pouco da história do OSC INFO.

Entrevistado: O OSC INFO começou em Santa Catarina e agora atua também nos estados do Paraná e do Rio Grande do Sul. Os projetos são feitos dentro de comunidades em parceria com organizações sociais.

Gabriela: E como se construiu a parceria com a Weee.do?

Entrevistado: havia uma demanda por computadores, então foi criado o programa Reciclatec, onde foram estabelecidos postos de coleta e feitas campanhas de divulgação, e também um contato direto com empresas para coleta de computadores. A partir da coleta, o CERTEC faz a manutenção e conserto desses equipamentos, deixando os aptos para utilização nos projetos.

O Reciclatec começou antes da Weee.do, com a parceria com a Compuciclado e depois foi dada continuidade com o Mark. Nós encontramos como trabalhar com um parceiro que entenda do assunto e tem responsabilidade socioambiental, então reunimos todo o

material que é reaproveitado ou conduzido de uma forma que não venha afetar o meio-ambiental.

Gabriela: E as demandas da organização são enviadas como?

Entrevistado: É feita uma tabela com as demandas do OSC INFO e o Mark fornece os computadores, já foram mais de mil recebidos e que viraram laboratórios. O OSC INFO participou de doações para a OAB Cidadão, que tem em torno de 500 Organizações Sociais, onde nos eventos eram sorteados 2 ou 3 computadores.

Gabriela: E como funciona a divulgação do trabalho?

Entrevistado: Nessa parceria com a Comcap está estabelecida a divulgação, mas efetivamente não tem acontecido, gostaria que tivesse mais empenho nesse aspecto, até porque hoje em dia, pra nós essa questão de reuso desses equipamentos para os programas sociais, já não é um problema, então hoje são raras as solicitações que nós temos para esses equipamentos, de fornecimento. A pandemia afetou o trabalho presencial, então os cursos são realizados de forma remota, e embora hajam casos de empréstimos de computadores, são poucos.

Há programas que mais de 100 crianças fazem de forma online e o pré-requisito é terem acesso a computador e internet. Então, neste período, não estamos necessitando de computadores vindos da Weee.do.

Entrevista 3 – Weee.do (duração de 56 minutos, feita em 08 de Janeiro de 2021 com o sócio/administrador)

Gabriela: Gostaria que me contasse um pouco da história da empresa.

Entrevistado: Tanto eu quanto meu sócio, a gente somos engenheiros sanitaristas e ambiental de formação, aí desde que a gente encontrou talvez a nossa vocação dentro dessa nossa profissão, nós dois trabalhamos com o lixo, então a história do lixo já vem antes da gente, a gente foi muito consultor já, eu já fiz muitas consultorias, o meu sócio que trabalhava numa outra empresa que é a Novo Ciclo, talvez você tenha até ouvido falar, é um dos caras que botou a Novo Ciclo no radar aí junto com a turma lá, enfim, então a gente já tinha essa base bem consolidada dentro da gente e conseqüentemente a Política Nacional de Resíduos Sólidos era tipo uma ferramenta de trabalho nossa, então a gente dominava bastante o conteúdo dela para poder saber o que estava fazendo no nosso dia a dia, de que especialmente de consultoria a gente tinha de propagar a informação da forma correta tecnicamente falando, e aí vários

acasos aconteceram, eu particularmente falando, já tinha um contato com o seguimento dos eletrônicos e tal, aí em 2014, 15 a gente sentou junto e resolveu abrir essa empresa aqui e aí começou. A gente falou como é que vai ser o nosso operação, então a gente como uma empresa, depende de um B2B, a gente atende as maiores indústrias, enormes empresas aqui do estado e esse é o que gera o grosso do nosso ganha pão no dia a dia, só que a gente entendia que o acordo setorial ia sair em algum momento, que a logística reversa ia ter que pegar. Não era ainda determinado qual era o modelo que ia ser aplicado, mas a gente tinha uma perspectiva de que os pontos de entrega voluntário seriam uma boa, uma das melhores ferramentas, porque estava escrito na lei que poderia ser assim já, a gente estudou no Brasil, fora como é que era nos Estados Unidos, como é que é na Europa como é que é no Japão, vamos dizer que são os países, vamos tratar a Europa como país, mas a região onde esse assunto já está mais resolvido e a gente falou, velho meio que não tem como a gente fugir disso né.

A Dell vai fazer um sistema de *take back* com voucher por exemplo, mas é a Dell, não é? E nem todo mundo vai querer fazer o esquema voucher, mais fácil ter um vizinho, um shopping do lado dele tem um PEV lá, talvez é mais fácil ele deixar lá e a responsabilidade deles sessa ali mesmo, então está tudo certo, as pessoas tendem a não querer tanto trabalho, não é? Vamos lá e pôr um monitor desses OK, mas se fosse aquelas TVs antigas quadrada, como é que leva? Você às vezes é uma senhora que já com seus 70 e tantos anos, 80, como é que você vai levar uma TV dessas.

Gabriela: O que vemos ainda são descartes em terrenos baldios.

Entrevistado: Então é o que acontece também, o que não falta é TV CRT na rua, aí a gente tinha, como um bom foco, que PEVs era uma boa estratégia, então desde o nosso início foi uma ferramenta que a gente espalhou bastante por aí, acho que temos a presença em mais de 41 municípios daqui de Santa Catarina, mais de 80 PEVs, só em Floripa a gente ter um cerca de uns 20 PEVs, se você entrar no nosso site você vai ver lá, chegou a entrar no site? Tem a lista de todos eles, cada cidade, pode ser que tem que atualizar.

Gabriela: Em relação aos Ecopontos da Comcap também?

Entrevistado: Sim, todos os ecopontos da Comcap é a gente que busca lá no final das contas, então a gente sabia isso, as pessoas, a população precisava de um lugar para destinar, com tranquilidade, evitando jogar na esquina, na calçada.

A gente tem uma briga grande, vamos dizer chamar de briga, mas a gente, eu não sou muito a favor de como as cooperativas funcionam, embora as pessoas tendem a vitimizá-los e

acharem que eles são coitados, eu não vejo desta forma, especificamente entendo isso, que eles são marginalizados, que tem uma deficiência de Estado de não fornecer educação, é um monte de coisa, mas geralmente esse pessoal aí também é bem trambiqueiros, então beleza quer ajudar, vamos lá, mas cara você já foi lá conversar com um deles, para saber de fato, se o que eles estão te pedindo é de fato o que precisam ou é o que o cara está falando que ele precisa? Ele faz a contrapartida dele para receber isso que está te pedindo? Porque cara, cooperativa, a maioria aí não tem licença ambiental para operar por exemplo, se o cara, ele vai pegar tudo o que dá dinheiro, o que não dá dinheiro vai colocar num saco preto, no caso da Comcap, tá ali do lado mesmo, já vai direto para o caminhão, direto para aterro sanitário. Se for material perigoso ou não for, ninguém está vendo, ninguém está sabendo o que está acontecendo, vai lá contabilizar como um lixo comum e está indo pra aterro sanitário, é uma coisa correta a se fazer? Não é, então a gente hoje tem uma central de resíduos perigosos, que a gente chama, tudo que está ali custa bastante dinheiro para destinar, bastante, são prejuízos grandes ali, mas a gente entende que é o ônus do processo, se eu quero dizer para uma indústria enorme que eu faço a coisa certa, tem que fazer a coisa certa, porque eles vão me auditar, tem que entregar relatório dos órgãos ambientais, e enfim assim foi.

Aí então os PEVs foi uma estratégia B2C, que a gente chama, que é o lado social de fato né, no meu entendimento de lixo, dentro do saneamento como um todo, o que é? Água, esgoto, água da chuva e lixo, o lixo é o mais social de todos, porque ele depende de uma proatividade, você tem na tua casa, você tem quiçá duas lixeiras, quiçá três, quiçá cinco, depende de como você se proponha a separar, mas você vai ter que separar, vai ter que pôr no dia certo da coleta seletiva, vai ter que pôr no dia certo da coleta comum, se quiser um minhocário, vai ter que operar um minhocário, comprar serragem para operar o minhocário, tipo é muito social né, o negócio exige muito das pessoas.

Gabriela: Esse é um ponto importante da minha pesquisa, porque com os eletrônicos não tem essa cultura ainda de descarte, de procurar o PEV.

Entrevistado: Praticamente pra nada que é lixo tem, se você falar, que resíduo da construção civil, que é uma coisa tão básica, você anda pela cidade, tá tudo por aí, então que seja, às vezes vai, vou pagar um papa entulho, cento e cinquenta pila, o próprio papa entulho pega na tua casa e o primeiro terreno, às vezes, que ele vê, joga no terreno. Então é bem complexo, o lixo de fato é um baita problema a ser resolvido eu acho, e aí a gente entra em coisas mais tecnológicas e muito mais modernas, que é o lixo eletrônico, então se as pessoas não sabem o que fazer direito com papel de bala, imagina com um resíduo eletrônico, ainda mais um que

pode ser bem perigoso, uma bateria de lítio, por exemplo, pode até explodir, dependendo. Então é vários rolos né, eu não culpo também as pessoas, porque é um nível tão grande de informação que tem que se ter, a gente aqui faz o que chama assim FDSR, que são as fichas de segurança de resíduos, é quase uma FISQ de produto químico. É uma missão impossível quase montar um negócio desse e saber o que fazer e quais são as caracterizações para dar com pau, e aí você tem uma mais nova ou mais velha, você vai ver, meu Deus quanta coisa, então cara é bem difícil, vou te dizer que é complexo, a gente que é técnico, está no dia a dia, vive tendo que aprender coisas novas, então é bem difícil educar as pessoas, conseguir ter a compreensão e o, vamos dizer, a mobilização de fato delas, não é, quem é muito entusiasta faz isso com certa tranquilidade, mas quem não é, que é a grande parte, 98% das pessoas, então é difícil e PEV é uma tentativa de facilitar isso

Mas também é cheio de problemas, porque o que as pessoas roubam nossos PEVs, aí também não está escrito, isso aí tem uns problemas que envolvem a questão social então, porque você tem o seu notebook ali, você entrou no site da empresa, caraca que lindo, é top, eu tô muito feliz que eu encontrei vocês, quero muito destinar com vocês, porque eu tenho certeza que vocês fazem um bom trabalho, aí você vai lá, deixa no PEV e aí chegou o segurança, o funcionário do lugar, do parceiro PEV, que não faz direito do trabalho dele, que é não deixar as pessoas mexerem. O shopping aqui, o Via Catarina acontece direto, as pessoas ligam pra gente falando, mas o fulano pegou, por que que eu não posso pegar? Uma, porque se a gente soubesse que o fulano pegou, ele não teria pego e aí enfim acontece isso, as pessoas roubam, porque isso é um roubo, é um furto. Então vai, tu tem lá um HD, zoeira à parte, mas tá cheio de foto sua lá, comprometedor por exemplo, aí chegou um sucateirão, que não quer saber de nada com nada, um ferinha de uma TI lá, sei lá, está suas informações dispostas lá. Aqui a gente tem um negocinho que qualquer HD, a gente coloca lá e em dois segundos zero tudo, são tantos HDs que a gente não tem nem a preocupação de ficar querendo fuçar na coisa dos outros, se não, não trabalharia mais né, então são essas coisas que vão pesando né, a gente vai jogando, mas enfim acho que a minha história é essa, pode fazer as perguntas.

Gabriela: Algumas das minhas questões tu já respondeste, ia questionar sobre o começo da empresa. Eu percebi que a empresa tem um papel importante nessa coordenação desses atores, com algumas parcerias, queria que tu me falasse um pouco mais sobre essas parcerias, quais são os principais parceiros? Vi que vocês trabalham com a UFSC, com a Comcap, com mais algum?

Entrevistado: De governo você está falando?

Gabriela: Isso.

Entrevistado: Nessa parceria que está falando tem um terceiro agente que é o OSC INFO, que é o (nome da organização), ele é muito importante para responder essa sua pergunta, ele é o grande viabilizador de tudo isso, não que a empresa não pudesse atuar junto com o governo, mas é muito mais complexo e gera certas dúvidas e pode dar problema, em termos aí de não corrupção vamos dizer assim, pode dar muito problema, não é? Então existe o OSC INFO, que é uma entidade reconhecida, nosso parceiro há anos, então quando um governo doa, faz uma destinação, ele faz uma destinação para o OSC INFO, o nosso convênio com o OSC INFO, que prevê que a gente opera tudo isso, então a operação é nossa, mas o material é do OSC INFO, para a empresa oficialmente, como você que entende de contabilidade, a parte que a gente tem que mexer com estoques, um estoque é do OSC INFO e um estoque é da empresa, e assim o giro. Então eu preciso transformar esse estoque, de o que é sucata, rejeito, para o OSC INFO, ou seja, o que é computador, tudo que eles não quiseram para as ações sociais deles, entra para a empresa, então é esse o passo a passo, então a gente opera tudo de graça para o OSC INFO por quê? Eles nos pagam com rejeitos deles.

Gabriela: Então as reformas e consertos dos computadores vocês que fazem?

Entrevistado: A gente que faz porque a gente também tem um setor das indústrias, que eu atendo, aí é meu, aí eu posso fazer a mesma coisa com os meus materiais entendeu? A gente faz pra gente e como a gente tem uma estrutura pronta, tá bom, tá fácil pra fazer para o OSC INFO também, então assim, aí o OSC INFO, aí Mark, precisamos montar uma sala com dez computadores lá em Salete no alto Vale do Itajaí, a gente vai lá, instala, deixa tudo pronto, aí o OSC INFO só vai lá e opera o projeto social deles lá.

Mas vamos lá, UFSC, Comcap, tem um monte gente, que é tudo na verdade, é todos, porque essa turma vai fazer funcionar como uma empresa, eles vão e falam, porra, estou com uma sala cheia de material eletrônico, eles vão começar a pesquisar o que fazer com isso, aí vamos aparecer. A ALESC, se não me engano indica a gente também, entre outros sucateiros, o que eu acho um erro, na verdade é o Ministério Público do Estado indica a gente e outros, é difícil dar um puxão de orelha no Ministério Público, mas eles estão indicando um monte de sucateiros sem licença lá, eu acho isso uma baita falha deles.

Gabriela: Isso que queria te questionar agora, a questão da legislação, as empresas estão dentro da lei? Os sucateiros?

Entrevistado: Eu acho que o Ministério Público deveria ser bem informado, não concordo tanto com o nível de informação que eles têm, porque eu acho que não é correto indicar para a população, que confia em você, um lugar que não tem licença ambiental, você está fora da lei.

É tiro e queda, se bate, se eu não tenho a minha licença e a Fatma, do estado, vem aqui, eu tomo uma multa, sou embargado, sei lá, pode até falar a minha empresa, eu tenho que seguir à risca uma licença ambiental, que não custa menos de dez mil reais, então é isso aí, o que acontece, vou te dizer, dá pra contar em três dedos quem faz com licença, a gente é a maior do estado hoje, a gente arca com esses custos e é o que te digo, tem o ônus e tem o bônus e aí muitas vezes é o próprio órgão governamental me liga, pô Mark, mas vem buscar aqui, mas pô tem que cobrar para levar esses tonner de cartucho aí de vocês, porque não dá, ah mas o sucateiro aqui do lado falou que leva de graça, falei, tá mas eu não, eu tenho toda a documentação, como é que eu vou competir com o sucateiro, eu não tenho, porque todos os meus funcionários são CLT, ou seja não é só o salário, eu estou pagando o salário +40% de encargos, eu estou pagando a licença ambiental a cada quatro anos, que custa, sabe porque isso? Todo o processo me custa quinze mil reais, a do galpão, ainda tem a de transporte, então bota seis mil reais na de transporte, então como é que eu vou competir, falar, não beleza, manda pra cá, que eu pego de graça, porque eu quero fazer carinho em você, não tem essa também, aí as pessoas ficam putas comigo às vezes sabe e falam, então eu vou jogar na esquina.

Já teve pessoas que me ligaram e disseram - Eu vou jogar na esquina, você não quer vir aqui buscar. Eu digo - senhora, a consciência é sua, porque o resíduo é seu, eu lamento se você tem essa visão, mas eu não posso fazer nada por você, quem está cometendo um crime é você, não sou eu, então é difícil dizer, é complexo, é bem complexo e a gente tem essa função bem firme.

Eu brigo muito com cooperativas, essas coisas, porque eu acho injusto a forma como funciona, as pessoas querem ajudar eles, mas não sabem que estão fazendo coisa errada no final das contas, essa é uma tecla que eu bato forte, que sempre vem para mim - Pô Mark, mas coitados. Beleza, eu concordo, coitado do associado que está ali separando na mão, mas vai perguntar pra ele se é justo o sistema de divisão de dinheiro lá dentro da cooperativa, se o presidente da cooperativa não está levando cinco vezes mais do que ele de dinheiro e nem põe a mão na massa, então é isso, eu sou bem reticente com isso, porque eu fico um pouco puto com isso, porque a mania de vitimismo que a sociedade, que o homem tem né, é essa

ansiedade, esse vitimismo que todo mundo carrega, aí de eu sou coitado e aí fica sempre querendo empurrar a bucha pro outro.

Tipo o cara da saúde, ah, vou fazer greve aqui porque meu salário está ruim. Está, até é um motivo até interessante, eu acho que todo mundo merece melhorar na vida, mas, daí você vai parar o sistema de saúde, vai deixar pessoas morrerem quem sabe, porque você está preocupado com teu salário, é um pouco egoísta estudando no meu ponto de vista, não é? Bem complexo né, você tem várias outras coisas que vai poder pôr pra mim, não Mark, mas porra, beleza eu concordo, mas quando você fode com as pessoas que não tinham nada a ver com isso, por causa do seu objetivo pessoal, é um pouco ambíguo, você se colocar numa situação de vítima.

Eu compro brigas com isso, porque as pessoas não gostam desse tema, depois vêm falar de pagamento de serviços ambientais, as cooperativas são as primeiras a querer fazer isso, aí eu sou bem amigo do presidente da Comcap e chego nele: E aí velho, estão cumprindo com a parte deles eles? Te entregam um relatório com todas as destinações deles e todas as documentações controladinhas, que estão fazendo certo, fazendo MTR, te fazem isso? Não? Então eles não merecem pagamento por serviço ambiental, porque não te provam nada, ele estão ganhando novecentas toneladas, no caso da Associação 1, por mês e eles não comprovam nada da destinação daquilo, aí fica fácil não é? Até eu, estou quase abrindo uma cooperativa para atender a Comcap. E sim, tem coronelismo dentro dessas porra toda no Brasil afora, essas parada aí, é alguém com um pouco mais de inteligência, que amarrou os coitadinhos lá e aí você vai ver, você vai perguntar pra eles qual que é o problema pô? É muito flutuação aqui dentro, os caras não param aqui, mas não param por quê? Porque não é justo o trabalho que acontece ali dentro, mas enfim desculpa, é que quando entra nesse tema eu gosto de descascar um pouco.

Gabriela: Não, fique tranquilo. E me explica como se construiu essa relação com a Comcap?

Entrevistado: Eu trabalhei lá por dois anos, eu fui estagiário lá na minha época de universidade, tenho um bom relacionamento lá, foi o que a gente foi amarrar, juntei o OSC INFO e falei pô vamos né, vamos fazer um bem bolado aqui, pra ficar bom pra todo mundo e aí não tinha porque não, essa é a instituição mais renomada do estado do lado deles, na cidade deles, não tem porque não. A gente faz a mesma coisa em Jaraguá, pra SAMAE de lá, então amarramos com o OSC INFO, que tem um convênio com a Comcap, e esse convênio prevê a nossa atuação como operador do OSC INFO e eu tenho um convênio com o OSC INFO e inclusive o CERTEC do OSC INFO é teoricamente alocado aqui na empresa, então a gente

amarrou desse jeito e ficou saudável para todo mundo, você vai me perguntar, posso te contar um monte de furada que acontece com a Comcap, porque é governo não é? E governo as coisas tendem a não ser tão corretas não é?

Gabriela: Tem a parceria com os Ecopontos, mas esse material que é coletado no lixo comum, tem alguma separação disso ou vai tudo para a Comcap direto mesmo?

Entrevistado: Não, vai para o lixo comum, o que é da coleta seletiva vai para cooperativa e se a cooperativa quiser me vender, eles me vendem, mas eu sei que as cooperativas não me vendem, e eu sei pra quem estão vendendo e te digo que não tem licença.

Por que eles não me vendem? Porque eu vou pagar menos do que o cara, por que eu vou pagar menos? Porque eu tenho custos que o cara não tem, então não tem como. Aí o cara fica bravo comigo, ah mas o fulano de tal tá pagando tanto, assim cara, então vende para ele. Aí dá dois meses depois, vem o cara, ah Mark, mas vamos negociar. Eu já cheguei num ponto, que quando uma cooperativa me liga, eu falo: não quero trabalhar com você cara, é a primeira coisa que eu já falo pro cara, desculpa eu não quero trabalhar com você, porque eu sei que não vai dar certo, então vamos nos poupar e faz o que você quiser cara, não tenho obrigação, o problema é do cara também, não é meu, só estou deixando de botar material pra dentro, mas geralmente é material ruim para porra não vale a pena, é só bucha, então eu já fui um cara que tinha uma visão muito mais utópica, ah, vamos salvar o mundo, hoje em dia a vida já me deu tanta talagaço.

Gabriela: E com a UFSC? Como é a relação?

Entrevistado: Bom, eu estudei lá também, a gente conhece toda turma lá e falei pô, vocês querer vira um PEV, queremos, aí fizemos um convênio com o OSC INFO e também é a mesma logística. Aí tem um PEV lá na reitoria, lá cara, não funciona PEV lá, todo mundo rouba tudo lá, é um dos piores lugares, eu só não tirei o PEV de lá até hoje, porque me insistiram muito para deixar, que eu falo cara, eu não tenho mais interesse em coletar esse material de vocês, para mim eu tiraria o PEV daí, mas deixa, deixa por favor, por favor, por favor, ah, tá bom, aí a gente conversa, conversa, ah vai melhorar, vai melhorar, e melhora um pouquinho, dois meses depois volta tudo para a mesma coisa, fica uma nhaca. É difícil trabalhar com governo, se pergunta, se o seu interesse direto é com o governo, vou te dizer, é uma merda trabalhar com governo, eu evito ao máximo, isso que eu digo, faz o convênio, vocês aí com o OSC INFO, eu não quero nem me envolver, que essa bucha aí não é pra mim.

Acabou de sair a PM daqui, que vão deixar o material aqui, a polícia de São José ali, da delegacia, até eles contam as verdade não é? Estavam de bermuda, estava meio que de férias aí estava tudo língua solta, é rolo atrás de rolo.

Gabriela: Sobre essa rede também, e sobre o GIRS?

Entrevistado: o GIRS é grupo Institucional.

Gabriela: Mas como funciona, vi no site alguns grupos de estudos, palestras, mas queria entender o papel da empresa neste grupo.

Entrevistado: O papel dela é nenhum, aí não tem muito vínculo com GIRS, é um grupo, é um movimento que surgiu em Florianópolis, do qual eu participo desde 2010, 2009, sei lá como é, acho que é 2009, que ele começou e eu tô lá desde o começo, como a gente é ativo em termos de resíduos, a gente tá um pouco referência no assunto, a gente está sempre envolvido não é, e eu coordenei o Plano Municipal de Gestão de Resíduos de Floripa, de graça, foi um trabalho gratuito para a cidade, para poder liberar dinheiro do governo federal para poder montar o projeto minhoca na cabeça de Florianópolis, que só saiu por causa do plano, os caminhões novos que a Comcap tá comprando, saíram por causa do plano, porque está na Política Nacional de Resíduos Sólidos, ela diz, para o município ter acesso a recursos da união, ele precisa ter o plano e Floripa estava em 2018 sem o plano, aí o meu amigo da facul entrou na Secretaria de Floripa lá, e falou vamos, falei vamos, eu fiz um termo circunstanciado, assinei um contrato com a prefeitura de voluntariado, foi publicada no diário do município, eu acordei a parada lá de graça, então vamos lá, nosso envolvimento com GIRS mais é isso e a empresa está lá porque eu estou lá, eu falo está lá, mas vinculada a nós não, não é nós que estamos lá por causa da empresa e a empresa está lá por causa da gente. Tá então com relação ao GIRS não tem muito a ver com, não tem operação nenhuma envolvida né, mais institucional mesmo,

Gabriela: E o GIRS teve alguma ação para conscientização, algo assim?

Entrevistado: É um fórum, ele tem um conceito mais de fórum social, que é uma área muito mais para levar informação, planejar, validar com a sociedade e como dizer, fechar o projeto, do que qualquer outra coisa, então, ah vamos discutir isso logística reversa, é lá, muito de coleta seletiva, teve uma época lá que se ligou em vários grupos, tinha da coleta seletiva, educação ambiental, aí a gente ficou na parte do grande gerador, então é mais, é um fórum, entenda mais como um fórum social, que é o que inclusive recentemente a cidade declarou como isso.

Gabriela: E a relação com as Associações comerciais, como ACIF, ACAFE?

Entrevistado: A gente entendeu também que ia ser muito foda a gente tem que ficar sendo os donos dos programas na cidade, fazendo todo o comercial para arranjar parceiro. A gente falou, porra, vamos facilitar isso né, a gente pegou as associações das cidades, e falou: Pô cara, você quer ter um programa de reciclagem de eletroeletrônicos na sua cidade? Assina um contrato com a gente, a gente vai entregar tudo de graça para você, operar tudo de graça para você, montar os PEVs para você, você só tem que articular, só tem que arranjar parceiro novo, pegar as demandas dos seus parceiros, mandar pra gente, ficar fazendo, mais uma situação de mais um, lobby ali, vamos dizer assim, entre a gente e o parceiro e aí o ponto é seu e a cada x pontos a gente dá um computador para uma instituição poder fazer uma entrega lá. Numa creche municipal, que seja, o que eles quiserem fazer, daí é deles, geralmente vai para algum órgão carente, assim da vida. E assim ficou, isso aí é só pra gente, vamos dizer, é um filtro de demanda, o seu parceiro vai incomodar eles e aí eles com a gente na rede.

Gabriela: E assim vai formando a rede. Eu ia te perguntar da relação com as cooperativas, mas já falaste.

Entrevistado: Por mim, tendendo a zero.

Gabriela: Normalmente essas cooperativas não catam materiais eletroeletrônicos correto? Somente o que vem misturado na coleta seletiva.

Entrevistado: Eles nem tem autorização pra isso na verdade. As cooperativas são formadas para a coleta de classe 2, não sei se você entende, classe 1 são os perigosos e classe 2 são os não perigosos, de acordo com NBR 10004, eles são feitos para pegar isso, recicláveis secos vamos chamar, ainda popularmente falando recicláveis secos, plástico papel, metal e vidro e se eles fizessem isso direito, estariam nadando no dinheiro já, mas cresce o olho, faz as coisas erradas, aí deixa de fazer coisas boas com coisas que deveriam estar fazendo, tipo isopor. Tinha uma época que eles não davam a mínima para o isopor, ia direto para aterro de novo, também para material volumoso, só incomoda isopor, mas é reciclável, tudo, enfim, vidro, em vez de separar vidro direitinho, fica fazendo uma lambança lá, parte tem culpa nossa que entregamos já meio misturado, quebramos no transporte, porque temos a nossa responsabilidade nesse processo, mas enfim, meu entendimento é, se eles focassem em fazer direito o cerne da atividade deles, estaria tudo certo, porque eu vou te dizer a real, a Associação 1 recebe 900 toneladas/mês faturam mais de R\$ 15 milhões, por ano, pode ter certeza, você pode ter certeza, mas vai perguntar quanto que o fulaninho da separação está ganhando? Uns oitocentos, mil reais, que não nem é o salário mínimo.

Gabriela: Essa é uma informação importante. E em relação a ONGs, tem alguma relação.

Entrevistado: A gente tentou focar em uma só demanda, porque a galera gosta de pedir não é? Então o que não falta é gente, ong inclusive falando que precisam de um computador. Olha, não tenho problema em dar, mas vão ter que pedir para a OSC INFO, não é pra mim, porque ele é o nosso parceiro estratégico, então não vou atravessar ele e realmente vão entrar numa lista de chamada, vamos dizer assim, não são os primeiros a pedir, não tenho a pronta entrega, estamos devendo para o OSC INFO.

Porque ao mesmo tempo eu falo para o OSC INFO, você tem que me gerar condições de te atender, você todo ano me pede 100, 200 máquinas, eu falo que vocês tem que me fornecer 100, 200 marcas também, porque não é fazer, eu tiro do bolso às vezes, às vezes eu reponho, a gente tem uma certa tolerância entre a gente, mas eu não quero ficar fazendo muitas parcerias, porque se não eu acho que perde a objetividade, que também, então eu prefiro ter um parceiro, um bom parceiro, ajudar ele a crescer e a gente juntos crescer, do que ficar fazendo várias pulverizações.

Se eu dei o computador lá pra ACIF por exemplo, você quer trabalhar com ONG ou outra, aí é problema deles, a gente ajudou tipo, escolas municipais também aqui de Floripa e tal, projeto bairro educador, já doamos material para eles também, de Floripa lá. Podemos fazer se estiver ao nosso alcance, nunca me oponho mas também não sou, a gente não vive de filantropia.

Gabriela: E em questão aos ambientalistas? Tem alguma relação?

Entrevistado: Meu raciocínio para a vida, eu vou te ser bem sincero, eu não gosto de extremo, não gosto de ser aqui, nem aqui, então como quando você me fala ambientalistas, me remete a pessoas extremas, eu sou de certa forma ambientalista, porque o meu trabalho é para proteger o meio ambiente, mas eu tenho um raciocínio meio claro sobre os limites das coisas. Eu, como fiz um plano de resíduos sólidos, então sou uma pessoa que planeja macro projetos, uma cidade inteira, eu não tenho a audácia de dizer que eu vou resolver o problema de Florianópolis em um ou dois anos, em uma gestão de quatro anos que seja, ou duas de oito, cara, a gente tá falando de uma cidade, está falando de coisas que demandam de educação, que lixo é muito educação não é? Então pô, a gente tá falando de vinte anos, de dez, vinte anos, quiçá, trinta anos, para mudar essa dinâmica né, então o cara que fica puto com o governo, que não resolveu o pepino, beleza, eu não estou falando que o governo também não é escroto, faz um monte de coisa errada entendeu, mas não dá pra esperar que coisas vão ser resolvidas, as coisas grandes desse tipo vão ser resolvidas em pouco tempo, tá ligado. Dizem que a política nacional é desde 2010 e não resolveu nada, eu digo que já resolveu bastante

coisa, não é? Tem que ter um pouco também de tolerância e paciência, não estou falando que os governos não são corruptos e o caralho a quatro, não estamos falando desse tipo de coisa, isso é uma cultura não é? Então culturas não mudam de um dia para o outro.

Gabriela: Aquilo que estávamos conversando antes, da questão dos recicláveis secos, papel, plástico, vidro e metal, ainda hoje tem muita gente que não recicla né? Isso que tem a educação, desde a escola, de separação.

Entrevistado: O índice de cobertura de recicláveis para o Brasil, de acordo com o CEMPRE, está entre 15 e 20%, ou seja tem-se 80% a ser ainda reciclado no Brasil, Floripa foi a primeira cidade a oficializar a coleta seletiva no Brasil, Niterói já tinha antes as operações, mas não tinha uma oficialização, desde 85, então desde 85 para cá, estarmos no nível que estamos hoje, que é da ordem de separar 7%.

Gabriela: Essa questão do imediatismo né?

Entrevistado: Aí eu fiquei chateado com a população, porque começa a se criar um monte de problemas, onde não deveria ter um problema, aí pessoas começam a tipo, essa onda do Trump ali, de esses dias aí, tipo isso pra mim é, claro é, basicamente isso que eu acabei de te falar, são pessoas um pouco bitoladas cara, que foram compradas com uma ideia errada e foram boiada, tudo boiada né, a força de manobra ali foi lá e mataram uma pessoa inclusive cara, porra, olha só, aonde o dinheiro de qualquer um aqui ultrapassava o direito de vida daquela pessoa? Então vocês tão certo, não, ninguém ali estava certo, eu acho e aí só essas porra aí, que acontecem nos países e na sociedade, vamos tratar dessa forma, que impedem a gente de ter uma coerência, porque enquanto a gente não falar a mesma língua, todo mundo como sociedade, como população, que a gente vai eleger o presidente correto ou como é que a gente vai ter um candidato à presidência correto. Que deveria ser o certo, na verdade o nosso gargalo hoje, a gente não tem candidatos bons, não é?

Seja da esquerda, direita, do centrão, não tem um que se salva lá, no meu ponto de vista, nenhum, não tem um destes, todo mundo meteu a mão, pode ser o Lula, Dilma ou Fernando Henrique Cardoso, eu tenho uma visão de que a gente não tem visão do Estado, se você contar para um cidadão comum, os caras nem sabe o que é a visão de Estado, e nossos políticos não tem isso, eles são políticos, são profissionais da política e hoje em dia com essa história da fake news ainda, que ficou facilitada por causa das mídias sociais, meu Deus, eu tenho medo do futuro tenho medo pra caramba, te confesso, eu penso cinco vezes se vou pôr um filho no mundo.

Cara é muito louco né, dá até um cansaço às vezes, pensar sabe, o porquê. Eu como empreendedor, tem dia que eu me pego depressivo praticamente, porque eu fico olhando para minha empresa e a minha empresa é da hora, mas olha para o Brasil, falo, porra que perspectiva que esse país me dá, tá ligado. Aí você fica, cara vou continuar isso, sustentando, eu tenho custo fixo alto para caralho, funcionário, sustento vidas, quer queira, quer não. Caraca velho, isso tudo se der ruim vai cair no meu colo, não vai cair no colo de ninguém ali, se eu sustentar 3 meses sem ganhar dinheiro nenhum, mas sustentar 3 meses de aluguel e pessoal, a gente tá falando de uma grana preta e aí quem que vai pagar isso aí se der ruim?

O governo, por exemplo, durante o COVID, se mostrou totalmente incapaz de ajudar, incapaz. Empréstou o dinheiro lá do Pronampe, que beleza, foi um bom dinheiro, bom vamos dizer, praticamente de graça, só não foi de graça porque a gente vai pagar por ele, mas as taxas foram de fato foram bem favorecidas. Mas no meio da pandemia a gente pagando altos impostos e aí eu fico porra, dá para comprar um baita carro todo ano só de imposto que a gente paga, aí você olha para o governo, todo mundo metendo a mão, fazendo só trambicagem, aí você fala, porque eu vou pagar imposto, aí você passa a não pagar, aí que acontece a bola de neve, porque aí os que pagam pelos que não pagam e aí fica muito elevado para os que pagam, porque os que não pagam, alguém tem que pagar as contas, a Receita Federal tem que sobreviver, que é pra mim o órgão mais bem articulado desse país, dos países, são as receitas, quem tem dinheiro num país mesmo é a receita, não é? Se alguém tem um sisteminha bala cooperando para saber que se você gastou R\$ 1,00, é a receita.

Você é contadora, então você manja bem disso, então é pô, o gargalo é tão grande pra gente resolver os problemas desse país, eu não tô falando só de lixo, tô falando de tudo, e aí as pessoas cada vez mais se dividindo, em vez de se unir, tá ligado, então a perspectiva é triste no meu ponto de vista, a gente vai ter que acabar em uma, que nem todo mundo tem pavor aí, numa ditadura para acordar para a vida, do que... Bolsonaro mesmo já tá ameaçando aí né, se acontecer o que aconteceu nos Estados Unidos, ele vai.

Gabriela: Só para eu pra fechar em relação ao trabalho tem mais algum ator do estado que participa desses acordos?

Entrevistado: Não, não, pela própria lei eles são isentos não é? Eles nem deveriam querer se envolver muito nisso, porque só dor de cabeça no final das contas, cada coisa que entrar na logística reversa é pepino ficar controlando isso para eles, aí eles vão querer cobrar o que eles se acham no direito, tá escrito lá se ele for participar, tipo a Comcap, maior briga já, que se falou: Pô Comcap, vamos lá, dá pra fazer? Dá, mas vocês fazem sua parte, vocês sabem o

quanto você está gerando aqui dentro já? Não, não sei. Então como é que você vai pedir dinheiro para o cara, se nem você fez a sua lição de casa, quer saber quanto que está entrando aqui para você, o que você vai chegar para o cara da Green Eletron, aí vai falar para ele, eu quero que você me pague pelo material que eu gerei, ah mas quanto é que está gerando? Ah, não sei, então nem vai lá velho, vai só se queimar né.

Então o governo, botando o nome da Comcap, mas também não faz a tua parte sabe, então eu falo, cara não se mete, melhor, melhor porque você vai ficar arranjando problema, sarna pra se coçar, você nem tem essa obrigação, mas aí é geralmente o governo querer se envolver, porque todo mundo quer se envolver. É uma teia tão complexa aí, esse emaranhado aí, que é uma loucura.

Gabriela: Saiu agora em 2020 o decreto 10240 que regulamentou a PNRS e consta um grupo de acompanhamento de performance, como está esse processo?

Entrevistado: Sério, ele nem deveria ter que existir, eu acho que o que aconteceu com a experiência dos primeiros acordos setoriais que foram saindo, o governo abriu um pouco a mente para algumas coisas e teve que corrigir um pouquinho o outro decreto que é o 7440 na verdade né, que é o regulamentador da política nacional de resíduos sólidos e aí eles mandaram seguir essa ideia, porque ele já traz, até eu achei meio falha porque ele direciona algumas coisas específicas de alguns acordos setoriais, aí eu já não sei se quanto, mas beleza ele é necessário, mas se você quer falar de eletrônicos, tem que olhar para o acordo setorial dos eletrônicos que saiu em fevereiro, foi o primeiro acordo setorial, que além de ter um acordo setorial, o governo também decretou o acordo setorial. Os de lâmpadas, por exemplo, não teve decreto, foi só o acordo que teoricamente deveria valer só o acordo já, é o termo circunstanciado assinado por todos lá e já é oficial, passou por audiência pública e tudo, então isso é muito louco, porque dentro das logísticas reversas que existem hoje, a maioria do passado foi feita ou por um decreto, entende-se até uma resolução CONAMA como a forma decreto, que é uma lei do governo, direto do executivo né, ou sei lá, ou acordo setorial ou termo de compromisso, esse termo de compromisso é o mais fraco de todos né, ele foi feito mais para quem não quer acompanhar um acordo setorial específico. Tipo, a Green Eletron assinou o acordo setorial e a Abree, e eu não quero fazer parte desse acordo setorial deles, aí eu vou cara, eu sou Intelbras aqui, eu sou a Britânia, eu quero fazer o meu próprio processo, então você vai ter que fazer um termo de compromisso dizendo qual é o seu processo, ele não pode ser menos restritivo que o acordo setorial, então é assim que acontece, mas quem manda, só tentando responder a sua pergunta, quem manda no final das contas é o acordo setorial e

ele tem que considerar tudo o que a política nacional diz, que a 7440 diz e também tudo o que essas 10000, esqueci o número dela diz, ele tem que carregar tudo isso.

Gabriela: A empresa está regularizada na receita em 2016, correto?

Entrevistado: Já tem uma nova já, são 4 anos né, ano passado venceu e já renovou, mais 4 aninhos aqui pelo menos, vou terminar de encher.

Gabriela: Eu queria saber sobre o processo dentro da empresa, quando eu fiz a pesquisa no Rio Grande do Sul, conheci a Otser e o processo da operação mesmo. Conheci todo o ciclo, pra entender como é a separação, então queria que me falasse um pouco mais sobre como funciona aqui na empresa.

Entrevistado: Lá em 2013 eu fui lá na Otser lá, visitei eles e boa parte do, talvez não boa parte, mas o início de um bom raciocínio que eu tenho organizacional, da minha operação surgiu com eles lá, eu quando eu vi lá, eu gostei da forma que eles organizaram, eu tentei olhar para o meu ambiente e replicar, da forma que a gente enxergava útil para a gente, então teoricamente, tudo que entra são essas gaiolas aí, em um mix de coisas, de tudo que pode imaginar, a gente vai triar, primeiro tem coisas que já chegam triadas, vamos dizer, tem TVs CRT, quando a gente está descarregando é fácil identificar elas, vão direto para o seu ponto lá, então triamos e tal, separamos nossas linhas de desmanche, vamos chamar assim né, daí triou, tudo que é passivo de reuso lá, seja do OSC INFO ou nosso, vai direto pro setor de remanufatura, o que não tem fica lá, vai armazenar por linha. Hoje a gente vai desmanchar linhas com placa, aí então decidiu-se isso, eles vão pegar as gaiolas com material com placa eletrônica e a gente vai desmanchar, vai separar o plástico, vai separar o ferro, vai separar o alumínio, a placa eletrônica, separou tudo, juntou o volume necessário, efetuamos a destinação, venda né, ganhamos nosso dinheiro ou gastamos para garantir a destinação adequada. Recebeu, armazenou, triou, armazenou para desmanche, desmanchou, armazenou para a saída, saiu. Então a empresa é fatiada nesse sentido. Aqui tem a entrada, nesse lado de cá todo é toda linha de espera, armazenamento temporário e desmanche, do lado de lá é armazenamento temporário para saída. Ah, gerou 200 kg de placa hoje, bota aqui, gerou amanhã 200 bota ali, quando juntou 1000, a gente despacha e aí faz a doca de saída de despacho material. A um bom grosso modo é isso, que era mais ou menos como ele faziam lá, eles tinham aquelas linhas ali, não sei se você lembra deles lá, mas eles tinham aquelas linhas, eles iam guardando né e aí do lado esquerdo que tinham desmanche.

Gabriela: Sim, me lembro pouco, porque já fazem alguns aninhos. Mas lembro que tinha essa separação. E me diga outra coisa, em relação a questão da educação, tem alguma campanha de conscientização, seja pela empresa ou pelo GIRS?

Entrevistado: Às vezes sim, às vezes fazemos, eu dou, a gente mune os nossos parceiros com as informações mais ricas, mais técnicas e mais atuais possíveis sempre, a gente tem nosso blog, a gente alimenta, está alimentado, damos palestra a torto direito nas escolas municipais, estaduais das cidades onde a gente tá. Então tipo, lá em Jaraguá, eu sempre falo, se vocês quiserem né, para se promover aí, para fazer o lobby de vocês, crescer na cidade, está aqui, a gente ajuda vocês, organiza e dia tal eu venho aqui, chamamos 3 escolas municipais que vocês quiserem para esse lugar aqui, junta todo mundo em um lugar só pra não ter que ir nas 3 escolas e eu vou lá e dou palestra para essa turma aí, aí dou toda uma aula de educação sobre lixo, lá desde a história desse livro lá, eu falo pra galera, eu vou nesse sentido, de tentar apaziguar um pouco a galera, ser um pouco menos imediatista né.

Pô galera olha só, bom, bom não tá, mas se a gente olhar pra trás já foi muito pior, então calma né, eu que sou hoje um especialista nessa parada toda e quando eu tinha 12 anos, 15 anos eu pegava uma caçamba de entulho cheia de lâmpada fluorescente, eu ia estourando todas elas, então é uma questão de informação, então eu falo para todo mundo cara, a Weee.do é pra gente se dar bem, a gente precisa que as pessoas destinem e pra elas destinar, a gente tem que educar e assim vai né.

Com a pandemia complicou bastante a gente tem feito menos, mas fizemos lives né, essas coisas assim, mas de fato agora, de palestra mesmo faz tempo que eu não dou, porque o COVID complicou todo cenário e eu também não consigo nem te dar uma perspectiva.

Gabriela: Tinha anotado sobre os PEVs, que já conversamos um pouquinho, hoje os PEVs pra vocês são a principal fonte de coleta? Ou é mais social mesmo?

Entrevistado: Você quer falar de termos econômicos né, então é para girar mesmo, só material ruim, que nem te disse, todo mundo rouba tudo, só encheção de linguiça mesmo, assim, só pra gente poder dizer que também ajuda o sistema como um todo, que prevê a logística reversa, então a empresa não podia não fazer parte disso, então isso é uma forma de serviço.

Gabriela: E como funciona a logística de coleta?

Entrevistado: Essa é a treta né, a logística é isso, tem que ser viável, então meu sócio é o responsável hoje por essa logística, por exemplo, é apagar fogo toda hora, juntar a demanda para organizar de forma eficiente, esse talvez seja um dos maiores desafios de todos, porque é

que você mexe com pessoas também, você quer atender o anseio da pessoa, data que ela quer, tudo isso envolve organizar a logística, quem que vai estar lá no horário que o cara vai estar lá, assim vai, já aconteceu da gente ter que esperar, do cara ter que esperar a gente chegar, porque o nosso carro atrasou. Já aconteceu da gente esperar duas horas o cliente chegar para atender a gente e duas horas esperando, imagina toda a sequência logística como é que fica, um funcionário que tem que chegar aqui até às 18:00 da tarde para poder encerrar o expediente, porque ele tem inclusive família para cuidar, eu não posso interferir na vida pessoal de nenhum funcionário meu, então tudo é treta.

Gabriela: Em relação à concorrência no mercado, hoje é com os sucateiros?

Entrevistado: Se eu disser, ser sincero, eu não considero meus concorrentes, eu olho para mim, concorrente é quem está melhor que eu, é esses caras para quem eu olho. Se você for no condomínio aqui do lado, você vai ver um sucateiro que trabalha com lixo eletrônico entendeu.

Gabriela: Tem um bem próximo a UFSC, conhece?

Entrevistado: Esse cara aí é um dos caras que vai lá no nosso PEV da UFSC e rouba tudo lá de dentro. Tem uma empresa do lado desse cara aí, o cara já chamou a gente. Falei: Mas aí eu vou te cobrar e o cara: Mas o cara aqui do lado faz de graça. Só digo: então tá, então destina pra ele, mas pergunta ele tem todas essas documentos que eu vou te mandar tal, todas tá, eu mando +10 documentação cara.

Gabriela: E quantas toneladas vocês processam aqui mensalmente?

Entrevistado: 30 a 40.

Gabriela: Em relação a destinação final, os clientes são mais nacionais ou empresas internacionais?

Entrevistado: Um é internacional, as placas, não são todos, uma parte a gente exporta, outra parte a gente vende pra quem exporta, tudo vai para refinadoras né e aí cada um trabalha com uma, daí tem preço e como já funciona meio como um commodity e aí cada um vai pagar mais, a gente vai jogando com isso né, então, mas a maioria nacional, certas placas eletrônicas que se não é pela gente, é por um intermediário nosso, mas 100% vai sair do Brasil, 100%, de placa eletrônica, nada a gente recicla do Brasil, a não ser que seja por algum clandestino, um laboratório Rootzeira, alquimia pura, qual é o nome daquela série do Netflix? O Breaking Bad.

Gabriela: E os resíduos que não são passíveis de separação ou destinação, como funciona o descarte?

Entrevistado: Daí fica aqui, daí eu mando para o aterro, a gente paga para ir para o aterro industrial né, o que a gente não consegue mexer se torna um passivo, mas temos que arcar com esse passivo, então vai para o aterro industrial.

Gabriela: O preço é fixado em dólar ou reais?

Entrevistado: Só o da exportação é em euros, mas tudo respeita muitas vezes o dólar, tipo, se você vai vender cobre ou o próprio ferro, quem está mandando no preço disso é uma ArcelorMittal ou uma Gerdau, são as bigs do mundo, eles que meio, é um commodity né, então o preço do ferro é o preço do ferro, tem uma London Metal Change, que é uma bolsa mundial, que é isso, não tem como fugir disso, todo mundo vai seguir essa oscilação, com um certo tempo de delay talvez, mas vai acontecer, então não sei, é um commodity, acho que é isso, não tenho nem como te dizer de outra forma né, moeda não é a moeda, é o commodity mesmo né, então tem uma flutuação como commodity e no caso de exportação além da flutuação de commodities, tem a flutuação cambial.

Gabriela: E em relação a uma rede de colaboração em Santa Catarina, qual sua opinião? Ela existe? Como se comporta? Tu acha que deveria haver mais colaboração?

Entrevistado: Acho que o governo tinha que educar, esse é o maior papel do governo, se fizesse isso direito tava bom e deixa essa parada, que já está em lei dito que não é da tua responsabilidade, vamos dizer assim, deixa para quem tem que responder né, faz a tua parte, educa, com educação você vai ganhar não só a logística dos eletrônicos, mas todo outro processo.

É que na política, geralmente, as pessoas também não veem né, não a pessoa certa falando politicamente, não é um item visível né, porque o cara vai deixar, para ele tanto faz, se está gastando milhões destinando para o aterro sanitário ou deixando de gastar dinheiro mandando para a reciclagem sacou, que não vai ganhar, que o governo não vai ganhar o dinheiro da reciclagem disso, vai ficar, aí também está um entendimento sobre um pagamento ambiental, porque a cooperativa tá ganhando tudo na porta dela de graça, então isso aí já não é um pagamento? No meu ponto de vista, é complexo e complexo

Gabriela: E como funciona o controle de entradas e saídas? Há um rastreamento?

Entrevistado: A gente controla tudo né, vou te mostrar um *spoiler*, a gente desenvolveu o nosso próprio software, então a gente controla tudo, você pega qualquer parceiro meu, ponto de coleta que seja, vou pegar aqui pra te mostrar, o Morro das Pedras, então eu tenho, eles podem acessar em tempo real e saber tudo que já destinaram para a empresa no histórico todo deles, podem escolher o prazo que eles querem, tá ali, tá tudo que já foi destinado para a gente

aqui, histórico dos últimos 12 meses, tudo isso, então a gente tem porque né, você que é contadora vai saber, para uma empresa é importante ter isso, que é o que geralmente também ninguém faz, se perguntar pra um sucateiro, se o fiscal bater num sucateiro lá, vai tomar uma multa porque que o cara não controla nada, não preciso tá com tudo certo, certo, certo, mas eu preciso mostrar para o fiscal que pelo menos um pouco de controle eu tenho, então tudo que entra, tudo que é processado e tudo o que sai é controlado.

Gabriela: Quais os principais impasses e dificuldades de mercado?

Entrevistado: Muito comercial, que nem o policial que saiu daqui, ele falou que ninguém sabe que a gente existe, eu falei nossa, eu sei disso, é um caralho porque tem que investir dinheiro para fazer comercial e levar informação, aquela guerra né e mais uma vez, vai depender de você querer fazer com a gente, porque às vezes, muitas, eu vou educar vocês todos, aí você vai preferir o sucateiro que te deu cinco reais ali pelo material, do que eu, que estou dando destinação adequada, que estão cagando pra isso aí.

Gabriela: Aí tem a visão do empresário ganancioso né?

Entrevistado: O empreendedor, o empresário ganancioso, olha vou dar aqui para o coitadinho do lado aqui, o sucateiro coitado pobre.

Gabriela: Então, pra finalizar, tem mais algo que queira comentar que não te perguntei?

Entrevistado: Não não, já falei até mais do que deveria.

Gabriela: Parabéns pelo trabalho de vocês e vou te pedir enquanto grava, que tu diga que me autorizou a gravar.

Entrevistado: Sim.

Entrevista 4 – Weee.do (duração de 22 minutos, feita em 07 de Dezembro de 2021 com o sócio/administrador)

Gabriela: Oi, quase um ano da nossa primeira conversa, queria te passar que consegui conversar com vários dos atores mencionados por ti da primeira vez, associações, sucateiros, Comcap, OSC INFO. Percebi no campo uma grande dificuldade financeira, burocrática e de conhecimento técnico para obtenção das licenças por parte destes atores.

Entrevistado: Sim, são as regras do jogo, eles teriam que regularizar muita coisa lá ainda né, pra mim ainda continua sendo um problema social a situação deles lá, e um pouco ambiental no caso.

Gabriela: Queria que me explicasse como se formou a parceria com a Abree em Florianópolis.

Entrevistado: A Weee.do foi homologada pelas duas gestoras para a atuação, tanto pela Abree, como pela Green Eletron. Pra gente sempre foi o que a gente buscou, a gente criou essa empresa pra esse momento né. Quando a logística reversa de fato chegasse como ela foi prevista para acontecer. Até então a gente tava plantando, a gente colocou 85 PEVs no estado do nosso bolso né. A Weee.do em si, como a gente sempre disse, não tem obrigação de fazer a logística reversa, a gente entende que é uma oportunidade de negócio e vimos isso lá atrás e a gente foi, pegou a PNRS de baixo e beleza, vamos executar tudo que ela pede e um dia esse fruto vai ser colhido. A Weee.do hoje é referência no estado, e por isso é lembrada pelas prefeituras na construção desses acordos.

O que antes ocorria com a parceria com o OSC INFO passou a ser via Abree, a partir do convênio com a Comcap. Agora a Comcap tem um contrato com a Abree e a Abree tem um contrato com a Comcap. Certa forma, pra mim ficou bom claro, mas ficou uma coisa mais insegura do que era antes também, porque agora o contrato é direto na mão da Abree e eles podem negociar isso. Pra mim, vai chegar uma hora que eu vou ter que disputar por este resíduo, que até então eu não fazia, mas ok, a minha tendência como empresa antiga no mercado é tentar sempre atender da melhor forma. Então esse de fato é o mercado que está surgindo, não só para os equipamentos eletrônicos, mas todas as outras, vai surgir uma oportunidade de negócios de serviços, porque o que eu presto pra Abree é um serviço, o que eu presto para a Green Eletron é um serviço, serviço de gerenciamento para a logística reversa deles, os Ecopontos da Comcap são Ecopontos da Abree, com a operação prevista pela Weee.do. Meu contrato não é mais direto com a prefeitura, não tenho mais nenhum vínculo oficial com eles, quem tem agora é a Abree, só que eu sou o indicado pela Abree pra fazer a coleta lá. É um trabalhinho de pano de fundo assim também, mas vai dar tudo certo, vai ser bom pra todo mundo.

Gabriela: E nesse caso a Weee.do recebe esses materiais, gerencia e vende para os parceiros cadastrados na Abree e na Green Eletro?

Entrevistado: A Weee.do ainda não foi homologada pela Abree, para o processamento dos materiais, mas deve sair agora em janeiro.

Gabriela: E como funcionará o gerenciamento?

Entrevistado: Tem que ter todo um gerenciamento, uma gestão de informações também adequada para que eu garanta que eu estou dando o destino certo para as coisas que eles querem deles, conforme eles me autorizaram a fazer. Todo um controle de estoque.

Tenho que separar o material de acordo com as parcerias, pois deve ser prestado contas para cada uma delas, mas quando há vantagem econômica posso vender materiais de ambas, para clientes que sejam autorizados por ambas, mas o estoque tem que ser controlado separadamente.

Gabriela: E a parceria com a Green Eletron como está?

Entrevistado: estamos construindo ainda a parceria para instalação de PEVs no estado, e por enquanto só foram realizadas algumas campanhas em cidades do interior. Mais ou menos como aconteceu com a Comcap, com a Abree, eu vou fazer com o Angeloni com a Green Eletro, eu estou conectando o Angeloni com a Green Eletro, para que os PEVs do Angeloni passem a pontuar vamos dizer assim, para o sistema da Green Eletro.

Gabriela: Em relação às obrigações legais e requisitos para participar dessas ações, quais são?

Entrevistado: A Green Eletro, por exemplo, me pede a ISO 14000, mas me deram um prazo pra eu poder tirar, é um nível mais complexo. Tudo é burocrático, enxergo muita coisa boa assim, mas às vezes menos é mais, as vezes a gente burocratiza tanto, aí uma empresa que nem a minha, a Weee.do, a gente tenta fazer tudo certo, e ainda tendo que competir com sucateiro que faz quase nada certo, pra mim, o que acontece, quem é penalizado é quem faz direito. Pagar CLT, tem que ter todos os FGTS em dia, mas pra mim, como eu já atendo grandes empresas, eu vou ter que ter igual. Essa burocracia é complexa porque ela custa caro. É por isso que faço questão de falar mal dos outros que não tem essas coisas aí.

Teve o caso de um sucateiro que usou minha licença para coletar resíduos de grandes empresas e elas não perceberam, o que é bem complicado.

Gabriela: Poderia me passar uma lista com todas as licenças obrigatórias para a atividade?

Entrevistado: Alvará de funcionamento, Alvará do corpo de bombeiros, Cadastro Técnico Federal do IBAMA, Registro no MTR online – Instituto IMA, Licença Ambiental de Operação da Estrutura – Existe uma licença específica para resíduos eletroeletrônicos. Laudos de saúde ocupacional em dia, NR 11, NR 12, NR 23, Veículos a diesel – teste da fumaça. O motorista tem que ter o MOP, os veículos o CIP e o CIF,

tacógrafo. Só aí tu já gasta cinco mil reais em cada veículo. E por questões estratégicas também possuo a Licença de transporte e mantenho todas as CNDs (Certidões Negativas de Débitos) em dia. Dão umas três páginas de itens assim, se eu, por exemplo, passo por uma auditoria pelos clientes, elas vêm com uma necessidade que eu responda, geralmente questionários com cinquenta perguntas e aí eles te dão uma nota, que tu tens que tirar acima de X.

Gabriela: Quantas toneladas você recebe mensalmente da Comcap?

Entrevistado: 4 a 4,5 toneladas ao mês

Entrevista 5 – Weee.do (feita pelo WhatsApp, feita em 03 de Maio de 2021 com o sócio/administrador)

Gabriela: São quantos funcionários e qual a escolaridade deles?

Entrevistado: 11 funcionários.

Gabriela: Em relação a Abree e a Green Eletro, como essas entidades se mantêm, há algum custo para ser associado ou parceiro delas?

Entrevistado: Isso, é feito um rateio entre os associados, conforme o que cada associado coloca no mercado (em peso total).

Entrevista 6 – Sucateiro 1 (duração de 45 minutos, feita em 01 de Setembro de 2021 com o proprietário)

Gabriela: Primeiro eu só vou pedir para o senhor me dar teu nome pra eu anotar direitinho.

Entrevistado: Meu nome é Antônio Oliveira (nome fictício).

Gabriela: Certo e há quanto tempo vocês têm a empresa?

Entrevistado: 21 anos

Gabriela: E ela está registrada na receita?

Entrevistado: Está registrado em meu nome agora, faz uns sessenta dias, ficava no nome da falecida minha esposa e daí a gente trocou agora.

Gabriela: Pode me falar um pouquinho sobre a história da empresa, como é que vocês começaram?

Entrevistado: Então, a gente começou trabalhando, catando na rua né, juntando material na rua, comprando nas casas e a gente foi crescendo assim, aí a gente alugou um cantinho aqui

do lado né, uns 30 metros para frente aqui, passamos dois anos ali apertado, a gente foi crescendo assim, foi anunciando em jornal, internet, internet ajuda muito, Google né.

Gabriela: Sim, nós achamos vocês no Google mesmo.

Entrevistado: No Google, os anúncios de bairro e anúncio com som nas casas, passando nas casas falando que compramos latinha e tal e aí o pessoal que chama a gente, então isso aí e leilão né, muito leilão, há muita coisa legal, carro, caminhonete, caminhão. Então é isso aí, a gente cresceu assim mais depois do leilão, de um leiloeiro passar pro outro né, indica a gente de um lado pro outro, a gente acaba que eles, no interesse de vender, acabam se ajudando entre eles e a gente vende da gente também né.

Gabriela: Vou te perguntar um pouco sobre os eletrônicos, porque é o meu foco de pesquisa.

Entrevistado: Sim

Gabriela: Me fala um pouco sobre eles, tu falaste antes da entrevista, que tem pouca coisa agora, não é vantagem, como é que é? Economicamente é viável trabalhar com eletrônico?

Entrevistado: Viável, é viável sim, tem eletrônico assim que não é viável, mas um pelo outro né, vale a pena, o que mais hoje é lucrativo né, o que é mais remunerado para fazer, é peças de computadores, telefonia, essa parte de eletrônica, mas tudo é reciclado, o telefone celular, rádio e televisão, tudo que for eletrônico é reciclado, todos.

Gabriela: E tu consegue reciclar todo o material que tem ou sobra alguma coisa de resíduos?

Entrevistado: Muito pouco, tipo assim, uma geladeira, por exemplo, a única coisa que vai fora é só as peças de dentro de acrílico, que não tem mercado pra hoje de sucata, aqui não tem mercado pra isso né, então vai para o lixo reciclável que a prefeitura coleta, no mais a geladeira vai tudo, eu acho que fogão vai tudo embora, os celulares, computador e também a bateria vai para o pessoal que recolhe bateria e assim vai. Eu acho que da reciclagem hoje, uns 2% que é impureza né.

Gabriela: Essas impurezas vocês descartam como?

Entrevistado: Comcap, no dia do reciclado, coloco aqui na frente e a Comcap que leva, ou a gente liga lá, e eles recolhem, quando é muita coisa a gente leva lá também, a maioria das vezes a gente leva lá. Tipo eu não reciclo vidro, mas a prefeitura tá reciclando e eles têm um contêiner aqui na frente, ali perto do TIRIO ali, e um aqui na Costeira, a gente coloca no carro e leva lá, despeja lá dentro e vai para o destino correto.

Gabriela: Pode me explicar um pouquinho como é que funciona o processo da separação? Tem alguma logística? Como é que entra o material?

Entrevistado: É, está vendo os meninos fazendo lá, aquilo ali é um material de um leilão, leilão que teve aí da Sabenco né, até um tempo atrás a gente comprou 51000 m daqueles ali, então são tudo fios já obsoleto, não tem mais comércio tudo, então o que acontece, a gente corta, passa naquela máquina, a casca vai para uma empresa que faz sola de sapato, tênis e o cobre volta para empresa como cobre, daí bota no fio de novo, tudo direitinho, na verdade o que vence ali é a casca né, que fica ressecada e daí tem mais perigo de pegar fogo.

Gabriela: E especificamente dos eletroeletrônicos?

Entrevistado: Eletrônico a maioria é para o Japão.

Gabriela: Tudo é exportado?

Entrevistado: Tem uns que vão pra China, mas a maioria é Japão.

Gabriela: E faz a exportação direto por ti aqui?

Entrevistado: Não, vai para uma empresa em Curitiba chamada Hamaya do Brasil, conhecida mundialmente essa empresa aí, então eles vem aqui, fazem a coleta, levam para Curitiba, tiram as impurezas né, que tem nas Placas de televisão né e tal, computador, tem alumínio, tem cobre, então lá eles retiram da placa, daí eles moem tudo isso e vai para o Japão, é uma empresa japonesa. Que nem o ferro é a Índia, o Brasil e China.

Gabriela: Também é via essa empresa?

Entrevistado: Não, não. Aqui nada eu entrego direto, única coisa que eu vendo direto é o óleo de cozinha, que é reciclado e vendo direto para a empresa que fabrica ração.

Gabriela: Em 2010 saiu uma lei, a Política Nacional de Resíduos Sólidos, vocês têm conhecimento dela? Eu queria saber se mudou alguma coisa?

Entrevistado: Não conheço muito não, não, porque assim, quando a gente vai abrir, exigem para o meu ramo, para o que eu trabalho, como eu trabalho mais com metálico, então eu não tenho muito papel, plástico, essas coisas, então já é outras exigências, outra parte.

Gabriela: Eu queria mesmo perguntar sobre essa parte da legislação?

Entrevistado: Em Florianópolis é difícil tirar alvará para reciclagem, aqui tá como sucata só. Eu só trabalho com sucata na verdade, se tu ver aí dentro não tem plástico, nem papelão, somente peça metálica né. Aí pra conseguir o alvará leva tempo também, é bem complicado.

Gabriela: E como é essa parte da legislação municipal?

Entrevistado: É muito chata, agora não sei como vai ser com essa nova administração do Gean, mas peguei um contador, e o contador tá se virando com tudo isso, já está no final, já estamos fazendo Bloco de Notas já.

Gabriela: Eu tenho formação em contabilidade também e agora estou em outra área, mas eu sei como é complicado.

Entrevistado: É bem complicado, por exemplo, pra você trabalhar com papelão, plásticos, você tem que ter alvará de bombeiros, não dá, não passa, é muito difícil, tem que ter viabilidade, teria que ter 300 metros da faixa, então assim, esquece aquilo, que é melhor. Daí tipo, não trabalho aqui com coisa contaminada, tipo óleo de motor e óleo essas coisas, nada, tipo motor de geladeira essas coisas, vai para outra empresa na Palhoça, porque lá eles têm as licenças ambientais, tudo bonitinho.

Gabriela: Você já falou um pouco, mas se puder me abrir um pouco mais, queria saber se tem alguma parceria com outras empresas de sucata?

Entrevistado: Pô parceria assim tipo como sociedade tipo assim não?

Gabriela: Não, não, no mercado mesmo.

Entrevistado: Meio que cada um por si, tem nas empresas assim, eu tenho parceria é a onde eu vendo né, eu vendo pra Ale Metais, então eles é a única parceira assim que tem é ela. Eu vendo tudo material que eu compro pra eles, nobres né no caso, vendo pra ela. Ela financia a gente no que precisar, é uma empresa grande né, bem já, berço da sucata ela.

Gabriela: E a relação com os catadores? Vocês recebem muito material deles?

Entrevistado: Não, não pego nada de catador.

Gabriela: Nada de associação também?

Entrevistado: Nada. Os catadores, quero distância, eles traz muito problema né. Assim, até a polícia teve esses dias aqui, fazendo uma revisão aqui, foi até bom isso, não acharam nada. Tem um pessoal que abriu logo aqui na frente né, eles foram fechados lá na Palhoça e aí está trazendo catadores e esses catadores trazem muito furto em volta do bairro. Pode até perguntar na comunidade aqui, isso aqui desapareceu, porque eu nunca comprei, não compro, e agora estão comprando tudo, aí começou a aparecer um monte de gente de fora, tem aquele pessoal que rouba né, começa a subir para cima do ambiente, para poder ficar por ali roubando o que não é deles, começam a roubar no bairro e eu aqui nunca me misturei com eles, sempre meu foco é mais empresa, aí não tem problema com polícia então, nunca tive né, nesses 21 anos né, nunca tive que me incomodar com nada.

Gabriela: Teu foco maior é empresas então? Mas se chegar alguém aqui pra vender alguma coisa, o senhor compra?

Entrevistado: Se for, por exemplo, o cobre, vou te mostrar uma coisa, isso aqui é, por exemplo né, isso aqui eu peguei do leilão né, aí tem aqui a nota fiscal, bonitinho né, e se a

pessoa veio aqui, por exemplo, ah, vou vender 10 kilos de cobre, faço o recibo, nome da pessoa, RG e CPF e aqui nesse caderno tem o telefone e o endereço, tem que trazer um comprovante de endereço, se for muita coisa, exijo até o comprovante de residência.

Porque não sei de onde é e não tá escrito na testa deles, ladrão ou não. Aí é complicado. Já pra não ter problema com a polícia. Até o dia que a polícia teve aqui, olharam tudo isso, tudo que pediram eu fui ali e falei, se quiser ligar, pode ligar até, tá aqui para o senhor ligar. Mas tudo certo, a prefeitura também vem aqui.

Gabriela: E com a Comcap é somente essa relação de descarte?

Entrevistado: Só de descarte mesmo e de vez em quando ligar pra eles vim tirar o lixo, parece que eles tem eu não sei o que comigo, eles não levam o meu lixo nunca. Às vezes dou uma ligada lá, dou um xingada, é oitocentos e poucos reais por ano que os caras me taxam, agora vim aqui deixar limpinho nada. Esses dias eu falei que eu ia ligar lá para o Dino Montez, que é meu amigo mesmo, falei vou ligar no Dino e fazer uma denúncia na televisão, aí vocês vão ver o que é bom. Capaz, só um caminhão só pra buscar meu lixo aqui rapidinho, quinze minutos depois o caminhão tava aqui.

Gabriela: É obrigação da Comcap?

Entrevistado: Claro, tô pagando, isso a gente nem deveria que pagar, isso aí é coisa que a prefeitura, a gente já paga um monte de imposto, querem mais isso ainda.

Gabriela: De resíduos eletroeletrônicos, quanto tu processa por mês?

Entrevistado: Assim, como lixo eletrônico, ele de 2009 pra cá que ele expandiu no Brasil, então lixo eletrônico tá meio sumido, chegou época no passado, a gente recebia 2 toneladas mês, hoje 50 quilos mês, bem fraco ainda, 50 à 100 quilos mês no máximo. Hoje eles já trazem desmanchados, tem muita mídia, mostrando que isso vende bem, tem um valor monetário bom, então o pessoal vai, hoje por exemplo, se tu pega um 10 quilos de cobre você leva quase R\$ 400,00, você pega aí, cada placa de computador, na faixa de R\$ 12,00 uma placa queimada. Então, o cara que trabalha com eletrônica, ele vai lá e limpa dez computadores, ele tem R\$ 500,00.

Gabriela: Isso quem trabalha com consertos?

Entrevistado: Isso, o valor é bem bom, tudo aumentou muito, essa pandemia mesmo, pra nós, para o nosso ramo aqui, quem teve se deu bem, muito bem, aumentou 250%, ferro a gente vendia à R\$ 0,10, hoje é R\$ 1,00, pra tu ter noção, 900% subiu. Tudo foi uma loucura, por causa da pandemia.

Gabriela: Em relação aos parceiros, acha que falta um pouco de cooperação, por exemplo com a Comcap, porque a Comcap, na coleta seletiva destina para as associações, isso atrapalha a atuação dos sucateiros?

Entrevistado: Não, não atrapalha e também não ajuda nada. Na minha parte, da empresa aqui, não faz diferença nenhuma, eu vou na casa de quem me liga lá buscar e se eu achar na rua, a gente recolhe, então, assim não influi em nada.

Mas assim, quanto ao apoio da prefeitura, do poder público mesmo assim, é zero. Deixam mega a desejar, se tu quer descartar alguma coisa, se bobear eles cobram, então assim, eu acho que deixam bem a desejar nisso aí. Na limpeza da cidade, a gente tá colaborando para a limpeza né.

Quando eu me mudei pra Florianópolis, em 1991, Florianópolis era um centro de entulho, você ia para Canasvieiras, tinha carro, tinha tudo jogado na beira da estrada e quem limpou isso não foi a prefeitura, foram os sucateiros né. Tirávamos geladeira, lembro quando eu comecei, a gente tirava geladeira no meio do mato enterrada, nos terrenos dos outros, sabe, as pessoas pagavam pra gente tirar, hoje não tem mais isso, porque os sucateiros limparam, aí muitas vezes vinha a fiscalização e fala que você não pode. Aí respondo: E lá no mato, aquela geladeira que tá cheia de mosquito né, aí pode? O potinho atrás do muro, aí pode. Aí ela veio aqui, conversando esses dias comigo, aí eu disse, vamos fazer um acordo? Em vez de você ficar brigando comigo, tinha chovido de manhã e ela veio as 10 horas, aí dá licença né. Aí falei, vem comigo, vamos entrar ali, fiz ela vim, vamos lá atrás do Koerich ali, lá atrás tinha uma montanha de plástico no lixo lá. Aqui pode né? Aí falei, tô gravando tudo nossa conversa, comecei a gravar sabe, pra mostrar pra vocês que vocês tem que se preocupar mais com os lugares certos, aí ela foi lá e tiraram uma caminhonada de lixo, a prefeitura deveria limpar, mas até então tava lá, então vocês tem que assim, pensar, porque aqui acabou de acontecer uma chuva, será que é coerente você vim aqui brigar comigo por causa de meio litro de água dentro dos meus materiais, ali vai dar água com certeza, em quinze dias tá limpo e as coisas que ficam no mato, anos e anos. Aí sempre que eles vem, ela já fala, que se choveu, tudo bem, assim que chove, depois da chuva, a gente vai lá e faz uma revisão em tudo, tira toda água. Mas assim, tá bem bonita Florianópolis, eu não sei se você mora há muito tempo aqui?

Gabriela: Sim, moro há seis anos.

Entrevistado: No passado isso aqui era, sempre foi uma cidade ótima de viver, eu vim pra cá, eu saí do exército, e vim pra cá, era bem difícil a coisa, mas assim, me equilibrei e graças, em Florianópolis né, trabalhando né, direitinho.

Gabriela: E o serviço de vocês é ambiental também né?

Entrevistado: Sim, uma vergonha pra nós no Brasil né, nós reciclamos 0,25%, na China e no Japão, 95%, 97%. Se você começar a pesquisar sobre os países que mais reciclam, tu vai te apavorar com os tipos de maquinários que eles têm pra reciclar. Tem como fazer, é só o político roubar um pouquinho menos e investir um pouquinho a mais na coisa certa né. Gente, tem máquina hoje que separa o lixo, se tu ver uns vídeos no Japão, na China, eles jogam, tem um galpão lá gigante assim, digamos assim, um hectare de terra, 100x 100, os caras ficam atrás dos vidros, manuseando as coisa, as máquinas. Os caminhões chegam lá e eles ficam desse tamanho, lá em cima no galpão, virando pra baixo aqueles caminhão de lixo. E de lá de dentro, tudo separadinho. O povo é educado pra isso.

Gabriela: A questão da cultura é importante.

Entrevistado: O povo é educado pra isso, agora aqui, o que o cara vai, ele come e joga pela janela do carro, tu tá andando na rua e os caras tão jogando papel e porcaria no vidro da gente né. Isso é verdade. A educação é diferente. Meus filhos, se tu ver, todos eles têm a sacolinha dentro do carro, eu faço eles ter. Se tu vai lá no Japão e tu joga um lixo na rua como vai ser. E todo mundo vai perguntar, isso aqui é seu, mas devolve pra pessoa. Que vergonha pra nós. Eu fui na Hamaya do Brasil. Eu e o pai daquele menino lá, a gente foi lá na Hamaya do Brasil. Quando a gente chegou lá, todos os funcionários pararam, cumprimentaram a gente, todos, todos, da faxineira até o chefe do escritório. Descemos lá, sejam bem vindos a Hamaya do Brasil. Sabe assim, eu nunca vi uma coisa tão educada e as coisas tão organizadinhas, ferramentas sabe, sou bem observador para essas coisas assim, aquilo serviu muito pra mim. Olhei as coisas, tudo organizada.

E aí ele deu uma bala, quando o outro menino abriu a bala, uma bala lá do Japão, de café. Ele abriu a parte do meio saiu e caiu no chão, e ele não juntou. Aí eu peguei e juntei, e o cara falou assim, muito bom, minha cultura não deixa cair nada no chão. O cara, aquilo foi uma lição pra ele, hoje ele faz a mesma coisa, ele não deixa nada cair no chão. Sabe, quando a gente saiu, todo mundo veio dizer adeus e tal, fecha uma porta direitinho, ninguém trabalhando, pararam tudo de trabalhar pra nós fazer uma visita. Porque, pra não dar distração para as pessoas e não acontecer acidente. Agora na pandemia, eles pararam no começo da

pandemia e voltaram faz quinze dias a trabalhar. Pra você ver o quanto eles são bem seguros no que fazem. Ficaram um ano e pouco aí sem produzir nada, sem recolher, sem nada.

Gabriela: Pra finalizar, quantos funcionários tu tens?

Entrevistado: Só tenho um, o resto é filho. Só filho, aquele menino é filho, tem mais um menino que tá lá em cima que é especial, que tá ali comigo né. Todo mundo pertinho de mim aqui.

Gabriela: Eu venho estudando o mercado como um todo, desde pequenas, até médias, como, por exemplo a Weee.do, não sei tu conhece na Palhoça?

Entrevistado: Já ouvi falar nele, mas não conheço.

Gabriela: Eu conversei com ele também, e estamos fazendo um perfil dos proprietários, se o senhor puder me falar da sua escolaridade, para eu ter a informação.

Entrevistado: Eu não tenho escolaridade, estudei dois anos.

Gabriela: Ensino Fundamental incompleto então, alfabetizado.

Entrevistado: Aprendi com a vida, mas sei, tudo que eu precisar, vou na internet, qualquer coisa que tenha que fazer, eu tenho um filho que é advogado, então me ajuda, me ajudou bastante e os outros fizeram o segundo grau.

Gabriela: Nessa parte de leilões também né?

Entrevistado: Sim, eu participo de muito leilão. Infraero mesmo, desde 2000, eu comecei em 2001, 2002 conheci um pessoal da Infraero, até hoje, quando não vai pra dispensa, quando eles dispensam é tudo meu, do Brasil inteiro. Tem estado que eu não dou conta e já passo pra outro buscar, mas, trata comigo. Esses dias, tinha em Roraima, vou fazer o que lá em Roraima, buscar, tinha uma carga lá que vinha pra mim, aí peguei e liguei para um sucateiro lá, passei uma ficha pra ele lá, assina lá e manda pra mim, assino e mando pra eles. Aí eles coletam lá, só uma pessoa lá. Eu exijo que eles façam isso, entra só uma pessoa pra fazer coleta, você vai entrar e vai sair junto com um acompanhante, pra não dar problema pra mim, porque tá meu nome lá, aí vai o cara lá e mete a mão em alguma coisa, não conheço a pessoa direito, né, e aí acontece alguma coisa e quem é responsabilizado sou eu né.

Graças a Deus nunca aconteceu isso, mas aí a possibilidade, é quem aqui, eu compro um monte de coisa, a possibilidade de alguém roubar alguma coisa e vim me oferecer aqui é grande, eu sou muito desconfiado. Esse cara que trouxe sucata, é meu cliente desde 2002, você vê assim, eu tenho clientes assim, que vem aqui desde meu primeiro empreendimento, até hoje vem aqui comigo. Se vem vender, tento conversar, tento convencer para ela ficar sempre. O cliente não é só para hoje, é pra sempre.

Gabriela: Criar confiança.

Entrevistado: Eu tenho um cliente que fica muito tempo assim, que eu faço coleta bastante tipo assim, são restaurantes né, esses dias o cara do Boka's, o Jair, não me ligava, não me ligava, liguei pra ele, o que tá acontecendo? Daí ele disse, não Sr Lauri, porque tipo assim, eu fiquei de férias e não sei o que aconteceu. Fui lá conversar com o cara, fui lá conversar com ele, pra ver o que tinha dado lá e o cara tinha, tava tudo guardado, não sabia pra quem mandar.

Gabriela: O que tu coletas lá?

Entrevistado: Latinha, eles reciclam, mas aí é Mirante, Mirantes eu pego, eu parei um pouco de ir atrás nas casas porque aqui a porta aumentou muito, daí como eu compro de leilão, então vem muita coisa e aí acaba dando um tumulto, acaba que tem o meu, é cliente chegando, não dou conta. Aí fica meio pesado. O meu espaço também complica, vou tentar abrir esse portão mais para lá, para ter mais espaço, para poder trabalhar melhor né.

Gabriela: Vai até lá né.

Entrevistado: Vai, vai, vai. Até lá no final. Também não quero agredir árvore, já coloco abaixo dali. Se eu for fazer um galpão já vai prejudicar ali, então deixo assim. Olha quanta gente reciclando, se tu olhar hoje, vale muito mais você trabalhar na sucata do que qualquer coisa no mercado.

Gabriela: Sim.

Entrevistado: O papelão, o plástico, aumentou muito, tem gente que anda de, vi um cara andando ali, esses dias ele puxando ali com uma Tucson zerada, transportando papelão, o cara pegou rebote e não ficou desempregado. Caminhoneta, os caras passam aqui de carrão. Se tu observar bem na rua, tu vai ver que tem muita gente sobrevivendo disso, é bom né também, tá na rua, tá lá o dinheiro, é só ir lá pegar.

Gabriela: Sim, eu moro no centro e na região tem muitos catadores de recicláveis.

Entrevistado: No centro tem um cara que vai lá com uma balancinha e compra.

Gabriela: Sim

Entrevistado: Eu ia muito no carnaval comprar no centro, encostava um caminhão lá no centro, colocava duas pessoas comprando latinha, aí só jaguara que vai lá, eles colocaram brita, areia dentro, eles iam na Beira Mar pegar areia, aí a noite no escuro, comprei três toneladas e deu duzentos quilos de areia, nunca mais fui. Tem gente que faz de proposito para faturar em cima. Hoje não né, se tem algo errado eu já falo com quem eu comprei.

Gabriela: Só vou pedir pra finalizar e te liberar, se tu me autoriza a gravar, pra gente deixar gravada a tua autorização. Então, me autoriza a gravar?

Entrevistado: Sim, tá autorizada.

Entrevista 7 – Sucateiro 2 (feita pelo WhatsApp, feita em 06 de Novembro de 2021 com o gerente)

Gabriela: Primeiramente gostaria de mencionar que morei no norte da ilha alguns anos e conhecia a empresa por passar próximo, mas também a encontrei no google em pesquisa das principais empresas que trabalham com sucatas na ilha.

Na internet consta que o CNPJ está registrado em 2015 e que a empresa é optante pelo Simples, gostaria de confirmar estas informações, e se possível que me confirmasse se os sócios são: Edmon Monteiro e Keine Regina Garcia Monteiro. Gostaria de saber se há um grau de parentesco entre os sócios?

Entrevistado: Sim, são Sócios e são Casados. Eu sou o Gerente principal.

Gabriela: Como estou fazendo um mapeamento de diversas empresas, associações e afins que participam deste mercado, é importante pra mim levantar dados demográficos dos envolvidos, como idade e escolaridade, se puderes me passar qual a de vocês seria ótimo.

Entrevistado: Ele 49 anos curso superior. Ela 43 pós graduada. E eu ensino médio

Gabriela: Em relação aos funcionários da empresa, são quantos? Há grau de parentesco entre eles e os sócios? A empresa é familiar?

Entrevistado: São 5 colaboradores e não existe ligação familiar

Gabriela: Gostaria de conhecer um pouco mais da história da empresa. Como ela começou? Havia um trabalho anterior na coleta de sucatas? Ela funcionou sempre no mesmo local?

Entrevistado: Ela começou em São Paulo sempre trabalhou com foco principal nos metálicos e Eletrônicos e agora está em Florianópolis.

Gabriela: Quais as sucatas que são coletadas?

Como funciona esta coleta? Recebem na empresa, ou tem também algum tipo de coleta a domicílio ou em empresas, restaurantes e afins?

Entrevistado: As principais sucatas são as metálicas e eletrônicas. Trabalhamos com atendimento de porta e também coleta no domicílio empresas etc

Gabriela: Quantas toneladas são processadas por mês em média?

Entrevistado: No geral são recicladas entre 10 a 15 ton mensalmente

Gabriela: Em relação às sucatas eletrônicas, como celulares, computadores ou demais aparelhos, tens um percentual de quanto elas representam do total processado, ou mesmo quanto em peso? Há algum trabalho específico com esse material?

Entrevistado: Elas representam 10% do volume e são especialmente processadas para reutilização de componentes para acondicionamento do produto para poder reusar

Gabriela: Em relação ao material eletrônico ainda, houve algum acréscimo ou redução destes nos últimos anos?

Gabriela: Em 2010 foi criada a Política Nacional de Resíduos Sólidos, houve algum impacto na empresa? Como percebe essa Lei e os acordos setoriais advindo dela?

Entrevistado: Politicamente falando tem vários diferentes interesses envolvidos nessa lei ...mas vem ajudar bastante a não ficar enalhado os materiais pesados e ferrosos que as empresas de lixo desprezam ...pois dá muito trabalho ... E assim o mercado é livre.

Gabriela: Há parcerias com outras empresas, ou associações de catadores, cooperativas, Comcap e afins? Se sim, como foram construídas estas parcerias?

Entrevistado: sim sempre se tem contato com empresas do mesmo setor afinal de contas precisamos uns dos outros ...de certa forma. Por exemplo, como o foco da Sucateiro 2 é metálico o plástico vira uma forma de contatar outras empresas, como cooperativas, para processar o plástico que eu por exemplo não consigo.

Gabriela: Alguns sucateiros que entrevistei mencionaram problemas em relação a compra de sucatas de catadores, e que em situações de autuação da polícia tiveram que apresentar toda origem de diversos materiais, e que isso dificulta o trabalho com estes profissionais que fazem a catação. Isso acontece também na Sucateiro 2? Há algum controle nas entradas, como cadastro de pessoas que vendem as sucatas?

Entrevistado: Sim, acontece de forma desleal em vários momentos. O único controle é o bom senso e a noção de saber filtrar o quanto aquele catador consegue acessar um certo tipo de material. Mas nós nos empenhamos 100 por cento no envolvimento com o bairro e seus moradores para que seja filtrado da melhor maneira

Gabriela: Como é a comunicação com os consumidores e com as empresas?

Gabriela: Há na Sucateiro 2 um sistema de logística reversa implantado? Como funcionam os processos dentro da empresa em relação à separação e a destinação final?

(Aqui queria saber melhor como é o fluxo de entrada e saída desses materiais, separação e destinação final)

Entrevistado: Tudo é separado por diferentes categorias indo para uma triagem para separação e depois processado para limpeza de impurezas e embalamento devido..diversas matérias não desejadas e não recicláveis serão encaminhadas para terceiros processarem, mas sempre vai para recicladores.

Gabriela: Há uma concorrência forte no mercado?

Gabriela: Como se dá a destinação final? Alguns entrevistados relataram que vendem os materiais para empresas maiores que fazem a intermediação para clientes finais, tanto dentro, quanto de fora do país, como funciona isso na Sucateiro 2, os clientes são intermediadores ou conseguem fazer diretamente para o cliente final dessa matéria prima? Especificamente com materiais eletrônicos, como funciona esta destinação?

Entrevistado: Sim tem vários intermediários por meta de volume desejada das indústrias.

Gabriela: Como funciona a logística para entrega desses resíduos após a separação dos componentes?

Entrevistado: Via terrestre

Gabriela: Em relação aos resíduos que sobram, sem ser possível a venda, como funciona a destinação final? Via comcap?

Entrevistado: Sim pagamos um absurdo por kilo para a Comcapalém da taxa de lixo de 4000 ao ano

Gabriela: Em relação ao preço, a variação se dá pela cotação do dólar ou mesmo pela moeda nacional?

Entrevistado: Depende muito com quem tá negociando. Mas moeda brasil a maioria.

Gabriela: Há uma rede de colaboração em SC? Deveria haver?

Gabriela: Quais os principais impasses e dificuldades neste mercado? Como é a relação com a prefeitura e a Comcap?

Entrevistado: É péssima a interpretação do nosso trabalho além de ambiental o social ...somos totalmente discriminados e pisoteados

Gabriela: Em relação a fiscalização, rigidez com as licenças, burocracia.

Gabriela: Em relação às licenças ambientais, como funciona em Florianópolis, há dificuldades em consegui-las, mantê-las? O custo é alto ou é possível de manter em dia sem dificultar a manutenção do negócio?

Entrevistado: Sempre tamos em busca de deixar tudo como exige a lei ...mas totalmente injusta e complexa o acesso à informação e obtenção positiva da burocracia. Dificílimo o acesso, injusto e extremamente Caro ..

Gabriela: uma última que esqueci ali em cima, entre os funcionários, quantos são mulheres e quantos são homens.

Gabriela: Se me permitir uma última dúvida, sobre essa questão das licenças, algumas associações inclusive me passaram que gostariam de trabalhar com esse material mas não consegue pela dificuldade de conseguir o licenciamento... Tu poderias me dizer só quais são as licenças exigidas especificamente pra eletroeletrônicos? E o custo para conseguir?

Entrevistado: Não tenho acesso a essa informação de valores fica com o Adm. Não tenho o nome

Entrevista 8 – Sucateiro 2 (feita pelo WhatsApp, feita em 05 de Maio de 2022, com o gerente)

Gabriela: Boa tarde. Acabei não questionando seu nome.

Entrevistado: Beleza. Pedro.

Gabriela: Se me permitir uma questão somente. Falaste que os sócios tem formação superior, sabes me dizer em qual área?

Entrevistado: Ele é formado em Turismo e a esposa em Ambiente.

Mas pode esclarecer tudo comigo.

Gabriela: Certo, vou conferir aqui. Em relação aos funcionários, quantos são homens e quantas são mulheres?

Entrevistado: Temos cinco homens e uma mulher.

Gabriela: A Abree abriu chamada pública para projetos que envolvam sucatas eletrônicas. Tens conhecimento?

Entrevistado: Não sei não, vou investigar.

Gabriela: Se eu puder pedir uma última coisa, tem alguma foto da operação da empresa?

Entrevistado: Sim claro faço até vídeo.

Gabriela: Obrigada, mas foto já é o suficiente para ilustrar o trabalho.

Entrevistado: Ok, mando sim, quando vir situação interessante de fotografar eu passo.

Gabriela: muito obrigada.

Entrevista 9 – Sucateiro Autônomo (feita pelo WhatsApp, feita em 13 de Maio de 2022, com o proprietário)

Gabriela: Boa noite

Entrevistado: Oi boa noite. Me desculpa. Tinha me esquecido

Gabriela: Sem problemas. Se ainda conseguires me ajudará muito.

Entrevistado: Mas para breves informações. Faz um ano q estou a frente da reciclagem Pantanal. Trabalho praticamente sozinho. É uma coisa bem simples ... Não sei se teria muitas informações pra vc.

Gabriela: O que tiveres pra me passar já está ótimo.

Gabriela: A forma como tu trabalha, quantidade de material que recebe, tua formação

Entrevistado: Minha formação é ensino médio. E sou eletricitista autônomo... Ali é somente um descarte de lixos eletros eletrônicos. Não compro materiais.

Gabriela: Esses eletrônicos, tu separa as peças e vende ou como funciona a operação?

Entrevistado: Sim, separado todos os materiais manualmente.

Gabriela: E tu vende pra sucateiros?

Entrevistado: Sim.

Gabriela: E quanto mais ou menos tu processa por mês? Digo em peso de material.

Entrevistado: Não tenho uma média. Pq tem meses q são bem poucos descartes.

Gabriela: E a questão burocrática? É muito caro manter licenças e essas questões?

Entrevistado: Não tenho nada oficial ...Pq se precisar de alguma nota ou termo de descarte. Consigo com quem compra meu material...

Gabriela: É muito complexo? Caro?

Entrevistado: Muito caro e burocrático.

Gabriela: E normalmente vende para as mesmas empresas? Tu coleta direto na pessoa/empresa que quer descartar ou somente recebe aí na empresa?

Entrevistado: As vezes fasso coleta em residências ou empresas.

Gabriela: Tudo certo então, muito obrigada por me ajudar. No meu trabalho não citarei seu nome e nem o da empresa.

Entrevistado: obrigado.

Gabriela: Muito obrigada e ótimo final de semana

Gabriela: boa tarde, uma perguntinha pra eu fechar aqui. Qual o grau de escolaridade dos seus pais?

Entrevistado: Meu pai já faleceu. Eu tenho médio completo e minha mãe também...

Gabriela: Muito obrigada

Entrevista 10 - Associação 2 - (duração de 30 minutos, feita em 07 de dezembro, com a presidente)

Gabriela: Boa tarde, primeiramente eu queria solicitar autorização para gravar nossa conversa.

Entrevistada: Sim, autorizada.

Gabriela: Me conta um pouco da história da associação.

Entrevistada: Então, quando começamos aqui, era com a presidente Marisa, daí é melhor perguntar pra ela depois.

Entrevistada 2 (ex presidente da associação): Começamos aqui com trinta pessoas, mas não tava dando pra todo mundo viver e o espaço é pequeno também, aí fomos diminuindo. O terreno é da prefeitura, eles deram pra nós começar aqui.

Gabriela: Mas hoje, quantos associados vocês têm? E quantos são homens e quantas mulheres?

Entrevistada: Hoje são cinco mulheres e dois homens.

Gabriela: E tem algum vínculo familiar?

Entrevistada: Sim, aquele ali é filho, ela é filha, a outra ali é filha da Marisa, essa ali é daqui da comunidade.

Gabriela: E qual o grau de escolaridade de todos?

Entrevistada: Acho que é ensino fundamental, mas tem três que estão no ensino médio, meu menino parou agora de estudar, porque não estava conseguindo acompanhar isso do online. E aqui também não pode ter menor de idade porque o Ministério do Trabalho fiscaliza, cuida também pra ver as condições e tudo.

Gabriela: Vocês tem algum controle de quanto material a Comcap entrega mensalmente?

Entrevistada: Não, eles só deixam o material aqui, nós ainda não controlamos entrada e saídas, mas teremos que fazer porque a Comcap tá pedindo.

Gabriela: Houve alguma redução na quantidade recebida durante a pandemia.

Entrevistada: Não, pra gente não prejudicou, porque nossa associação é pequena, daí a gente não consegue colocar mais gente pra trabalhar aqui, então uma carga pra gente por dia estava bom.

Gabriela: E todo material é oriundo da Comcap?

Entrevistada: Recebemos a maioria da Comcap, mas também de moradores da comunidade.

Gabriela: E algo de catadores?

Entrevistada: Não.

Gabriela: E em relação às licenças, a Comcap auxiliou a associação?

Entrevistada: Sim, tudo eles ajudam a gente.

Gabriela: E tem mais algum apoio de órgãos públicos?

Entrevistada: Aqui esse galpão na real é da prefeitura, então ela só fez e tipo largou, se precisar fazer uma reforma igual nossos banheiros, que não está bem funcionando, tudo assim, igual o muro que a Comcap derrubou, que daí a gente não tem como fechar os portões, então, daí tipo a gente não tem apoio da prefeitura nisso, pra falar a verdade não temos apoio nenhum da prefeitura.

Gabriela: E sobre a divulgação da reciclagem, tem algo relacionado a associação?

Entrevistada: Falta bastante, porque o pessoal não sabem ainda, parece que eles não tem sentido de separar tudo, eles misturam, papel higiênico, comida, materiais contaminados, e aí a maioria do material vai fora quando vem compactado.

Gabriela: E como é a parceria com outras associações?

Entrevistada: Acontece um pouco só, tipo quando não temos comprador, como tipo o vidro, vende pra Associação 1, que é maior, vende por 4 centavos o quilo.

Gabriela: E no que se refere a instituições ou associações nacionais?

Entrevistada: Como nós é pequeno aqui ainda, não dá pra participar muito, porque tem pouco material, só conseguimos com a FUNASA as prensas e mesas, mas com outras, tipo Abipeh não dá.

Gabriela: Poderia me falar como funciona o processo dentro da associação?

Entrevistada: A gente recebe, da Comcap, na gaiola, essa aqui na frente, vem tudo misturado. Aí a gente separa aqui na esteira e coloca nos bags, daí vai na prensa e sai.

Gabriela: E as vendas são feitas para o cliente final, ou para intermediadores?

Entrevistada: Não, são chamados de atravessadores, pagam pouco pra gente e lucram mais depois, porque nós não temo muita quantidade.

Gabriela: E o transporte é feito por eles também?

Entrevistada: Sim, por isso também nós não vende direto.

Gabriela: E quanto vocês ganham em média, por materiais?

Entrevistada: No papel é em média cinquenta centavos, os pets são em média três reais, a latinha em média seis reais.

Gabriela: E vocês recebem algo de resíduo eletroeletrônico?

Entrevistada: É difícil vim, às vezes vem, e é separado e enviado para a Comcap.

Gabriela: Ainda sobre as licenças, qual a que a associação tem?

Entrevistada: A Comcap nos ajudou, aqui é a LAU.

Gabriela: Sobre o projeto de lei que proíbe catação na rua, qual a posição da associação?

Entrevistada: A gente não sabia o que significava isso, tudo que vem de projeto vem lá da Associação 1, daí a gente foi lá, assinou, nem lemos o que era. Daí dia 26 a gente esteve num encontro lá em Rio do Sul, daí o Dorival (liderança do MNRC-Movimento Nacional de Catadores) falando disso, porque tipo assim, pra lá muitos catadores que são da rua são da Associação, com o carrinho né. Então ele estava explicando que se continuasse esse projeto não vai ser aprovado por causa daí ia prejudicar muito eles. Ele estava comentando com a gente lá. Aí falei pra ele, não sabia o que era isso aí. Tudo que acontece ele sempre está ali vendo.

Gabriela: E em relação à divisão dos rendimentos, como funciona? Vocês conseguem tirar um valor razoável pra subsistência?

Entrevistada: Então, aqui nós divide tudo entre todos, tudo que vende a gente divide igual, tá dando mais ou menos uns dois mil reais.

Gabriela: Certo, então muito obrigada por me receber e ótimo trabalho pra vocês.

Entrevistada: Obrigada também.

Entrevista 11 - Associação 3 - (duração de 48 minutos, feita em 16 de Novembro de 2021, com a presidente)

Gabriela: Boa tarde, eu encontrei no site da Comcap a associação, eu queria saber há quanto tempo ela funciona? Quando ela começou? Como foi esse processo? Qual a história da associação?

Entrevistada: Nós começamos em 2018, a ideia surgiu lavando uma caixinha de leite, eu era cozinheira e sempre separava o material reciclável, no restaurante e na minha casa. Um dia eu brincando lá, aí a gente vende muito, se fosse vender lixo da nossa casa dava pra sustentar várias famílias, aí minha filha, olha mãe, na faculdade saiu um tema assim, sobre o meio

ambiente, sobre milhões de dinheiro que vai para o aterro sanitário todo ano, de material, e ela virou e falou, porque vocês não monta uma reciclagem? Imagina? Tu vai me ajudar?

Gabriela: Ela trabalhar com o que?

Entrevistada: Ela trabalhava em estética, ela estudava administração e depois ela fez estética. Aí ela assim: mãe eu te ajudo, eu saio do meu emprego e a gente monta, vamos atrás. Fomos para internet, começamos a pesquisar, olhar uma coisa aqui, ver outra e poxa eu sempre quis fazer alguma coisa para o pessoal da comunidade, a gente tinha aquele sonho de fazer algo, um negócio para as pessoas, pra poder ajudar, mas não sabia como.

Gabriela: Vocês são criadas aqui na comunidade?

Entrevistada: Não, mas já faz vinte e poucos anos que eu moro aqui né, eu sou paranaense, mas eu vim do Paraná para cá faz muitos anos né, fui embora, voltei, fui embora de novo e assim foi.

Quando a gente chegou nessa época, que a gente montou o reciclado, era uma época bastante difícil, eu tava grávida com duas crianças pequena, então, tava bastante complicado assim a situação né. Aí a gente pegou e veio, saiu ali na Tapera pra cá, já encontramos um galpão com três paredes, Sr Sérgio nos atendeu muito bem e já fechamos negócio com ele ali, falando que era pra reciclar, nisso já fomos atrás da Comcap, onde foi indicada a engenharia Rita, ela veio e olhou o galpão e disse que haveria possibilidade de trazer, mas vocês têm que construir, cobertura e chão. Então passamos bastante dificuldade, não tínhamos banheiro. A gente não tinha nada para facilitar a verdade, mas aquela vontade de trabalhar e vai ajudando um, ajudando outro, um monte de catadora ali na rua, pessoal conhecido do bairro da Tapera né.

Então abrimos o CNPJ certinho, alugamos, começamos a receber material da Comcap, aí veio o vendaval, derrubou nosso barraco, aí o Sr Sérgio ficou com dó de nós, alugou esse galpão aqui de trás pra nós, que ele tava construindo, aí a gente mudou pra cá, mas como a gente não tinha banheiro com azulejo, não tinha condições de colocar, o Ministério do Trabalho veio e fechou nós, aí ficamos sessenta dias sem poder trabalhar, sem receber material da Comcap. Aí eles exigiram um monte de coisa, daí nisso a gente tava conversando com Sr Sérgio e ele resolveu fazer esse galpão pra nós aqui atrás, aí eu disse: ah Sr Sérgio, faz esse galpão pra nós poder organizar a papelada.

E a Comcap o tempo todo nos ajudando né, eles deram um suporte pra nós, entendeu? Fizeram as licenças também, que a gente precisava, eles ajudaram nós em tudo. Pra nós é isso, eles foram muito, muito importante na nossa caminhada até aqui. Agora a cada ano que passa

a gente vai melhorando um pouquinho. Foi em 2018, quatro anos que a gente tá com a reciclagem, e antes a gente não entendia nada né, só aquele conhecimento de cozinha, de casa.

A gente tinha intenção de colocar vários pontos no bairro da Tapera, para recolher o óleo, a gente tinha intenção de colocar um panfleto em cada casa, um saco de lixo explicando né, como se separava aquele tipo de materiais, que a gente podia reciclar, que podia dá alimentos pra outras famílias, mas enfim, quando nós pegamos nosso primeiro pagamento, a nossa primeira carga, foi uma choradeira só né, seiscentos pila, um mês inteiro vai me dar seiscentos reais, primeiro que nós vamos morrer tudo de fome, não pagava nem o galpão, não pagava. Aí chora pra cá, chora pra lá né, vamos ficar, vamos ficar, tá, continuamos tentando, vamos tentando, vamos tentando, continuamos aqui e agora, hoje a gente tá melhor, melhor a situação, graças a Deus.

Nós temos projeto da Ancat que é faz a logística reversa né, e o Reciclando pelo Brasil, que eles nos apoiam também, então a gente faz tonelada, tudo que a gente vender durante o mês, daí o dinheiro é reinvestido uma vez no ano pra gente comprar camiseta, fazer cobertura, pra dar conta disso, investimento na cooperativa. A gente conseguiu até comprar um caminhãozinho. Ganhamos um computadorzinho também. Até o rapaz que veio aqui agora veio fazer a instalação. Então a gente tá, tá na peleja né.

Sempre precisando de ajuda, de material, a gente separa todos os tipos de materiais. Nós separamos vidro, nós separamos o material eletrônico, a gente não desmancha, mas a gente separa, nós separamos as embalagens que ia para o aterro, agora temos comprador, que não temos comprador, a gente separa o BOPP, que é aquele plástico seco, todo material que virava rejeito agora a gente já tá tendo a oportunidade de vender de novo. As cápsulas de café, temos a parceria com a três corações, a gente recicla também.

Gabriela: As cápsulas geram um processo mais complexo né?

Entrevistada: Sim, a gente consegue reciclar né, um real a mais que agrega no quilo pra eles aí e com isso também a gente consegue pagar as coisas da cooperativa, tudo vai indo, graças a Deus. Bastante trabalho, bastante esforço, quebra a cabeça.

Gabriela: Minha formação inicial no Rio Grande do Sul, eu sou gaúcha, é Ciências Contábeis, eu até faço alguns trabalhos nisso ainda, mas o meu mestrado é em Sociologia, lá no Rio Grande do Sul eu trabalhei com uma empresa só de logística reversa de eletroeletrônicos, e daí eles trabalhavam com a Política Nacional de Resíduos Sólidos, que teoria regulamenta tudo isso né, e na política e no decreto, consta uma possibilidade de trabalho junto as associações, mesmo de resíduos eletroeletrônicos, isso é uma coisa que eu

não tenho visto muito, mas aí eu queria falar das parcerias, é eu vejo como um trabalho social e ambiental que vocês fazem, todo um lixo que não está indo para o meio ambiente, além da questão da comunidade em si.

Entrevistada: Aqui são trinta famílias que se beneficiam disso aqui, do material reciclado, trinta vezes cinco, são cento e cinquenta pessoas que comem desse material aqui, cada família é quatro, cinco pessoa, cada pessoa que está aqui tem quatro ou cinco, pra mais, eles conseguem pagar o aluguel, eles conseguem pagar as continhas deles, eles tem INSS, tem conta no banco, que a gente conseguiu abrir, tudo pela cooperativa. Eles conseguem receber o cartãozinho lá, tem PIX.

Entrevistada 2 (Auxiliar Administrativa): Tinha gente aqui, que nem celular não tinha.

Entrevistada: Não, documentos, eles são estrangeiros também, é uma questão de inclusão social também né. Tem gente que sai da cadeia e a gente dá emprego, tem nosso prensseiro, que faz três anos que tá com a gente, tava dormindo na rua, a gente deu um lugar pra ele ficar, agora a família dele já tá aqui, irmão, a filha, e agora, eles estão fazendo o que? Tentando arrumar a documentação da criança pra conseguir ser registrada, mas a gente não sabe, a gente já pesquisou, quem conhece não consegue ajudar.

Gabriela: E quantos associados/cooperados trabalham aqui? Começou com você e sua filha, ou como foi desde o começo?

Entrevistada: Não, a gente começou entre dezessete pessoas, a gente conseguiu dezessete catadores que já trabalhavam com material reciclado na Tapera, no carrinheiro, pessoal que trabalhavam já em outras coisas, por exemplo os carrinheiros, aí a gente montou com dezessete, hoje nós estamos com trinta, alguns saíram, outros entraram, mudou bastante, mas como diz, a raiz tá ali.

Gabriela: Quantos homens e quantas mulheres?

Entrevistada: É sempre meio a meio, estamos aí com dezessete homens eu acho né, tem mais homens agora porque chegou os cubanos né. A gente tinha mais mulheres sempre, aí agora vindo os cubanos ficou um pouco mais de homens, geralmente tem mais mulheres. A maioria é sozinha né, criam filho sozinha, tem uma menina aí que tem cinco filhos. Eu tinha interesse de montar uma creche, aqui na frente da cooperativa, esses dia teve uma moça aqui pra trabalhar com a gente, ela veio trabalhar e teve que deixar o menino dela de oito anos autista em casa sozinho. Como uma mãe vai trabalhar mulher?

Se puder ver com o pessoal da universidade o que a gente pode fazer, quem a gente pode procurar, ah, é prefeitura, é o tal órgão público, pra ver que a gente consiga, aí juntamos

o dono do terreno aqui, pra ver se pode construir ali, pra agregar pra nós, é uma possibilidade da gente ajudar, quantas pessoas devem ter aqui pelo bairro da Tapera, Ribeirão da Ilha, que tão se formando pedagoga, pra trabalhar, pra cuidar das crianças, sei lá, fazer qualquer coisa. Não tem coisa mais triste, a gente sair pra trabalhar e deixar um filho da gente pequeno em casa, entendeu? Perto do fogo, perto de escada, perto de cachorro, Deus me livre. Deve ter alguma lei que a gente não conheça, alguma coisa que a gente não saiba, como a gente tá organizando muita coisa aqui na cooperativa, então a gente não conseguiu parar ainda pra ver, ah ligar no prefeito pra saber o que órgão a gente vai.

Gabriela: Qual a faixa etária dos associados/cooperados?

Entrevistada: Quarenta, mas tudo acima de dezoito, tudo de maior, não tem ainda o menor aprendiz, a gente tentou ligar, lá no Ministério Público, não foi? Pra ver se a gente conseguia um documento, para ter o menor aprendiz, que ia trabalhar comigo 6 horas ou 4 horas.

Nós temos uma parte da esteira que eles poderiam só fazer a separação do plástico, tira os adolescentes da rua, tão ganhando o dinheirinho entendeu, mas ainda a gente também não conseguiu agregar isso na cooperativa sabe. Tem gente de 60 anos, 30 anos, 50 anos, 40, em média 40 anos.

Gabriela: Em relação à escolaridade deles?

Entrevistada 2 (Auxiliar Administrativa): Ah, aí, mas a gente, tem gente formada aqui dentro. Nós temos uma professora formada, nós temos aqueles meninos cubanos, todos eles têm nível superior, todos eles.

Entrevistada: Todos eles têm nível superior, que vem o pessoal de fora né.

Entrevistada 2(Auxiliar Administrativa): Tem um que é formado em gastronomia.

Gabriela: E qual a formação de vocês?

Entrevistada 2 (Auxiliar Administrativa): Eu, Gestão e Administração. Eu comecei também Serviço Social, mas não terminei.

Entrevistada: Eu só sou cozinheira, porque aprendi na vida, lá na universidade a gente aprende a teoria né, aqui fora aprende a prática.

Gabriela: A questão da organização, vocês têm setores? É dividido por tipo de resíduo?

Entrevistada: Assim, a gente tem a parte da triagem né, separamos papelão, plástico, que vem da Comcap, separo os vidros, daí a gente tem uma pessoa responsável, pra cuidar essa parte, aí depois a gente tem as senhoras da triagem, elas separam material por qualidade, tudo por cor, tudo por qualidade do material, depois junta uma quantidade x e a gente leva pra

prensa, para prensar, compactar né, aí já é outros rapazes que compactam ali, pra gente colocar na caixa e ir para o nosso terceirizado. Um atravessador.

Gabriela: Vocês não conseguem vender para o cliente final?

Entrevistada: Ainda não, a gente ainda não consegue, porque nosso, a gente precisa de dinheiro sabe, a gente precisa trabalhar, vender, pagar, não consegue fazer um caixa né, tem que girar o dinheiro mesmo.

Gabriela: E vende pra sucateiros?

Entrevistada: É, é como se fosse um sucateiro né, é um cara lá de Tijuca, ele também tem uma empresa, tudo certinho, mas eles compram de mim e revendem o material, como se fosse um sucateiro.

Gabriela: Li alguns trabalhos sobre a cadeia da reciclagem, e o catador dentro da rede, é o que menor recebe.

Entrevistada: Ih nega, eles fazem aqui pra nós a caixinha de leite, da Tetra Park, vinte e cinco centavos, prensado, aí tu tens que tirar cinco centavos pra cooperativa, cinco centavos para o catador, cinco centavos pra prensa, e aí quem é que quer separar o material Tetra Park? O certo seria a Tetra Park fazer uma logística reversa melhor, fazer um repasse melhor.

Gabriela: A partir disso que estou tentando compreender bem o mercado, em relação as obrigações das empresas produtoras também.

Entrevistada: Mas daí eles dão a obrigação? Lá pra cima, lá em cima, vai ganhando em cima. Quando chegar a gente já perdeu. Assim, isso de logística reversa, nos dando telha, pra tu ver, nós estamos aí com os paus, precisando comprar as telhas, a gente não tem, entendeu, porque daí, o dinheiro da Ancat nós poderíamos investir em bota para os cooperado, esses outros materiais, de EPI, mais segurança pra eles trabalhar, entendeu.

A gente não, porque enfim, tem que comprar o mais barato, pra poder fazer a cobertura, e eles fabricam telha com a caixa de leite, nós estamos no processo deles há quatro anos, e nunca eles deram uma satisfação pra gente, é complicado.

Entrevistada 2 (Auxiliar Administrativa): Eles não fazem nada pra perder, eles fazem pra ganhar, sempre em cima de quem é menos favorecido. Por exemplo, nós temos uma universidade que é uma das melhores do país né e a gente tem catadores trabalhando e não tem um planejamento para levar essas cooperativas pra um tratamento de dentista, tratamento de médico, isso eles deveriam ser obrigada entendeu, mas não fazem, nada, a gente tem que correr atrás de tudo, tudo é cobrado.

Entrevistada: É verdade.

Gabriela: Em relação a Comcap, mencionaste o apoio que ele dão, mas queria compreender também a questão da divisão, hoje eles destinam pra quatorze associações da região, sabe como é feita essa divisão? Com relação a percentuais? Uma boa parte vai para Associação 1, que é a maior associação, sabe como é calculado?

Entrevistada: Eu não sei, eles mostram para nós assim um gráfico né, tipo assim, é 50% vai pra Associação 1, porque ela é a que mais comporta né, mais cooperados, aí digamos, 30% vai pra Associação 3, aí 10% vai pra fulana, 5% vai para o beltrano, e assim vai, porque aqui são trinta, quarenta pessoas trabalhando direto, na Associação 1 são oitenta, aí digamos assim, a Associação dois, são cinco pessoas, entendeu.

Gabriela: Em relação à prefeitura, a Universidade, vocês entendem que poderia ter mais apoio?

Entrevistada: Lá tá os conhecimento né, na universidade estão as maiores mentes brilhantes, professores, biólogos, ensinam né os alunos, poderia abrir uma brechinha poxa, nós temos aqui meia dúzia de pessoas que precisam ir no dentista urgentemente, aí vai pra policlínica, vai pra posto, vai pra cá e pra lá, fazer uma parceria com dentista, até pra falar, arranca tudo e coloca (inaudível), pra pessoa ficar apresentável.

Gabriela: E tudo isso é a associação que auxilia?

Entrevistada: Tudo, então às vezes é tão pouquinho, a questão financeira, pra pegar e arrancar uma meia dúzia de dentes, sabe, as vezes é tão pouco, pra melhorar a vida dessas pessoas.

Gabriela: Aproximadamente, quantas toneladas vocês processam por mês?

Entrevistada: Olha, já chegamos a fazer quatrocentas e poucas tonelada, mas agora com as coisas caindo, muita gente na rua catando material, então a gente, estamos com um valor bem baixo, em torno de cento e cinquenta, duzentas toneladas mês.

Gabriela: Tens noção de quanto é de eletrônicos?

Entrevistada: Não, não, assim olha, a gente tem muito, vem tudo inteiro, a gente já pega lá, mas não é muita coisa não, da Comcap antigamente, vinha mais coisa assim, agora que eles acabaram botando vários PEVs, então, eles tiram o que vinham pra nós, pra nós fazer dinheiro, e dão agora para uma pessoa específica.

Gabriela: Esse é um conflito que eu gostaria de estudar.

Entrevistada: Aí nós fomos atrás de fazer a licença ambiental, entendesse, que é como entrou aquele valor lá, o cara nos cobrou quinze mil reais, a licença ambiental para resíduos eletrônicos, mas daí nos disseram: Mas, ai não, porque vocês não podem, vocês tem que só

lidar com os materiais que estão aqui. Eu acho que o nosso material reciclado tá muito bem trabalhado Gabriela. Se você vir aqui, você vai ver que todo tipo de material a gente recicla, não é que a gente pega e, ah o papelão, plástico e joga fora o resto.

Olha aí ó, o material tá aqui, até isopor a gente recebe, embalagem, UPS, UPP, ABS, tudo que ia para o lixão, a gente fica aqui o dia inteiro atrás, a gente fica, conhece alguém, alguém sabe de alguém, conheço alguém, onde que tem? Então, até que nós conseguimos, entendeu? Então assim, agora é uma oportunidade de dividir um pouco isso aí. Eu acho assim, se a cooperativa tem a licença ambiental, eu acredito que a Comcap, seria mais do que direito a gente dividir esse material.

Ai, eu não tenho condições, eu não tenho licença ambiental, não, beleza, mas se eu tenho, então eu vou querer um pedaço disso aí. O reciclado é mixaria, o material nobre é o que dá valor mesmo, mais valores melhores é dividido entre os cooperados, tu não acha que isso melhora a vida de todo mundo? Disse, nossa de oito pra oitenta, se hoje eles ganham mil e quinhentos na quinzena, dois mil por mês, dois mil e quinhentos, é a média deles aqui. Agora imagina tendo um material que a gente pudesse trabalhar. Você sabe quanto que essa empresa ofereceu pra nós aqui, pra vender pra eles, mas ofereceu pra nós, trinta centavos.

Gabriela: Eles tentaram comprar de vocês então?

Entrevistada: Deixa isso fora aí (parte que fala sobre a negociação com a Weee.do e não ter aceitado a proposta por considerar os valores baixos e, portanto, vender para sucateiros).

Antes da licença eu tenho que pensar na barriga de todo mundo aqui, tá ali pra comer. Nós pagamos três mil e quinhentos reais aqui de aluguel, eu disse luz, água, câmara, né, que essa TV agora é tudo de câmara aqui, porque é tudo aberto e isso tudo é dinheiro que eu tenho que pagar. A pessoa que tá ali fora, ela tá triando, ela não tá ali só mexendo, ela tá limpando, ela tá cuidando, ela tem que ter o salário dela. Eu não tô lá triando com eles lá agora, mas eu tô aqui, conversando com você, te dando essa entrevista, fazendo toda essa papelada, pagando conta, fechando quinzena, também recebo salário. Entendeu? Então não dá, se nós não toma conta, tomar a frente.

Não tenho nada contra, nada contra, mas aí eu acho que é privilégio. E eu não tenho nada aqui, não tô contaminando rio, se eu tô fazendo as coisas erradas, beleza, mas não tô, e a gente quer, quer fazer as coisas acontecer, que nem um negócio pra pagar melhor, pra dar mais dinheiro para os catadores.

Os cidadãos, pensam estar fazendo o ambientalmente correto, destinam seus resíduos diretamente nos PEVs e nada vai para as cooperativas. Aí o próprio cidadão tá consciente, de

eletrônicos, as pessoas não tão errada, elas estão fazendo o correto. Eu sou a chata, falo mesmo, eu questiono, se me falam pra fazer assim, eu falo que vou fazer assado. Quem paga as contas sou eu, você vai assumir as responsabilidades? Não. É dia de pagamento é na minha porta que vão bater, entendeu, então é assim. Não faço nada errado, mas a gente quer batalhar pra fazer a coisa certa, vem ver nosso jeito de trabalhar, não vou ficar só aqui roendo osso e olha as outras cooperativas poderiam todo mundo fazer assim. Ia ficar bom pra todo mundo.

Será que a Associação 3, a gente não sabe se vai conseguir comprar uma caixa de bombom pra dar para o pessoal, a gente tava aqui pensando, será que a gente vai tirar x de cada pessoa, para poder ir lá comprar pra eles um negócio, isso é ruim, porque a gente se sente mal, a nossa porcentagem em cima disso, a gente ganha processando esse material, aí tira pra cá, tira pra lá e quando vê não sobra. Com esse dinheiro aí tem de pagar isso, tem que pagar a luz, ou compra o bombom ou paga a luz. Ah, deixa a luz para o mês que vem, tem só uma, deixa acumular, aí tem que pagar a terceira pra não cortar. Só aqui tudo passa pelo dono, então dia tal tem que tá ali, já liga, já faz, isso é complicado. Enquanto outras cooperativas não pagam luz e nem água, não pagam nada, só pagam as despesas normais.

Gabriela: E quais associações tem terrenos cedidos pela prefeitura e as despesas pagas? E por que essa divisão?

Entrevistada: Na ACMR, tudo lá pra eles é assim tranquilo, pra eles, pra Recicla Floripa, pra Aresp, eles é tudo assim, tudo cedido pra eles, não pagam luz, não pagam água, não pagam nada. É mais fácil assim, se estraga uma prensa, é mais fácil deles arrumar, aqui se quebra uma prensa, a gente tem que pagar e às vezes fica um mês com a prensa quebrada.

Gabriela: E essa cessão é feita pela prefeitura?

Entrevistada: Sim, o deles é tudo cedido pela prefeitura. Eles tem tudo, eles tem uma estrutura bacana, vai lá visitar a ACMR, vai visitar a Aresp, a Aresp tem uma estrutura ferrada, só que as senhoras já estão muito velhinhas, não tem aquela vasta energia mais pra produzir as coisas, mas a cooperativa deles é boa.

Gabriela: A questão do estímulo a reciclagem na cidade, o que achas? As ações são suficientes?

Entrevistada: Esses dias nos ligou uma empresa, falaram que eles queriam o cadastro da cooperativa para alimentar o gestor ambiental urbano, aí teria uma pessoa que trabalhasse oito horas semanal para cuidar da limpeza em volta da casa dela, e educar os vizinhos. Ah, isso é material reciclável, não joga, não faz. Aí vai varrer, vai limpar. Nós achamos

um projeto maravilhoso, queremos que dê certo, mas não se sabe por onde começar, mas aí acabou que o projeto até agora ninguém veio mais nos procurar não. Vieram, falaram, conversaram, mas não foi pra frente. Essa educação ambiental que tem que ter com o cidadão.

Gabriela: Com o eletroeletrônico ainda falta um pouco de trabalho com a população para criação desse hábito do descarte?

Entrevistada: Sim, se as pessoas pudessem limpar suas casas e trazer pra cooperativa. Quando a gente fala em tirar uma licença ambiental para resíduos eletrônicos eles falam: Ah, não dá, pra vocês conseguirem uma licença ambiental vocês têm que mandar os rejeitos do eletrônico para o exterior. Mas aí o rapaz que tava na reunião falou: Não, peraí, existem outras formas de se trabalhar, não é bem assim, não é radicalizando, não é assim que a banda toca, existem outras formas, entendeu.

Gabriela: Para finalizarmos, entre as cooperativas existe alguma rede de cooperação?

Entrevistada: É cada um por si. O ajudar é assim, se tem o telefone de uma balança, daí a pessoa te passa, aquela política da boa vizinhança. Nada que não seja cada um indo atrás do seu pão de cada dia. Uns sai de madrugada, outros saem de manhã cedo, sai de meio dia pra trabalhar.

Gabriela: Vocês recebem materiais de catadores?

Entrevistada: A gente recebe só das pessoas daqui, catador não. O que acontece, como a gente não compra material, catador, ele vende pra sucateiro, ele não vende pra nós, ele vende pra sucateiro. Agora, a gente recebe doação, o pessoal vem, traz um monte de material pra nós, a gente recebe, mas não dos catadores assim.

Gabriela: E vocês fazem coletas nas casas?

Entrevistada: A gente estava fazendo coleta, mas agora vai ser proibido, a Comcap não nos permite mais, a gente assinou um termo, só para receber o da Comcap aqui. Pra nós é mais viável, quanto eles continuam trazendo material, melhor. A gente não gasta com caminhão, a gente não gasta com motorista, é mais tranquilo você ir ali e separar o material. Agora se precisar ir pra rua, vamos também. A gente já foi, na coleta emergencial que teve, quando a Comcap parou, as cooperativas fizeram. Nós fizemos o sul da ilha, outro fez o norte, outro fez o centro. O Lucas Arruda se organizou e colocou a gente pra fazer essas coletas, pra nós foi bem tranquilo, tudo bem bacana.

Gabriela: E essa questão da privatização/terceirização dos serviços de coleta?

Entrevistada: Guria, isso é bem complicado, porque isso aí é só peixe grande, não dá pra pensar que a gente vai ganhar, porque não ganha não. O problema é quando não tem coleta falta material na cooperativa.

Gabriela: Sim, no norte onde eu moro, já estamos com problema com a coleta de recicláveis com a empresa terceirizada.

Entrevistada: Pois é, aí se coloca pra rua e os caras passam e pegam, da Amazon né, e nós ficamos sem material, isso é uma tristeza. Não adianta a gente meter o bedelho, porque não é a gente que decide.

Gabriela: Então, para mim fechamos, se quiseres mencionar mais alguma coisa que não conversamos.

Entrevistada: Não, não, tá tudo certo.

Gabriela: Só vou deixar registrado que a gravação foi autorizada.

Entrevistada: Sim, sim, sem problemas.

Entrevista 12 - Associação 4 - (duração de 30 minutos, feita em 25 de Novembro de 2021, com o presidente)

Gabriela: É grande espaço de vocês!

Entrevistado: Sim, é que no verão vem bastante carga e no inverno vem só uma dessa aqui (pilha de lixo), mais ou menos, mas agora já está vindo um pouco mais.

Gabriela: Vou fazer umas perguntas, mas tu podes me responder o que puder ou quiser falar também, fica à vontade com isso?

Entrevistado: Sim, se eu ver que...

Gabriela: Eu encontrei vocês no site da COMCAP, na lista das associações.

Entrevistado: Iniciamos aqui em 2018, em agosto de 2018.

Gabriela: Isso que eu ia te perguntar, quando é que começou? Agora pouco você estava me falando que é da família (a associação).

Entrevistado: Sim, é familiar, aqui é um ambiente familiar. Nós iniciamos e ficamos só nós.

Gabriela: E o espaço aqui é da associação? Tudo?

Entrevistado: É alugado, o espaço é alugado, né.

Gabriela: Entendi, vai até lá embaixo?

Entrevistado: Não, é da parte do portão para cá, a gente fecha o portão, para a gente poder ocupar o espaço.

Gabriela: Aproximadamente, quantos associados tu tens hoje?

Entrevistado: Olha, nós temos 18, né, desde o presidente até os associados, temos 18.

Gabriela: Sabe mais ou menos quantos homens e quantas mulheres?

Entrevistado: É 10 homens e 8 mulheres.

Gabriela: Olha só, legal, é bem equilibrado.

Entrevistado: É quase uma média, né.

Gabriela: Agora tenho que te perguntar, mais ou menos, como é que funciona a organização aqui? Se puder me falar mais como chega os materiais? É separado?

Entrevistado: A organização é assim, o material chega através da COMCAP ou a gente faz uma carga de caminhão também, né e a gente distribui o material no meio e cada um pega na frente da sua mesa o material, aí ele vai selecionando e separando para chegar no final da tarde pesar para chegar ao final de semana ou final do meses fazer o acerto, né.

Gabriela: Entendi. Fazendo esse levantamento a gente viu que a COMCAP destina esses resíduos a 14 associações da região metropolitana no total, como é que fica essa divisão? Porque eu sei que a Associação 1 recebe a maior parte, né? Com é que fica essa divisão para você e para COMCAP?

Entrevistado: É eles fizeram uma divisão lá, né, daí como a Associação 1 é mais grande, é mais antiga e tem uma porcentagem a mais, nós geralmente ficamos com 5% a 10%, né, do reciclado que eles catam, daí essa divisão quem faz é eles.

Gabriela: Aí faz direto com eles. Vocês recebem material de catadores também? De fora, assim, o pessoal que cata na rua?

Entrevistado: Aqui a gente compra, porque eles trazem, né.

Gabriela: Mas o maior percentual vem da COMCAP mesmo?

Entrevistado: Vem da COMCAP mesmo.

Gabriela: Tem alguma relação da associação com a prefeitura ou com algum órgão público?

Entrevistado: Agora nós vamos ter com o Ministério Público, nós fomos sorteados para coletar o material com o Ministério Público, mas a parceria, acho que a COMCAP é da prefeitura, então a gente tem basicamente essa parceria com eles, daí eles trazem o material pra nós.

Gabriela: Entendi. O que tu achas sobre a reciclagem na cidade? Tu achas que há uma cultura de reciclagem em Florianópolis? Há um incentivo ou isso ainda está um pouco devagar?

Entrevistado: Eu acho que a reciclagem existe, a gente sabe que existe, mais é pouco

divulgado, porque a gente vê a quantidade que vai para o lixão. É basicamente de 6% a 10%, que aí eles falam que coletam do reciclado e então se fosse mais bem divulgado, mais bem estruturada, a reciclagem ia bem mais para as associações e não para os aterros.

Gabriela: Eu vi sobre esses dados e sei que 6% a 10% é muito pouco.

Entrevistado: É muito pouco pela quantidade de lixo que tem. Se fosse mais divulgado e tivessem mais coletas, é pouco lixo né.

Gabriela: Essa questão da coleta. Onde eu moro, cumprimos a coleta seletiva no meu apartamento e notamos que em todo condomínio, apenas as moradoras do nosso apartamento tiram os lixos nos dias de reciclados, chegando à conclusão de que ninguém tem o hábito de fazer coleta seletiva no nosso prédio. Mas considerando outros lugares, às vezes acontece também dos moradores separarem, mas quem coleta não dá o destino certo.

Em 2010 foi aprovada uma lei que é a política nacional de resíduos sólidos. Conhece alguma coisa dela?

Entrevistado: Eu conheço um pouco, porque eu trabalhava em outra associação em 2010, mas aqui para nós essa política, na verdade, a gente quase não vê ela surtir efeito, porque normalmente o lixo reciclado do qual a gente vive, então essa lei aí ou o prefeito deve passar a mão por cima, porque é o que acontece.

Gabriela: O que acontece é que a lei é de 2010 e o decreto foi regulamentado em 2020, mas já era para estar valendo desde então, mas essa lei fala que as associações de catadores podem fazer parte da logística reversa, mas na prática a gente as associações não estão participando desse processo com relação aos eletrônicos especificamente?

Entrevistado: E além disso, deveriam também apoiar as associação, dar mais uma verba ou um incentivo, a gente basicamente, a gente abre a associação, tem que pagar os negócios e coisarada pra abrir a associação, mas depois a gente não tem nenhum, não tem nenhum incentivo, não tem nenhuma ajuda de custo, nenhum, assim então eles deixa a desejar não é, porque eles têm de onde tirar essas verbas.

Gabriela: Vocês entendem como um serviço público?

Entrevistado: Sim, fora um serviço público, meio ambiente então agradece em dobro , tendo as associações né.

Gabriela: Imagino, todo esse resíduo que ia para os aterros. E com as empresas de sucatas, vocês tem alguma relação?

Mario Dias: A gente tem com as vendas, que a gente entrega os material.

Gabriela: Vocês vendem para esse pessoal?

Entrevistado: O intermediário que dizem né.

Gabriela: Atualmente, mais ou menos quantas toneladas que são processadas por mês?

Entrevistado: Da Comcap a gente recebe 40 a 50 toneladas por mês, acho que é uma média por aí, então a gente limpa elas aqui, sai umas 60 tonelada, 65, 70 tonelada no mês. É a nossa média.

Gabriela: E desse material, tem uma divisão do quanto é material eletrônico?

Entrevistado: Olha, meu material eletrônico, ele fica 0,0000001%, quase não vem não é, vem um telefone aqui, um ali, não vem muita coisa, porque nem televisão quase não vem né.

Gabriela: Sim, tem alguma licença específica para lidar com esses?

Entrevistado: Com eletrônico sim.

Gabriela: Vocês a têm?

Entrevistado: Não temos, porque se não tem que ter um espaço separado, então a gente não foi muito atrás de pegar eletrônico e também não divulga que pega eletrônico, se vê aqui, a gente separa alguns, daí já faz uma destinação venda. Eu já vendo até aqui para o carinha, que vende para Curitiba.

Gabriela: Em Curitiba tem uma empresa bem forte de reciclagem de eletroeletrônicos.

Entrevistado: Aí ele já tem uns contatos há tempo, ele mexe mais com eletrônico né.

Gabriela: Então a menor parte é eletrônica basicamente?

Entrevistado: A nossa aqui não é forte não, é bem fraca.

Gabriela: Mais é papel, plástico, papelão?

Entrevistado: Papel e plástico, papel e plástico em geral que vem, latinha sempre vem, então a gente é papel, plástico e material ferrosos, alumínio, ferro e tal.

Gabriela: Em relação a parcerias que vocês têm? Na venda normalmente são empresas intermediadoras, no caso, que nem aqui que vai pra Curitiba, os Sucateiros, mais ou menos assim que funciona o fluxo?

Entrevistado: É isso, as empresas mesmo a gente não tem contato, porque a gente tem pouco material e lá é só em quantidade, então a gente tem um intermediário

Gabriela: No caso dos eletrônicos é vendido todo inteiro né? Chega o celular e não é separado nada das peças?

Entrevistado: A gente vende a matéria prima e eles fazem a separação.

Gabriela: Computadores também?

Entrevistado: Hoje em dia não vêm mais essas coisas, se vier um computador é pouquinho coisa.

Gabriela: E tu acha que é lucrativo trabalhar com sucata eletrônica?

Entrevistado: É até lucrativo, mas como não vem e a gente não tem um espaço próprio para ter, que tem que ter uma sala própria, a gente preferiu não ter, então não, só se ele tivesse uma parceria grande, daí sim dava pra investir, mas se não tem não.

Gabriela: A Comcap tem a parceria com a Weee.do, não sei se conhece? É uma empresa da Palhoça que faz essa logística só de eletrônicos.

Entrevistado: É, eles têm né, porque daí eles coletam eletrônicos.

Gabriela: Tu acha que há uma rede de colaboração entre as associações? Há um trabalho conjunto ou é cada um por si?

Entrevistado: Ela já foi mais fraca, antes era cada um por si, agora tem uma reunião, que não mensalmente, porque agora por causa da pandemia, mas agora já temos contato com todos, já temos até o grupo nosso, das redes de catadores, esses negócios, então elas já estão mais parceiras e também assim, associação tem umas que são nova, estão iniciando, não tem muito contato, mas eu como eu tenho da outra, então agora já tem mais parceria.

Gabriela: Qual tu eras antes?

Entrevistado: Eu era da Associação 1, trabalhei 10 anos com eles lá.

Gabriela: Queria conversar contigo também sobre as licenças, tipo a licença ambiental licença da prefeitura, é muito difícil de conseguir? É muito caro?

Entrevistado: A gente consegue, mas nós temos uma parceria com Comcap, daí eles tem engenheiro deles, que tem a parceria com eles e daí eles conseguem correr mais atrás, mas a gente tem que pagar, tudo é pago, eles correm de atrás e a gente paga né, então assim, para iniciar uma associação, como é que eu vou te dizer, se a gente não tiver coragem e também tiver um dinheirinho para pagar essas licenças, pagar essas coisas, o cara não consegue abrir.

Gabriela: E estes custos normalmente são anuais de renovação?

Entrevistado: Das vezes tem umas que é todo ano e só vai pagando, mas para obter a licença que é mais difícil, tem que ir na prefeitura, uma burocracia, eles deviam ajudar mais nessa parte, eles até que meio que ficam segurando agente, travando né.

Gabriela: Nesse documento que eu peguei a lista das associações tinha a parte da documentação e alguns constavam como em elaboração.

Entrevistado: É, tem umas que conseguem, outras demoram um pouco mais, a gente vai correndo atrás, mas é complicado, nós ainda temos uma acho que aqui, acho que não conseguimos, mas temo correndo atrás.

Gabriela: Para finalizar, tem alguma coisa que eu não te perguntei que queira conversar comigo, acrescentar alguma coisa, tem alguma dificuldade de mercado? Ou com a Comcap.

Entrevistado: Dificuldade existe porque o trabalho é árduo e duro né, mas assim não, a parceria, a gente devia ter mais parceria, mas com a população, com o poder público. Como a gente está numa capital, tem tanto órgão público que podia ajudar não é.

Gabriela: É uma capital que se diz ecologicamente correta?

Entrevistado: Sim, então abriu associação, já tinha que ser mais bem divulgada a reciclagem na cidade, para as associações, colaborar né, com as associações. Mas aí é um meio difícil de lidar e tanto material que eles pegam já vai para as outras empresas, não associação, daí é complicado de nós lidar com essas empresas, se tivesse uma maior colaboração da prefeitura, dos órgãos públicos, a gente acho que conseguia andar com as pernas nossa mesmo. Nós temos indo, a gente batalha, já temos isso aqui há 20 anos, eu trabalho há 20 anos com isso.

Gabriela: É legal, é um grande trabalho de vocês.

Entrevistado: Nós ficamos faceiro, porque além de a gente ganhar o sustento nosso, tamo fazendo uma ação com o meio ambiente, para todos.

Gabriela: É um papel social muito importante.

Entrevistado: Se tu ver o tanto de material que nós tira, meu Deus do céu, o tanto que tem também, que vai para o lixo, então já faz um trabalho super importante, não só nós né, todas as associações.

Gabriela: E vem muito resíduo não reciclável misturado?

Entrevistado: Ainda vem, ainda vem muito lixo junto, lixo que não devia vim né, até lixo comum mesmo, digo assim, comida essas coisas, mas nós temos aqui para separar então daí, mas se não viesse né, se não viesse, ficaria bem mais fácil é.

Gabriela: Acho que é uma cultura que ainda tem que mudar né? Tem que incorporar mais, embora já tenha melhorado bastante.

Entrevistado: Eu acho que assim, que a gente vê nas outras cidades assim, assim, algumas né, não todas né, a gente vê que nem a reciclagem tem ainda né.

Gabriela: Floripa foi uma das pioneiras no Brasil nessa parte de coleta seletiva.

Entrevistado: Sim, foi, na verdade até agora pouco tempo era a primeira colocada das capitais, agora que deixou a desejar, eu não sei, por causa do prefeito, sei lá, política, esse negócio político a gente não entende muito, é mas a Florianópolis foi, meu Deus.

Gabriela: Uma política de incentivo né.

Entrevistado: Porque é que nem falei, na mídia também devia incentivar as pessoas, no jornal, televisão, ninguém fala, ninguém fala que o lixo, que é super importante, se não vai para lá para o aterro, se fosse bem mais reciclado, quanto de material que eles deixaram de pagar para o aterro, porque isso aí eles pagam.

Gabriela: Existe um projeto há muito tempo que é um projeto de pagamento por serviços ambientais. Empresas/associações receberiam para fazer para os serviços ambientais.

Entrevistado: Nós temos desde 2010, quando eu trabalhava na outra, a gente pega esses negócios, que tem que pagar por tonelada, mas até hoje eles acham que estão fazendo favor, trazer o material e jogando para as associações é um favor, para eles é isso, mas para nós não é não, porque a gente vai indo né, a política a gente sabe que é difícil lidar, então ainda bem que agora as associações consegue mais projeto, com o governo federal, essas coisas né, tem parceria né. Eu tenho um projeto que é com a ANCAT, que é uma associação lá de São Paulo, o caminhãozinho nosso eu consegui através de lá, com essas toneladas de reciclado, daí eu passo os dados para eles, todo mês, final do ano a gente sempre ganha sessenta mil, setenta mil.

Gabriela: É a Associação nacional de catadores? Ancat?

Entrevistado: Aí a gente consegue alguma coisa né.

Gabriela: Eu conversei com outro rapaz, um sucateiro e ele conseguiu vencer um leilão com a Embraer.

Entrevistado: Tem que ir com as pernas do cara.

Gabriela: Eu vou conversar com a Comcap ainda, para entender bem como é que essa de visão deles.

Entrevistado: A divisão eu não consigo te explicar bem porque eles trazem a carga, que a gente não sabe nem quantos quilos, essas coisas, eu sei que é uma carga ou duas por dia, mas chega aqui e joga aqui, se é dois mil quilo, três mil quilo, a gente não tem não tem nada.

Gabriela: O que está escrito no documento da Comcap de 2018, é que a metade do resíduo vai para Associação 1.

Entrevistado: Era até um pouco mais parece, que era 60% porque eles são em 80 pessoas, é grande lá, o espaço é bom e fica do lado da Comcap, então só pesa e leva ali, a logística é melhor.

Gabriela: Eu não cheguei a ir lá ainda mas eu vi alguns vídeos e tal e é bem grande.

Entrevistado: Têm um espaço lá, eu parei de frequentar lá, porque a gente tá aqui também, é correria demais, não tem como.

Gabriela: Legal, para mim era isso não sei só se quiser falar mais alguma coisa.

Entrevistado: Tá bom, daí qualquer coisa só vem aqui de novo e faz outra entrevista né.

Gabriela: Sim, a gente pode conversar no WhatsApp também.

Entrevistado: Sim, se quiser tirar alguma dúvida.

Gabriela: Vamos tirar uma foto?

Entrevistado: Agora a gente fica bonito em qualquer pose.

Gabriela: De máscara né.

Entrevistado: Se quiser tirar uma foto dela trabalhando aqui. Aqui é a separação de plástico. São mais de 10 tipos de plástico né, a gente separa por cor né, por qualidade né, todo mundo pensa que o plástico é um plástico só né, aqui é só de material de limpeza, essas coisas, esse outro aqui a gente chama de natural e leitoso, aqui só coquinha e essas coisas, pelo grupo, e tem a PET e tem as verde ali também né, esse que é um material colorido né, o PAD entendeu que a gente separa tudo, aí faz só pet branco, na verde azul separa lá, miúdos separa numa bolsa porque se for prensar cai né.

Gabriela: Então são 8 mulheres e 10 homens né?

Entrevistado: Elas tavam quase mandando em nós, aí mandei duas embora (risos).

Gabriela: Mas no final é ela quem manda tudo aqui, já entendi. (apontando para a associada que separa o plástico)

Entrevistado: Sim, ela que é a mais velha né, ela é a irmã mais velha. Ela que ela que dá o último palpite. Nós começamos tudo família, moramos tudo aqui em cima, então ai acaba vindo a esposa, saiu do serviço, minha esposa veio, cunhada veio, irmão né. Hoje em dia também a gente vai procurar um serviço, mas não consegue né, quando é muito novo não tem experiência, essa aqui tem 30 anos de trabalho em pizzaria, não você está muito velha para o serviço, a gente não entende né, meu cunhado também trabalhou 25 anos para 30 anos de garçom e agora não consegue mais serviço né, faz o quê, tem que trabalhar com nós, aí agora começou a trabalhar na reciclagem e acho que não sai mais daqui, mas todo mundo tenta trabalhar de carteira assinada, mas não consegue, fazer o quê.

Gabriela: Mas então tá.

Entrevistado: A gente, até mais tarde, eu queria ter feito um galpão aqui né, mas como é alugado o senhor não deixou, o dono do espaço, daí aqui também é por causa do problema ambiental, que aqui pra cima não pode mexer né. E daí a gente fica meio assim, de fazer uma estrutura e não pode, acabemo ficando sem as prensas que estragou e daí nós ficamos sem prensar o material, aí agora temos conseguido meio que.

Gabriela: As prensas estragaram?

Entrevistado: É, estraga o motor e essas coisas, aí demora uma semana, falta vim peça né, daí quando estraga, quebra o meu serviço.

Gabriela: Olha é bem legal aqui, legal mesmo, gostei muito de conhecer aqui.

Entrevistado: É um espaço aqui, que até nas vizinhanças nossa, bah nem sabia que tinha associação lá.

Gabriela: Te dizer que eu já passei algumas vezes aqui e não tinha reparado também.

Entrevistado: Fica meio que escondido né.

Gabriela: Como você falou, é uma questão de incentivar a população também. 6 a 10% é muito pouco.

Entrevistado: Que nem nós aqui, no começo que nós começemo, nós fazia cem tonelada mês, que estava bombando de material, foi antes da pandemia, bombava o material, nós ficava bem louco aqui. Nós conseguia fazer cem tonelada aqui reciclada né, fora as toneladas do rejeito, que a Comcap vem e pega né. Mas nós conseguia cem toneladas todo mês, é meio que puxado, mas nós queria trabalhar, então isso aí, agora nessa pandemia nós vinha às dez horas da manhã e voltava uma hora, duas horas pra casa, vim aqui trabalha quatro horas não tinha graça, agora que está dando uma melhoradinha, começa às oito e termina às seis, porque a gente faz o horário comercial, não extrapolo horário né.

Gabriela: Vou conversar com o pessoal da Secretaria do meio ambiente e dependendo do retorno que eu estiver lá, vou entender também as ideias da cidade para essa área.

Entrevistado: o Lucas vinha aqui de vez em quando, agora ele tá mais afastado, mas antes ele vinha aqui, meio direto, o Lucas Arruda, que era antes da secretaria, basicamente eles que fazem trazer o material aqui né.

Agora nós fizemos um termo, um contrato com eles, você tem que ter assim toda parte nossa e da parte dele, vou pegar o material, até o azeite nós pegamos, vem ali misturado em litrinho, em garrafinha, daí agente coloca tudo nas grandes. Até o azeite não vai fora, a gente tenta reciclar tudo.

Gabriela: O que vai mesmo para a Comcap é o que não tem como reciclar.

Entrevistado: Tipo uns plástico, que ele não tem venda, então daí nós não temos espaço para muito, que não podemos segurar, nós temos que jogar para o rejeito, não temos como ficar segurando, até tem venda, alguns tipos de plástico, mas não tem aqui. Mas ainda bem que a gente consegue tirar bastante material, que não vai pro lixo, então um pouquinho a gente acaba, não é que se descuidando, mas acaba que vai indo né.

Gabriela: 100% não tem como?

Entrevistado: Se tivesse comprando 100% era bom, porque nós aqui, a gente trabalha por quilo, vendo é por centavos, alguma coisa que passa de real, mas a maioria é menos de um real, daí é centavos, então tudo que entrar pra nós aqui é lucro e tudo o que não ir para o aterro é lucro para nós também.

Gabriela: Para a cidade, para o ambiente, para todo mundo.

Entrevistado: Aí eu costumo dizer né, porque nós vivemos disso aqui e o nosso sustento é isso aqui, então o que a gente consegue não ir para o aterro, a gente fica mais faceiro ainda, por isso que eu já coloquei o nome da Associação, (nome da Associação), numa reunião lá, esses dias uma mulher perguntou pra mim, por que esse nome, nós semos tudo amigo, nós temos trabalhando a favor da natureza, então ficou (nome da Associação).

Gabriela: Obrigado viu, eu te agradeço muito.

Entrevistado: Desculpa também a gente não poder atender bem.

Gabriela: Não, mas que isso, fique tranquilo, foi ótimo.

Entrevistado: Eu estava com o caminhão, porque eu saio com o caminhão pra fazer coleta, até agora tem que fazer uma ainda. Não paro, eu começo às 8:00 da manhã e vou parar de 6 horas de tarde, um pouco mais, até daí ligo pra gente ir pegar o material, eu às vezes tenho que dar uma desculpa, não poder ir, para aí ir no outro dia, porque é muita coisa, mas nós temos aí, quando quiser vim visitar nós, só manda uma mensagem.

Gabriela: Eu venho mesmo, muito legal.

Entrevistado: Agora a vizinhança, todo mundo tá trazendo material aqui de carro agora, porque a Comcap quase não passa, daí eles trazem de carro, chegam aqui, vem com uns carrão aqui até.

Gabriela: Tenho uns conhecidos que moram aqui na Queimada, vou comentar de vocês.

Entrevistado: A gente aceita, reciclado, para nós tudo o que dá e pra eles fica mais fácil, que não fica lá na frente e os cachorros não ficam rasgando e essas coisas.

Gabriela: Então fechou, obrigada viu e te peço só pra confirmar a autorização da gravação.

Entrevistado: Autorizado, valeu. Tchau, tchau